

A romantic couple in a close embrace, nearly kissing. The man is on the left, wearing a dark suit, and the woman is on the right, wearing a light blue shirt. They are positioned in the upper half of the frame. The background is a dark, atmospheric night cityscape with numerous illuminated skyscrapers and buildings, creating a bokeh effect of lights. The overall color palette is dominated by dark blues and blacks, with highlights from the city lights and the couple's clothing.

NÃO RESISTO A VOCÊ

spin-off do livro Best seller da amazon O Tutor

J O A N E S I L V A



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

NÃO RESISTO
A VOCÊ

JOANE SILVA

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Sinopse

Bruno Pires tinha tudo o que poderia desejar, desde uma carreira brilhante, que alcançou o seu auge quando que teve para si o título de melhor advogado criminalista do país, até a bela e desejável Carolina Guimarães, atriz e também a sua noiva. Um dia, todo o seu mundo vem abaixo quando um terrível acidente lhe tira tudo o que mais preza, principalmente a independência e capacidade para fazer as coisas mais básicas, dele restando apenas a sombra triste e amargurada do

homem que um dia foi.

Linda e refinada como só um membro da família Albuquerque consegue ser, Ângela não é nada mais que uma mentira. Se aos olhos do mundo ela é a herdeira perfeita, no seu íntimo esconde segredos e carrega profundas feridas que nem mesmo o tempo foi capaz de curar.

Bruno e Ângela, almas quebradas que encontram na força de uma grande e irresistível paixão, razões para voltar a acreditar.

Copyright © **2019 Joane Silva**

1ª Edição

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera consciência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Dedicatória

Para você que não desiste dos seus sonhos, que acredita que o raiar de um novo dia trará novos sonhos e novas oportunidades.

Para aqueles que acreditam na força do amor e da superação.

Este livro é para vocês.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Sumário



Prólogo



De volta
para casa



Atormentado



Alta tensão



Seduzido por
você



Não resisto
a você



Por você



Desistindo de
você



Acertando os
pontos



Cartas na mesa



Em família



Intimidade

PERIGOSAS NACIONAIS



Lugar hostil



Lugar vazio



Obra do destino



Te farei minha



Entregue a você



Rendido a você



Feliz como
nunca



Consequências



Assumindo



Superação



Escolhas



Refúgio



Sonho



Anjo ou
demônio?



Sem controle



Sufocante



Resgate



Quebrada



Banquete
completo



Reconhecimento

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Holofotes



Capítulo
encerrado



Dependência



No limite



Decisões



Ausência



A carta



Respostas



Laços
inquebráveis



Seguindo em
frente



Em busca da
felicidade



Como um anjo



Matando a
saudade



Fúria



Doentes de
amor



Sogros



Acertos



Suspeitas



Confirmação



Despedidas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



O pedido



Do zero



Sobre a mesa



Vocação



Amor
compartilhado



Plenitude



Epílogo



Leia também:



Próximos
Lançamentos



Contatos
da autora

PERIGOSAS ACHERON



Prólogo

Dois anos antes...

— Inferno! — esbravejo, depois de bater com o dedo no batente da porta do banheiro.

— Ângela, minha filha, que cabelo é esse? — Ouço a voz de anjo assim que entro no banheiro.

Se o plano era ficar longe de problemas, acho que não estou fazendo isso direito.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É você, Marina? — indaga, quando os meus passos incertos me denunciam. — Ah, é você...

— Desculpa por ter entrado dessa forma. Não sabia que você estava aqui dentro.

— Não precisa se desculpar. — A moça diz sem jeito. — Essas coisas acontecem.

Por algum motivo, a garota está tentando fazer com que eu me sinta bem e não tenho ideia dos motivos para isso e nem sei se quero saber.

— Quem sabe não foi o destino querendo nos dar uma mãozinha. — Com os

PERIGOSAS ACHERON

ouvidos apurados, ouço seus passos lhe trazerem para mais perto de mim e se não fosse isso, o cheiro gostoso que seu corpo exala a denuncia, sem que eu precise vê-la.

Esse cheiro... Será que é o seu perfume ou algum hidratante para a pele?

É um aroma que traz sentimentos desconhecidos. É uma sensação de conforto e paz, como se depois de uma longa viagem eu finalmente chegasse ao meu verdadeiro lar. São sentimentos que trazem medo, pois, há quanto tempo eu não sinto nada que não seja vazio e frustração?

A ausência de bons sentimentos me acompanha há tanto tempo que o fato de uma

PERIGOSAS ACHERON

simples voz ou cheiro me trazerem tantas sensações diferentes me assusta como o diabo.

— Não sei do que você está falando garota e, por favor, mantenha-se afastada de mim — aviso de maneira séria e que beira a grosseria.
— Não suporto que pessoas desconhecidas me toquem da forma como me tocou mais cedo. —
Esclareço, pois apesar de sempre ter sido mais reservado, essa característica tornou-se ainda mais evidente depois do que aconteceu.

A única inverdade nisso tudo é associar a questão ao fato dela ter colado o corpo ao meu e tocado com intimidade agora há pouco na piscina. Para ser sincero, eu apreciei mais do que

PERIGOSAS ACHERON

deveria a sua ousadia e o seu corpo junto ao meu.

— Não te entendo cara, eu sou linda, você também é muito bonito, por que não podemos ficar juntos?

A diabinha não só ignorou a parte em que eu pedi para que não me tocasse, como já está fazendo exatamente o contrário ao parar na minha frente e com o seu cheiro hipnotizador, apoiar as duas mãos em cima do meu peito e mesmo por cima da blusa, sinto o calor do seu corpo através do toque e isso não é nada bom.

Não para um cara como eu.

— Não fale besteiras. Além de ser

convencida, você também é fútil? — pergunto mordaz, pois, se tem uma coisa que me tira do sério, são pessoas que não veem além das aparências. Antes eu era exatamente esse tipo de pessoa, mas a vida tratou de ensinar da maneira mais cruel possível que nem sempre a aparência ou classe social diz alguma coisa sobre uma pessoa.

— Você não me conhece. — Por um momento, sinto-a fraquejar, mas isso logo muda quando a garota se apoia em mim com mais firmeza e subindo as mãos para o meu pescoço, continua a falar. — Para de ser ranzinza, só alguns beijinhos e um sexo gostoso. Prometo que depois te deixo em paz. — Fica mais perto e eu sinto seu

PERIGOSAS NACIONAIS

peito espremendo-se contra o meu.

Tenho a sensação de que de repente ficou mais quente do que uma sauna e eu começo a suar como se tivesse corrido meia maratona.

— Me solta, Ângela! — falo pela primeira vez o seu nome e gosto de como o som sai da minha boca. — Para de ser oferecida.

Levo as mãos até as suas as tiro do meu pescoço.

— Eu não quero você, se já não ficou claro. — Solto as suas mãos e me aproximo do seu rosto a ponto de sentir a respiração ofegante. — Garotas fáceis não me atraem.

PERIGOSAS ACHERON

Na verdade, estou muito atraído por essa chatinha e isso não pode continuar. Ela não é uma qualquer que eu possa comer e virar as costas no dia seguinte. Tem muitas coisas em jogo nessa equação. Ela é a melhor amiga da Marina que por sinal é mulher do meu amigo mais próximo. Ou seja, vamos nos esbarrar muito por aí.

— Não me acha bonita o suficiente para você, é isso? — Insistente Ângela pega as minhas mãos, leva-as até o seu corpo e noto meu pau ficar duro de maneira instantânea ao sentir suas curvas com os meus dedos.

Primeiro ela me leva para os seus seios cheios e que são capazes de encher as minhas

mãos para, em seguida, passá-las por sua barriga plana e finalmente parar na bunda durinha e aparentemente perfeita.

— Garota... — Propositalmente, tira as suas mãos de cima das minhas e não tenho forças para soltar a carne macia.

— Por que não tira esses óculos e me deixa ver os seus olhos? — Sem que possa impedir, a menina irritante desnuda os meus olhos e surpresa diz: — Eles são lindos.

— Para de ser idiota! Por que não diz a verdade? — *Num* segundo, tiro as mãos do seu corpo e cambaleante dou vários passos para trás, para longe da tentação.

PERIGOSAS NACIONAIS

A vida já me tirou demais para eu começar a desejar o que não posso ter.

— Cego! Eu sou cego, porra. Ou será que você não tinha percebido? — pergunto, mordaz.

— Eu não... Eu...eu

— O que foi? A sua vontade de dar a boceta sumiu de repente?

— Eu não sabia. — Sua voz parece sincera, mas isso não muda nada.

— Agora já sabe — falo, decidido a acabar com essa cena ridícula. — Mais uma vez: Fica longe de mim. Não te quero e você não me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atrai nem um pouco.

— Não é isso que o seu amigo pensa — diz, irritada.

— Normal, ele fica assim pra qualquer puta que aparece se oferecendo. — Sou cruel, pois já não sei agir de outra forma. — Então, se não quer a sua vidinha perfeita completamente destruída, nunca mais apareça com esse tipo de abordagem.

— Eu quero que você se foda, seu desgraçado — responde furiosa e imagino que seja pelas ofensas, mas também pela rejeição.

Posso nunca ter visto seu rosto, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

imagino o quanto deve ser linda e nada acostumada a ser dispensada como foi agora.

— Desejo o mesmo para você, baby
— digo por fim e viro-lhe as costas.

Sem os meus óculos, saio do banheiro com a sensação de que as coisas não serão como antes. Agora eu tenho memórias boas. Tenho um cheiro, uma voz de anjo e lembranças de um corpo perfeito. Memórias de algo que jamais terei pois, a vida tratou de levar de mim a opção de escolha.

— Ângela. — Caminhando o mais rápido que a minha condição permite e sem que ocorra um acidente, experimento pela última vez o seu nome na minha boca: — Anjo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



De volta para casa



— *Me conta, o que você andou*
aprontando nos últimos meses? — Marina pergunta
com a sua enorme barriga de sete meses. Barriga

que não era para estar tão grande assim, tendo em vista ela ser uma pessoa magra e pequeninha.

Como nos velhos tempos, estamos reunidas na sua mansão e trancadas dentro do seu quarto, pois o Erick assim prefere. Sim, sempre o Erick! Ele vê uma simples dor nas pernas — coisa normal do estágio de gestação em que ela está — como se ela estivesse entre a vida e a morte quando na verdade a minha amiga não poderia estar mais forte e saudável.

— Nada demais — digo uma meia verdade. — O que de interessante se tem a fazer em um país como a Grécia?

— Não sei. Diz você que fugiu para lá

e ficou por mais de quatro meses.

Fugir. Marina usou a palavra adequada para o que eu fiz nos últimos meses.

Eu *me mandei*, fugi de um destino mais do que certo e de uma realidade em que não posso nem mesmo decidir sobre a minha própria vida.

— Nada demais, sua curiosa

— Solto os seus pés que mais parecem duas bolas e que até então recebiam uma massagem muito bem feita por mim, a rainha das massagens. — Fiz vários passeios, comi nos restaurantes mais caros e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

foi só isso mesmo. — Prefiro não entrar em detalhes.

É isso ou confessar a parte da bebida e do sexo com desconhecidos. Caras que já não estavam ao meu lado no dia seguinte.

— Eu vou fingir que não te conheço, sua doidinha e acreditar que a única coisa que fez foi passear e comer.

Marina realmente me conhece, afinal, são anos e anos de amizade, mas não conhece tão bem quanto imagina.

Ninguém me conhece ou se interessa em ver além das aparências.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos mudar de assunto, por favor — peço e ela se ajeitou na cama pela milésima vez, como se nenhuma posição fosse confortável o suficiente para a sua circunferência.

— Tudo bem, vou te deixar em paz, por enquanto — avisa e eu acredito. Marina é de insistir e lutar pelo que deseja, tanto que hoje está casada e esperando um filho do cara que sempre desejou. O homem que quis quando nem eu mesma levava fé nos seus sentimentos por ele e muito menos que ele um dia lhe daria uma chance.

O resultado é um casal que mais parece dois adolescentes que agem como se estivessem começado o namoro há algumas

semanas e não que estão em um casamento de dois anos. Se a relação deles um dia chegou a me incomodar, hoje, mais de dois anos depois, não sinto nada além de contentamento por ver que a minha amiga alcançou a felicidade almejada.

A Ângela de hoje já não tem inveja ou esperança de ter pelo menos um terço da felicidade que a amiga merecidamente vive. A Ângela de hoje não lembra em nada a de anos atrás, a menina que ousou sonhar com o felizes para sempre e que recebeu como resposta o desprezo do único homem que tinha a real possibilidade de tornar a fantasia em realidade.

Só uma fantasia idiota de uma garota

mais idiota ainda.

— Graças a Deus, mulinha empacada.

— Brinco com ela que mais uma vez muda de posição.

— Vai ficar para almoçar, não é? — pede, fazendo uma carinha toda meiga. Não que precise, Marina é toda meiga, mesmo que não se veja assim. É o meu oposto em quase tudo e como os opostos se atraem, nos tornamos praticamente irmãs desde a primeira vez em que nos encontramos. — Você saiu do país duas vezes em pouco tempo e eu sinto a sua falta.

— Pensei que o seu amado Erick te bastasse, senhora Estevan.

— Estou falando sério, chatinha —
fala e nós duas rimos do apelido besta que Erick
colocou e ficou. — Fica? O Erick já deve estar
chegando do escritório.

— Está bem, eu fico, mas é só porque
você insistiu muito.

Somente dessa forma ela consegue
convencer-me a vir até aqui. Se antes eu tinha
prazer em sair de casa para passar um tempo do seu
lado, jogando conversa fora, agora me esforço ao
máximo para não correr o risco de esbarrar com o
Bruno por aqui.

O Bruno que eu já tinha esquecido a
existência durante os dois anos em que ficou fora,
PERIGOSAS ACHERON

mas que meses depois da sua volta, acabou sendo um dos motivos para fazer-me sair do país por mais de quatro meses.

Para mim, voltar a vê-lo depois do episódio do banheiro era como reviver a cada encontro accidental a rejeição e as palavras duras ditas por ele. E pior é ainda sentir as pernas trêmulas e o coração acelerado cada vez que os seus lindos olhos azuis me fitam, fazendo-me sentir como se pudessem desnudar a minha alma.

É até irônico ter esse tipo de sensação com ele, o homem que não é capaz de enxergar e que tão friamente me dispensou.

— Sábia decisão e que tal eu te

mostrar as novas roupinhas do bebê? — pergunta.

Marina está tão feliz e empolgada com a chegada do bebê que o seu esporte favorito é mostrar as coisinhas compradas e ganhadas, isso eu sei graças aos telefonemas da Maya e da própria Marina, pois, mesmo não estando por perto, elas me deixaram a par de todos os detalhes do emitente nascimento do meu sobrinho.

— Vamos sim, querida — levanto-me do sofá e vou até a cama lhe ajudar a ficar de pé. Acho que é muita barriga para pouca Marina. — Sem demorar, estou morrendo de fome.

— Me diz, quando é que você não está com fome? — Ela brinca a respeito de um
PERIGOSAS ACHERON

assunto recorrente entre nós.

Eu realmente como mais do que aparento e sim, o meu estômago parece ser um saco sem fundo, que vive rugindo em busca de comida. O bom disso tudo? As toneladas de arroz e feijão não vão exatamente para a minha barriga. Felizmente, os privilegiados são meus seios e bunda e ao contrário dessas mocinhas de romances eróticos que a própria Marina me fez gostar a ponto de não viver mais sem eles, não acho que tenho mais peito do que devia e a bunda maior do que o necessário.

Eu não, diferente das tontas, sinto-me feliz por ter tais atributos, acho meus seios lindos,

do tamanho ideal para ficarem bonitos nos decotes que gosto de usar e a bunda não fica nada mal quando estou dentro de um jeans apertado. Por onde passo, só ouço elogios do quanto sou linda e sensual e se é só isso que veem quando me olham, por que não me aproveitar disso?

— Só quando estou dormindo, senhora Estevan — digo e nos dirigimos para o quartinho montado para o bebê e que faz conexão com o quarto do casal.

O tempo passou e nós duas nem percebemos, só notamos que já era meio dia quando a governanta bateu na porta para avisar que o almoço já estava na mesa e que o Erick já tinha

chegado com sua visita.

— Visita, como assim visita? Marina, por que você não me disse que teria outra pessoa, além de nós duas e o seu marido? — indago um tanto quanto afetada.

Não é como se eu fosse uma pessoa tímida, jamais.

Para ser sincera, sou a pessoa menos tímida desse mundo. Ser reservada e menos popular do que a Marina, por exemplo, não faz de mim a juvenzinha pudica e recatada que finjo ser dentro de casa, quer dizer apenas que não tenho paciência para gente chata e vazia.

O que me traz um alarme mais barulhento que a sirene de uma ambulância, é imaginar quem seja o tal convidado.

— Deixa de bobagem amiga, é só o Bruno e não uma estrela de Hollywood. — Ela termina de guardar as últimas peças de roupas no closet do meu neném e dá de ombros, como se o meu rompante fosse uma grande besteira.

E realmente é uma coisa sem importância. E daí se o cara que me deixa com a piriquita em chamas está lá embaixo e provavelmente mais lindo e gostoso do que nunca com aquele porte alto, braços fortes, cabelos pretos e os olhos azuis mais lindos que já vi na minha

vida?

Tudo bem que os meus também são azuis, mas quem fica na frente do espelho se admirando e atribuindo para si o título de mais linda do pedaço? Eu fazia isso? Fazia! Mas foi antes de arrancar os óculos do rosto perfeito e ver de perto olhos tão perturbadores.

— Estamos falando do mesmo Bruno?

Por favorzinho, diga que não!

Não passei meses fora para dar de cara com o responsável pelo maior e único fora que levei na vida e também o protagonista dos meus sonhos eróticos mais picantes, na primeira

oportunidade que aparece.

— Sim, o Bruno, o mesmo que você disse que um dia iria ser seu. — Marina, que pra coisa que não deve tem a memória de elefante, termina de arrumar a bagunça feita enquanto namorávamos as coisas do bebê e vem para perto de mim, aguardando uma resposta para a provocação.

— Você ainda lembra disso? Pelo amor de Cristo, falei essa bobagem há dois anos. Eu era uma boba, me iludia com facilidade.

— Não é mais? Só se passaram dois anos. Não foram dez — assevera.

Qual é o problema da Marina? Quer ficar me lembrando de coisas que prefiro não lembrar mais?

— Dois anos é tempo o suficiente para apagar o fogo no rabo — desdenho do que eu senti na ocasião, pois, para Marina, o meu interesse se resume a essa frase e suposições que não teve confirmação e nem vai ter.

Marina depois de muito insistir, ficou sabendo do encontro no banheiro e isso é tudo o que sabe, as merdas faladas entre eu e ele não revelei e nem revelarei. E se a minha gravidinha supõe alguma coisa, tem por base a minha frase infeliz e ao fato do clima ficar um pouco estranho

quando eu e o gost...Bruno, estamos no mesmo ambiente.

— Não me confunda com a sua sócia, Sol. Essa sim, não deve ter superado o pé na bunda.

Metto a outra na conversa. Nunca fui com a cara da mulher perfeita. Pode ser inveja e ciúme por ela ter tido a chance que eu não tive com o Bruno? Pode. Mas, nunca vou admitir isso em voz alta.

— Olha essa implicância, mocinha, o nome dela é Lua. — Marina avisa e eu penso que só não tenho ciúme da relação delas porque sei o meu espaço na sua vida e o quanto a nossa ligação é forte. É a irmã que eu não tive. — Não superou, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas está quase. É só o Bruno não se aproximar dela novamente.

Ele não vai! É assim que eu quero e assim as coisas vão ser!

Não! Deleta esse pensamento, brigo com a voz chata e inconsequente que vive dando pitaco dentro da minha mente. Essa voz ainda arde pelo homem que me chamou de oferecida.

— Tomara que se casem — debocho, e a responsável pela frase é a minha voz da razão. Ela não aparece com muita frequência, só quando necessário. — Esse Bruno aí, apesar de gato, não me importa nem um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, não está mais aqui quem disse o contrário. — A barrigudinha levanta as mãos em rendição. — E se é assim, estamos esperando o quê pra descer?

PERIGOSAS ACHERON



Atormentado



— Não durma, Bruno, estamos quase chegando em casa, só mais um pouco... — digo a mim mesmo em voz alta, enquanto o farol alto dos carros que circulam nessa noite chuvosa quase

cegam as minhas vistas.

Eu devia ter ouvido a minha mãe quando me pediu para não ficar trabalhando até tarde. Já passa da meia noite, estou exausto e quase dormindo ao volante. Esse é o preço que se paga para ter o título de mais jovem advogado criminalista a ser considerado o número 1 na lista da Forbes.

— Merda — atendo o meu celular que mais uma vez volta a tocar e continuo dirigindo com uma mão só. — Oi, amor — cumprimento Carolina, minha noiva há mais de dois anos.

— Onde você se meteu? — indaga em um tom de irritação. — Está desde cedo sem dar

PERIGOSAS ACHERON

notícias, esqueceu que hoje seria o aniversário da mamãe.

— Perdão, querida. — Prevejo a briga e tento de antemão acalmá-la. — Não foi por mal, estou trabalhando em um processo complicado e acabei perdendo a hora. — Minto, pois apesar de não lembrar que teríamos um compromisso hoje, a minha estadia além do horário no Pires Advogados e Associados foi premeditada.

— Você sempre perde a hora, não é mesmo Bruno? — A estrada difícil pela forte chuva que cai e o barulho da mesma não é o suficiente para abafar o som furioso de sua respiração e muito menos da sua voz. — Afinal, o trabalho vem

sempre em primeiro lugar.

— Não fala isso, querida, só estou pensando no nosso futuro.

— Acabou Bruno, eu cansei da sua falta de atenção, das suas desculpas. Vou tirar as minhas coisas do seu apartamento, por favor, não me procure mais. — Desliga o telefone na minha cara. Irritado, acelero ainda mais, louco para chegar em casa e conversar com Carolina, o relacionamento não pode terminar assim.

— Vai, porra! — Bato no volante como se ele fosse capaz de criar asas e sair voando até meu apartamento. — Só mais um pouco, se mantenha acordado. — Na minha mente passa um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

turbilhão de sentimentos, é adrenalina misturada com exaustão, um sono fora de propósito, onde meu corpo cobra a conta dos vários dias sem o descanso necessário, tudo em nome do trabalho e de uma grande causa que nem estava fora de prazo.

Num milésimo de segundo ou um minuto talvez, a minha atenção já não estava mais na direção do carro, na estrada alagada pela chuva torrencial. Tudo o que me lembro é de uma luz muito forte se agigantando sobre mim, um baque muito forte, o veículo capotando várias vezes e depois disso mais nada, apenas escuridão. Uma escuridão que vivo até hoje e já não alimento a esperança de sair dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu caro, Bruno — ouço o barulho da porta e a voz do Erick cada vez mais próxima da minha mesa, interrompendo a lembrança que me persegue dia após dia, incansavelmente. Detalhes do fatídico dia, onde me lembro de cada pormenor, como se fosse hoje, e não fatos que aconteceram há cinco anos.

Queria muito poder eliminar da minha mente cada uma dessas lembranças, fingir que o Bruno antes desse nunca existiu, que sempre fui isso aqui, o homem que aprendeu a conviver com as suas limitações, vive para o trabalho e que já não espera nada da vida, apenas que ela passe da melhor maneira possível.

PERIGOSAS ACHERON

— Algum motivo especial para ter descido até aqui? — Vou direto ao ponto, sabendo pelo arrastar da cadeira, geralmente posicionada à frente da minha mesa, que ele acabou por se sentar.

— No andar dos reles mortais?

— Não posso vir até a sala do meu amigo, jogar conversa fora? — Brinca com o seu bom humor que às vezes chega a ser irritante.

Erick nem sempre foi assim, isso se deve à sua jovem esposa, Marina Junqueira Estevan. A mulher do cara está prestes a lhe dar um filho e ele jura que todos têm de estar sorrindo para as paredes. É claro que eu estou contente, afinal, sou o padrinho de casamento do casal, mas também

não é para tanto.

— Diz logo o que quer Erick, te conheço e sei que é prático demais para vir aqui sem um motivo — digo, pois, apesar de tudo, Erick não perdeu completamente o seu jeito pragmático de ser.

— Não gostaria de almoçar lá em casa? Marina tem um comunicado para fazer e sua presença é mais que bem-vinda, diria que é necessária.

— Não tem como quebrar essa para mim? Hoje estou atolado de processos aqui... — pego um deles e balanço contra o ar na tentativa de parecer mais convincente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eles estão sempre me incluindo em seus programas familiares, eu sempre arrumando desculpas esfarrapadas e nunca conseguindo me safar.

— Poxa, foi a Marina quem insistiu, vai mesmo fazer essa desfeita com uma mulher grávida?

— Tá bom, merda! Eu vou, mas é só por causa do bebê, não quero ser o responsável por nada — digo e nem sei se minha recusa mudaria alguma coisa na vida da mãe ou da criança, mas é melhor não arriscar.

— Ela vai ficar feliz — diz o pai do ano.

PERIGOSAS ACHERON

— Estamos esperando o quê? Dar a hora de jantar? — pergunto ao tocar os ponteiros do meu relógio de pulso e notar que já passa do meio dia.

— Não sabia que estava com tanta fome, Bruno. — Arrasta mais uma vez a cadeira e dá passos que presumo ser rumo à porta.

— Minha pressa é em me livrar de você. — Tateio a mesa e saio logo atrás dele, acompanhando os seus passos.

Apesar do constante tom de provocação entre nós, Erick é uma pessoa que eu gosto e admiro muito, um homem que sempre me tratou de igual pra igual e não cheio de dedos como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

algumas pessoas ainda fazem, mesmo sabendo que estou longe de ser o pobre cego indefeso.

— Vai com o motorista ou prefere ir de carona? — pergunta, assim que o elevador apita, sinalizando ter chegado.

— Aceito a carona, de qualquer forma, teremos de voltar ou pretende tirar o resto do dia? — pergunto ao entrarmos no elevador aparentemente vazio.

— Tenho algumas coisas pra resolver ainda hoje. Não se preocupe, sua carona de volta está garantida.

— Perdi até a fome pelo medo ficar

PERIGOSAS ACHERON

sozinho e me perder pela cidade. — Brinco e ele começa a sorrir.

Após uma viagem curta até a mansão onde Erick mora com a esposa, adentramos a sala silenciosa, como se não tivesse ninguém em casa.

— Tem certeza de que a Marina está nos esperando para o almoço? — Desconfiado e acostumado com o ambiente, conto vinte passos até chegar ao sofá.

— Ela deve estar lá em cima com a chatinha. — Erick termina de falar e meu coração dá um salto mortal dentro do peito.

— A Ângela está de volta ao país? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois do nosso encontro no banheiro, os próximos que tivemos foram embalados por uma enorme tensão.

No casamento dos nossos amigos, onde fomos obrigados a estar muito próximos por sermos os padrinhos do casal, a aberta hostilidade entre nós dois era percebida por qualquer um que estivesse por perto. O que ninguém sabia, era que por baixo da aparente antipatia mútua e o fato de mal conseguirmos ficar no mesmo ambiente, existe uma menina rejeitada e o homem que a rejeitou e que ao contrário dela, levou do infeliz encontro mais que o sentimento de raiva. Ficaram também as lembranças que nem o tempo foi capaz de apagar,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma pequena chama do que não aconteceu, mas que eu daria a vida por uma prova.

Um único beijo. Apenas um toque, reviver a sensação da pele macia em minhas mãos. Sentir o cheiro da sua pele, o som da sua voz, desejos que passei mais de dois anos tentando esquecer, varrer para o fundo da minha mente. Um esforço que eu não diria ter sido em vão, já que obtive certo êxito no meu esforço, esse que vai por água abaixo somente pela menção do nome dela.

Como aconteceu agora.

— Voltou sim. — Meu amigo confirma a sua volta depois de meses fora.

PERIGOSAS ACHERON

Não que eu tenha contado os meses e coisas do tipo, pois, apesar de me despertar certo sentimento, o que essa Chatinha faz e deixa de fazer não é da minha conta. Se sei de coisas de sua vida é porque Erick e Marina fazem questão de mencionar o nome dela a cada oportunidade que temos de estarmos reunidos. Dos papos, sei que depois dos nossos poucos encontros aqui na casa do casal açúcar, Ângela foi para a Grécia fazer não sei o que — não me interessa em absoluto — e só voltou agora, quatro meses depois.

— Por que não mencionou que ela estaria aqui? — indago mais desconfiado, para um Erick que acaba de sentar do meu lado.

— Não achei que seria uma informação relevante, para você é?

— Não, Ângela não me interessa em nada — aviso, sem que alguém tenha perguntado.

— Eu disse alguma coisa nesse sentido? — Erick pergunta e sei que ele pensa exatamente o contrário do que acabei de negar e só não faz nada a respeito porque me conhece bem demais para saber que essa sim seria uma péssima ideia.

Eu, ele e até Marina se soubesse do que aconteceu, concordaria que eu e a princesinha com voz de anjo juntos, seria a receita certa para o desastre e talvez por isso ele nunca me questionou

abertamente.

— Não — limito-me a negar. Não preciso do Erick e muito menos da sua mulher imaginando coisas onde não existem.

— Senhor, o almoço já está na mesa.

— Ouve-se o aviso.

— Avise a minha esposa, por favor?

— Erick pede para a governanta e volto a ficar apreensivo.

Que grande bobagem.

E só uma garota, nem ao menos gosto dela. Meu corpo pode até gostar, mas eu não. Particularmente não tenho um apreço em especial

PERIGOSAS NACIONAIS

pela pessoa dela e apesar de não ter tido tantas oportunidades de estar em sua companhia, as poucas que tive não me trouxeram grandes impressões a seu respeito.

Sou linda e você também é muito bonito...

Como pode ser convencida desse jeito?

— Meu amor, ainda bem que chegou.

— Ouço passos apressados e barulhos de beijos típicos do casal açúcar que não pode estar no mesmo ambiente sem que estejam se comendo.

— O que foi que eu falei sobre descer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

essas escadas desse jeito? — Pelo tom de bronca, presumo que ainda estão vestidos.

— Eu tentei segurar, mas você sabe como essa barrigudinha é?

Essa voz... Tão doce e ao mesmo tempo sexy, eu queria poder...

— Bruno, que bom que você veio. — Cheia de empolgação, se aproxima e dá um soquinho no meu braço. — Não vai cumprimentá-lo, Ângela? — indaga para a amiga e tenho certeza que o faz na tentativa de me avisar que ela está presente. Como se fosse possível eu ignorar o que não saiu da minha mente, mesmo depois de anos.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpa a minha indelicadeza —
fala mansamente, não me dando tempo para prever
as suas ações e quando percebo, a mulher se jogou
na minha frente, tão colada quanto é possível. —
Tudo bem, Bruno? Voltei, sentiu a minha falta?

A cena termina com ela tentando se
equilibrar na ponta dos pés — sei, pois tive de
segurar na pele nua e macia da sua cintura, na
tentativa de equilibrá-la — e dando um beijo na
altura do meu pescoço.

— Tudo ótimo.

É só o que consigo dizer para a cena
que deve ter durado um segundo aos olhos dos
nossos amigos, mas que para mim se deu em
PERIGOSAS ACHERON

câmera lenta.

Essa boca macia... O mesmo cheiro
que a minha mente gravou.

Não repondo a segunda pergunta, é
melhor assim.

— Ótimo. — Como veio, Ângela
some dos meus braços e como se nada tivesse
acontecido, diz: — E esse almoço, sai ou não?
Estou faminta.

A pergunta da garota me faz pensar
em outro tipo de fome.

Definitivamente eu estou muito
fodido, ou ela está.

PERIGOSAS NACIONAIS

Se mantenha afastada, garota, eu não
quero destruir você.

PERIGOSAS ACHERON



Alta tensão



— Porra, eu vou explodir. — Constato um fato, assim que — de barrigas cheias — eu, o casal vinte e Bruno — o delicioso — levamos cada um a sua taça de bebida para a sala e nos sentamos

para jogar conversa fora. Não sei se os sisudos fazem isso, mas eu e a gravidinha com certeza faremos.

— Sempre comendo demais, não é mesmo, chantinha? — Erick provoca, coisa que se tornou comum entre nós dois.

Se no início da relação dele com Marina nós não conseguíamos nos entender de jeito nenhum, hoje nos damos tão bem quanto cunhados postiços poderiam se dar. Entendi que se ele faz minha melhor amiga tão feliz — como eu vejo que faz —, não tem porquê continuar com a implicância de antes.

— E você sempre falando demais, não

é mesmo, Erick? — devolvo a ironia. Como eu disse, nos tornamos amigos, o que não significa mudanças de personalidades.

— Vocês dois nem comecem — pede Marina, segurando a barriga como se ela fosse fugir a qualquer momento. — Querem assustar o Bruno? — indaga, fazendo-me ciente da presença que eu já nem lembrava.

Quase

Não tem como esquecer por completo da presença tão marcante, de um cheiro tão bom e de olhos tão lindos.

— Precisa de muito mais que

provocações entre o Erick e uma garotinha para me assustar — diz, todo antipático e, como se fosse o dono da casa, caminha com uma estranha firmeza até o sofá de uma sala que não é sua — apesar de agir como se fosse o dono não só da sala como também do mundo — e senta bem no meio do estofado.

Marina e Erick, como o belo par de siameses que são, sentam-se amontoados no estofado de dois lugares e me restou duas opções: ficar em pé ou sentar ao lado do idiota de olhos azuis.

— Está falando comigo?

Propositalmente, sento-me ao seu

lado, tão colada quanto é humanamente possível, sem que esteja em cima do seu colo.

Bem que eu queria.

O pensamento irritante vem, colocando meu amor próprio e o fogo no rabo lado a lado, onde obviamente o fogo no rabo vence, pois quando se trata desse homem perco completamente a compostura e deixo meus instintos me guiarem; instintos que não podem vir à tona, não quando sou duas pessoas: o meu verdadeiro eu e a Ângela que finjo ser dentro de casa. Um ambiente onde eu e as minhas escolhas nunca foram aceitas.

— Estou sim, chatinha — responde, virando o rosto na minha direção, como se os seus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

belos olhos estivessem me enxergando, não se afastando um centímetro sequer da minha invasão ao seu espaço pessoal.

Será que ele se importará, caso eu venha a me sentar no seu colo?

— Fico feliz de saber — falo com falsa simpatia.

Não vou negar que a sua frieza e distanciamento tenham incomodado um pouco, mas isso não tem a ver com a leve atração que sinto, está mais para o incômodo de estar tão perto da sua presença marcante e sentir-me como se fosse invisível para ele.

PERIGOSAS ACHERON

— Não é comovente ver como nossos amigos se dão bem? — A voz sarcástica do Erick chama a minha atenção para o fato de não estarmos sozinhos no recinto e não é surpresa perceber que o futuro papai babão tem Marina em seu colo, enquanto preguiçosamente alisa a barriga redonda por todas as partes.

— Para, amor. — A traidora repreende, sem conseguir esconder o seu divertimento com a situação. — Não percebe que os dois estão tentando se entender?

Tentando nos entender? Marina só pode ter bebido suco batizado com titica de galinha. É isso ou ela está...

Não! Minha amiga não pode achar que eu e esse coração de pedra estamos em uma espécie de tensão sexual.

Não estamos. Ele nem ao menos gosta de mim...e nem eu dele.

— Não é nada disso — falamos em uníssono, deixando os dois aos risos.

— Querido, não quer subir por alguns minutinhos? Meus pés estão muito inchados e antes que vá, preciso que dê aquela massagem que só você sabe fazer. — Assim que termina, Marina lança o seu olhar de quem sabe estar aprontando o que não devia e eu lhe devolvo com um que diz:

Se prepara, sua cupido de uma figa, o que é teu está guardado.

— Faço sim, meu amor. — Com o máximo de cuidado, ele a tira das suas pernas e quando Bruno vai fazer menção de levantar, Erick lhe interrompe com o aviso:

— Pode esperar só um instante, Bruno? A carona ainda está de pé, deixa só eu dar um pouco de atenção para a minha mulher.

— Não demora, por favor. Tenho muito que fazer no escritório — pede, sem paciência, voltando a encostar as costas no estofado cinza da mansão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bem, Bruno, quando você chegar o seu querido escritório e os seus amados processos ainda estarão no mesmo lugar que os deixou há algumas horas.

Fala de igual para igual e não como um superior ao seu subordinado. Nota-se de longe que antes de serem companheiros de trabalho, eles são amigos.

— Vai se foder.

— Foder com certeza...

— Eu ouvi isso, Erick. — O moreno de olhos azuis fala, mas Erick está mais preocupado em subir as escadas com uma Marina mais ansiosa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em chegar ao antro de safadeza do que esteve na hora de descer para o almoço.

— Não vá embora, Ângela. —
Lembra-se de pedir, gritando do alto da escada. —
Ainda tenho algumas coisas para te mostrar.

— Tudo bem, querida.

Tenho tempo de falar, antes que o som dos passos do casal vinte suma por completo.

— Já foram. — Como eu e mesmo com as suas limitações, Bruno teve a mesma percepção de saber que pela primeira vez em muito tempo estamos a sós.

Não que isso signifique alguma coisa,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

considerando o fato de ele estar visivelmente incomodado com a minha presença. Aposto que se não tivesse combinado de voltar com o Erick, Bruno já teria arrumado uma desculpa para fugir.

— Eu vi...quer dizer, percebi. —
Começo dando uma bola fora, o que só serve para deixá-lo ainda mais carrancudo.

— Não precisa se corrigir, garota. —
Mordaz, Bruno me repreende. — Você viu e eu percebi, é assim que funciona. Não precisa agir como quem pisa em ovos todas as vezes que nos encontrarmos.

— Eu não faço isso — defendo-me,
antecipando o que virá a seguir.

PERIGOSAS ACHERON

— Você acabou de fazer. — Como ainda estamos colados, ele aproxima o rosto bem perto do meu e continua. — Esse tipo de atitude faz com que eu goste menos ainda de você.

Suas palavras são tão duras — apesar de eu merecer por não saber agir de outra forma que não seja da maneira mais idiota possível quando estou ao seu lado — e mesmo assim, ter seu rosto tão próximo do meu, tão perto que em um pequeno gesto poderia tocá-lo, faz com que eu não pense ou faça nada que não seja admirar a beleza dos seus vazios olhos azuis.

— Amo os seus olhos. — Sem pensar, faço o elogio e também sem pensar, levo a mão até

PERIGOSAS ACHERON

o seu rosto, fazendo o gesto de carinho que há muito tempo desejo fazer. — Não usa mais os óculos escuros?

— Não te interessa — fala ao pegar a minha mão, tirá-la do seu rosto e a devolver calmamente para cima das minhas pernas. — Por favor, não me toque. Nós já falamos sobre isso... ou será que esqueceu? — Faz questão de lembrar o episódio que por vezes queria poder esquecer.

— As lembranças ainda estão claras como água na minha memória — revelo. — E na sua?

— Apenas o necessário. Ali não aconteceu nada de especial para que fosse
PERIGOSAS ACHERON

inesquecível.

— Teve momentos que pareceu gostar muito do meu toque, disso você lembra? — indago, notando que — como antes — nós dois continuamos sentados lado a lado, ele ereto com as duas mãos em cima das pernas e olhando para frente e eu, como não me aguento, continuo com o corpo virado em sua direção. Os olhos não deixam de admirar a beleza do seu rosto e corpo que em nada combinam com a personalidade intragável. Pelo menos comigo ele é assim.

A cena por si só é bem interessante, já que o nosso comportamento corporal esconde a animosidade das nossas palavras. Se alguém

adentrasse o recinto nesse momento, teria a falsa impressão de uma conversa amigável entre um casal de amigos e não da realidade em que estamos a ponto de pular na jugular do outro.

— Corrigindo: meu pau gostou de quando você — coloca ênfase no você —, de maneira ousada e agindo contra as minhas palavras, me tocou sem a minha autorização e levou as minhas mãos até o seu corpo praticamente desnudo.

— Você ou o seu pau, isso realmente não importa. Só não venha agir como se o que aconteceu fosse algo sem importância, que não causou nada além de irritação em você, pois nós sabemos que isso não é verdade — desabafo o que

vinha entalado na minha garganta durante todo esse tempo.

Eu preciso falar ou jamais superarei a lembrança do encontro que vez ou outra permeia os meus pensamentos e em cada uma delas fico me perguntando o porquê de ele agir na defensiva quando temos de estar juntos. Porta-se de uma forma que não deixa dúvidas — pelo menos para mim — de que quer passar a impressão que o nosso interlúdio não passou de um incômodo na sua rotina bem planejada.

Ele me quis, mesmo negando veementemente, sei que quis me beijar, tocar e passar as mãos fortes pelo meu corpo, assim como

o obriguei a fazer e o seu pau ficou instantaneamente feliz com a ideia.

— Acredite no que quiser, mas saiba que a verdade é somente uma: Eu não te quis no passado, apesar da ação involuntária do meu membro e continuo não te querendo agora. Você não é tão irresistível quanto pensa ser.

— Belas palavras, grande advogado.

— Enquanto ele continua falando no seu tom de voz normal, sem fazer grandes movimentos corporais, eu já perdi de vez a compostura — se é que essa palavra existe no meu vocabulário quando não estou presa na mansão dos Albuquerque — e na tentativa de fazê-lo engolir tudo o que disse, fico

de joelhos sobre o sofá e com o corpo inclinado sobre o seu que começou a ficar tenso, aproximo a boca bem perto do seu ouvido e peço:

— Prova. — No ato, o senhor olhos azuis vira o rosto na direção da minha voz no mesmo instante em que afasto o rosto do seu ouvido e tal ação nos deixa com os rostos muito próximos, com as bocas praticamente unidas, onde o calor da sua respiração no meu rosto faz com que um calor infernal suba por todo o meu corpo e o desejo de ser dele pelo menos por única vez volte à tona.

— O que disse? — indaga contra a minha boca, não se afastando um centímetro

sequer.

— Prova que não quer. Eu quero que você me beije, Bruno.

Faço o pedido com todas as letras, sabendo que posso me dar mal e sair muito machucada, mas também com a certeza de que essa será a última vez e quem sabe o ponto final para uma cisma sem propósito.



Seduzido por você



*Prova que não quer. Eu quero que
você me beije, Bruno.*

Como *num* passado distante, a voz
ecoou na minha mente, misturando-se com o cheiro
que me enlouquece e a presença que não consigo

ignorar. Fico perdido em uma realidade onde surpreendentemente fui pego de surpresa, onde não tenho certeza de como e nem se devo agir.

— Você não devia pedir isso, garota
— digo, sem querer me afastar minimamente do seu corpo, que pela proximidade, certamente está quase em cima do meu.

O que eu não daria para que o quase se tornasse uma realidade...

O pensamento me invade e já não tenho como negar o que tanto tentei reprimir ao longo dos vários meses que fiquei fora do país. Que a cada encontro mostra-me o quanto esse sentimento não é algo que eu consiga controlar, não

se apenas estar ao lado dela traz desejos de cometer loucuras que há tempos não me permito fazer.

Eu me sinto muito atraído por Ângela Albuquerque. Contra tudo o que penso e preciso para a minha vida tão bem planejada, a chegada desse furacão é um risco para a minha sanidade mental. Para o meu coração que há muito tempo não sabe mais o que é desejar algo a ponto de perder o controle sobre os próprios atos.

— Não? — indaga, destemida e tão próxima que consigo sentir seu seio firme se apertar contra o meu braço. Se a tentação já não fosse grande o bastante, Ângela decide ir mais longe. — Pensei que uma garotinha como eu não

fosse capaz de assustar você, não foi isso que disse? — Sinto a mão macia pousar no meu peito, iniciando movimentos circulares que permitem — mesmo por cima da camisa — sentir o calor do seu toque delicioso e a sensação de maciez da pequena mão.

— Não assusta — falo uma meia verdade, pois, ainda que tal afirmação seja verdade, o tesão que estou sentindo neste momento me faz querer correr para léguas de distância, apenas para me ver livre da tentação. Da sensação de estar prestes a cometer uma loucura. — Apenas acho que você não precisa disso.

— Disso o quê? — Interrompe o

carinho e já não sinto seu corpo tão colado ao meu.

— Se oferecer dessa forma, como uma prostituta barata — digo e quando por reflexo viro o rosto na direção do seu corpo, não tenho tempo de impedir o soco certo que sua mão — que de leve não tem nada — dá bem no meio do meu nariz.

— Caralho! — esbravejo, levando a mão ao local agredido, assim que sinto um líquido quente e viscoso começar a escorrer.

— Meus Deus, Bruno! — A pequena agressora puxa os meus dedos que até então cobriam o meu nariz, constatando pelo que suponho o resultado do seu ato impensado. — Fica

quieto, vou dar um jeito nisso. — Essas são as suas últimas palavras e depois, tudo o que consigo ouvir são os seus passos afastando-se apressadamente da sala.

Inferno de garota louca!

Mais louco ainda sou eu que não sabendo como agir lhe ofendi de uma maneira que nenhuma mulher merece ser ofendida, ainda mais uma garota de família como ela.

Porra! Ela é uma Albuquerque, filha de Tarcísio e Mara Albuquerque, um dos casais mais ricos e influentes da grande São Paulo. O que diria o rei da Hotelaria se soubesse o que acabou de acontecer aqui?

PERIGOSAS NACIONAIS

A princesinha oferecendo o que meu corpo está doido para aceitar, mesmo contra os comandos da minha mente.

A princesinha de mão pesada, socando forte o suficiente para conseguir tirar sangue do meu nariz.

Aliás, por que esses pensamentos me agradam tanto quando na verdade deveriam deixar-me irritado?

Não deveria ficar encantado por perceber com uma única ação o quão bem ela sabe se defender e muito menos o fato de vê-la se jogando em cima de mim da forma como fez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Durante a minha vida adulta, principalmente depois que saí da fase da adolescência e tomei ciência do quanto o meu corpo e aparência chamavam atenção de sexo feminino, passei a usufruir disso sem nunca precisar fazer qualquer esforço para ter a mulher que desejava e talvez seja esse o principal motivo a me fazer detestar as mulheres que se jogam, que caçam ao invés de serem a caça. Tal iniciativa serve apenas para afastar-me e eliminar por completo o interesse que poderia vir a ter.

Com Ângela tudo muda de figura, tanto que fui capaz de ofendê-la de forma tão dura, somente para esconder o quanto a sua ousadia e

PERIGOSAS ACHERON

confiança me encham de tesão. O quanto o seu cheiro — que nunca fui capaz de esquecer — traz à tona o cru desejo que senti há mais de dois anos. Uma vontade louca de enrolar suas pernas — que imagino serem lisas e macias — na minha cintura, prensá-la entre o meu corpo e parede e ali fazer o que o instinto do momento pediu, mesmo sabendo que poderia ser a maior merda que já fiz na vida, o que não é pouca coisa, considerado a quantidade delas já feitas.

— Prontinho. — A voz melodiosa volta a preencher o ambiente, tirando-me subitamente do meu devaneio ao mesmo tempo em que — querendo esconder a evidente ereção —

PERIGOSAS NACIONAIS

com a mão livre pego a almofada até então usada de apoio para as minhas costas e a coloco sobre as minhas pernas. — Me deixa ver como está isso.

Ângela puxa minha mão e pelo movimento corporal e proximidade do seu corpo, posso supor que esteja já na mesma posição que anteriormente estava: sobre os joelhos e perigosamente próxima a mim.

— Ai — murmuro como um bebê, assim que a sinto encostar a bolsa de gelo no meu nariz dolorido e por incrível que possa parecer, agora a garota pressiona o gelo com uma delicadeza que em nada lembra o caminhoneiro que há pouco me socou com o que imagino ser toda a

PERIGOSAS ACHERON

força do seu punho.

— Desculpa por isso — a voz e hálito doce pela bebida estão bem próximos do meu rosto, assim como os peitos estão perigosamente perto, fazendo minhas mãos formigarem por vontade de apertá-los entre os dedos e relembrar memórias de anos atrás. — Parece que não sangrou muito, mas está bem vermelho. Eu não devia ter feito isso — ela se martiriza.

— Não devia — digo.

— E você também não tinha o direito de me tratar como tratou, mas não se preocupe, isso não vai voltar a acontecer. Não quero te importunar mais e muito menos ter o tipo de atitude que tive —

discursa. — Não costumo fazer o que fiz, as coisas apenas saíram do meu controle — fala, resignada.

Eu deveria estar contente com sua resolução. Não é isso que eu quero? Estar no mesmo ambiente que ela sem que essa tensão e incômodo desejo estejam presentes?

Então, por que me sinto tão incomodado ao ouvi-la falar que não mais me pedirá para beijá-la ou conduzirá minhas mãos por todas as curvas do seu corpo?

— Me desculpa por tê-la desrespeitado. — Começo mais confortável para falar ao sentir o nariz bem menos dolorido e aparentemente satisfeito com seu toque delicado. É

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

até irônico, considerando que foi ela quem causou tudo isso. — Não deveria ter dito tamanha bobagem — finalizo e por instinto, talvez esperando que sinta e perceba a sinceridade do meu pedido, giro o corpo na direção do seu, seguro a cintura fina e nos deixando frente a frente, eu sentado de lateral e ela de joelhos, continuo:

— Você não age como uma prostituta, menina e tal qual o nome, você é como um anjo e não deve se aproximar e muito menos se interessar por mim. Seja para apenas um beijo, uma noite de sexo ou um caso sem compromisso, você merece mais, muito mais do que um homem como eu tem a oferecer.

PERIGOSAS ACHERON

— Não se deixe enganar, Bruno, eu não sou um anjo, apesar de que muitas vezes possa parecer — fala misteriosa e me deixa com uma pulga atrás da orelha.

Das muitas vezes em que a vi, seu comportamento em nada lembrou a pureza de tal divindade e se fiz tal comparação usei como base a mim mesmo, pois, ao meu lado, é como se fosse um anjo, uma jovem mulher, cheia de energia e com muito a viver.

— Para mim você é, mesmo querendo me beijar a cada oportunidade que aparece — brinco, o que não deixa de ser uma verdade.

— Você é lindo, me atrai e como não

PERIGOSAS NACIONAIS

gosto de passar vontade, quis provar se é tão bom quanto parece. — Ângela é sincera ao abaixar a mão que pressionava meu nariz. — Pronto, está um pouco vermelho, mas acho que não vai inchar. — Com a mão gelada, toca o lado esquerdo do meu rosto e ao aproximar o seu, faz um gesto de carinho e deixa um beijinho bem próximo ao local atingido.

— Ângela... Eu não...

— Desculpa, mais uma vez. Sei que não curte toques sem a sua autorização.

— Não é isso... Quer dizer, realmente não gosto que invadam o meu espaço pessoal. Mas com você as coisas são diferentes.

PERIGOSAS ACHERON

— Diferentes como?

— Sua proximidade não me incomoda como acontece com outras pessoas, e apesar de não ver o seu rosto, tudo o que sei de você me atrai — falo, pois talvez seja melhor assim, deixar tudo esclarecido entre *ela e eu*. — O calor da pele macia contra os meus dedos. — Começo a enumerar, fechando a mão em punho, me impedindo assim de tocar seu rosto e sentir entre os meus dedos se é tão linda quanto imagino que seja e ouvi falar. — O cheiro do seu perfume, o som da sua voz...

— Então, por que não podemos...

— Porque não é o suficiente, os desejos do corpo não podem prevalecer ao

PERIGOSAS ACHERON

comando da mente, é ela quem sabe até onde posso ir, o que quero para mim e as coisas que não quero e nem posso mais ter.

— Não entendo, Bruno. É tão triste isso que você está dizendo.

— É a minha realidade há mais de cinco anos.

— Tudo bem, nós podemos pelo menos ser amigos? — indaga, fazendo movimentos bruscos do meu lado e o distanciamento dos nossos corpos revela que já não está na mesma posição de antes. Agora sua perna encostada à minha passa a impressão de dois amigos em um papo corriqueiro e não um homem e uma mulher, chegando à

PERIGOSAS NACIONAIS

conclusão de que é melhor manterem as roupas no lugar e não atracarem-se no meio da sala de seus amigos e foderem até caírem aos frangalhos, porém satisfeitos por aplacarem um desejo que por anos os vem perseguindo.

— Prefiro que não fique um clima chato entre nós quando for necessário que estejamos juntos, ainda mais agora que vai acontecer com maior frequência.

Ela tem razão, se antes vez ou outra tínhamos de conviver pacificamente, depois de hoje e do convite para sermos padrinhos do bebê dos nossos amigos, Ângela e eu não temos outra escolha a não ser essa que ela propõe agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Também não quero traumatizar o nosso afilhado que nem nasceu ainda.

— Não vou mais te pedir pra me beijar.

— Não vou mais sentir vontade de te beijar.

— Não te obrigarei a passar as mãos por todas as partes do meu corpo.

— Deixarei de desejar ter o seu corpo perto o suficiente para que tenha a chance de te ter novamente me conduzindo por cada pedacinho dele.

A cada promessa dita por nós, fomos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nos aproximando um do outro e sem que eu e suponho que nem ela saiba como aconteceu, tenho a mão apertando sua cintura com possessividade, nossos peitos colados e o rosto tão junto que bebo do calor da sua respiração alterada, assim como ela bebe da minha.

— Vai ser doloroso.

— Não me importa.

— Vou destruir você, mesmo que eu não queira te machucar, pois é isso o que me tornei.

— Não deixarei que você faça isso.

— Morro por beijar você, poder sentir o doce dos seus lábios...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Anseio por isso... Me beija, Bruno.

PERIGOSAS ACHERON



Não resisto a você



Sem que tenha passado uma hora da promessa de não mais pedir para ele me beijar e de ter estabelecido o entendimento de que o melhor mesmo é sermos amigos, para o bem do nosso afilhado e também para o nosso próprio bem, aqui

estou eu: PEDINDO PARA SER BEIJADA.

O lado bom é que agora tudo está diferente e surpreendentemente, Bruno acabou de admitir que se sente atraído por mim da mesma forma que eu sinto por ele. Sua confissão veio acompanhada de promessas nada agradáveis e sinto que com elas, Bruno esteja querendo me dar um aviso, a alternativa de voltar atrás na decisão que acabamos de tomar.

Como a boa teimosa que sou, prefiro me apegar na parte prazerosa disso tudo, na realidade em que eu e ele estamos pela primeira vez conseguindo conversar e não só se alfinetar mutuamente como sempre fizemos, isso quando

não estávamos ignorando a presença um do outro.

— Não deveria falar, pois você é muito convencida, chatinha, mas a verdade é que venho desejando esse beijo há muito tempo, mais tempo do que seria confortável admitir.

Bruno — sem afastar os nossos corpos um milímetro sequer — diz tantas coisas maravilhosas em uma única frase que para mim fica até difícil decidir qual me agradou mais.

Saber que provavelmente o nosso encontro no banheiro o tenha marcado da forma que aconteceu comigo é um alento para a minha alma. Mostra que não passei anos com uma lembrança que para ele poderia não ter significado

nada. Agora eu sei, sei que nunca estive sozinha com essa fixação.

Me alegra também ouvi-lo chamar-me de chatinha, coisa que poderia parecer estranha para outra pessoa, afinal, quem nessa vida acharia bom e ficaria feliz em ser chamada de chata?

Bom, essa pessoa sou eu, Ângela Albuquerque de Mendonça, a pessoa que fica feliz em ser chamada de chatinha, talvez por ser esse o tratamento mais carinhoso usado quando querem se referir a mim. Não qualquer pessoa, apenas as que gostam de mim.

Quando Erick usou o apelido pela primeira vez, é óbvio não o usou da forma que usa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

hoje. Ele realmente não tinha uma boa impressão a meu respeito, assim como eu não aceitei bem o seu namoro com a minha amiga. Hoje, depois de termos construído uma boa relação de amizade — tão boa quanto cunhados podem ter — não me incomodo em absoluto com o tratamento, pelo contrário, até gosto, pois sei que é usado apenas por duas pessoas, e essas pessoas me amam e aceitam como sou.

— Bruno — chamo com uma pulga enorme atrás da orelha e mesmo sabendo que não devo fazer a pergunta idiota, sei que é algo incapaz de eu controlar, já que a minha língua grande não se aguenta dentro da boca.

PERIGOSAS ACHERON

— Oi?

— Você acha que sou chata? — É só a pergunta sair da minha boca e ver o sorriso começar a se formar em sua boca que termino de ter a certeza de que não deveria ter feito tal questionamento. Além de tudo, essa pergunta tem toda a cara de quem está atrás de elogios.

— Não particularmente.

— Como assim, não particularmente?

— Ultrajada, afasto minimamente o rosto do seu, preocupada com questões idiotas ao invés de beijar, coisa que eu quero por mais tempo do que é confortável lembrar. — Só tem duas alternativas para essa pergunta: sim ou não — pressiono.

— Achava você enjoadinha, não vou negar. — Ok, já esperava por isso, porque, apesar de ter dado indícios de uma atração física no dia do nosso encontro no banheiro, ele também não escondeu a falta de paciência para as bobagens ditas pela minha boca grande.

— E agora?

— Acho que ainda não tive tempo de formar uma opinião, já que a senhorita fugiu do país — diz, apertando o braço em volta da minha cintura, me deixando quase em cima das suas pernas. — Mas saiba que gostei muito da forma como se defendeu, mesmo que o atingido tenha sido o meu nariz.

— Gostou foi? — Mudo drasticamente o tom da conversa, esquecendo-me completamente da indagação anterior. Foda-se se me acha chatinha ou não, prefiro crer que como meus amigos, ele o usou como forma de carinho.

— Mais do que você imagina — confessa e com a mão livre joga a almofada — que até então cobria as pernas — no chão. — Tenho tesão por mulheres fortes, decididas e que sabem se defender — elogia. — E neste momento, sinto tesão por você — afirma, e não passa batido o fato de ele se referir a apenas esse momento. Como se não pudesse me dar nada além de disso.

Não é como se isso me deixasse

chateada ou coisa parecida, não sou tola a ponto de tecer expectativas tendo como base somente uma atração mútua.

Na verdade o que me chateia é saber que isso é algo imposto por ele mesmo e tem relação com os motivos da sua cegueira. Uma história de vida que não tenho ideia de qual seja, mas que daria tudo para saber.

Mais que ter momentos fugazes de prazer, gostaria de conhecer a pessoa, Bruno Pires. Conhecer a história por trás do advogado de sucesso; descobrir o que o faz sorrir, se é que ele ainda sabe como fazer isso.

— Estou vendo, nem precisava me

falar — brinco, assim que meu foco volta para o presente e meus olhos decidem checar o que tanto ele escondia por baixo da almofada que agora enfeita o tapete negro e felpudo.

— Me desculpe por isso — pede. — Não posso controlar essa parte. — Mesmo não podendo ver meu rosto pegando fogo, meu silêncio e respiração alterada devem ter denunciado onde tenho minha atenção.

— Não precisa se desculpar, na verdade eu nem sei o que fiz para merecer tamanha honra — digo, e assim como ele, me refiro a potente ereção que alheia a nossa conversa e consequente falta de ação, continua firme e forte,

marcando com maestria a calça social de cor preta.

— Estou falando sério, chatinha —
reclama e pela primeira vez, Bruno faz um gesto espontâneo de carinho ao aproximar o rosto e depois de afastar o meu cabelo do caminho, aproxima o rosto e deixa uma mordida dolorosa no meu pescoço para em seguida aliviar o local com uma lambida.

— Eu também estou — desvio o olhar do seu colo — tentando fugir dos pensamentos impuros — e volto para o seu rosto que tem os olhos azuis fixos em um ponto qualquer atrás de mim, tornando irresistível o desejo de permanecer por horas a fio admirando seu belo rosto, mesmo

PERIGOSAS NACIONAIS

que dele raramente saia um sorriso sincero.

— Sabia que você fala demais? —
indaga e não soa como uma crítica, parece que está
tentando me provocar. — Daqui a pouco o casal
açúcar estará aqui e já era a nossa chance — diz.

— Isso não pode ser em um local mais
reservado? — dou a deixa, torcendo para que dê
certo ou que pelo menos Bruno entenda o que tento
insinuar.

— Não existirá local mais reservado
para nós dois, Ângela. — Começa jogando o balde
de água fria sem dó nem piedade. — Um beijo,
lembra? Foi isso que você pediu.

PERIGOSAS ACHERON

— O que acontece no caso de gostar mais que devia e sentir vontade de ir além de apenas um beijo? — Meu lado convencida fala mais alto e a pergunta sai.

— Sei que vou gostar muito, meu anjo, mas isso não quer dizer nada. Com você sei exatamente até onde ir, para o bem da minha sanidade mental.

— Tudo bem, somente um beijo, aqui e agora.

Digo o que ele quer ouvir e acreditar, mas nem por um momento tal ideia passa pela minha cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

Se o beijo for bom e tivermos a química que aparentemente temos, não vou deixar Bruno me escapar e fugir novamente para as colinas, assim como eu também o fiz até pouco tempo.

Com a criação e os pais que tive, passei a vida sendo privada das minhas vontades e hoje mais madura e tendo arrumado um jeito arriscado, porém, eficaz de conseguir sobreviver sem a sensação de estar me sentindo sufocada e pressionada por todos os lados, aprendi a ser destemida, não desistir do que desejo. Se for ele quem eu desejo, vou até o fim.

Terei de Bruno tudo o que quero, ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não vai resistir ao chamado dos nossos corpos e mesmo que sua boca esteja dizendo exatamente isso, dessa vez não deixarei que se esconda. Exploraremos a atração sexual que vem nos perseguindo, até que seja completamente saciada, dela não restando um resquício sequer.

— Sim, meu anjo, um beijo.

— Nada mais que isso — assevero, sentido um delicioso arrepio quando a mão forte segura a minha coxa e a puxa para cima da sua perna esquerda. Agora, sentados desajeitadamente e virados de frente um para o outro, Bruno e eu estamos em uma tão deliciosa quanto perigosa proximidade. Mais um pouco e estarei sentada

PERIGOSAS ACHERON

sobre as pernas fortes, sentindo com o corpo a potência da impressionante ereção.

— Uma prova. — Bruno fala baixinho no meu ouvido e ao afastar a cabeça, desce a boca até minha, dando uma bela de uma mordida no meu lábio inferior. — Anjo.

— Bruno — digo o nome como uma prece e não tenho tempo de falar mais nada, pois ele pôs fim no falatório ao abocanhar os meus lábios.

No início tanto eu quanto ele ficamos alguns segundos em um beijo superficial e não envolvendo nada além dos nossos lábios, passando a saborear o gosto um do outro e... Puta que pariu!

Ele tem os lábios mais macios que já provei — não foram tantos assim — e aparentemente é também o mais experiente.

É isso! De antemão decido que é mais fácil o inferno congelar do que eu me contentar com um mísero beijo. Esse homem precisa ser meu e como se o pensamento ligasse um gatilho, resolvo esquentar mais as coisas e após envolver as duas mãos na nuca dele, tomo o controle do beijo, insinuando pouco a pouco a minha língua dentro da boca experiente. Bruno, aparentemente tão envolvido quanto eu também parte para o ataque, capturando por completo minha língua para dentro da sua boca e iniciando um beijo desajeitado,

porém muito delicioso.

No ambiente silencioso, o único som que se ouve é o das nossas bocas quase que literalmente se comendo, em um ruído que lembra troca de saliva.

— Porra, Ângela...

Com uma mão me segurando com força — a ponto de quase me ter sobre o seu colo —, Bruno leva a mão até a parte de trás da minha cabeça, puxa os cabelos da minha nuca e com a voz abafada por ter os lábios colados aos meus, fala:

— Tão bom... Irresistível...

— Só mais um...

— Necessito te sentir, todo o seu corpo... — Louca de tesão por ver sua boca tão próxima da minha e vendo-a deliciosamente úmida pela voracidade do nosso beijo, sou surpreendida quando em uma manobra rápida demais — considerando sua condição — Bruno inverte drasticamente nossas posições, me deitando de costas sobre o assento do estofado para em seguida deitar seu enorme corpo sobre o meu que é bem menor. Como o cavalheiro que é, equilibra seu peso com uma mão, ao passo que a outra inicia provocativos movimentos na lateral da minha costela.

— Melhor assim, chatinha. — Abaixa

PERIGOSAS NACIONAIS

a cabeça e como se estivesse farejando o cheiro do meu perfume, enfia o nariz no início do decote que a blusinha estilo bata deixou em evidência — Esse cheiro...

— Seu toque... — digo, levando a mãos novamente para os negros e macios cabelos.

— A voz de um anjo...

— O gosto do seu beijo... — Inclino a cabeça para melhor receber a delícia do beijo no meu pescoço.

— Eu não resisto a você, meu anjo...

— Volta a abocanhar minha boca com sofreguidão e querendo forçar um maior contato dos nossos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sexos, enrosco as pernas no seu quadril, quase indo a loucura com o contato íntimo.

— Tão bom — diz dentro da minha boca, fazendo leves movimentos com o quadril, esfregando o pau duro contra o meu centro pulsante.

— Vamos para outro lugar, Bruno, só dessa vez? — imploro.

— Só dessa vez — confirma e nem tenho tempo de comemorar a minha conquista quando o som de passos cada vez mais próximos denuncia que estamos a ponto de sermos pegos.

— Merda — Bruno esbraveja,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parando por completo tudo o que fazia e eu não sei como agir, além de lamentar o fato de saber que todo o progresso que tive agora acabou de ir por água abaixo.

PERIGOSAS ACHERON



Por você



O som dos passos cada vez mais audíveis me impede de cometer a maior loucura dessa fase da minha vida e só posso agradecer a quem quer que seja a pessoa responsável pela óbvia interrupção.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não acredito, vou matar o Erick — reclama baixinho, não escondendo a frustração, enquanto com cuidado, tiro meu corpo de cima do seu.

Ainda tonto de desejo, ajeito-me como posso para em seguida tatear seu corpo com a mão, até tocar seu braço e ajudá-la a se sentar.

— Bruno... — a voz melodiosa sai meio rouca e se a situação fosse outra, mandaria tudo para o inferno e continuaria de onde paramos.

Pena que as coisas são como são e não tenho como me dar ao luxo de agir por impulso, mais do que já agi.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpa, pessoal. — A voz que invade o ambiente pertence a Erick, mostrando que ela tinha razão na sua suposição. — Sabem como minha pequena está manhosa nesses últimos meses... — Com a rapidez de quem desceu as escadas correndo, meu amigo fala com empolgação, logo se interrompendo para perguntar:

— Está tudo bem aqui? — Parece estar desconfiado e imagino que deva estar parado bem à nossa frente, analisando nossos rostos à procura de alguma resposta ou pelo menos um indício. Sei, pois é assim que os advogados agem.

— Ângela?

— E posso saber por que não estaria?

— Parece que além de frustrada, o meu pequeno anjo também está irritada.

Meu pequeno anjo, de onde saiu isso?

Porra! Não posso ir por esse caminho, simplesmente não posso.

Se fosse uma garota qualquer eu poderia simplesmente explorar a porra dessa atração e depois seguir em frente, assim como fiz com Lua — minha última namorada — e com todas as outras que passaram pela minha cama depois do acidente.

O que fode com a minha vida é o fato dela ser quem é, não uma mulher que posso pegar

em uma esquina qualquer, foder e depois dispensar.

A Ângela, por conta dos nossos amigos e até mesmo do que acabou de acontecer, acabou por se tornar uma pessoa que merece toda a minha consideração e não o que dou para as outras.

Se não posso lhe dar o que merece, talvez seja melhor assim, que tenhamos nada além do que já tivemos.

Tenho a resolução na minha mente, mesmo sabendo que a chatinha não gostará nem um pouco.

— Ei, não precisa morder. Foi apenas uma pergunta e não uma acusação de um crime. —
Se defende da braveza da gatinha de unhas afiadas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Marina pediu para você subir, diz ela que tem uma coisa para te mostrar. — Dá o recado.

— Tudo bem, Bruno, será que poderíamos...

— Suba para ver a sua amiga, Ângela — corto, temeroso pelo que ela pediria e mais ainda pela minha resposta. — De qualquer forma acabaremos nos esbarrando novamente, não é isso que vem acontecendo desde o dia em que nos conhecemos?

Falo com frieza, insinuando indiretamente que não haverá outra proximidade entre nós que não sejam as ocasiões como a de hoje, em que não temos como fugir do iminente

PERIGOSAS ACHERON

encontro. Com dureza e propositalmente, espero que esteja passando a mensagem para que não me procure.

É muito babaca fazer isso, eu sei. Mas em minha defesa pesa a justificativa de estar fazendo isso por ela, mais do que por mim. Se antes meu intuito era proteger minha alma quebrada, depois de ter momentos com a menina mulher que mais me atraiu — até mais que Carolina —, sinto que faço mais por ela. O pequeno anjo merece ser feliz, mesmo eu tendo de renunciar a essa química boa que comprovamos ter.

— Tem razão, até qualquer dia — fala sem emoção na voz, e aparentemente consegui o

PERIGOSAS NACIONAIS

meu intento. Pena que estou longe de me sentir contente e aliviado pela decisão tomada.

Apesar do que possa parecer, para mim vai ser muito mais difícil. Se antes as lembranças já não eram tão nítidas e me faziam até questionar se algumas nuances não eram frutos da minha imaginação, inventadas apenas para preencher lapsos de lembranças que meu subconsciente lutava para manter vívidas, hoje sei que a realidade é muito melhor do que lembranças distantes.

— Vai me contar o que aconteceu aqui? — Erick pergunta, assim que o som dos passos da Ângela desaparece.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sei do que você está falando.

Aqui não aconteceu nada que mereça ser mencionado. — Levanto, tirando do bolso o bastão guia — que eu reluto em usar, só o fazendo em situações emergenciais como a de agora em que eu quero fugir da curiosidade e perguntas invasivas de Erick Estevan.

Não que eu o julgue por isso, sei que a pergunta dele não se trata de mera curiosidade, é mais como uma preocupação genuína pela grande amiga da sua esposa. Se não fosse por isso, seria pelo fato de Ângela — apesar de parecer forte e destemida — ter alguma coisa nela que invoca o instinto protetor, pelo menos comigo é assim que

acontece.

Além de todas as sensações que a garota me desperta, ainda tem mais essa.

— Tudo bem, só fecha a blusa — pede. — Os três primeiros botões estão abertos.

Merda! Quando foi que a gatinha fez isso que eu não percebi? Mas também, difícil perceber algo que não fosse foder a boquinha gostosa.

A lembrança me invade e irritado, termino de abrir o bastão e o usando como auxílio, viro-lhe as costas e digo:

— Se não se importa, realmente tenho

PERIGOSAS NACIONAIS

assuntos urgentes para tratar no escritório, se pudermos ir agora, eu agradeço — falo sério e só agora que estou de costas lembro-me dos meus países baixos que até agora há pouco estava em festa. Torço para que além dos botões da camisa social, ele não tenha tido tempo de ver meu pau duro pela recém-atividade prazerosa.

— Está legal, deixa só eu pegar as chaves. — Ouço o seu caminhar apressado e não tendo ideia de onde ele foi resgatar a porra da chave, saio para o jardim, aproveitando o pouco tempo que tenho para dar um jeito da minha situação.

Nem fodendo entrarei em um carro

PERIGOSAS ACHERON

com um marmanjo, estando com o pau acordado como está agora.

— Prontinho, meu caro. — O tempo da sua demora foi o suficiente para conseguir o meu intento e mais uma vez, a tática de pensar em situações nojentas — ao invés do sabor e do cheiro da gostosa da chatinha — conseguiu atingir o objetivo de fazer o grande soldado dormir novamente.

Durante o trajeto, basicamente permaneci em silêncio, perdido em pensamentos, mas não tão perdido assim, já que o irritante tamborilar de dedos no volante denuncia a impaciência e o pedido silencioso de Erick para que

eu diga alguma coisa.

Erick sabe, de um jeito ou de outro, ele sabe que aconteceu alguma coisa entre Ângela e eu e se não fosse o seu jeito irritantemente observador para coisas que não lhe dizem respeito, as nossas reações nada naturais quando ele entrou teriam nos entregado.

— Eu não resisti — despejo, não aguentando o barulho dos meus próprios pensamentos e sabendo que ele não desistirá de saber o que fiz com a menininha indefesa. Mas, poxa, o que um pobre cego poderia ter feito com uma diabinha cheia de vitalidade?

— Como assim não resistiu, porra? —

PERIGOSAS NACIONAIS

A voz está um tom mais alto, só não sei se é irritação ou surpresa. Talvez um misto dos dois.

— Isso mesmo que você está pensando.

— Eu não acredito que você transou com a chatinha! Em cima do meu sofá? — pergunta com perplexidade, mas não tão perplexo quanto eu estou por percebê-lo preocupado com o sofá, quando estou insinuando ter comido a protegidinha do casal.

— Está preocupado com o sofá, é isso mesmo? — confronto. Agora sou eu quem está irritado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, porra! Você me deixou surpreso e acabei me expressando mal — se explica. — Você e a Ângela... Eu devia ter imaginado que uma coisa como essa aconteceria.

— Imaginou errado, nós não transamos.

— Não? — indaga e imagino que esteja aliviado, sabendo que de maneira nenhuma sou um bom partido.

— Mas... Foi quase isso.

— Será que dá pra parar com a porra desse jogo? Eu não sou um dos seus clientes idiotas, portanto, para com meias palavras e me

PERIGOSAS ACHERON

diga o que fez com a amiga da minha mulher e adivinha? Também é minha amiga.

— Meu Deus! O que eu poderia fazer com o demônio de saias, um pobre cego?

— Quem não te conhece que te compre, Bruno. Pobre de quem cai na tua rede.

— Falando sério, eu e ela nos beijamos, foi isso. — Jogo a verdade, como se fosse simples.

— Só um beijo?

— A ideia foi essa, somente um beijo, mas quando dei por mim já estávamos atracados em cima do sofá e se você não tivesse aparecido e

PERIGOSAS NACIONAIS

interrompido, a essa altura eu e a chatinha estaríamos em um lugar qualquer, fodendo como dois condenados.

— Caralho, Bruno! Por isso ela disse aquilo antes de sair. — Esperto, Erick liga os pontos e logo emenda.

— E como vocês ficam agora?

— Foi aquilo que você ouviu. A minha relação com Ângela se restringirá aos eventos sociais, onde não terei para onde correr, porque se pudesse iria até Marte, somente para fugir da tentação que aquela menina representa para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Tão forte assim? Não acredito que o grande Bruno...

— Pode ir parando por aí, Romeu — corto a conclusão rápida que só um eterno apaixonado tiraria. — Não tem nada de paixão ou a história de um grande amor — justifico. — O que Ângela e eu temos um com o outro é somente uma enorme atração. Um desejo que dessa vez foi impossível de refrear.

— Então, qual é o problema? — Erick fala como se eu fosse louco.

— Eu não me relaciono, Erick.

— E a Lua foi o quê? — Me lembra

da bela sócia da sua esposa, a fotógrafa que conheci em um bar e por alguns meses manteve um relacionamento.

— Um namoro despretensioso, que nunca foi mais que isso e por isso mesmo ele acabou.

Alegre e de fácil convivência, Lua foi para mim a tentativa de firmar um relacionamento, o primeiro e único depois do acidente e até que deu certo no início. Era leve e não havia grandes cobranças, apenas dois adultos curtindo o sexo monogâmico e a companhia um do outro. Uma pena Lua ter se apegado e iniciado com as cobranças. Não me restou outra saída além de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

terminar o caso — que ela preferiu chamar de namoro — e aprender que para mim, bastam os casos de uma noite.

Assim como sei ter feito Lua sofrer ao terminar uma relação sem futuro — pelo menos para mim —, não pretendo impor o mesmo para mais ninguém. Ainda mais para o meu pequeno anjo. Não com ela, a pessoa que me fez arder, que me faz desejar o que não posso ter. Mais que uma noite, muito mais.

— Não é o que ela pensa, ou pensava.

— Aí já não é comigo — afirmo, pois ao terminar deixei tudo esclarecido e desde então não gastei um único pensamento com o assunto.

PERIGOSAS ACHERON

— E quanto a Ângela? Fará o mesmo que fez com a Lua?

— Você não está me ouvindo? — Irrito-me, a fim de me fechar dentro da minha concha e esquecer por um momento o assunto — ou pelo menos tentar. — Foi um beijo e um momento de fraqueza, Ângela sabe disso. Não tem futuro para nós, nem mesmo para a transa de uma noite.

— Meu amigo, você não precisa se impor...

— Não quero falar sobre isso agora, Erick. — Freio o início do papo que já tentamos ter algumas vezes. — Você gosta da chatinha não

PERIGOSAS ACHERON

gosta?

— Você sabe que sim.

— Então não deveria cogitar uma coisa dessas.

— Eu te conheço, Bruno e por conhecer a sua história estou cansado de saber que não é um bom material para relacionamentos e isso só acontece porque você mesmo se coloca nessa condição.

— Sou como um cristal quebrado, e tal qual os cristais, não há conserto — falo com amargura.

— Se pensa assim, é melhor que fique

PERIGOSAS NACIONAIS

longe dela. Ângela não precisa de mais complicações na sua vida.

— Do que você está falando? — Fico cada vez mais curioso, pois, todas as vezes em que o nome dela é mencionado, eles agem como se Ângela carregasse o peso do mundo nas costas.

— Não se envolva, Bruno. — Erick avisa. — Se você quer assim, que seja em todas as áreas.

— Não está mais aqui quem falou. — Levanto as mãos em rendição, mesmo que a curiosidade insista em martelar minha mente.

O resto do caminho é feito em silêncio

PERIGOSAS ACHERON

e na minha mente a lembrança dos beijos, do carinho das suas mãos, a voz, o cheiro... Tudo passa como um filme bom, lembranças renovadas da única garota que realmente me fez lamentar não ser um homem completo. Principalmente, trouxe a vontade de tentar, tentar voltar a ser o que eu era antes, explorar a energia boa que sinto emanando do seu corpo para o meu a cada encontro.

Se não for para ter o sabor dos seus beijos, anseio por vê-la novamente, mesmo que seja para somente ouvir o som da sua voz.

A voz do pequeno anjo.



Desistindo de você



Dois meses depois...

— Merda! — esbravejo de um lado para o outro, gastando o piso branco e brilhoso do pátio de espera do hospital. — Que aflição.

— Calma, minha amiga, está tudo

dentro do horário previsto, não tem motivos para você estar dessa forma. — É Maya quem tenta acalmar o meu nervosismo.

— Não sei, a barriga dela estava tão grande, não acha? Tipo uma melancia, só que maior. — Olho para a minha amiga mais próxima depois da Marina e no rosto ela tenta a todo custo esconder o sorriso.

Ela não está me levando a sério, não tenho dúvidas disso.

— Eu estou falando sério, Maya. — Agindo como uma pessoa mimada, coloco a mão na cintura e só o que não faço é bater com os pés no chão, em claro sinal de birra. E para meu eterno

PERIGOSAS ACHERON

desgosto, o sentimento de insatisfação envolve outra coisa, além da grande preocupação com a minha amiga que está em trabalho de parto.

— Desculpa, Angel, mas você é muito maluquinha com essa história de barriga grande demais, melancia e os caralho a quatro — diz e sua boca suja não me surpreende, afinal, já estou acostumada. Ela inclusive aprendeu comigo alguns palavrões. — Não tem nada de errado, está tudo saindo como o previsto.

Diz e não sei se fico realmente mais calma ou ofendida com o seu comentário, até porque, ser chamada de "maluquinha" tendo a Marina como amiga em comum é no mínimo

ofensivo.

— Você está coberta de razão, deve ser por isso que não sente frio. — Faço a piada a ela me olha com cara de espanto.

Pois é, talvez eu seja mesmo a "maluquinha" do trio ou talvez esteja ficando pior nos últimos dias.

— Quando eu digo que você é maluca, é por esse tipo de atitude, garota. Mudança repentina de humor e eu sei muito bem o nome e o sobrenome da pessoa a causar tamanho reboliço — diz e discretamente olhamos para o casal sentando um pouco à frente. Por casal, me refiro a Bruno troglodita Pires e Lua oferecida que não lembro o

PERIGOSAS ACHERON

sobrenome.

— Eu não devia ter te contado. Nem para você e muito menos para Marina — reclamo, pois é só isso que sei fazer ultimamente, mais especificamente depois do amasso bem dado, seguido do fora mais caprichado ainda.

Agora, além do ego ferido, tenho que ver ele do lado dessa oferecida — não que eu seja diferente dela — que não perde uma oportunidade de se jogar nos braços dele. Eu pelo menos me coloquei no meu lugar e não voltei a me aproximar desse ser bipolar, depois de ter sido rejeitada pela segunda vez.

E não é exagero falar em rejeição. A
PERIGOSAS ACHERON

forma que ele falou, deixando bem claro em que pé ficaria a nossa relação, mesmo quando estávamos a ponto de fazer sexo em um buraco qualquer, me magoou mais do que se ele tivesse me chutado de maneira mais explícita.

E além de tudo, o filho da puta o fez na frente do Erick, que as atitudes em nada se diferem da esposa. Se Marina tem quase certeza de que é a minha mãe, o Erick tem certeza de que é o meu pai.

Tendo eu contado o que aconteceu na sala para Marina e para Maya e certo como dois e dois são quatro que Bruno contou para Erick, o clima que nunca foi natural quando estamos no

PERIGOSAS ACHERON

mesmo espaço, passou a ser menos natural ainda.

Agora os três ficam girando a nossa volta — quatro, se contar com a intrometida da Lua, que por ser sócia da Marina no estúdio de fotografia, vira e mexe está participando dos nossos programas. Só não sei se esperam uma lavagem de roupa suja ou se torcem para que haja um acerto entre nós. E por acerto, refiro-me a termos um caso.

Pelo menos as malucas das minhas amigas pensam assim. Para elas a nossa tensão só se resolverá com um sexo sujo e suado — a parte do sujo e suado saiu da boca das próprias.

Os outros dois não pensam o mesmo e também entendo os motivos dos dois. Erick por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

motivos nobres, já que conhece o amigo que tem e sabe de coisas da sua vida que nem mesmo imagino o que seja. Lua por motivos não tão nobres assim, ela finge sentir simpatia por mim e eu finjo não saber que ela faz questão de estar sempre por perto, apenas para rondar o ex-namorado ou atual, já não sei mais, considerando a cena que presencio.

A verdade é que tudo isso não passa de uma grande bobagem, ele já deixou claro que não quer nada comigo e mesmo se quiser, não pretende fazer nada a respeito e eu já cansei de ser rejeitada. Uma vez até deixei passar, tanto que consegui um novo fora para a coleção, um terceiro seria demais e não quero pedir música no

PERIGOSAS ACHERON

fantástico.

Além disso, a vida é curta demais, sou jovem e tenho consciência da minha feminilidade e do meu poder com o sexo oposto, por isso, não vou ficar gastando energia com um homem — lindo — que me rejeita.

— Acorda. — Maya estala os dedos bem na frente do meu rosto que estava todo esse tempo encarando o casal com indisfarçável desgosto, enquanto a cabeça diz não valer a pena insistir no assunto. — De repente você fugiu da terra e me deixou falando sozinha.

— Perdão, querida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como eu ia dizendo, você tem sim que contar as suas coisas para mim e Marina. Nós somos as suas amigas e também as mais sensatas — fala brincando, ou não.

— Então, vocês têm de parar de pensar que tudo que faço ou deixo de fazer tem a ver com Bruno. Já foi, eu superei e vocês também têm de superar; não temos nada um com o outro e está claro que nunca vamos ter — aviso e não sei se falei alto demais.

Espero que não, pois não seria nada legal tê-lo ouvindo isso depois de dois meses.

— Tudo bem, eu acredito em você — assevera, ao dar-me um abraço.

PERIGOSAS ACHERON

— Pessoal. — A voz animada de Erick enche o ambiente, chamando minha atenção para a principal preocupação: Marina e o nascimento do nosso pequeno. — Nasceu, o meu filho nasceu — fala entre risos e lágrimas.

Logo que ele termina de dar as boas novas, tudo some da minha cabeça, ficando apenas a informação que tanto esperava ouvir e acredito que o mesmo aconteceu com todos que aqui estão.

Os próximos minutos foram um alvoroço só, até que fomos informados de que Marina já estava no quarto de visitas e fomos liberados para visitá-la e o bebê.

— Tudo bem com você? — Vou até o

lado da minha amiga, tão linda que nem parece ter acabado de dar à luz a essa coisa linda, chamada João Guilherme.

— Tudo ótimo. — Sorri como uma boba para o pequeno pacote azul. — Não é a coisa mais linda desse mundo? — Permanece encantada, enquanto o pequeno esfomeado suga seu peito com avidez.

— Puxou ao pai — o convencido fala do outro lado da cama, quase babando em cima do filho.

— Não precisa nem ser cego para saber que o fato de dele ser lindo significa que não se parece em nada com você. — Bruno provoca,

PERIGOSAS NACIONAIS

chamando minha atenção para a sua presença. Estou tão feliz e babona com o meu afilhado que nesse momento nada mais me importa além dele, que tem para si toda a minha atenção.

— Parem vocês dois, crianças. — Marina se mete no meio. — Não quer segurar ele, chatinha?

— Muito — digo com empolgação.

— Vem. — Me aproximo e com todo o cuidado, Marina me passa o pequeno bebê e no mesmo instante, sinto algo em mim mudar.

Um amor imenso invade o meu peito, trazendo a certeza de que se for preciso enfrento o

PERIGOSAS ACHERON

mundo por ele, meu pequeno anjinho.

— Titia já ama tanto você, meu amor.

— Inconscientemente, me afasto alguns passos, encantada com o bebê tão lindo. — Como você é bonito...

— Posso? — Bruno chega do meu lado, falando bem baixinho, como quem tem medo de acordar ele. Essa também é a primeira vez que estamos tão próximo nos últimos dois meses.

Sua presença me faz acordar do transe que João me colocou e meus olhos dão uma rápida passeada pelo ambiente.

Agora todos estão em volta da cama

conversando com Marina, dando a privacidade — mesmo sem perceber — necessária para que possamos curtir um pouco o nosso afilhado. Obvio que Lua não se enquadra nesse grupo, já que agora mesmo lhe peguei nos observando, ao invés de prestar atenção na conversa que se desenrola bem na sua frente.

Não sei qual é o problema dela, pois tenho certeza de que nem Marina e nem Erick lhe contaram do que houve entre o Bruno e eu. E a menos que ele mesmo tenho dito algo, comigo ela não tem com que se preocupar.

Eu felizmente — sem que precise pedir música no fantástico — entendi que não será

possível um beijo e muito menos um caso entre nós. Então, se eles estão juntos novamente, ela tem de entender que meu time já está fora de campo, não sou do tipo que se sente atraída por homem comprometido.

— Claro, ele também é seu afilhado — digo, virando o corpo na direção do seu e quando ele levanta a mão, com cuidado seguro o pequeno com um único braço e com a outra mão pego a dele e a lavo até o bebê. — Seu padrinho, meu amorzinho. — Noto que fui pega de jeito pelo pequeno ser quando me ouço falar a última frase com voz de criança.

— E ai, garotão — fala com a voz

PERIGOSAS NACIONAIS

mansa, e a mão aos poucos começa e subir pela mantinha azul, até chegar ao rostinho do afilhado.

— Vamos ver se você é tão bonito quanto dizem.

— Com uma expressão serena e o ensaio de um sorriso sincero, Bruno cuidadosamente começa uma inspeção pelo pequeno rosto. Ele vai da orelhinha para o queixo, depois passa para as bochechas e em seguida para o nariz pequenino.

— Não é um amor?

— Realmente, tão lindo quanto dizem ser. — A fala curiosa me faz entender que ele desenvolveu essa percepção através do toque.

— Carinha de joelho — digo.

PERIGOSAS ACHERON

— O joelho mais belo do mundo. —
Ele contrapõe agora bem próximo do meu corpo,
tendo a mão acariciando o cabelinho tão liso quanto
o da mãe e preto como o do pai.

— Concordo.

— Está tudo bem com você? —
Bruno muda completamente o rumo da conversa.
— Senti sua falta na recepção para os Prado na
semana passada. Acho que me acostumei a ver —
gesticula o sinal de aspas com os dedos — você e
Marina de dupla.

— Não tive como ir, sabe como é,
outro compromisso — falo, deixando a informação
pairando no ar.

— Namorado novo? — indaga recolhendo a mão e o corpo continua como antes, colado ao meu.

— Ainda não tenho certeza. — Na verdade tenho, até porque, esse cara nem existe. — E você, legal que superou seja lá o que te prendia e decidiu se dar mais uma chance ao voltar com a Lua.

— Nós não voltamos — nega, dando uma pausa apenas para jogar o balde de água fria em seguida. — Ainda.

— Espero que dê tudo certo para vocês. — Me obrigo a falar por educação e também por ser a única coisa a se dizer em uma situação

PERIGOSAS ACHERON

como essa.

— Acredito que dará — afirma e quando disfarçadamente dou um passo para frente, a fim de fugir o mínimo que seja da sua presença, Bruno parece sentir e me segura pelo braço.

— Me solta, por favor — peço e sendo atendida, viro-lhes as costas, pois mesmo sabendo que não estou sendo vista por ele, um lado irracional meu entende que não fazendo isso deixo exposta a minha decepção e o quanto sua declaração mexeu comigo.

Não devia, mas contra todos os pensamentos e resoluções cultivadas por dois meses, saber da sua volta com a outra ainda teve a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

capacidade de mexer com algo dentro de mim. Um sentimento que de forma nenhuma pode ser considerado como algo bom.

— Cadê, abra os olhinhos que a madrinha quer te ver. — Volto a minha atenção para o que realmente importa, ignorando o cara que infelizmente, ainda tem a capacidade de abalar as minhas estruturas.

PERIGOSAS ACHERON



Acertando os pontos



Minha cabeça dói, está prestes a explodir, uma consequência do maldito acidente que vem me acompanhando ao longo dos anos, como um lembrete doloroso — literalmente — das minhas limitações e das heranças da fatídica

madrugada.

— Bruno, o que aconteceu? — Lua fala dez segundos após eu ter saído da sala, que de repente pareceu pequena demais para mim e Ângela Albuquerque estarmos dentro dela. — Saiu sem falar nada com ninguém.

Por ninguém, ela se refere a si mesma, já que foi a única a vir até aqui me importunar.

— Não vi necessidade — esclareço. — Pode voltar para lá, sua amiga acabou de ter um filho, faça como Ângela e Maya — peço, não me importando de estar sendo grosso com ela.

Não agora que estou no meio de uma

crise de enxaqueca.

— Por que você está me tratando dessa forma? — A voz estridente, três tons mais altos, faz com que a dor aumente e pontas finas como picadas de agulhas se alastrem por todos os lados da minha cabeça. — Pensei que nós dois estávamos...

— Pensou errado, Lua — corto. — Foi apenas uma transa que só aconteceu porque você apareceu na porta da minha casa sem antes avisar, se entregando de bandeja para um homem que no momento necessitava exatamente do que você estava oferecendo.

— Você é um idiota, Bruno —

esbraveja, a tontura vem e tenho de me segurar no bebedouro do pátio, onde antes eu enchia o copo de plástico com água gelada.

— Sei disso. — Levo os dedos até a têmpora, massageando o local. Técnica que uso na tentativa de pelo menos amenizar as dores. — Agora, por favor, me deixe sozinho. — Dessa vez sou mais direto e prefiro não revelar sobre a dor de cabeça, isso seria apenas mais uma desculpa para ela ficar aqui, como estive desde a hora em que chegamos para aguardar o parto do pequeno Estevan.

Sem nada mais a dizer, ela se afasta e só então posso ficar em paz, pelo menos tanto

quanto é possível nesse momento. Com o copo cheio em uma mão, coloco a outra dentro do bolso, tirando o comprimido analgésico que sempre carrego comigo, pois as dores pós-traumáticas — que mesmo depois de cinco anos continuam a persistir — veem sem aviso prévio e em maior intensidade quando acontece alguma coisa que afeta de forma direta as minhas emoções.

No caso de hoje, o motivo da dor ter vindo com força total não poderia ser mais contraditório, pois é um sentimento que vai contra tudo o que venho afirmando e tentando convencer a mim mesmo.

O simples fato da Ângela — sempre

ela — ter praticamente afirmado que está com outro, fez com que um sentimento muito ruim se rebelasse dentro de mim e se na hora eu me segurei para não quebrar tudo à minha frente e sacudi-la até que entenda que não pode fazer isso, agora o esforço em parecer uma pessoa civilizada cobra o seu preço.

A entrada dessa garota na minha vida está mexendo com coisas que não deveriam ser mexidas. Perto dela me torno um ser irracional, fazendo tudo ao contrário do que me impus e de tudo o que lhe disse quando afirmei não querer nenhum tipo de envolvimento com ela.

— Porra! — uma nova pontada vem,

fazendo-me quase perder o chão e só agora me lembro de tomar o analgésico, coisa que estava prestes a fazer, antes de ser interrompido pela Lua.

Depois de jogar o comprimido dentro da boca, abro o meu bastão guia e com o seu auxílio, ando alguns passos até alcançar o banco mais próximo do corredor. Pela quietude, suponho que o local esteja vazio e agradeço por isso. Tudo o que eu preciso nesse momento é um pouco de paz e silêncio. Ao me sentar, abaixo a cabeça, segurando-a entre as mãos e esperando que o remédio alivie a dor, pelo menos até que eu consiga chegar à casa do meu irmão e tomar um mais forte e eficaz.

— Está tudo bem com você? — Não

PERIGOSAS NACIONAIS

sei quanto tempo passou quando meu momento de bem-vinda solidão é interrompido pela voz que menos desejo ouvir nesse momento.

Ângela, o pequeno anjo.

Não que ela realmente tenha culpa de algo, o culpado sou eu mesmo por não conseguir controlar os meus sentimentos quando estou ao seu lado. Talvez isso seja o resultado de me esforçar tanto para medir minhas ações e palavras, quando na verdade estou prestes a explodir de ciúme.

Um sentimento que nunca foi um problema em nenhum dos meus relacionamentos, já que sempre prezei pela confiança e a segurança, passada de um parceiro para o outro.

PERIGOSAS ACHERON

Dessa vez e sem que eu tenha o menor direito, ele me afetou de tal forma que foi capaz de desencadear uma das maiores crises já tida até aqui. Ciúme de uma garota que eu indiretamente dispensei, logo depois de ter lhe segurando entre os meus braços.

— Tudo ótimo, só preciso de um tempo — digo, ao levantar a cabeça para poder conversar com ela, pois, apesar de ser indiretamente um dos motivos de toda a merda que está acontecendo, só de ouvir a sua voz já me sinto bem melhor.

— Não, Bruno, você não está bem. —
A voz está alarmada e já me arrependi de ter dado

espaço para esse papo. — Está pálido, cara. — Ela, tão carinhosa quanto aparenta ser, acaricia o meu rosto, indo da bochecha para o pescoço. — Um minutinho, vou chamar a sua namorada.

— Não! — digo imediatamente após ela terminar de falar. — Não faz isso, por favor — peço, sem medo de parecer estranho, afinal, Ângela pensa que estou novamente em um relacionamento com a outra.

— Tudo bem, então deixa que eu te leve para casa — insiste.

— Não precisa se incomodar, chatinha. Só preciso entrar em contato com o motorista, estou cego e não inválido — digo e o

PERIGOSAS ACHERON

embate com ela quase me faz esquecer a dorzinha que ainda persiste.

— A capacidade de ser grosso, pelo visto não foi afetada — rebate. — E não é incômodo nenhum, eu faria isso por qualquer pessoa. Não se sinta especial por isso — assevera, me deixando incomodado pela simples comparação.

— Nem passou pela minha cabeça — falo ressentido, quando ela me segura pelo braço, me ajudando a ficar em pé. — Chatinha.

— A sua sorte é que eu vim de carro, se fosse com a moto estaria sendo privado do privilégio da minha presença — debocha, ao

PERIGOSAS ACHERON

avancarmos pelo corredor.

— Eu não sobreviveria — devolvo, sentindo-me muito melhor. Só não vou dizer isso para ela.

De maneira irracional, quero um pouco mais da sua companhia.

— Ângela, você avisou para o casal açúcar que estava indo embora? Tem certeza de que não estou te incomodando?

— Já disse que não, eu já estava indo embora. Surgiu um imprevisto lá em casa, mas, nada que não possa esperar até que te deixe em casa.

— Algo que eu possa te ajudar? —
indago e por um momento todas as insinuações a respeito dos mistérios que envolvem a vida dela começam a passar pela minha cabeça.

— Não se preocupe comigo, o momento agora é de cuidar de você —
desconversa, o que me deixa alardeado e com isso, decido que chegou a hora de tentar descobrir mais a respeito da vida dela. Essa garota de uma forma ou de outra faz parte da minha vida e dessas pessoas, eu cuido, ou pelo menos tento.

Após ter dispensado o motorista que me vi obrigado a contratar depois do acidente, Ângela e eu nos encaminhamos para a garagem da
PERIGOSAS ACHERON

maternidade e é só quando ela abre a porta do carona que eu me lembro de uma informação tanto interessante quanto perturbadora dada ainda pouco por ela.

— Uma moto, é sério? — indago, e nem é uma surpresa. Ter tal veículo é bem a cara de uma garota ousada.

— Isso te assusta? — o barulho da batida da porta do motorista ressoa e em seguida ela dá partida.

— Não, meu anjo — nego — isso me parece sexy para caralho — revelo sem ter certeza se devia tocar em assuntos delicados. Delicado no sentido de correr o risco de agarrá-la novamente e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mandar para o inferno todos os medos e planejamentos.

— Tudo bem, só me fala onde preciso te deixar — passados alguns minutos, isso é tudo o que ela tem para dizer e fica claro o fato de não querer comentar sobre o que acabei de insinuar.

Mas também, o que eu esperava? Que ela entrasse em um jogo de sedução que não resultaria em outra coisa que não em nós dois nos pegando como loucos. E tudo isso para quê? Para depois ver-se rejeitada como já aconteceu duas vezes?

Como pedi, ela se manteve afastada durante esses dois meses e ironicamente, tive

PERIGOSAS ACHERON

poucas oportunidades de estar do seu lado, e nessas oportunidades, a chatinha fez questão de ser educada e amigável, nada diferente da forma com que trata qualquer pessoa.

Não deveria me incomodar com isso. Não tenho esse direito, mas é exatamente o que vem acontecendo, tanto que a gota d'água foi tê-la insinuando estar com outro cara, o que culminou numa atitude nada madura da minha parte. Mentir sobre um assunto que envolve outra pessoa não foi nada legal, não quando vivo repelindo as tentativas de aproximação da suposta namorada.

Após ouvir as minhas coordenadas até a casa do meu irmão, Ângela liga o rádio, avisando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com ações que não está a fim de conversar comigo, só o fazendo quando entre uma música e outra, pergunta se estou melhor da enxaqueca.

— Algum problema? — Bem perto de casa, desligo a porra do som e pergunto o que vem engasgado na minha garganta.

— Nenhum, por quê?

— Você está me ignorando desde o início dessa viagem — reclamo. — Eu não te pedi para me trazer e se soubesse que te deixaria tão desconfortável não teria aceitado. — Posso estar sendo injusto com ela e sua boa vontade, mas porra! Ela também não está facilitando a minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

— Fiquei preocupada com você —
defende-se.

— Agradeço a sua preocupação, mas
não precisa fazer o que não deseja, apenas por
sentir pena.

— Eu não sinto pena, Bruno — fala
com a firmeza de quem acredita no que diz. —
Diferente do que pensa, eu gosto de você e quero
ser sua amiga, assim como sugeriu há dois meses.

— Fico feliz que tenha seguido em
frente, que tenha encontrado alguém — falo da
boca pra fora.

O que eu sinto pode ser tudo, menos

felicidade.

— Lamento não poder dizer o mesmo para você, a Lua não é a santa da minha devoção e acho que a recíproca é verdadeira. Você merece coisa melhor — finaliza com a petulância que lhe é característica.

— Nesse caso minha torcida vai para a Ângela — falo, querendo ver a sua reação.

— Que feio, Bruno. Você não pode ir contra a sua namorada — rebate, nunca ficando por baixo.

— Ela não é a minha namorada.

— Perdão, quase namorada. —

Ângela não esconde a ironia na voz. — Pronto, Bruno Pires, o senhor está entregue, estamos na frente do endereço que você passou. — Desliga o carro, mas não pretendo sair sem esclarecer tudo com ela.

— Lua não é a minha namorada, meu anjo e nem voltará a ser. Eu menti quando insinuei o contrário.

— Por que você fez isso, Bruno?



Cartas na mesa



Poucas coisas são capazes de me deixar sem fala, mas o que Bruno acabou de falar com certeza é uma delas. Ele está admitindo que mentiu para mim quando quis insinuar uma possível volta com a Lua. O motivo? Esse eu mal posso esperar para ouvir e talvez seja essa a razão

de ele estar mudo, olhando para frente, como não se tivesse acabado de jogar uma informação como essa no meu colo.

— Bruno? — chamo para ver se ele reage e fala alguma coisa.

Estou ansiosa e muito, para uma pessoa que tomou dois tocos e resolveu consigo mesma que não iria atrás do terceiro. Em minha defesa — se é que tem defesa para isso — conta o fato de ter sido ele a começar. Primeiro quando admitiu achar sexy a ideia de eu possuir e pilotar uma moto e agora ouço ele confessar ter inventado essa suposta volta.

Simplesmente não tem como não

PERIGOSAS NACIONAIS

começar mais uma vez a me iludir, não quando meu corpo e meu coração já estão tão tomados de sentimentos por esse homem. Não digo que é amor muito menos paixão, até porque, esses são sentimentos que desconheço. Sei que gosto muito dele, gosto a ponto de desejar passar mais tempo ao seu lado, de conhecer a sua história e até mesmo tentar amenizar a dor que seus olhos vazios tentam e às vezes não conseguem esconder.

— Ciúme, um incontrolável, do jeito que não senti nem por minha ex-noiva — revela várias coisas em uma única frase.

Uma noiva, ele teve uma noiva. E agora, quem está com ciúme?

PERIGOSAS ACHERON

Nada que me disserem hoje me deixará tão feliz quanto estou por ouvir da sua boca a confissão de que teve ou tem ciúme de mim.

Não que ele tenha direito ou até mesmo motivos para isso, porém, eu sou a pessoa menos indicada para julgá-lo, pois se mentiu quanto a Lua, eu também não fico atrás. O despeito em vê-lo ao lado da ruivona fatal fez com que eu inventasse um suposto homem que nem mesmo existe na minha vida.

— Ciúme de mim? — É uma pergunta idiota, já que ele acabou de afirmar isso. Só preciso ouvir mais uma vez, para convencer-me de que não estou delirando. Não depois de dois meses onde

tive de vê-lo de longe, sem mais uma vez ir até ele e implorar por um pouco de atenção.

Sei que é patético nutrir tais vontades por ele que não faz nada além de me repelir e talvez até fosse diferente, se no meu íntimo não tivesse a convicção de que Bruno sente os mesmos desejos, só não fazendo algo a respeito por razões totalmente desconhecidas para mim.

— É o que estou dizendo. — Para o meu contentamento, o tenho novamente admitindo e isso só pode significar uma coisa: ele também gosta de mim, assim como eu dele, afinal, ciúme só se sente por uma pessoa que se gosta e se nem pela noiva ele sentiu...

De repente, me surgiu uma vontade de sair correndo pelada pela rua.

— Quando você disse que está ficando com outro cara, agi como um adolescente falando aquela bobagem só para não ficar por baixo e para de alguma forma tentar te atingir. É vergonhoso, mas eu não tenho como controlar, não quando se trata de você.

— Eu não estou ficando com outro, Bruno — falo, decidida que chegou a minha vez de confessar a minha própria mentira. — Ver a Lua tão grudada em você me deixou louca da vida, eu só queria te provocar e não me sentir tão rejeitada.

— Nós somos uma bagunça, meu anjo

— diz, não parecendo nem um pouco surpreso por eu ter usado a mesma tática idiota dele. — Nem adolescentes usam das artimanhas que usamos.

— Eu pelo menos tenho a desculpa de ter acabado de sair da adolescência — exagero. Ter vinte e um anos não combina com ter acabado de sair da adolescência. — E você?

— Com os meus trinta e quatro, não tenho desculpas, a menos é claro, se o fato de você me deixar louco e fora de controle seja uma. Por vezes quero te matar e outras quero te foder; é esse o meu estado de espírito desde a primeira vez em que nos encontramos.

Vira-se pela primeira vez na minha
PERIGOSAS ACHERON

direção e mesmo com a penumbra dentro do carro, ainda sou capaz de ver seu rosto e medir as suas expressões. Pelo que parece, Bruno Pires — finalmente — decidiu colocar as cartas na mesa, cartas que muito me agradam.

— Costumo mesmo causar esse tipo de reação nas pessoas. — É meu lado narcisista quem fala por mim.

— Sempre tão modesta e convencida da sua beleza, não é mesmo? — fala com os dentes brancos e bem alinhados à mostra. — Pena que eu não possa...

— E dessa vez, o que pretende fazer?
— Interrompo por ter certeza de que ele se ressentirá

PERIGOSAS NACIONAIS

por não poder me ver a cada bobagem convencida que sai da da minha boca. É por isso que preciso aprender a controlar a minha boca grande e sem filtro.

Alardear beleza e atributos físicos para quem não pode enxergar é o mesmo que oferecer doce para quem está de dieta.

Na tentativa de mudar o seu foco, faço a pergunta que lhe põe contra a parede e me deixa bem perto de ter o direito de pedir música no fantástico.

Já estou até sentindo a dor do pé no traseiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tem como fugir, apesar de saber que é um erro, eu não posso...

— Se permita, Bruno. — Aproximo-me do seu corpo, abrindo primeiro o meu e em seguida o seu cinto de segurança. — Vamos nos permitir, eu prometo fazer valer a pena.

— Eu sei que vai, minha chatinha — fala carinhoso, levando a mão até o meu rosto. — Mas se vamos fazer isso, tenho duas coisas para te pedir.

— Não sendo coisas ilícitas eu topo tudo — brinco com o fato de ele ser Bruno Pires, o grande advogado criminalista.

PERIGOSAS ACHERON

O meu advogado criminalista, não da
Lua e nem da ex-noiva, meu!

— Se vamos mesmo fazer isso, peço
que tenha um pouco de paciência comigo, como já
tem tido, mesmo eu não fazendo por merecer. —
Admite e esse parece mais com o Bruno que
sempre fantasiei na minha cabeça. — Há muito
tempo já não sei mais o que é me importar com
uma mulher além de sexo, então se eu fizer algo
que te machuque demais, não hesite em chutar a
minha bunda.

— Não tenha dúvidas de que farei.

— Eu me importo com você, meu
anjo. Quero tudo, menos te magoar. — A mão que

PERIGOSAS NACIONAIS

acariciava o meu rosto desce pelo meu braço, até alcançar a minha mão e entrelaçar os nossos dedos.

— E muito menos eu a você — digo, sem que a ficha tenha realmente caído.

Ainda não posso crer que estejamos tendo essa conversa e menos ainda que esteja conseguindo o que venho há meses — para não dizer anos — desejando.

— Outra coisa: podemos levar isso com calma? Preciso de tempo e creio que você também precise.

— Vamos fazer como você quiser, eu não sei o que se passa agora ou o que aconteceu na

PERIGOSAS ACHERON

sua vida, mas sei o quão difícil é para você recomeçar. Eu estou aqui, quero você e se depender de mim, isso entre nós tem tudo para dar certo. Só me deixa ficar perto.

— Eu deixo. — Ele puxa a minha cintura para bem perto do seu corpo e finalmente declara o que tanto quis ouvir: — Preciso de você por perto, o seu cheiro — leva o nariz até o pescoço e cheira o local — a sua voz doce, como eu imagino ser a voz dos anjos. Quero o seu corpo — fala com a boca a centímetros da minha e sinto meu corpo trêmulo da cabeça aos pés — a sua boca, tão gostosa e macia. — Sem os óculos escuros — como eu gosto de vê-lo — Bruno termina a

declaração fechando os olhos e colando a boca experiente à minha.

Como da outra vez, Bruno com toda a sua experiência, inicia o beijo com calma, envolvendo apenas os nossos lábios desejosos e pequenos gemidos de contentamento. E como da outra vez, ele muda de delicado para esfomeado sem aviso prévio e a mim só resta corresponder e aproveitar da delícia que é o beijo desse homem.

Se é assim com a boca, imagina como não deve ser usando o pau.

— Você conseguiu — fala, muitos minutos depois, longe da minha boca apenas o suficiente para que consiga respirar. — Ângela
PERIGOSAS ACHERON

Albuquerque conseguiu o que queria.

— Eu sempre consigo o que quero, meu lindo. — Sou convencida, o que faz ele achar graça. — Não há nada que eu queira que não consiga ter — finalizo, analisando sua reação. Não preciso que ele pense ser apenas um desafio para mim. Um desafio para uma menina mimada que pela primeira vez se viu rejeitada por um cara. A garota rejeitada toda a vida pelos pais e hoje não suporta receber isso de outras pessoas.

Ainda que o meu histórico deponha contra mim, ele não sabe o que se passa dentro da minha casa; mesmo se soubesse, não faria diferença, simplesmente porque nada entre nós tem

a ver com os meus complexos problemas pessoais.

Por ele eu sinto algo genuíno, um sentimento bom que não me lembro de ter sentido por homem nenhum na minha curta vida amorosa. Com Bruno, sinto-me como uma adolescente à espera do encontro com o primeiro namorado; anseio pelo beijo, pela presença, pelo toque. Por tudo, desde que seja com ele que apesar do início conturbado, veio como uma boa novidade na minha previsível e enfadonha vida.

— Eu agradeço pela sua persistência.

E agora você me tem, meu pequeno anjo — fala o apelido carinhoso que faz cócegas no meu estômago, como se dentro dele tivessem centenas

PERIGOSAS NACIONAIS

de borboletas batendo asas — o que pretende fazer?
— Bruno provoca, trazendo meu corpo quase para cima do seu, dentro do pequeno e apertado carro.

— Isso aqui — sou eu quem tomo a iniciativa dessa vez e parto para cima dele, colocando uma das pernas em cima das suas e ao segurar sua cabeça com as duas mãos, reinicio o beijo faminto e louco para recuperar todo o tempo perdido com sua negação e receios. Tão afoito quanto eu, Bruno toma as rédeas ao capturar a minha língua para dentro da sua boca, passando ele mesmo a controlar a nossa dança faminta e sensual.

Cheia de tesão e mal sabendo controlar meus desejos e sentimentos, abro o
PERIGOSAS ACHERON

primeiro e o segundo botão da blusa dele e ao passar para o terceiro, sua mão pousa sobre a minha, me impedindo de prosseguir.

— Ângela, com calma, lembra? — A voz é de repreensão, mas as mãos não saem da minha cintura e muito menos a boca deixa de beijar partes do meu rosto. — Na primeira hora você já está querendo transar dentro do carro.

— Desculpa. — Não tenho outra justificativa. — Não consigo resistir.

— Você também me parece muito gostosa, chatinha e ainda assim, a nossa primeira vez juntos não será hoje e muito menos dentro de um carro apertado.

— Tudo bem — falo com resignação, já sabendo que não será hoje o dia em que eu tirarei o cabaço do Bruno.

— Você precisa ir, deve estar cansada depois de tantas horas naquele hospital — diz, dando um último beijo na minha boca.

— Estou cansada, porém feliz. Muito feliz — digo, novamente me ajeitando no banco do motorista. — Vamos, vou com você até a porta da sua casa — chamo.

— Não precisa, eu sei me virar sozinho — avisa calmo, mas não consegue esconder o incomodo e já percebo que provavelmente a sua cegueira será um assunto

tenso entre nós.

— Eu sei que você pode Bruno —
afirmo com a voz doce, querendo convencê-lo. —
Só quero mais um pouco da sua companhia, faz
isso pela sua...

Dou uma pausa para pensar no que
dizer e como de costume, falo a pior coisa para
momento.

— O que seremos um para o outro,
Bruno?



Em família



Enquanto andamos pela calçada lado a lado e tendo o braço do Bruno em volta da minha cintura, a minha pergunta sem resposta paira no ar e se tivesse um buraco aqui por perto, eu certamente já teria enfiado minha cabeça dentro

dele.

Porra, o cara acabou de aceitar a nossa mútua atração e eu faço um comentário onde aparentemente peço o título de namorada.

Logo eu, que nem sei o que é isso. O pouco que sei é a experiência de um cara que tirou a minha virgindade, manteve comigo um namoro de meses, mas logo tive a desilusão de descobrir que ele sempre esteve mais interessado no status social e no dinheiro dos meus pais do que em mim.

Não que tenha sido uma verdadeira desilusão, até porque, esse namoro só começou por pressão dos dois que sentem prazer em me podar a bel-prazer. No fim, fiquei feliz, pois em um

PERIGOSAS ACHERON

primeiro ato de rebeldia e enfrentamento mandei o idiota para o inferno, terminando uma relação insossa e sem futuro.

— Sobre a sua pergunta, não sei o que te responder, Ângela. Você realmente me pegou de surpresa. — Ele decide quebrar o pesado silêncio, parando de repente o caminhar, quando já estamos bem perto da porta de entrada da casa em que mora com o irmão. — Me diz, o que você quer.

Porra! Como vou responder a isso?

— Eu... eu... — gaguejo.

Calma, Ângela, foi você quem criou a situação, agora dá um jeito de sair disso sem

PERIGOSAS NACIONAIS

parecer uma carente em busca de enlaçar um namorado e muito menos sem parecer uma devassa que só quer usar o corpo dele para satisfazer a própria lascívia.

Na verdade eu quero os dois...

Epa! Pensamento errado.

— Na verdade eu não sei bem — confesso — Podemos só nos curtir, sem rótulos — digo, e me parabenizo em seguida por ter conseguido elaborar a melhor resposta possível. — O que acha? — Fico na ponta dos pés e talvez por sentir o peso do meu corpo apoiado no seu, Bruno curva levemente o tronco para baixo, deixando a cabeça ao alcance da minha boca que já se encontra

PERIGOSAS ACHERON

irremediavelmente viciada na sua.

— Meu Deus, Ângela — abre os intensos olhos azuis depois de minutos incalculáveis e emenda: — Se você foder como beija, nós vamos passar muito tempo na horizontal — promete e como de costume, passa o nariz pelo meu pescoço, a fim de sentir o cheiro do perfume que mais cedo passei.

— Isso você só vai saber quando me pegar. — Me insinuo descaradamente. Agora já não tenho mais medo de levar um pé na bunda.

— E vou ter pegar, minha linda, muito. — Com os braços em torno da minha cintura, Bruno afirma perto do meu ouvido e um

PERIGOSAS ACHERON

arrepio de prazer passar pelo meu corpo.

Prazer e contentamento por perceber que estou onde desejei estar todas as vezes em que me insinuei e até mesmo quando neguei.

O dia de hoje foi todo cheio de surpresas e alegrias. Mais cedo foi o nascimento do meu pequeno João Guilherme e agora estou aqui, no calor dos braços de Bruno Pires, o meu sonho molhado há mais de dois anos.

— E quanto ao outro assunto, espero que você tenha incluído a exclusividade aos planos — diz. — Pelo tempo que durar eu quero você só para mim, ninguém além de mim terá o direito de te tocar — avisa. — Será minha, somente minha.

— Digo o mesmo para você. Eu quero a Lua e todas as outras longe de você, aqui só cabem duas pessoas: Bruno e Ângela.

— Não vejo a hora de tornarmos isso oficial. — Ele se agiganta sobre mim, sussurrando no meu ouvido. — E no meu dicionário, será oficial quando tiver o seu corpo nu entre os meus dedos.

— Parece um ótimo plano.

— Ele é, meu anjo. — Bruno assevera e com ele ainda abraçando à minha cintura, voltamos a caminhar pela calçada que leva até a porta da casa onde ele mora. — Agora vem deixar o seu não namorado indefeso na porta de casa, já está anoitecendo e você precisa descansar.

Fala ao pararmos em frente ao portão da residência que apesar de aparentemente ser grande, em nada lembra a mansão onde vivo com os meus pais. Um lugar grande demais para somente três pessoas viverem. Não que isso importe alguma coisa, para o casal Albuquerque, o que vale é poder mostrar para a sociedade o porquê de sermos considerados umas das famílias mais abastadas e influentes do estado.

Aqui nesse bairro classe média e na frente dessa casa, já me sinto bem mais confortável do que se estivesse dentro da minha própria casa. Acho que nem preciso entrar para ter certeza de que dentro dela e com a família que tem, Bruno é

rodeado de aconchego e de pessoas que o amam.

— Boa noite — digo, só agora lembrando e esperando que ele peça o número do meu celular e se não pedir eu mesma peço o dele.

Preciso disso ou nem vou conseguir dormir com medo de ele mudar de ideia.

— Bom descanso, meu anjo — Bruno coloca as suas mãos no meu rosto e está a ponto de me dar um último beijo quando uma forte luz cai sobre nós. — Ah, não! — reclama e aparentemente desistiu do beijo.

A claridade vem da varanda da sua própria casa, acesa no momento em que uma

mulher muito bonita abre a porta.

— Ignora. — Bruno pede sem ao menos saber quem é, deixando-me sem entender nada.

Aparentando ter idade próxima aos quarenta, a mulher loira logo nos avista e por alguns segundos ela encara a cena — onde eu e Bruno estamos muito próximos — com aberta surpresa, mas logo se recupera. Se fosse madrugada seu grito certamente teria acordado os vizinhos.

— Felipe, querido, vem aqui um momento — chama e um homem muito parecido com Bruno aparece. — Olha só quem chegou acompanhado.

— Por essa eu não esperava. — Ele vem para mais perto de onde estamos e como a esposa, não esconde o misto de curiosidade e surpresa por me ver aqui.

Isso pode significar que Bruno não tem o costume de trazer mulher em casa, o que me deixa mais contente do que deveria, até porque o sentimento de possessividade não cabe nessa equação.

— Não começa, irmão — pede, visivelmente incomodado. Acho que esse encontro não estava nos seus planos para hoje e talvez nem para um futuro próximo.

— Me diz, mano, essa moça é sua

PERIGOSAS ACHERON

namorada? — Ignorando o pedido do irmão, Felipe faz a pergunta indiscreta e ao notar o quanto ele ficou desconcertado, decido eu mesma responder.

— Prazer, Ângela — estendo a mão em cumprimento. — Sou amiga dele.

— Amiga — repete e parece não acreditar no que digo. — Muito bonita a amiga dele, não é mesmo, meu amor? — Ele abraça carinhosamente a cintura da loira e pelo clima, nota-se claramente que é um casal que se ama.

— Realmente, você é muito linda, Ângela e meu cunhado tem muito bom gosto para as amizades.

— Vamos deixar de conversar na porta como um bando de mexeriqueiras. Vai, irmão, convide a sua amiga para entrar e jantar conosco. Está quase pronto, não é mesmo Ana? — Ela só acena com a cabeça e no rosto tem o sorriso e a expectativa pela minha resposta.

— Não precisa se incomodar, eu realmente tenho de ir — digo a fim de nos poupar do constrangimento.

— Não, chatinha. — Ele segura minha mão quando estou prestes a virar-lhes as costas. — Fica e janta conosco. — Seu pedido me deixa surpresa e só saberei se fez por querer ou apenas por educação se eu entrar e ficar para o jantar.

— Tudo bem, eu fico — contente, o casal volta para dentro da casa, mas não sem antes comentar entre si:

— Chatinha?

— Isso é coisa nossa, Felipe, meta-se com a sua vida e para de ser fofoqueiro. — Bruno responde, entrelaça os nossos dedos e me pergunto se ele não se importa de o irmão e a cunhada nos perceberem assim, andado de mãos dadas como um casal de namorados e não de amigos, como eu acabei de afirmar.

Dentro da casa — que se parece exatamente como imaginei — noto uma sala espaçosa e sem móveis espalhados pelo espaço e

PERIGOSAS ACHERON

isso deve ter a ver com a adaptação do ambiente apropriado para as necessidades de Bruno. O piso antiderrapante e os móveis com cantos arredondados são apenas algumas das diferenças desse ambiente para o das casas comuns. Diferenças que me deixam muito contente, pois sei que aqui ele tem tudo que precisa para uma vida confortável e adequada para as suas necessidades.

O jantar foi tudo o que os lá de casa não são. Envoltos em uma atmosfera de alegria e descontração, vi uma família de verdade, onde se provocam a todo o momento, mas não escondem o quanto se amam e se respeitam.

No final me ofereci para ajudar Ana

com as louças e apesar da resistência, aqui estou eu, com um pano de prato nas mãos secando louças. Não que eu já tenha feito isso, mas sempre há uma primeira vez para tudo.

— Ângela... — Ana quebra o silêncio como eu sabia que faria, pois, desde o início do jantar sinto-a me observando com curiosidade, como se tivesse doida para me interrogar.

— Pode falar, Ana, seja o que for, sei que tem coisas que quer saber a meu respeito — digo e isso não me incomoda em absoluto, sei que faz isso por se preocupar com o cunhado.

— Eu não sei qual é o tipo de relação de vocês, ainda que digam serem apenas amigos.

— Nem ela acreditou nesse papo. — Só sei que é muito bom ver Bruno assim.

— Assim...?

— Não sei explicar, me pareceu diferente durante o jantar, mais feliz do que tem estado ao longo dos últimos anos e se essa mudança tem alguma coisa a ver com você, te peço para que seja sempre sincera com ele e os sentimentos que tem. Tudo o que Bruno menos precisa é de uma nova decepção.

— Você está falando da ex-noiva? — indago, curiosa em saber mais sobre ele e seu passado.

— Ele te contou algo a respeito dela?

— pergunta, surpresa e já não está mais lavando a louça, assim como não estou mais enxugando. No momento a nossa conversa é mais importante do que os serviços domésticos.

— Não, só mencionou por alto a existência de uma ex-noiva, nada mais que isso. Qual a história deles?

— Querida, não cabe a mim te abrir essa história. — Ela coloca a mão úmida em cima da minha e continua: — Quando se sentir seguro ele vai te contar tudo o que aconteceu na vida dele nos últimos cinco anos. Só posso dizer que apesar de tudo, Bruno é um homem bom, e que essa

máscara de durão é apenas uma capa protetora, vestida por uma pessoa que já perdeu muito e não suporta a ideia de estar exposta a novas decepções.

— Eu gosto muito dele, Ana — confesso, revelando meus sentimentos, assim como ela está sendo sincera comigo. — É mais provável que eu saia machucada dessa história, não ele — exponho a minha vulnerabilidade.

— Não vai, querida. Só tentem se acertar de alguma forma. Eu vejo longe e sinto que há uma energia muito boa entre vocês dois, tentem ser felizes. — Ana me abraça e agora entendo o motivo de ter simpatizado com ela de graça.

— Minha loira, vem aqui. — Felipe

aparece na cozinha e a puxa pelo braço. — Vem dar uma atenção para o seu homem. — Eles saem e não me resta outra saída além de jogar o pano de prato em cima do balcão da cozinha e sair atrás do Bruno. Na sala, o encontro sentado no sofá e uma expressão pensativa.

— Eles foram para o quarto — falo o óbvio.

— Sim, eles não acreditaram na história de sermos apenas amigos e quiseram nos dar privacidade — explica.

— É melhor eu ir, você também precisa descansar — digo e no mesmo instante ele fica em pé e com a mão esticada para frente, dá

PERIGOSAS ACHERON

alguns passos até que consiga tocar meu braço.

— Já que estamos aqui, o que acha de
conhecer o meu quarto?



Intimidade



Depois de fazer exatamente o que vinha me negando desde o perturbador encontro no banheiro, aqui estou eu, mais uma vez fazendo o contrário do que planejo ao chamar a chatinha para conhecer o meu quarto. Tudo isso depois de ter

PERIGOSAS NACIONAIS

sugerido irmos com calma na nossa relação confusa e sem rótulo.

Por enquanto é até bom que seja assim, pois a única coisa que me interessa é saber que ela é minha, assim como eu sou dela.

Quando Ângela pediu para me acompanhar até a porta não imaginei que acabaria dessa forma, com nós dois jantando com a minha família e eu lhe convidando para o meu quarto. Ainda estamos no primeiro dia desse "acordo" e tudo saiu do controle, mas, quem se importa com o controle? Desde o momento em que ela entrou no meu caminho essa palavra deixou de ser a mais importante no meu dicionário. Agora, dentro dos

PERIGOSAS ACHERON

limites que ainda consigo manter, vou deixar meus instintos me guiarem e explorar com ela todo esse desejo que temos um pelo outro e a vontade de ficarmos juntos. O fim? Esse mais dia ou menos dia chegará; não tenho a ilusão de algo duradouro e permanente. Não quando sou um maldito cego que se viu obrigado a morar com o irmão, para pelo menos sobreviver sem causar mais danos a si mesmo e conseqüentemente, dar mais trabalho para a família que já não tem nenhuma obrigação para com um homem de trinta e quatro anos.

— E aquela história de: vamos com calma? — Óbvio que ela não deixaria passar em branco.

— Ângela, também não estava nos planos o jantar com o meu irmão e cunhada e, no entanto, ele aconteceu e foi muito agradável. Já que está aqui, não custa nada te apresentar o único cômodo da casa que a Ana não te mostrou. Logo o mais importante. — Brinco, segurando a sua mão e com a segurança que não encontro em nenhum outro lugar, levo-a para o meu quarto.

— Faz tempo que mora com o Felipe?
— Ângela indagada no momento em que levo a mão até a maçaneta da porta.

A pergunta já era esperada e não vejo o porquê de me incomodar com a sua curiosidade. Já é o momento de ela conhecer algumas coisas

sobre a minha vida, tanto a de antes quanto a de depois do acidente. Ângela vai entrar nessa sabendo exatamente o que a espera ao se relacionar com um deficiente visual.

— Cinco anos. Ele me convidou para morar com aqui depois do acidente — revelo, não gostando de lembrar. — Do hospital vim direto para cá.

Fechando a porta atrás de nós, tenho na mente lembranças que gostaria de esquecer; memórias revividas como se tivesse acabado de acontecer. Quando elas vêm, sinto o desespero de acordar de um coma e perceber que não posso enxergar, me dar conta de que estou na escuridão,

tendo de escolher entre incomodar o irmão, na época recém-casado ou os pais que não tem mais idade para lidar com um filho que de independente tornou-se completamente dependente.

Eu, já conhecido como o grande advogado criminalista passei a ser ainda mais admirado, não uma admiração que me cause orgulho, pelo contrário, ela serve apenas para me lembrar todos os dias quem eu sou, o que me tornei: o grande criminalista, que mesmo cego, ainda mantém o seu posto.

Posto mantido pela necessidade de permanecer com a mente sã e que graças ao Erick e João, tive a oportunidade de seis meses após a

PERIGOSAS ACHERON

minha acordar do coma voltar pouco a pouco à rotina de trabalho dentro de um escritório. Foi um período difícil para mim, considerando o retrocesso que a minha vida profissional teve. De dono de um escritório em ascensão, passei a ser somente mais um dos advogados do renomado J&E Advogados e Associados. Escritório escolhido por mim mesmo, uma vez que já tinha tido oportunidades de encontrar os sócios em alguns eventos e na pouca interação, os homens me causaram boa impressão, nada diferente da fama que os precedia.

No dia em que — com a ajuda do meu irmão — fui à busca de um recomeço, lembro-me de ter conversado com Erick Estevam. Foi nesta

PERIGOSAS NACIONAIS

oportunidade que ele me esclareceu à cerca do trabalho, comentando inclusive o fato de eu não ser o único deficiente visual a integrar o quadro de advogados do escritório. A J&E tem um programa onde dá condições de trabalho para portadores de necessidades especiais e isso não se restringe apenas à deficiência visual.

Hoje, depois de cinco anos — sem contar os dois passados fora do país — me felicito por ter feito a melhor escolha, pois além de ter encontrado um lugar totalmente apto para suprir as minhas necessidades, ainda ganhei um amigo como o Erick Estevan, o homem que desde o início me tratou como igual.

PERIGOSAS ACHERON

— Diferente? — Noto Ângela em silêncio do meu lado e não preciso da visão para saber que está olhando para tudo com curiosidade, assim como deve ter reparado algumas diferenças em todo o resto da casa. Coisa de irmão mais velho que ao saber da minha — forçada — escolha, fez todas as mudanças necessárias à minha adaptação na nova realidade. Não que isso impeça a aparição de alguns roxos pelo meu corpo, mas certamente eles são bem menos do que seriam se ele não tivesse sido tão cuidadoso.

— Não muito — diz e ouço os seus passos denunciarem o afastamento. — Tenho certeza de que tudo está como deve ser.

— Meu irmão e minha cunhada foram muito gentis — assevero num tom de voz mais alto por não saber exatamente onde ela está.

— E seus pais, onde eles estão? — indaga e logo emenda — Bruno, me desculpa por tantas perguntas e se estou sendo invasiva demais.

— Não precisa se desculpar por isso, é normal você querer saber mais a meu respeito, assim como tenho curiosidade de saber sobre você — pondero, ela não comenta sobre eu ter afirmado querer saber mais da sua vida e logo segue o assunto.

— Vem, vamos sentar aqui na cama — chama e fazendo como propôs, sento-me na

PERIGOSAS ACHERON

ponta e minha chatinha logo se senta do meu lado
— o pensamento vem e me dou conta do quanto a
palavra "minha" tem aparecido no meu vocabulário
quando o pensamento tem a ver com essa garota.
— E já que deu o seu aval, me conta dos seus pais
— pede.

— Eles são casados há mais de
quarenta anos, já têm idades avançadas e moram a
apenas alguns quarteirões daqui da casa do meu
irmão. Felipe quando casou decidiu comprar o mais
próximo possível deles.

— E você?

— Quando abri o escritório e ele
começou a crescer, comprei um apartamento em
PERIGOSAS ACHERON

um prédio de luxo, não muito perto daqui, porém bem próximo do meu escritório. Hoje tanto o apartamento quanto o escritório estão fechados. Quem sabe um dia eu não retorne? — falo, saudosista.

— Sente muita falta de como sua vida era antes, não é? — questiona e na sua voz não existe julgamento ou mesmo pena, apenas pura e simples curiosidade.

— Sinto, mas não tanto quanto no início, foi a vida que levava, o vício pelo trabalho que me trouxe até aqui.

— Eu sinto muito, Bruno — sinto sua mão macia no meu pescoço, um gesto de carinho,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acompanhado de sentimentos que em nada me agradam.

— Não sinta pena de mim, meu anjo.

— Levo a mão até a sua e a afasto do meu rosto. —
Sinta raiva, paixão, tesão; menos pena.

— Já disse uma vez e vou repetir: Não tenho pena e nunca tive sentimentos que ao menos lembrem o de pena por você, Bruno. E sabe por quê? Você, apesar de não se enxergar assim, é um homem completo, bem sucedido e que não merece menos que os outros. É tão lindo... — ela leva as mãos até o meu rosto novamente, fazendo um carinho que dificilmente não se tornará uma necessidade para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Ângela, depois de aprender a conviver com as minhas limitações e a não mais me lamentar por elas, você tem feito com que isso aconteça. Hoje eu lamento não poder ver o seu rosto, o corpo que tanto tem me tentado...

— Não pense isso. — Ela coloca a ponta dos dedos contra a boca e continua: — Vamos pensar no que temos aqui, eu quero que me sinta. — Leva as minhas mãos para o seu rosto e como fez há mais de dois anos, auxilia no início para em seguida deixar que eu mesmo continue com a exploração.

Me deliciando com cada segundo, viro meu corpo para o seu lado e inicio pelos cabelos

macios e lisos.

— São escuros como uma noite sem estrelas. — Ângela revela quando chego às pontas que terminam na altura dos seus seios.

— Tem o cheiro doce de frutas vermelhas. — Levo uma mecha ao nariz, descobrindo que o cheiro que por anos não saiu da minha lembrança é na verdade advindo de algum creme para o cabelo e não de um perfume, como eu imaginava.

Dos cabelos, subo novamente para o alto do rosto, passando pelas sobrancelhas, bochechas e pelo nariz pequeno e arrebitado. Por fim, passo calmamente os dedos pelos lábios cheios

e não preciso de mais nada pra me convencer de que é linda. Tão linda quanto ouço por onde quer que o nome Ângela Albuquerque seja mencionado.

— Perfeita, meu anjo — deixo-a ciente da minha constatação. Quando penso em afastar-me, ela desce minha mão mais para baixo, até que esteja na altura do seu seio e sugere:

— Não quer continuar? Gosto tanto do seu toque — confessa, tornando as coisas muito difíceis para mim.

— Não mais que o meu prazer em ter as mãos em cima de você, chatinha. — Atendo o seu desejo e também ao meu, segurando com gosto os seus médios e firmes seios. A carne certamente é

PERIGOSAS ACHERON

tão macia quanto outras partes do seu corpo e me deixa com a boca salivando por vontade de abocanhá-los entre os meus lábios, até que os sinta quentes e marcados pela minha posse.

— Assim — ofega, deixando claro o quão sensível é ao meu toque.

— Linda, não foi para isso que te chamei aqui — digo a verdade, pois apesar de em noventa e nove por cento dos casos fazer sexo seja a intenção, o meu convite — dessa vez — não teve segundas intenções ou não tinha. Agora estando nós em cima da minha cama, pela minha cabeça passam segundas, terceiras e quartas intenções. —

Me peça para parar, você está cansada e não tem

PERIGOSAS NACIONAIS

que ser assim a nossa primeira transa — falo, para em seguida puxá-la pela cintura para mais perto do meu corpo.

— Vamos namorar só um pouco — pede. — Está ficando tarde e meus pais vão me matar, caso eu chegue tão tarde. — O fim da sua frase chama a minha atenção, mas não tenho tempo para pensar, já que afoita do seu jeito de sempre, Ângela parte para o ataque.

O namorar um pouquinho da Ângela demora mais que um pouquinho. O beijo passou para mordidas dela no meu pescoço e vice versa, do beijo no pescoço a parte de cima das nossas roupas sumiram e quando percebi que não tinha mais

PERIGOSAS ACHERON

como adiar, pedi licença para ir ao banheiro atrás de um preservativo.

Mesmo sem estar vendo, sei que deixei minha chatinha deitada à minha espera e pensar nisso me deixa ainda mais excitado e possessivo.

Para porra do meu azar, não encontrei nenhum preservativo no banheiro e muito menos dentro da minha carteira — lugar onde sempre tive a mania de deixar um. Dessa vez quando eu mais precisei, a porra não estava lá.

Na hora em que saí para — vergonhosamente — pedir um para Felipe, o idiota me faz perder mais tempo com suas gracinhas e

PERIGOSAS ACHERON

quando finalmente consegui voltar para os braços do meu anjo, não a encontrei do jeito que imaginei encontrar.

— Aqui está, espero que a minha demora não tenha cortado o clima — digo e recebo o silêncio como resposta.

— Ângela, tudo bem? Por que não responde? — O desespero começa a me tomar, fazendo-me amaldiçoar o maldito dia em que fiquei cego.

— Mantenha a calma, Bruno — digo em voz alta, me encaminhando para onde a deixei.

Ao tatear o espaço, a encontro inerte,

respirando calmamente.

Eu não acredito que ela está...

— Não me enganei quando disse que estava cansada, minha linda. — Ajeito-a melhor sobre a cama, para em seguida cobri-la com o lençol que fica sobre a cômoda gentilmente colocado por Ana ao lado da king size. — Tenha uma boa noite de sono, Anjo.

Deitando-me do seu lado, sinto que finalmente a minha vida, antes envolta na escuridão, esteja se enchendo de luz.



Lugar hostil



Tão bom estar com o corpo colado ao dele, o braço forte em volta da minha cintura. Eu só queria ficar mais um pouco. Quem sabe acordar e ainda estar aqui, vendo-o logo pela manhã.

É uma pena que isso não seja possível,

que não tenha opções de escolha. O fato de eu ainda estar presa na teia tecida à minha volta desde muito nova me impede de perseguir todos os meus sonhos e desejos. É como se eu fosse uma menina de quinze e não uma mulher de vinte e um anos. Ainda dou satisfações — contrariada e tendo de fugir da casa do namorado no meio da noite, apenas para não irritar os pais, mais do que já irritei por chegar tão tarde e sem ter avisado onde estive.

Mas, como poderia fazer isso? Não é como se eu tivesse abertura para dizer que estava até tarde da noite na casa de um namorado, ficante, ou seja lá o que signifique para eles um interesse amoroso que não seja o que eles decidiram ser o

melhor para mim.

— Tenho que ir. — Após desvencilhar-me do seu abraço, dado em forma de uma maravilhosa conchinha, desço a cabeça até altura do seu ouvido e me despeço: — Tente não ficar muito bravo quando acordar, eu preciso fazer isso.

Ele nem se mexe e no belo rosto tem a serena expressão de quem dorme um sono tranquilo, longe de qualquer dificuldade ou tormentos que a luz do dia traz consigo.

— Espero que não fique muito bravo comigo — termino beijando no canto da sua boca, para em seguida levantar e a contragosto, vestir a

PERIGOSAS ACHERON

minha blusa e fazer o que tem de ser feito.

— Já está indo, querida? — Quase caio de susto ao sair do quarto do Bruno e me deparar com Felipe e Ana sentados no sofá e aparentemente assistindo a um programa de culinária.

Mas, que horas são? Eles costumam mesmo assistir programa de culinária durante a madrugada?

— Já deu a minha hora. — Na verdade, já passou da hora.

— Por que não passa a noite por aqui mesmo? Se quiser, temos um quarto de visitas —

sugere Ana.

— Meus pais não entenderiam —
explico, tirando o celular de dentro da bolsa e o visor mostra que o casal não é tão estranho quanto imaginei, afinal, é quase meia-noite e não plena madrugada, como eu imaginava.

Foram tantos acontecimentos que a última coisa com que me preocupei foi olhar o relógio. Com Bruno, principalmente com ele, preferi deixar os problemas de lado. Eu, no fundo da minha mente, sabia que minhas ações, pautadas pela felicidade do momento trariam suas consequências e nem assim deixei de experimentar, de vivenciar o que me faz feliz.

As consequências? Essas virão de qualquer forma e a mim só resta viver o que me faz feliz e minimamente sã em meio a tanta loucura e cobranças.

— Então é melhor você ir, querida. — Eles se levantam para despedir-se. — Não queremos que tenha problemas e tenho certeza de que o Bruno também não.

— Ela está dormindo — falo, sem jeito.

— É claro que está. Se não tivesse estaria aqui, colado em você — o irmão afirma.

— Vocês têm caneta e papel? —

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunto, lembrando que acabei esquecendo de pegar o contato do Bruno.

— Espera. — Felipe vai até a mesinha de centro, pega o que pedi e depois de ter os objetos em mãos, anoto os meus dois números — não quero arriscar. Se não receber nenhuma chamada sua é porque não quis mesmo falar comigo — devolvo e recomendo:

— Estrega para o Bruno, por favor. — Ana assente e reforço para fique mais claro. — São meus contatos, não esquece de entregar para ele.

— Pode deixar — Ana parece estar se divertindo com o meu desespero, isso porque não sabe do perrengue que foi para chegar até aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi um prazer conhecer vocês. —

No portão, despeço-me, não falando o que se espera para a ocasião e sim a verdade, pois, da forma como imaginei quando avistei a casa de longe, dentro dela o ambiente é caloroso e lá moram pessoas boas. Eles são tudo o que uma família deveria ser. Bruno apesar de tudo tem o apoio e uma família que o ama. Saber disso me deixa feliz e triste em igual proporção.

Feliz por ele e triste por mim.



PERIGOSAS ACHERON

Pé ante pé, caminho discretamente pela sala de casa, tudo para não chamar a atenção de quem ainda esteja acordado.

Já estou pisando no primeiro degrau da escada, o alívio já toma conta do meu corpo, mas a alegria dura pouco. A luz da sala é acesa e no meio dela — com o controle na mão — está a minha mãe, me fuzilando com o olhar.

Dona Mara Albuquerque com seus quase cinquenta, aparenta ter menos do que realmente tem e os cabelos escuros e olhos azuis — características herdadas por mim — formam um conjunto harmonioso que a torna uma mulher elegante e bela; beleza que esconde perfeitamente a

frieza e a dureza do coração.

— Esteve aonde até essa hora, Ângela? — fala com aparente calma, mas não esconde o quão irritada está. — Não minta dizendo que estive na mansão da Marina Estevan, porque eu sei que ela acabou de ter o bebê.

Sempre que posso, passo algumas horas na companhia da minha amiga, principalmente nessa reta final da gestação e mamãe sabe disso, pois é o que respondo todas as vezes que me interroga. O problema reside no fato de nem todas às vezes eu realmente estar na casa da Marina.

Minto e ela parece ter o dom de saber

quando o faço.

— Eu estava no hospital, o meu afilhado acabou de nascer e tenho a obrigação de estar do lado deles — me justifico.

Eu realmente deveria estar do lado deles, auxiliando em tudo o que for necessário, mas o medo de causar mais atritos entre mim e meus pais me fez pedir desculpas por não ficar por mais tempo.

No meio do caminho apareceu um Bruno visivelmente passando mal e mesmo se não fosse ele, eu teria parado para ajudar. Sendo ele, serviu apenas para fazer-me esquecer do desejo de ser uma boa moça e ficar fora de casa até meia-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

noite, horário que para a minha mãe não é adequado para uma moça de família ficar na rua.

— Não, você não estava até essa hora no hospital, Ângela — desmente — Eu liguei mais cedo para lá, falei com o próprio Erick e ele disse que você tinha saído há horas. Onde você esteve, Ângela?

Ela está se segurando para não explodir e eu desço os degraus que já tinha subido, vou mais para perto dela e termino por confessar:

— Fui levar o Bruno em casa, ele estava passando mal e não pude ver e deixá-lo sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Se refere a Bruno Pires, aquele advogado cego? — fala com desdém, não me agradando nem um pouco a sua forma de falar.

— O Bruno Pires, grande advogado, o cego fica por sua conta — assevero, dando munições para as suas desconfianças.

No dia que eu aprender a manter a boca mais fechada ou pelo menos pensar antes de falar, é certeza de que meus problemas irão diminuir.

— Cego, foi o que ele se tornou — reafirma — e desde quando tem tanta amizade com esse homem? Sim, porque para defendê-lo dessa forma, imagino que sejam íntimos?

— Ele é o melhor amigo do Erick e também padrinho do bebê junto comigo. A senhora devia saber disso, já que ele também foi padrinho do casamento dos Estevan junto comigo. A senhora e papai estavam presentes no casamento. Não se passou tanto tempo para que não se lembre.

Realmente não passou muito tempo, o fato de mamãe não saber revela o quanto ela presta atenção na filha que tem. Para dona Mara e seu Tarcísio, o que importa é manter o bom nome da família e controlar a filha rebelde, que em seus pontos de vista, nunca se encaixou nos moldes esperados — mesmo fazendo de tudo para agradá-los — e que em seus desejos, deveria ter nascido

menino.

— Eu não tenho tempo para me prender a bobagens, minha filha. — É claro que não.

Mamãe realmente é muito ocupada. Ocupada em escolher a roupa e sapatos que vai usar na próxima festinha dada por alguma socialite ou com os preparativos da próxima reunião do clube de golfe.

— Vou subir, estou morta de cansada.
— Dou dois passos, mas é óbvio que não seria tão fácil assim.

— Ainda não terminamos, garota.

Você ainda não explicou o que andou fazendo na rua até uma hora dessas. Esse Bruno mora tão longe assim?

— Não — digo, pois há situações em que não adianta mentir, minha mãe é muito esperta e se percebe algo errado, pressiona até ouvir o que deseja. — Fiquei para jantar com a família dele.

Deixo de fora o fato de ter estado na cama do Bruno e de ter quase transado com ele. Pena que o sono venceu e não pude ter o prazer completo.

— Ângela, escuta bem o que estou te falando: você não se atreva a ter qualquer tipo de relação amorosa com esse homem, não dê mais

PERIGOSAS ACHERON

esse desgosto para o seu pai.

— Vocês não têm o direito... — Meus olhos ardem por saber que eles têm sim o direito.

Eu dei esse poder a eles não só pelo que aconteceu, mas também pelo que aceitei durante os vários anos que se passaram.

— Nós temos sim, querida — ela chega do meu lado e passa a mão pelo meu rosto, como se essa fosse uma típica cena de carinho entre mãe e filha.

Frágil e tornando-me outra pessoa — como sempre acontece quando estou dentro dessa casa —, começo a chorar e demonstrar um lado meu

PERIGOSAS NACIONAIS

que não gosto, mas que infelizmente, aparece por mais vezes do que eu gostaria.

— Você com a sua rebeldia de sempre trouxe a desgraça para a nossa família, agora cabe a você tomar cuidado para que outra não aconteça.

— E-eu sei — fungo, limpando o rosto com as costas da mão.

—Agora suba, tome um bom banho quente e descanse, amanhã será outro dia — fala carinhosa, ao dar um beijo da minha testa.

Um carinho que só vem quando ela tem certeza de que me tem calminha, como um cachorrinho adestrado para fazer as vontades do

PERIGOSAS ACHERON

dono.

A Ângela de verdade, a que sempre foi alegre e irreverente, essa não serve e talvez eles tenham razão.

— Boa noite, mãe. — Finalmente posso seguir o meu caminho e recolher-me na minha concha, nada diferente do que sempre faço quando estou entre essas paredes.

No quarto amplo e luxuoso, onde as cores pastel e roxo predominam no ambiente, joga minha bolsa no chão para em seguida eu mesma me jogar sobre a cama. Ainda soluçando, me repreendo por demonstrar tamanha fraqueza e me permitir desabar dessa forma. É sempre assim, uma batalha

PERIGOSAS ACHERON

psicológica a cada passo considerado fora da curva pelos meus pais.

Assim que o surto passa, não demora mais que alguns segundos para motivo das lágrimas se transformarem. Com o sorriso no rosto, me vem à memória tudo de bom que aconteceu no dia de hoje. O nascimento do meu pequeno príncipe, tão lindo e tão amado. A rendição do Bruno, tão sincero e despiando-se dos temores, dizendo com todas as letras que quer o mesmo que eu.

Os beijos apaixonados, suas mãos explorando meu corpo com perícia, ainda que por cima das roupas. Tudo foi bom, melhor que os devaneios. E por isso não permitirei que nada me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abata e tire a minha alegria. Hoje só tenho motivos para estar feliz.

É com esses pensamentos que acabo me entregando mais uma vez ao sono. Satisfeita e cheia de expectativas pelo novo dia, um dia em que acordarei com as forças renovadas, afinal:

O Bruno é meu, finalmente meu!

PERIGOSAS ACHERON



Lugar vazio



Acordo com o toque estridente do despertador programado para todos os dias — sem exceção — tocar às 07h30min da manhã e diferente do esperado, o meu lado da cama está vazio, restando como prova da sua presença somente o

cheiro dos seus cabelos, ainda impregnado no lençol.

Estranhamente, Ângela me deixou em algum momento e não faço ideia dos motivos para isso, quer dizer, talvez eu faça. Além de a chatinha ainda morar com os pais e certamente dever algumas satisfações, ainda conta o fato de ela ser praticamente uma menina. Sim, eu que passei parte do namoro do Erick lhe zoando por estar com uma ninfeta, agora estou tendo um caso com uma. Ângela já tem vinte e um anos, mas ainda assim continua tendo treze anos a menos, o que a torna uma perfeita ninfeta a ser vista pela sociedade com um homem de trinta e quatro anos. Obviamente

isso não será um fator determinante para nossa relação, a menos que a sua dependência dos pais se torne um grande problema para mim.

Nessa fase da minha vida, prezo pela minha paz de espírito e tudo o que não quero é ter problemas com os Albuquerque, nem mesmo a boceta dos meus sonhos vale tanto.

Depois de levantar e fazer a higiene matinal, dirijo-me para a cozinha, sendo — como sempre — recebido pelo bom humor e pelas provocações sem propósito do meu irmão.

— Meu amor, veja se não é o belo adormecido quem acaba de adentrar por essa cozinha. — Com segurança — por já estar

PERIGOSAS ACHERON

acostumado com o ambiente — cominho para a mesa, puxo a cadeira que nunca muda de lugar e antes que minha cunhada comece a encher-me de comida, dou a atenção que o Felipe procura.

Irreverente desde sempre, ele passou a vida me zoando pelas mínimas coisas e não foi a cegueira capaz de mudar isso. Sua atitude, apesar de tudo, só me faz amar e admirar ainda mais a pessoa que ele é. Felipe me faz sentir mais como o Bruno de antes e não como o homem dependente que me tornei.

— Bom dia para você também, meu irmão. — Toco a xícara à minha frente e como ela sempre faz de tudo para tornar a minha vida mais

fácil, pego a garrafa de café que Ana deixou no centro da mesa pequena. — Como passou a noite?

— Melhor que você, isso eu passo garantir. — assevera. — O que houve, Bruno? Em um momento você está igual doido, atrás de camisinha e no outro vejo a menina fugindo daqui o mais depressa que pôde.

— Ele te pediu camisinha? — Ana está sorrindo, porque Felipe não poderia ter escolhido mulher mais parecida com ele.

Ana, a garota que desde a primeira vez em que ele trouxe para apresentar aos nossos pais conquistou a minha simpatia e amizade. Amizade que ainda não havia construído com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher nenhuma. Foi Ana, com a sua capacidade de ler as pessoas a primeira a duvidar do carácter da Carolina.

No dia em que eu a trouxe, Ana virou-lhe o nariz e não teve ninguém capaz de fazê-la mudar de ideia quanto à antipatia imediata desenvolvida pela minha namorada. E se todos levaram suas implicâncias com divertimento e atribuindo ao ciúme todos os seus avisos quanto ao carácter da minha até então namorada, o tempo e o acidente trataram de mostrar que era ela quem sempre esteve certa. Carolina deixou provado com o seu abandono que o seu amor não era tão forte assim.

PERIGOSAS ACHERON

— Pediu sim, mas essa informação nós vamos guardar para rir mais tarde, quando ele não estiver aqui para cortar o nosso barato.

— Então vocês viram a hora que ela saiu? — Ignoro os palhaços e vou logo ao que me interessa.

— Sua garota saiu pouco antes da meia-noite, agradeceu pelo jantar e mandou eu te entregar os números do celular dela. — Ana explica.

— Cadê, me dá o seu celular, deixe-me colocar os números da Ângela na sua agenda. — pede, mesmo sabendo que posso fazer isso, já que o iphone tem recursos de voz que me dizem

exatamente o que estou fazendo ao tocar na tela dele. Mas, como não quero arrumar uma briga com ela, mais do que as que já causei entre o casal por causa da superproteção da minha cunhada, entrego o aparelho e deixo que faça o serviço.

— Prontinho — diz. — Salvar contado como: Ângela, namorada.

— Ela não é a minha namorada, Ana — nego, estendendo a mão e assim que o tenho nas mãos, devolvo para dentro do bolso da calça. Bem guardado e tendo o contato do meu anjo salvo como minha namorada.

— Ele tem razão, querida — finalmente Felipe dá uma dentro. — Ela não é a PERIGOSAS ACHERON

namorada dele, são apenas amigos.

— Sim — confirmo.

— Tão amigos que ele veio até o irmão mais velho pegar um preservativo para transar com a amiguinha. — Parece que eu me enganei e Felipe estava apenas esperando a melhor oportunidade para me provocar.

Eu passei toda a vergonha para conseguir a porra da proteção, semente para chegar e encontrá-la dormindo. Eu além de dormir frustrado, ainda dei munição para ser zoados pelos próximos dez anos.

— Se bem que nem deve ter sido tão

bom assim, já que ela não demorou a sair por aquela porta. — O tom de voz é teatral e imagino que esteja apontando na direção do corredor, como se eu pudesse ver a cena exagerada. — Quase correndo.

— Ela dever ter tido motivos para sair tão depressa — defendo Ângela e a mim também.

— Fala sério, mano, esse papo de amigos não cola. Você e Ângela Albuquerque, a princesinha da cidade, estão tendo um caso?

— Como sabe quem é ela? — Me apego mais nesse fato do que na pergunta final e de complicada resposta.

— E quem não conhece a família Albuquerque nessa cidade, Bruno? — Ana, indaga.
— Na hora em que coloquei os olhos em cima da garota, soube quem ela era.

— Então, já que estão sabendo demais, entendam que a minha relação com ela não diz respeito a vocês, nós estamos bem e isso é tudo o que vocês precisam saber.

— Não está mais aqui quem perguntou. — Ana fala e o resto do café da manhã se passa sem que o assunto volte a ser pauta.

Depois de me arrumar, liguei para Jânio pedindo para que me levasse até o escritório, pois apesar de ser sábado, tenho de segurar as
PERIGOSAS ACHERON

pontas, enquanto o pai do ano baba no rebento.

No meio do dia recebi uma mensagem e ao destravar a tela e tocá-la, a voz feminina começou a ler o conteúdo do texto enviado:

Perdão por ter ido embora sem me despedir, eu realmente precisava ir.

Beijos, AA

Sem conseguir esconder o sorriso de contentamento, toco novamente o visor e começo a digitar a resposta, ouvindo a cada letra digitada a confirmação pelo sistema de voz instalado no aparelho.

Está desculpada, meu anjo de cabelos

negros. Apenas saiba que eu vou cobrar por esse abandono.

Do frustrado, Bruno.

Depois de confirmar que está tudo certo, envio e segundos depois vem o sinal sonoro de uma nova mensagem.

Quando vamos nos ver novamente?

Como eu, Ângela ficou com um gostinho de quero mais e fico feliz por não estar sozinho nessa.

Ainda não sei, linda. Vamos deixar que a vida se encarregue de nos juntar mais uma vez. Ela sempre faz isso, não é mesmo?

Falo da boca pra fora, não tenho a menor intenção de deixar que o acaso cuide dos nossos encontros, diferente de como aconteceu maioria das outras vezes.

Tomara que ela não demore muito. Tenha uma boa tarde e um ótimo fim de semana, eu estarei aqui, esperando que o acaso marque para logo o nosso próximo encontro.

— Boa tarde, Bruno. — A voz de Wallace ressoa e logo tiro o sorriso besta do rosto e arrumo a postura que até então estava bem relaxada. — O que temos pra hoje?

Quando cheguei ao escritório, soube da preocupação deles em dar as melhores condições

PERIGOSAS ACHERON

de trabalho para os advogados com necessidades especiais e para mim, foram designados dois estagiários, Wallace e Vanessa, cada um em um turno. Hoje eles são advogados efetivados e os responsáveis por tornar o meu trabalho mais dinâmico e a manter a produtividade de antes.

— Pega a pasta do caso Armando Ribeiro, artigo 168 do CP. Vamos começar com as leituras — digo, pois, apesar de conseguir fazer muitas coisas sozinho no computador, através dos softwares que reproduzem tudo o que tem armazenado dentro dele, a maioria dos processos ainda são físicos e para isso conto o com a ajuda de Wallace e Vanessa para fazer as leituras e digitar as

minhas considerações a respeito dos casos que por aqui passam.

— Obrigado, Wallace. — Ao fim do produtivo dia, despeço-me do garoto e quando ele me deixa sozinho, gasto somente o tempo necessário para arrumar tudo o que preciso e também dar o expediente por encerrado.



Quase a ponto de gritar de tanto tédio, permaneço deitada de barriga para cima, olhando fixamente para o teto e esperando que um milagre

PERIGOSAS NACIONAIS

torne esse dia menos arrastado e mais instigante, já que fora as mensagens trocadas com Bruno e a confirmação de que ele não mudou de ideia de ontem pra hoje, nada de bom aconteceu.

Do café da manhã ao almoço, minha mãe agiu como se a todo o momento estivesse me acusando de alguma coisa. Por horas manteve a expressão diabolicamente enigmática, como se estivesse planejando alguma armadilha para mim. Algo para me manter ainda mais presa sob o seu domínio. Tudo pela manutenção do bom nome da família.

— Você vai passar o dia inteiro trancada nesse quarto, menina?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Na verdade eu queria estar em qualquer lugar, menos aqui. Seria tão mais interessante estar paparicando o meu pequeno ou em qualquer outro lugar, tentando seduzir o Bruno. Porém, depois de ontem, tenho de dar um tempo ou então, dona Mara e seu Tarcísio com as suas desconfianças são capazes de colocar um detetive atrás de mim, assim como fizeram nas vezes em que sai do país e pensam que eu não percebi. Tanto percebi que em diversas ocasiões dei um jeito de despistá-los, para só assim conseguir ter um pouco de liberdade.

— Não vejo problemas em ficar aqui dentro, dona, Mara — digo sem me mexer e muito

PERIGOSAS ACHERON

menos deixar de encarar o teto que agora parece tão fascinante.

— Mas eu vejo — rebate — Anda, se levanta daí, seu pai precisa falar com você.

— Ele está bem? — Sento-me tão rápido que minha cabeça fica zozza. — Fala mãe, papai está bem? — indago, pois nada me preocupa mais que a sua saúde.

Tarcísio Albuquerque, com cinquenta e cinco anos, apelidado por todos que o admiram — e também os que não admiram — de rei da hotelaria, há muito tempo não é mais o homem que um dia foi. Hoje seu Tarcísio — apesar de ainda tão jovem — sofre com vários problemas de saúde,

PERIGOSAS ACHERON

problemas causados pela imprudência na infância e o principal motivo por eu nunca ter conseguido me perdoar. A dona Mara cabe o papel de sempre lembrar-me do que não pode ser esquecido, além de colocar sobre mim a responsabilidade de tudo o que ainda possa vir a acontecer com ele.

— Está tudo bem com o seu pai, não se preocupe — respiro aliviada —, ele só precisa conversar com você.

— Está legal, avisa que já estou descendo. — Enquanto vejo-a sair, vários cenários passam na minha mente e nenhum deles é animador. Quando o seu Tarcísio me chama para dentro do escritório é porque a coisa realmente é

séria. Espero que não seria do tipo que atrapalhe a minha felicidade recém-conquistada.

— Oi, pai, o senhor quer falar comigo? — Vou falando no mesmo instante em que abro a porta do escritório e nada poderia me surpreender mais do que vê-lo justamente com ele.

— O que você está fazendo aqui? Como tem coragem de ainda pisar nessa casa?

— Oi priminha? Vejo que sentiu a minha falta. — Mateus debocha com o sorriso odioso no rosto e a minha vontade é de ir até onde está e encher a cara idiota de porrada, até que entenda de uma vez por todas que não o quero por perto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não! Isso não pode estar acontecendo.

Não agora.

PERIGOSAS ACHERON



Obra do destino



— E esse vestido, Ângela? Um Dolce & Gabbana. — A garota deslumbrada toca no tecido e nesse momento eu tomo mais um gole de champanhe.

Se achei que esse evento não poderia

piorar, ter sido encontrada por essa garota fútil que dá um pequeno chilique a cada frase, mostrou que nada é tão ruim que não possa piorar. As horas se arrastam e nada posso fazer para dar fim a esse martírio.

— É sim, modelo exclusivo. —
Propositalmente revelo, apenas para que Alice Fraga — filha única de um dos amigos do meu pai — tenha o que comentar com as amigas, assim que eu virar-lhe as costas. — Sinta-se a vontade. —
Dou o último gole e coloco a taça vazia na bandeja do garçom que acaba de passar.

Saio e nem tenho a esperança de ficar mais do que dez minutos sem ser interpelada por

PERIGOSAS ACHERON

algun puxa saco do papai, pois, não podendo comparecer, ele mandou uma substituta à altura.

Quando cheia de preocupação entrei no escritório e me deparei com Mateus sentado na cadeira que fica posta em frente à mesa do Sr. Tarcísio, fui acometida por um misto de incredulidade e raiva. A raiva veio por me lembrar de tudo o que ele aprontou com Marina, a ponto de suas ações quase levá-la à morte. Incredulidade por não entender como meu pai ainda foi capaz de recebê-lo com tanta naturalidade, mesmo depois de tudo que aconteceu.

Diferente do que imaginei — ainda bem —, meu pai me chamou para avisar da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

inauguração de mais um dos seus hotéis, o que achei muito estranho, já que ele não se importa muito em me deixar a par desses eventos, a menos é claro, que tenha interesse no meu comparecimento para poder exhibir a família aparentemente perfeita perante a sociedade. Esse costume dele é algo que muito me agrada, considerando que parte das vezes me livro da tortura que é participar das tais recepções.

Dessa vez, não foi o que aconteceu. Não só para avisar da festa de inauguração que aconteceria em três dias, meu pai comunicou que não vinha se sentindo bem nos últimos dias e me pediu para lhe representar juntamente com a

PERIGOSAS ACHERON

mamãe. Quando lançando adagas afiadas pelos olhos, perguntei o porquê de o Mateus estar presente, ele asseverou — no alto do seu machismo — que não seria bom que duas mulheres comparecessem sozinhas ao evento. Também fiquei sabendo que Mateus já estava na cidade há duas semanas, que meus pais sabiam e preferiram esconder de mim a informação.

Não tendo para onde correr quando o assunto é a saúde do meu pai, aqui estou eu, como uma fugitiva da polícia, tentando me esquivar dos meus dois cães de guarda e das socialites entusiasmadas. Não que eu esteja tendo muito sucesso no meu intento, pois a cada passo dado

PERIGOSAS NACIONAIS

sinto como se olhos de rapina estivessem me vigiando.

— Obrigada. — Pego mais uma taça de champanhe, a terceira da noite. Só assim pra não sair correndo desse enterro. Se pelo menos Marina estivesse aqui comigo...

Ao me encaminhar para um canto que considero ser mais propício para se ter um pouco de paz, o que vejo mais adiante faz com que eu me arrependa de ter me livrado da inconveniente, Alice Fraga.

O que ela está fazendo ali com ele?
Ou melhor, o que ele está fazendo aqui?

PERIGOSAS ACHERON

De todas as pessoas que imaginei encontrar aqui, Bruno seria a última, ainda mais assim, de papinho com a Alice que claramente está se insinuando ao tocar seu braço a todo o momento.

Quando Bruno disse que o acaso se encarregaria de nos juntar novamente, não imaginei que realmente aconteceria, ainda mais hoje, *num* ambiente onde está toda a minha família. Se tiver a mão do destino nesse encontro, ele não poderia ter feito da pior forma possível, já que esse encontro tem tudo para dar errado. Muito errado.

Tudo seria mais fácil se eu o ignorasse da mesma forma que estou tentando fazer com grande parte das pessoas aqui presentes. No

PERIGOSAS NACIONAIS

entanto, jamais usaria do fato de ele não poder enxergar em meu próprio benefício. Seria cruel, ainda mais com ele, especialmente com ele. Se não fosse por isso, de qualquer maneira estaria caminhando na direção do bar, onde ele tem o quadril em uma banqueta alta e um copo contendo alguma bebida na mão. Faria porque sou assim, não consigo ir contra os meus instintos em casos como esse. Não quando vejo uma predadora de homens ricos dando em cima do meu homem rico.

— Ângela, algum problema? — Alice fala e no rosto já não demonstra o mesmo entusiasmo de antes pela minha companhia. Aposto que se pudesse chutaria a minha bunda até a lua.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, só estou com sede — digo. —
Uma água, por favor — peço e ao parar —
propositalmente do lado e com o corpo colado ao
de Bruno. Ele — sem que Alice perceba —
entrelaça os nossos dedos e assim fica, como se
nada estivesse acontecendo.

Na verdade nada está acontecendo,
somente Alice que sem saber está de sorrisos para
um homem comprometido. Sim, comprometido,
pois mesmo que esse não seja um namoro no
verdadeiro sentido da palavra, Bruno e eu
prometemos exclusividade. Então para todos os
efeitos: ele é meu. Só meu!

Quando foi que eu me tornei tão

possessiva?

— Esse é o Bruno Pires, mas eu tenho certeza de que você já o conhece — fala, olhando de mim para ele, não disfarçando a insatisfação por nos ver tão perto um do outro. Isso porque ela não se deu conta de que estamos de mãos dadas.

— Só de vista — minto, sem peso na consciência, considerando que farei novamente. — Alice, acabei de lembrar! A senhora Fraga está te procurando. — Olho para Bruno e ele tem o rosto tenso. Aposto que está tentando conter o sorriso.

— Estranho, não me falaram nada — diz.

Porra! Que garota chata. Será que não percebe que está sobrando aqui?

— Foi agora há pouco quando estava vindo buscar uma bebida. — A verdade é que nem cheguei a ver a mãe dela. Tive sorte de ter inventando uma boa desculpa, pois não saberia me justificar, caso a mãe dela não tivesse vindo e eu dizendo que ela está a procura da filha. — Eu se fosse você iria ver o que ela quer, vai que é algo mais sério? — dissimulo. — Não precisa se preocupar, farei companhia para o seu amigo até que volte.

— Tudo bem — fala a contragosto.
Sei que ela não está caindo na minha conversar e se

PERIGOSAS ACHERON

não diz nada é por ser polida demais para fazer um escândalo na frente dele. Ela sabe que eu estou lhe dispensando para ficar com o Bruno. — Depois a gente se fala?

— Claro. — Bruno, até então calado, responde e ela se despede com o beijo no rosto.

Assim que ela se retira da nossa presença, solto a mão do Bruno, mais brusca que o necessário, passando recibo do ciuminho idiota.

— Algum problema? — fala com naturalidade.

— Tudo ótimo — limito-me a dizer.

— Você está com ciúme daquela

garota, é isso? — indaga e aparentemente está se divertindo. — Estávamos apenas conversando.

— É claro que estavam — falo com ironia, disposta a não mais me prestar a esse papel. — Eu não esperava te encontrar aqui — revelo.

— Não deu pra te avisar com antecedência, então decidi fazer uma surpresa. — Estica o braço novamente e sem me importar de estarmos em público, seguro a sua mão mais uma vez. — E não precisa ter ciúme, caso tenha sentido. Nós estamos juntos, lembra?

A versão fofa do Bruno não deixa de surpreender e depois dos dois últimos dias, deveria estar um pouco mais acostumada com essa sua

PERIGOSAS ACHERON

faceta.

Como se estivéssemos de alguma forma protelando o inevitável, Bruno e eu, em um acordo silencioso, decidimos fazer como ele propôs. Não marcamos nenhum encontro e passamos os últimos dois dias sem nos ver; mesmo depois de eu ter jantado na sua casa e de ter — mesmo que por pouco tempo — dormido na sua cama.

Não nos vermos não significou uma desistência ou mesmo um desânimo da nossa parte em prosseguir com o nosso acordo. Na verdade, melhor coisa não poderia ter acontecido.

A minha primeira mensagem de texto

enviada, onde eu pedi desculpas por ter ido embora da sua casa enquanto ele dormia e sem me despedir, acabou se transformando em várias outras e foi esse o nosso meio de comunicação nos últimos dois dias. Quando desnorteada e chateada saí do escritório do meu pai e voltei para o meu quarto, fui recebida pela notificação de mensagem do meu aparelho celular e foi ali que o meu dia péssimo tornou-se bem melhor.

O resto daquela tarde nós dois passamos conversando via mensagens de texto, nos conhecendo de maneira despretensiosa, onde as perguntas iam de curiosidades sobre a nossa infância até a fase adulta. Foi uma boa experiência,

como dois desconhecidos afoitos para se tornarem íntimos, tão íntimos quanto a comunicação via mensagens permite. Gostamos tanto da experiência que no dia seguinte repetimos e dessa vez o teor da conversa foi diferente.

Em determinado momento, sentindo-me mais à vontade e mais confiante, relembrei a minha primeira investida no banheiro da mansão da minha amiga e dali por diante a coisa foi pouco a pouco esquentando; quente a ponto de eu quase sentir sair fumaça pela minha calcinha.

No fim, Bruno acabou me ligando e as sacanagens ditas por mensagem transformaram-se numa voz sussurrada ao pé do meu ouvido, onde a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

calcinha ficou mais úmida e o fogo queimando mais forte. Entre sacanagens e promessas para quando finalmente tivermos a nossa primeira vez, Bruno encerrou a ligação com a promessa de um banho frio e a mim não restou outra saída a não fosse fazer o mesmo.

Nossas conversas certamente foram a causa do meu arroubo de possessividade quando o vi ao lado da Alice e de ele ter segurado a minha mão no momento em que brotei do seu lado.

Sem que precise de rótulos, Bruno e eu sabemos o que somos ou o que seremos para o outro. O tempo que tivemos para pensar na nossa decisão apenas mostrou a certeza de que não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estamos errados em dar esse passo e que, apesar dos pesares, o que existe entre nós precisa ser vivido, pelo tempo e intensidade que os nossos desejos ditarem.

— Estamos juntos — reafirmo.

— E sobre eu estar aqui hoje, o Erick me incumbiu de representá-lo na missão — explica.

— Um evento como esse é um prato cheio para os clientes em potencial.

— Compreendo. Veio sozinho?

— Não, o rapaz que trabalha comigo veio me auxiliar e como já fizemos o que teria de ser feito aqui, eu o liberei para se divertir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oportunidade perfeita para a Alice atacar — digo, ainda não tendo superado o assunto.

— Como você pode ser tão ciumenta?
— O tom não é de crítica e no rosto tem um sorriso satisfeito.

— Não é ciúme — nego.

— Sei que não é. — Está claramente se divertindo às minhas custas.

— Vem, vamos sair daqui. — Puxo seu braço e com uma olhada em volta, não vejo nem a minha mãe e muito menos o idiota do meu primo.

— O que você está planejando,

PERIGOSAS ACHERON

mocinha? — indaga, porém não hesita em seguir os meus passos.

— Um lugar onde tenhamos mais privacidade.

Discretamente, levo Bruno pela ala lateral do hotel, um lugar pouco iluminado, onde os convidados que lotam não só o salão como o jardim do cinco estrelas, não costumam circular.

— Agora sim, a sós — digo aliviada quando apoio as suas costas contra o concreto e paro na frente. Ele não perde a oportunidade e circula com os dois braços a minha cintura.

— O que pretende com isso, meu

anjo? Não vai abusar do seu pobre namorado indefeso, não é mesmo? — Assim que termina, ele se dá conta do que disse e seu corpo todo fica tenso.

— Eu não queria...

— Não fala nada, Bruno. — Abraço ele pelo pescoço e meu namorado me aperta ainda mais entre os seus braços. — Me beija. — Fico na ponta dos pés e pelo calor da minha respiração próxima do seu rosto, Bruno toma os meus lábios, dessa vez com a fome e a paixão que por dois dias foi reprimida.

Bruno me devora sem piedade, com o beijo exigindo a resposta que não titubeio em dar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele chupa minha língua para dentro da sua boca e rendida, deixo tomar o que quiser de mim. Saciar a fome que fiz questão de alimentar.

— Você é minha perdição, Ângela.

Porra!

— Bruno, não posso mais... — gemo quando ele — querendo deixar-me respirar — transfere o ataque para o meu pescoço e as mãos fortes na minha cintura movimentam-se a ponto de o meu vestido já curto, ficar mais curto ainda.

— Se não te comer nos próximos minutos, linda, eu vou enlouquecer...

— Vamos embora daqui, me diz onde

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— sugiro, apertando-me contra a evidente ereção.

— Qualquer lugar onde eu posso te ter toda para mim — volta a me beijar como um viciado em contato com a sua droga preferida.

Eu estou louca de tesão, completamente entregue e certa de que nada pode atrapalhar dessa vez, mas como sempre, a vida trata de mostrar o contrário.

— Interrompo, priminha?

PERIGOSAS ACHERON



Te farei minha



O desejo de esganar o dono da voz que nos interrompeu serve como prova do quanto estou dominado por essa menina.

O sentimento de frustração prova que quando estou com Ângela nos braços, o resto deixa

de existir, tudo o que penso é no desejo de tê-la mais próxima, de estar dentro do seu corpo. O Bruno de antes, o que não via com bons olhos os casais indiscretos e propensos a exagerar nas demonstrações de afeto em público, esse não existe mais. No momento, tudo o que eu quero é esganar esse filho da puta, cuja as duas únicas palavras ditas pingaram sarcasmo.

— Dá o fora daqui, Mateus — Ângela pede, afastando-se dos meus braços.

— Você não vai me dizer o que fazer — diz e não gosto nada do seu tom de voz ao falar com ela. — Achou mesmo que conseguiria se esconder? — indaga e me pergunto o que ele está

querendo dizer. Não é possível que esse cara esteja vigiando a prima.

Que motivos ele teria para fazer isso?

— Vamos, você tem de fazer o que o seu pai pediu, agir como a anfitriã da noite — O desconhecido fala e bem como Wallace avisou, Tarcísio Albuquerque não compareceu à recepção de inauguração de mais um dos seus hotéis e transferiu para a filha o dever de representá-lo, assim como a aconteceu entre mim e Erick.

Só não imagino o que pode ter acontecido para impedir a vinda do homem e muito menos como a minha garota se sujeitou a agir como anfitriã, pois, mesmo sendo filha de quem é e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

certamente esteja acostumada a comparecer a esse tipo de evento, ser o centro das atenções em uma festa repleta de pessoas polidas demais e propensas a puxar o saco, não me parece o seu tipo de programa preferido para uma noite de sábado. É óbvio que minhas percepções podem estar equivocadas e talvez eu não a conheça como as nossas conversas pareceram demonstrar.

— Você sabe muito bem que eu já fiz o que precisava ser feito. — Ela não mente, essa festa já rola há horas e por conhecimento de causa — já que frequento esses eventos por mais vezes do que desejaria — sei que a parte em que se fazem os discursos e o dever de dar atenção aos

PERIGOSAS ACHERON

convidados já passou. Eu mesmo fiz a política com os clientes em potencial e só quando me convenci ser o suficiente, sentei para relaxar e tomar uma bebida.

As coisas não saíram como o esperado, logo uma companhia indesejada apareceu e entre assuntos bobos que tentava puxar e tentativas de terminar a noite na minha cama, a minha mente decidiu ignorar a garota. Eu só pensava em Ângela, na expectativa de encontrá-la antes de ir embora e também estranhando o fato de isso não ter acontecido. Entre as teorias de que não me viu, considerando o número de pessoas presentes e a de que viu e por algum motivo

decidiu me ignorar, respirei aliviado quando sem qualquer aviso, meu pequeno anjo se materializou do meu lado, livrando-me da presença da tal Alice e me presenteando com a *sua* presença.

Além de respirar aliviado, não posso negar que também fiquei feliz pela forma como agiu. Não sei se é saudável ou pouco recomendável, mas vê-la toda enciumada — mesmo negando — trouxe uma incontável vontade de agarrá-la ali mesmo no bar e reafirmar na frente da garota e de quem mais tivesse vendo que isso entre nós já é realidade, que somos um casal.

— O que seu pai vai achar quando

PERIGOSAS NACIONAIS

souber que esteve pelos cantos quase transando como uma vagabunda?

— Cuidado com a boca. Acho melhor você dar o fora e respeitar as vontades da sua prima — aviso, com as mãos em punho, tentando conter a minha raiva.

— Não se mete, cara. Eu sou o primo dela e você não conhece essa garota.

— Cala a porra dessa boca, Mateus — pede e o nome não me é estranho. — Vamos, Bruno. — Ela segura a minha mão e logo a compreensão vem. Esse é o mesmo moleque que por pouco não foi o responsável pela morte da Marina.

PERIGOSAS ACHERON

— Seu filho da puta. — Esquecendo-me da minha situação e de onde estamos, avanço na direção dele, o que não dá muito certo.

— O que foi? — pergunta. — Não está me vendo?

— Bruno, não vale a pena. — Ângela segura o meu braço e me puxa alguns passos para trás.

— Você realmente não tem limites. Além de louca, decidiu namorar um maldito cego. Um homem cego, Ângela! — fala e apesar de tudo, não deixa de ter razão.

É assim que ele pensa e muitas outras

peessoas também pensarão, pois na hora que o preconceito vem, não importam títulos, beleza física ou conta bancária. Tirando isso, o que sobra é o homem cego que não consegue nem mesmo defender a namorada de um idiota qualquer.

— Posso até ser cego, mas nem isso será capaz de me impedir de acabar com a sua vida, moleque idiota — afirmo, ao segurar Ângela pela cintura. — Então, se eu fosse você, iria embora agora mesmo e me manteria de boca fechada quanto ao que viu aqui. Pesquise um pouco a meu respeito e saberá que o seu próximo destino de fuga não será para um lugar tão agradável.

— Você está muito ferrada, priminha

PERIGOSAS NACIONAIS

— ameaça, antes que o bater de pés contra o piso denunciem a sua fuga.

Junto com o fim da cena desagradável, vem o latejar na cabeça e tenho que me apoiar novamente contra a parede, como se de alguma forma ela fosse capaz de dar-me o suporte que preciso.

— Desculpa, Bruno. — Ela desce minhas mãos que até então cobriam o meu rosto, em seguida enchendo-o com beijinhos carinhosos. — Novamente as dores de cabeça? — indaga e levemente confirmo com um aceno.

— Vamos sair daqui. Você quer que eu te leve para casa?

PERIGOSAS ACHERON

— Não, eu estou com o motorista e também não quero ir para casa, só preciso ficar com você — revelo, cada vez menos temeroso de dar esse poder a ela, de deixar que saiba o quão necessitado dela estou. — A dor vai passar.

— Vamos para onde você quiser. — Cheia de uma ternura que é somente um dos motivos para me deixar tão de quatro, Ângela faz carinho no meu rosto e nem a dor de cabeça é capaz de diminuir o desejo crescente de fazê-la tão minha quanto é humanamente possível.

Quando ela puxa a minha boca para um último beijo, chego a conclusão de que não dá mais para adiar. Não importa a situação de agora a

PERIGOSAS NACIONAIS

pouco, a minha cabeça dolorida e muito menos o acordo de não precipitar as coisas. O que nós dois queremos já foi adiado por tempo demais e hoje, nada me impedirá de amar o seu corpo, de adorá-la por ter me mostrado uma beleza que vai além do que os olhos podem enxergar, a beleza de ser quem é: Ângela, o meu pequeno anjo.

— Não me dê ideias, minha linda —
ameaço quando estamos indo para a porta do hotel,
lugar onde o motorista disse que me esperaria.

— Você não está em condições de
fazer isso que está pensando — fala, como se
explicasse para um garoto. — Primeiro você tem de
ficar bem, depois pensar em sexo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não disse nada, é você quem está chegando a essa conclusão. — Faço-me de inocente. — Será que só pensa em sexo, Senhorita convencida?

— Confesso que é um pensamento recorrente, ainda mais com todas as promessas feitas no auge da madrugada de ontem.

— Você é dona dos meus pensamentos e a razão das minhas mãos estarem calejadas — provoco. Não que isso seja apenas provocação, pois eu nunca me masturbei tanto no chuveiro quanto tenho feito nos últimos dias, quando entrando no jogo dela, comecei a detalhar tudo o que farei quando tiver com as mãos no seu

corpo nu.

— Cala a boca, ele vai nos ouvir —
pede. — Boa noite.

— Boa noite, senhorita.

— Nos leve para o hotel Huston, por
favor — peço e entro com ela no banco de trás do
carro.

— Você está melhor? — Ângela
pergunta preocupada, não chamando a sua atenção
o fato de estarmos indo para um hotel.

Poderia levá-la para casa, ou até
mesmo para a minha, no entanto, preciso de mais
um tempo com ela e não preciso do meu irmão

pegando no meu pé para saber se eu transei ou não.

Assim, na falta de outra opção, um hotel servirá.

Assim que entramos na suíte presidencial do hotel de luxo que não tem a família da Ângela como proprietária, ouço-a travar a porta do quarto e em seguida me abraçar por trás, deitando a cabeça nas minhas costas.

— A dor passou? — permanece preocupada.

— Praticamente já não existe. — Seguro a mão delicada e a puxo para a minha frente, abraçando a fina cintura no caminho. — Não se preocupe, meu anjo, essa é uma das consequências do acidente e apesar de incomodar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito, não é nada que já não tenha acontecido milhares de vezes.

— Não quero que fique mal por causa daquele idiota — assevera, deitando a cabeça no meu peito e mesmo estando de saltos altos, continua sendo bem mais baixa que os meus quase 1,90m de altura.

— Linda, o que acontece entre você e esse cara?

— Ele é apenas um babaca que os meus pais insistem em abrigar e usá-lo para me vigiar — revela.

— E por que eles fazem isso? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acho estranho o que acaba de revelar.

Por que uma garota como ela precisaria ser vigiada?

— Eles não confiam em mim, acham que não tenho capacidade de me comportar sem que ponha em risco a reputação e o bom nome da família — diz e cada vez a história fica mais estranha. — Eles não estão errados, Bruno, eu não sou nenhum exemplo de ser humano — afirma contra o meu peito.

— Não fale assim de si mesma, Ângela. Não quero mais ouvi-la se menosprezar dessa forma, promete? — peço, decidido a mudar de assunto.

PERIGOSAS ACHERON

Ela já revelou demais hoje e eu não quero pressioná-la a contar mais. Sei que de tudo que ouvi de Ângela, diferente do que deixa transparecer, tem a alma tão ou mais quebrada que a minha. O que falta em mim e sobra nela é o entusiasmo, a sede pela vida.

Mesmo demonstrando de cara ser tudo o que eu não preciso para a minha vida e trazendo uma bagagem que eu jurei manter distante, a sua fragilidade tão bem escondida atrás da máscara da mulher alegre e irreverente, despertou-me o desejo de protegê-la, não de fugir. De apertá-la forte entre os meus braços, não de expulsá-la da minha vida.

Que ironia, uma alma ferida querendo

curar outra.

— Prometo. — Está toda dengosa contra o meu peito ao declarar: — Não acredito que estamos aqui, sem a barreira da linha telefônica ou sem correr o risco de o Erick aparecer e nos interromper, como da outra vez. — Quando termina, nós dois sorrimos da lembrança.

— Hoje você não escapa, minha chatinha. — Desço a boca até seu ombro, felizmente desnudo e deixo uma pequena mordida. — Se quiser, hoje te farei minha, isso é claro, se você não pegar no sono enquanto coloco a camisinha — brinco.

— Não conte com isso, meu homem

de olhos azuis. — Ela começa a afrouxar o nó da minha gravata. — Nessa suíte, a única coisa que eu não quero fazer é dormir.

— E o que você quer, Ângela? Me diz.

— O que venho querendo há mais de dois anos. Quero me entregar para você, de todas as formas possíveis. Me ame com a mesma fome com a qual devorou a minha boca mais cedo. — Seu pedido fez mais pela minha libido do que vinte minutos de preliminares fariam. — Me faça a sua mulher, Bruno, aqui e agora.

— Farei, minha garota de boca suja.
— Mordo o seu pescoço cheiroso com um pouco

PERIGOSAS NACIONAIS

mais de força, a força que precisarei controlar na nossa primeira transa. — Quando eu terminar com você, pelo seu corpo e entre a sua perna permanecerão por dias as marcas e as sensações do que verdadeiramente significa ser a minha mulher.

PERIGOSAS ACHERON



Entregue a você



As palavras proferidas por sua voz sexy e rouca pelo tesão me deixam com as pernas bambas, o coração acelerado e os pelos do corpo arrepiados em expectativa pelo que virá a seguir, algo que venho desejando a tanto tempo que já não

lembro qual é a sensação não de passar os dias sem desejar tê-lo entre as minhas pernas.

— Isso é tudo o que eu mais quero. —

Jogo a gravata vermelha em cima de uma das cadeiras de madeira que compõem a decoração do quarto luxuoso, o mais caro do hotel cinco estrelas.

— Bruno...

Interrompo-me, pois o que sinto de maneira tão sincera e insiste em querer sair pela minha boca, pode ser precipitado demais, intenso demais para um começo de relação ainda experimental como é a nossa e também para um homem como o Bruno que assim como eu, tem suas questões e o temor de se envolver demais pode

bater de frente com a minha intensidade.

Uma intensidade que em nada lembra o meu eu dentro das paredes da minha casa, vontade de se rebelar contra quem preciso ser para ser aceita em uma sociedade que em nada tem a ver com a minha verdadeira essência.

— Não se interrompa, minha linda. —

Bruno acaricia o meu rosto com umas das mãos, enquanto a outra me tem apertada junto ao seu corpo. Dos olhos, ele deixa transparecer uma intensidade que nem de longe lembra o olhar de uma pessoa que vive na escuridão.

Com Bruno vem o desejo de despir-me por completo, antes que os seus olhos sem luz

PERIGOSAS ACHERON

enxerguem a escuridão da minha alma.

— Não quero que se esconda de mim, me deixa ver você. Tudo de você.

— Ia falar que do seu lado não me importo com mais nada, os temores se vão e só quero estar aqui, nos seus braços, sendo verdadeiramente quem sou, a Ângela que não é perfeita, mas também não é um monstro. — De forma involuntária e inconveniente, lágrimas grossas escorrem por meus olhos e não sei se foi pelo fungar baixinho, mas logo o Bruno sobe as duas mãos pelo meu rosto e delicadamente o seca.

Que vergonha! Estamos aqui para finalmente fazermos sexo e ao invés disso, ele está

PERIGOSAS ACHERON

tendo que consolar uma garota chorona.

— Não chora, meu pequeno anjo. —

Me abraça com força, e entre os braços fortes e calorosos, sinto-me protegida como nunca antes me senti. — Você não tem nada que ao menos lembre um monstro e já disse que não gosto da forma como fala de si mesma. — Afasta o nosso abraço e com as mãos, volta a inspecionar meu rosto. Felizmente, me recomponho rápido e não caí no choro desesperado, como costume fazer após as batalhas psicológicas que tenho com minha mãe.

— Desculpa, Bruno, não foi assim que eu imaginei as coisas. Você não pagou esse quarto que deve ter custado uma fortuna para ter de

aguentar os meus dramas.

— Eu paguei esse quarto para ficar com você, seja do jeito que for. Além disso, temos a noite inteira para fazermos o seu tão sonhado sexo com o grande Bruno. — Ele brinca, com um senso de humor que já não é tão raro de ser presenciado.

Apesar do desejo de vê-lo ter se feito presente nos dois dias em que não fizemos nada para nos encontrarmos pessoalmente, as constantes conversas tidas na intimidade dos nossos quartos serviram como um elo que nem a conexão dos nossos corpos naquele momento seria capaz de criar. Elas foram capazes de me deixar à vontade, a

ponto de desabar nos seus braços, como acabei de fazer. Fiz porque me senti confortável para tal atitude, por sentir que depois de muito tempo, tendo somente Marina e depois Erick, ele veio como mais uma pessoa a quem posso depositar a minha confiança.

Contra todas as probabilidades contrárias e sabendo que isso tem tudo para dar muito errado, eu me sinto protegida nos braços de Bruno Pires.

— O grande Bruno Pires deveria alimentar o seu pequeno anjo, pois ele está morrendo de fome e para aguentar o grande soldado que está guardado dentro dessa calça, o

pequeno anjo precisa estar bem alimentado.

— Não se preocupe, chatinha. —
Pede, ao descer as grandes mãos pelas minhas costas, até que elas estejam desavergonhadamente sobre as bochechas da minha bunda, apertando as carnes macias de maneira que nossos corpos estejam mais colados e com o ventre eu possa sentir toda a potência da grande ereção. — Quando eu te pegar, você vai estar bem alimentada, tão bem alimentada que vai me aguentar a noite inteira em cima de você, te comendo até o dia amanhecer. Vou te montar a noite inteira e você vai me tomar sem reclamar uma única vez, sabe por quê?

— Não sei... — Tenho a respiração

curta, as lembranças ruins e os resquícios das lágrimas já bem no fundo da minha mente.

Agora o que vejo é uma Ângela completamente dominada por um homem, atracada ao pescoço dele e mais abaixo, esfregando uma perna na outra, a fim de aliviar a dor do vazio, do desejo de ser preenchida e ficar tão cheia que não haja espaço para mais nada; apenas ele dentro, sobre e por todas as partes de mim, aplacando a vontade que tenho dele, somente dele.

— Sabe, você sabe sim, minha linda.

— Bruno afirma ao abaixar minimamente o corpo, para em seguida pedir: — Segura firme. — Só tenho tempo para me agarrar ao seu pescoço

quando Bruno me iça para frente, envolvendo as minhas pernas na sua cintura.

Nessa hora queria estar de joelhos e agradecendo pelo vestido floral de frente única e cujo comprimento alcança a altura do meu joelho, que o estilista da dona Mara escolheu para mim. Sem ele, seria impossível estar tão perto do meu homem como estou agora. Daqui só melhora quando ele estiver dentro de mim.

— Anjo, eu quero que você me guie — pede quando chego com o rosto bem perto e ele fala contra a minha boca. — A nossa integridade física vai depender única e exclusivamente de você — avisa com seriedade e não entendo aonde quer

chegar. — Me leve até onde achar melhor, o lugar por onde pretende começar com a nossa diversão — explica, uma ideia me vem à cabeça e espero que não seja uma péssima ideia.

A cama seria muito previsível, sendo boa ideia ou não, vou deixar os meus instintos me guiarem.

— Dê dois passos para a esquerda — inicio os comandos e sem questionar, ele faz como pedi — Isso. Agora conta seis passos para frente e descobrirá o quão ousada o seu caso é.

— Você não é o meu caso, Ângela — diz, enquanto caminha e percebo no seu rosto o visível incômodo pelo que acabo de falar.

— Não somos um caso, então somos o que? Eu já fiz essa pergunta uma vez lembra? — Ele para de caminhar e dá a resposta que não sei interpretar, mas que soa bem aos meus ouvidos.

— Apenas se veja como minha — pede, voltando a andar — Você é minha e eu sou seu, tanto quanto é possível uma pessoa pertencer a outra sem se desprender de si mesma.

— Gosto disso — afirmo quando ele bate com as pernas no tampo amadeirado da mesa redonda. Com paciência ele me segura com um braço e o outro leva até o móvel.

Quando percebe do que se trata, abre um sorriso malicioso e que não esconde as suas
PERIGOSAS ACHERON

intenções.

— Sei que gosta, Ângela. — Com cuidado me coloca sentada em cima da mesa e abre as minhas pernas o suficiente para se colocar entre elas. — É também muito ousada em nos trazer para a mesa que daqui a pouco será colocada a nossa janta — assevera.

Assim que chegamos ao hotel ele teve de responder algumas perguntas de praxe que todos fazem para os novos hóspedes e quando me perguntou se iria querer jantar, não pude negar a oferta. Acho que as taças de champanhe me deixaram com um pouco de fome.

Preferi ser sincera ao passar

novamente pela vergonha de cair no sono ou de não ter energia para aguentar a noite que nas minhas expectativas, será mais que movimentada.

— Quer ser comida onde vai comer assim que a nossa refeição chegar, é isso?

— A minha ousadia te assusta? — Provoco, respondendo a sua pergunta com outra pergunta.

— Não, anjo. — Sobe as duas mãos pelas minhas coxas desnudas. — A sua ousadia e falta de pudor me excitam. — Bruno desce a cabeça até a minha orelha, deixa uma mordida bem na pontinha e eu não me aguento sem enrolar novamente as pernas em volta da sua cintura e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trazê-lo para junto do meu corpo.

— Eu mal posso esperar para vê-lo cumprir tudo o que prometeu — digo.

— Pela manhã, acordará exausta e sabendo que não faço promessas vãs, minha linda — afirma, mordendo o meu lábio inferior com um pouco mais de força que o normal e quando o gosto metálico de sangue se espalha pelo meu lábio, o que sinto passa longe da dor pelo leve ferimento feito na pele fina da parte de dentro da minha boca. A dor que sinto é a da ausência do seu membro me preenchendo, do tesão que vem me consumindo a cada minuto que passa sem que tenhamos a experiência completa.

PERIGOSAS ACHERON

Após a mordida, Bruno toma a minha boca em um beijo voraz e desesperado, o gosto pungente do pequeno filete de sangue serve como um ingrediente a mais para o que não poderia estar melhor. O homem imprime uma força ao segurar a minha cabeça com as duas mãos e enredar a minha língua com a sua, que imagino o que não será capaz de fazer na hora do sexo.

Nos seus braços meu corpo está trêmulo, as carnes estão fracas e minha calcinha úmida a ponto de incomodar.

— Deliciosa... — Termina o beijo puxando o lábio inferior entre os dentes e ao deixá-lo, leva os dedos até o local e afirma: — Estão

inchados pelos meus beijos. Me perdoa por tê-lo mordido? — pede, dando um selinho manso, que nem de longe lembra a impetuosidade de agora há pouco.

— Não tem o que se desculpar, eu gostei muito do seu jeito de me beijar. Não sei como explicar, mas dessa vez foi diferente das outras.

— Foi diferente, meu anjo. — Ele agora passeia as mãos pelas minhas costas, e os olhos parecem escuros como o céu que prevê uma forte tempestade. — Agora eu não preciso mais controlar as minhas ações ao seu lado. Agora que aceitei que não tem como fugir de nós, sinto-me

PERIGOSAS NACIONAIS

livre para te apresentar o meu pior lado, o que não sei como você vai receber.

— Eu não tenho medo de você, Bruno — aviso. — Sei que não é capaz de fazer nada para me machucar.

— Acabei de ferir o seu lábio com o único beijo.

— E não foi bom? — pergunto.

— Foi mais do que bom, você sabe disso, minha garota de cabelos escuros, só quero diga quando a minha intensidade for demais para você. É assim que eu ajo e é difícil fazer de outro jeito.

PERIGOSAS ACHERON

— Nunca será demais, querido. —
Acaricio os cabelos da sua nuca com a ponta dos meus dedos. — Não para mim.

— Eu não posso mais esperar, Ângela
— avisa em um rosnado que deixa transparecer o quanto a minha última declaração o excitou e se não fosse isso, o seu pau duro apertado contra a minha barriga teria denunciado o fato. — Tenho que te comer, agora mesmo.

— E eu necessito que me foda, com tudo o que tem.

Quando termino de falar, Bruno já tem as mãos na barra do meu vestido, levantando-o com pressa e na intenção de ajudá-lo, levanto os
PERIGOSAS ACHERON

braços para cima, até que pacientemente ele consiga me livrar da peça.

— Está vendo? Mesmo cego o seu homem ainda sabe como despir uma mulher — fala com a boca encostada no meu ouvido e as mãos conhecendo a minha lingerie.

Felizmente, as peças de baixo não são algo que mereçam a minha preocupação, já que comprar lingerie sempre me deu prazer. Além das lingerie, a depilação também está em dia e nem preciso ter uma transa marcada para manter tudo como se deve.

— Espero que esse seu talento seja usado apenas comigo — aviso, mas logo me

PERIGOSAS ACHERON

arrependo.

Possessividade demais, antes da primeira transa.

— Você é ciumenta, não é mesmo? —
indaga, divertido.

— Perdão.

— Não precisa. De você eu tenho motivos para sentir ciúme, ainda mais sendo tão linda.

— Mas você não... — O cérebro tarde demais atropela a boca e não consigo impedir que a asneira saia da minha boca grande.

— Eu não te vejo e ainda assim, sei

que é linda, Ângela. Sobre a sua beleza é tudo o que eu escuto quando o seu nome é citado. É também o que sinto quando toco o seu rosto e corpo. Para mim você não pode ser nada além de linda, o mais próximo da perfeição que uma mulher pode ser e se um dia puder ver o seu rosto, será a melhor coisa que em toda a minha vida pude enxergar.

— Eu e minha boca grande não merecemos a sua gentileza, Bruno — afirmo, ainda que uma de suas frases tenha ficado na minha memória.

E se um dia puder ver o seu rosto...

— Você fala demais, minha linda —

diz, me distraíndo das conclusões que estava prestes da chegar. — Estou aqui, doido para te foder até o esquecimento e você não para de falar — provoca, quando cuidadosamente deita o meu corpo sobre a mesa.

Deitada, vejo-o rapidamente desabotoar a camisa social preta e em seguida tirá-la. No seu abdômen firme fica evidente o quão bem ele se cuida e que nem as limitações são capazes de impedi-lo de levar a vida o mais normal possível.

Desse homem, quanto mais conheço mais admiro e junto com a admiração, vem um sentimento que prefiro não classificar por enquanto.

— Promessas e mais promessas —

provoco, sabendo que agora fui longe demais e quando ele volta para perto, desliza as mãos pela minha panturrilha, até tocar os meus pés e tirar os meus sapatos estilo *scarpin*.

— Agora, minha garota que não tem medo do perigo, vou te dar o que vem querendo há tantos anos, doida para me dar essa boceta, não é verdade? — Abre mais as minhas pernas e volta a se colocar no meio delas.

— Sim... — afirmo porque é verdade.

Quando sinto suas mãos subindo pelo meu abdômen e o corpo finalmente descendo sobre o meu, me regozijo pelo que irá acontecer e por finalmente estarmos aqui. Torço para que a mesa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aguento o que em cima dela está prestes a acontecer.

— Muito gostosa. — Me beija novamente, ao passo que a mão esquerda puxa a minha perna para cima do seu quadril.

PERIGOSAS ACHERON



Rendido a você



Se for sonho, não quero acordar nunca mais, pois nos meus braços, sob o meu corpo e ao alcance das minhas mãos está Ângela Albuquerque, a mulher que desejo ter há muito tempo, um desejo que até pouco tempo não achei ser possível de ser

saciado. Agora, estando com o corpo pressionado ao meu, prestes a invadir o calor pulsante que nos meus mais secretos sonhos almejei fazer, percebo que nunca existiu outro caminho além desse que a largos passos que estamos dando.

Desde o início, quando o cheiro do perfume dos seus cabelos e a voz doce foram os cartões de visitas, antes mesmo de tomar ciência de quem era ela, uma conexão se estabeleceu, uma química inexplicável que pouco a pouco foi crescendo — mesmo em meio as nossas negações — até transformarem-se *numa* atração irresistível e impossível de ignorar.

Em meio à minha vida de resignação e

aceitação por tudo o que aconteceu, onde eu aprendi a levá-la da maneira mais simples possível, sem me envolver com mulher por tempo suficiente para sentir vontade de torná-la permanente, Ângela, o meu pequeno anjo apareceu como um furacão, sem pedir licença e bagunçando o que tão bem arrumado estava.

Ela não é como as outras que premeditadamente me envolvi sem a intenção de dar-lhes mais do que eu estava disposto a dar. Nunca houve o medo de me envolver além da conta, de me apaixonar por uma delas, até isso eu tinha sob um rígido controle, afinal, eu estava num período de profunda frustração, tendo de me

adaptar a uma nova realidade, uma que não escolhi. Com essa garota é diferente, com ela o máximo que consegui foi resistir por um tempo, tempo demais, considerando onde estamos agora e o que estamos prestes a fazer. Nunca houve uma chance contra isso, tudo o que consegui foi adiar o inevitável.

O fim de uma forma ou de outra seria esse, Ângela e eu, prestes a fazer amor, sim amor, pois por ela tenho sentimentos que não me permito ter por ninguém, além das pessoas que há mais tempo estão no meu círculo restrito de amizade. Ângela é mais que uma noite de sexo para mim, desperta sentimentos de afeto e proteção, uma proteção que suspeito estar precisando. Ela

representa o novo, uma nova chance de voltar a sentir, de voltar a acreditar que em meio à resignação, existe uma razão para sorrir, para esperar com entusiasmo pelo novo dia e não com a apatia de antes.

— Bruno, me beija — pede, com a frase que não raramente ouço sair da sua boca e da qual sinto um prazer inexplicável em ouvir.

— Vou fazer mais que te beijar, minha linda. A noite toda você vai sentir o tamanho do desejo reprimido que eu tenho por você — aviso bem próximo ao seu rosto, sentindo contra o meu a respiração curta e ofegante. — Você vai poder ficar? — indago, lembrando-me do episódio de

PERIGOSAS NACIONAIS

mais cedo, quando de maneira inconveniente o moleque nos interrompeu.

Por um momento tive a nítida impressão de que ele estava lhe seguindo, um assunto que preciso tratar, mas que não vai ser agora, pois no momento tudo o que eu penso é em foder essa garota e pelo ritmo da sua respiração e o calor que o seu corpo próximo ao meu emana, percebo que ela pensa no mesmo.

— Vou ficar pelo tempo que você me quiser do seu lado — assevera, apertando mais a perna esquerda contra o meu quadril, trazendo-me para mais perto do seu corpo deitado sobre uma mesa, completamente entregue.

PERIGOSAS ACHERON

O que eu não daria para poder vê-la nesse momento.

— Olha que eu vou cobrar — minha mão sobe por sua coxa e a sente lisinha e macia, como eu imaginava que fosse por baixo do seu vestido todo enrolado na cintura. — Agora eu só quero sentir você — puxo a outra perna, tendo-a com as duas pernas em volta da minha cintura — Como você e eu queríamos, não é mesmo, meu anjo?

— Sim, mais que um querer, uma necessidade — diz, com os dedos fazendo carinho na minha nuca, enquanto, entre uma palavra e outra, mordisco a pontinha do seu lábio inferior. —

Perto do que estou sentindo agora, antes mesmo de transarmos, todos os outros parecem lembranças pálidas e sem graça.

— Ângela, eu não quero que mencione outras experiências enquanto estiver comigo — peço, sendo surpreendido com a minha própria possessividade, sentimento que nunca fez parte dos meus relacionamentos antes do acidente, nem mesmo pela mulher que pretendia ter como esposa. — Gosto de imaginar que você não foi de mais ninguém, não como se tornará minha durante toda a madrugada — revelo meus pensamentos.

É irracional pensar assim, tenho plena ciência disso, até porque, ela nunca me enganou

fazendo-se de virgem puritana, mas mesmo assim, não posso evitar tais pensamentos, ter a certeza de que não gosto de pensar nela com outro cara. Não, o pensamento traz um gosto amargo na minha boca.

Sim, o Bruno que nunca foi ciumento, o Bruno que não tem muito a oferecer está com ciúme da que imagino ser umas das mulheres mais lindas do país. A mulher que mesmo ainda não tendo nada de concreto, nem mesmo o sexo ainda prestes a acontecer, sinto como se tivesse o direito, o poder de reivindicá-la, de dizer que sim, a mulher que todos admiram é a minha mulher, somente minha.

— Imagine que nunca fui, pois eu

farei o mesmo. — A voz doce afirma o que de repente se tornou música para os meus ouvidos. — Para mim será como uma primeira experiência, a primeira vez que quis tanto ser de alguém, como desejo me entregar a você agora. — Suas palavras dispensam preliminares e o meu tesão já enorme, aumenta a um nível insuportável.

— Ângela, estou começando a suspeitar que de Anjo você não tenha nada e a acreditar que como disse o Erick algumas vezes, você é o próprio demônio de vestido.

— Demônio por quê? — indaga, sem que o tom de voz denuncie uma verdadeira irritação.

— Minha pequena diabinha — falo, ajeitando-me melhor e agora a posição deixou os nossos sexos em contato. Mesmo tendo a minha calça social e a sua calcinha como barreiras, sou capaz de sentir o calor que essa parte específica emana e se tocar agora entre nossos corpos, encontrarei a sua calcinha úmida e também a frente da minha calça que está em contato direto com ela.

Além de todo esse papo, Ângela e eu começamos com o beijo quente, dando continuidade ao que começou dentro do carro, onde o meu motorista teve que agir com discrição, fingindo não ver a nossa transa a seco no banco traseiro.

— Fica me incitando a cometer pecados. — Enquanto falo, passo a moer meu pau contra a sua boceta desejosa. — E eu quero muito cometer pecados com você, minha diabinha.

— Então vem — chama, levantando levemente os quadris da mesa e se apertando contra os meus movimentos circulares. — Estou aqui, entregue e disponível para você.

— Minha linda — digo, tomando sua boca em um beijo urgente como todos os outros que demos e com a boca exijo repostas. Com a dança sensual que as nossas línguas fazem se explorando mutuamente, ditamos em silêncio como vai ser o nosso sexo. — Como é bom beijar você,

PERIGOSAS NACIONAIS

essa boca macia — digo, depois de um tempo bem gasto com beijos e mais beijo. Desesperados e intensos beijos. — Me diga, eles são rosados? É assim que eu os imagino — afirmo, desenhando os seus lábios com o dedo, a fim de sentir a maciez.

— Bruno — chama o meu nome como uma prece, mexendo-se incomodada, tentando manter o contato dos nossos sexos. — Eu preciso...

— Eles devem estar inchados da minha ganância por eles e os imagino mais inchados ainda quando eu vorazmente meter o meu pau dentro da sua boca. Você quer, minha garota insaciável?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quero, porra! — fala em agonizante
tesão. — Quero tudo, você dentro de mim, agora,
Bruno — pede e me compadecendo da sua súplica,
desço uma das mãos entre a sua bunda e do tampo
da mesa de madeira, tirando-a do apoio.

Agora, tendo ela as costas na mesa e a
bunda sustentada pelas minhas mãos, dou-lhe a
dose de alívio pela qual implora ao friccionar meu
membro na sua boceta, em movimentos circulares
que se intercalo com bombadas que simulam
movimentos de penetração, assim como faríamos se
já estivéssemos sem roupas e meu pau dentro dela,
comendo-a como implora para que eu faça. Como
eu morro por fazer.

PERIGOSAS ACHERON

— Melhor assim? — indago e ela apenas geme em resposta. — Você quer gozar, minha linda?

— Sabe que sim, Bruno — fala de maneira compassada, enquanto tenta encontrar o foco para falar e sentir o prazer que a nossa preliminar proporciona. — Não seja cruel, me faça gozar ou eu mesma cuido disso — impõe e no mesmo instante eu a solto e me afasto alguns passos para trás, não muito, pois não quero que a minha cegueira em nada atrapalhe o que está por vir.

— Ângela, tira a roupa — peço, enquanto eu mesmo começo a tirar as minhas. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Quero você nua, agora — exijo. — Nada de calcinha ou sutiã, completamente nua — joga a camisa no chão e antes que faça o mesmo com a calça, lembro-me de pegar a minha carteira do bolso e dela tirar o único preservativo, colocado depois do vexame de ter que pedir um para meu irmão mais velho.

Só espero que em algum lugar desse quarto tenha alguns espalhados, pois suspeito que um só não seja suficiente. Levando-se em consideração o tesão e o desejo há muito acumulado, um ou dois preservativos jamais serão suficientes.

Esse é o meu pensamento quando

PERIGOSAS ACHERON

estendo a mão para frente e quando ela pega a pequena embalagem da minha mão, pergunto:

— Fez o que eu pedi? — a chatinha não responde, apenas sinto-a se aproximar de onde estou, pegar as minhas duas mãos e as levar para os seus seios despídos.

— Eu estou pronta, Bruno — afirma a voz doce, parecendo muito sexy ao ter seu tom afetado pelo desejo. — Pronta para você fazer o que quiser de mim. — É ousada e eu não resisto a amassar seus seios médios com as duas mãos, para em seguida beliscar os mamilos duros.

— Vou fazer muito, baby, chegará uma hora em que você não vai suportar o que tenho

PERIGOSAS ACHERON

para te dar, mas ainda assim, estará implorando por mais e mais do prazer que tenho para nós dois. Para mim o maior prazer vai ser me derramar dentro de você, o meu pequeno anjo, corrompido pela devassidão, pela luxúria.

— É tudo o que eu mais quero... —
ofega quando me curvo e abocanhando o seio farto, ao passo que a outra mão se reveza em entre apertar e beliscar o gêmeo carente.

— Deliciosa. — Volto a minha postura, beijando mais uma vez a sua boca macia. Da boca passo para o seu pescoço e quando chego perto da sua orelha, sussurro baixinho:

— Para a cama, meu anjo. Me guie

para a cama. — Estamos abraçados e atendendo o meu pedido, ela começa a andar para trás.

— Tem certeza? Não tem mais volta, linda — pergunto, mesmo sabendo da resposta. — Depois de hoje nada entre nós será como antes, não seremos apenas conhecidos que tem amigos em comum, seremos tão íntimos quanto duas pessoas que são amantes podem ser.

— Não quero que seja como antes, quando eu me segurava para não tentar te fazer mudar de ideia a cada oportunidade. Quero o hoje, a realidade em que você finalmente vai me fazer sua, como eu sempre quis ser.

— E eu desde o início quis te fazer

PERIGOSAS NACIONAIS

minha — devolvo a sua declaração, nos mudando de posição e sentindo minha perna encostar-se à cama, sento na ponta dela e chamo:

— Senta aqui baby, quero sentir todo o seu corpo dentro dos meus braços. — Ângela vem, senta de frente para mim, uma perna para cada lado do meu quadril.

— Assim que você quer, meu homem de olhos azuis? — provoca, ao falar baixinho no meu ouvido, terminando com um assopro, jogando uma lufada de ar quente que me deixa louco para jogar para o alto os cuidados que essa primeira vez pede e pegá-la com força, com a mesma força do meu tesão por ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Não me provoca, diabinha — peço, firmando sua cintura, tentado impedi-la de continuar esfregando a boceta molhada no meu pau que está roxo por vontade de se jogar dentro da bocetinha gulosa.

— Me fode, Bruno — ignora, continua a sussurrar, ainda passando a boceta molhada pelo meu eixo mais que satisfeito e a fim de entrar na festa. — Não precisa se segurar, sei que é isso que quer fazer — ela pega a minha mão e a leva até o seu sexo, deixando-a lá para depois afastar a sua. — Também quero, está sentindo?

O calor parece me chamar e fazendo como ela quer, aliso superficialmente o núcleo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quente e molhado pelo desejo. Ela é lisinha, o que torna o toque mais escorregadio.

Aos poucos, meto dois dedos na sua vagina, encontrando-a úmida e pronta para me receber.

— Deliciosa... — falo de dentro da sua boca, e enquanto ela me devora com língua e dentes, eu a como com os dedos. — Tão molhada... — estimulo seu clitóris inchadinho, enquanto a fodo.

— Bruno, eu vou... — morde meu ombro com força, quando sinto seu sexo se apertar contra os meus dedos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não vai gozar, anjo — tiro os dedos, de repente, emendando antes que ela proteste: — Vai gozar no meu pau. O preservativo, onde ele está?

— Ficou na mesa.

— Porra — esbravejo, frustrado.

— Bruno, eu estou em dia com os meus exames e tomo anticoncepcional, se você quiser... — Se constrange pela proposta.

— Podemos transar sem camisinha?

— Eu não queira...

— Eu fiz exames recentemente, Anjo — aviso, animado com a ideia. — Se você confiar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em mim podemos fazer sem proteção.

— Eu confio, não vamos fazer sexo com outras pessoas.

— Não, Ângela, seremos só eu e você — assevero. — Nada me dará mais prazer do que sentir você sem nenhuma barreira.

— Só eu e você — repete.

— Quero que você me coloque para dentro, amor — peço, não me importando de pela primeira vez usar o termo carinhoso. — Tome tanto o quanto puder, sou seu.

Dito isso, firmo a sua cintura e ela se levanta apenas o suficiente para pegar a minha

PERIGOSAS ACHERON

ereção e guiá-la para dentro da sua boceta.

— *Ahhhh* — ela grita, enquanto aos poucos sua boceta vai me engolindo — Bruno...

— Como você é apertada, porra! — falo entredentes, quando um prazer inesgotável passa por todo o meu corpo, desde a ponta dos pés até o último fio de cabelo da minha cabeça. — Deliciosamente apertada.

Ângela geme baixinho, até que consiga ser preenchida até o fim e quando isso acontece, ficamos sem nos mover, apenas sentindo a delícia de finalmente estarmos assim, fazendo sexo, pois foi nisso que pensei quando ela roubou o nosso primeiro beijo.

Esperando que ela se acostume com a minha invasão que não deve ser tão cômoda da primeira vez, grudamos nossas bocas no beijo que fez os movimentos que meu pau ainda não está fazendo dentro da sua boceta. Rolo nossas línguas em movimentos indecentes de sucção, enquanto mais abaixo ela decide me enlouquecer quando passa a fazer movimentos circulares, estando completamente empalada pelo meu pau.

— Você é uma gostosa, Ângela, gostosa e safada — falo, assim que o beijo termina, para dar uma mordida no seu lábio superior. — Vamos, eu quero que você se mova, senta no meu pau até se cansar, até que caia suada, ofegante e

PERIGOSAS NACIONAIS

satisfeita — digo, ao estapear a parte externa da sua coxa. — Aqui estamos nós, Ângela Albuquerque, finalmente fodendo.

— Antes tarde do que nunca — diz, com as unhas compridas cravadas no meu pescoço.

Ângela começa a se mexer em movimentos cadenciados de sobe e desce, tomando meu pau até o fim. É tão apertada, tão deliciosamente apertada.

— Assim, diabinha — enrolo os cabelos compridos na minha mão, posicionando sua cabeça no meu ombro, tornando mais fácil o meu movimento de agarrar a sua bunda a auxiliá-la nos movimentos de subir e descer, de meter e tirar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Assim, Bruno — incentiva, já cansada do esforço inicial — Mais rápido, eu quero gozar.

Com o pedido desesperado, tomo as rédeas da transa e começo a socar com mais força e profundidade.

— Gostosa... — sinto sua pele começando a ficar úmida, assim como o suor que ameaça escorrer por minhas costas — Como é bom comer você, porra! — Com cuidado, levanto da cama e sem sair de dentro dela ou parar de me mover, deito-a de costas e assim, com a suas pernas abraçando a minha cintura, as estocadas ficam mais profundas e mais fortes.

PERIGOSAS ACHERON

Sob o som dos seus gemidos cada vez mais altos, permaneço por um bom tempo lhe fodendo, beijando a boca gostosa e acariciando os seios, até que chega o momento onde já não dá mais pra segurar o meu ou o seu orgasmo.

— Bruno... — é mais um gemido sussurrado do que propriamente um chamado.

— É isso que você quer, linda? — começo a meter com mais força e sem dó, agora tendo o seu corpo gostoso e completamente suado entre os meus dedos. — Vem comigo.

— *Humm* — ofega com as arremetidas bruscas e os gemidos ecoam pelo quarto quando o som de batidas na porta se mistura

com o som de respirações alteradas e dos nossos corpos se chocando. — É... a... nossa... janta. — falo com dificuldade e a batida continua.

— *Ahhh...* — Com uma última e profunda bombada, Ângela goza e me leva junto. Com o nosso alívio ela solta um grito e eu um rugido alto o suficiente para fazer as batidas na porta pararem e para fazer a pessoa desistir de atrapalhar o casal que claramente está transando.

— Ângela, você é demais — falo sôfrego após alguns segundos, com o coração acelerado contra o meu peito. O corpo ainda está em cima do dela e a conexão ainda não foi quebrada. Nesse momento me dou conta de que se

PERIGOSAS NACIONAIS

pudesse, passaria a vida dentro dela.

— Nunca foi tão bom — fala baixinho, alisando as minhas costas suadas, estando ela mesma uma bagunça de suor, misturado com o meu sêmen que possessivamente jorrei dentro dela.

— Eu daria um braço só para poder de ver agora, o rosto de satisfação, a corpo suado e por entre as suas pernas ver escorrer a minha porra, a prova do nosso desejo pela primeira vez saciado.

— Não pense nisso agora, querido. — A voz volta a ser doce, mesmo ainda ofegante. — Tudo foi perfeito, não faltou nada. Não pense em nada que não seja no que acabamos de fazer.

PERIGOSAS ACHERON

— Tem razão, anjo. — Sinto seus braços e pernas me abraçarem e aqui, ainda dentro do seu calor acolhedor, com o corpo em cima do dela, percebo que não há mais volta para mim.

Algo mudou, coisas que ainda não posso definir, mas que trazem a certeza de que não posso deixá-la ir. Sei que uma hora ela vai querer ir e que nesse dia terei de soltar a sua mão e quando isso acontecer, do Bruno restará menos do que restou do Bruno de depois do acidente. Ficará o Bruno que conheceu a alma e amou o corpo de um anjo, um anjo em forma de mulher.

Como não associar tal divindade a ela que em pouco tempo só traz luz para a minha vida?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Feliz como nunca



— Tem certeza de que está tudo bem?

— Deitado atrás de mim, com a mão em volta da minha cintura ele pergunta, depois de eu ter desligado o celular que insistentemente tocava agora há pouco. — Não quero de forma nenhuma te

causar problemas — diz e eu me aconchego melhor no seu abraço, apertando-me mais ainda contra o seu corpo nu.

Mal sabe ele que de qualquer forma terei problemas. Sérios problemas, levando-se em consideração a gravidade do que fiz aos olhos dos meus pais. Além de ter sido pega aos beijos, ainda fugi antes do fim da recepção. Isso na cartilha de bom comportamento dos meus pais é considerada uma falta gravíssima. Se eu me importo nesse momento? Eu não poderia dar menos importância para o conceito de certo e errado dos meus pais. É claro que as consequências virão, mas agora não é o momento e nem quero pensar nisso.

Tudo o que desejo é ficar aqui, a noite toda em claro nesse quarto de hotel, ao lado homem que de uma única vez me provou que tudo o que vivi antes foram experiências pálidas e sem importância perto do prazer que senti ao ser amada por ele. O cuidado e a forma carinhosa como me tratou nas duas vezes em que transamos, mostrou que eu não estava errada em desejar e fantasiar por anos esse momento.

Em detrimento a sua personalidade dura e até fria em algumas ocasiões, Bruno me tocou como um homem que sabe como tratar uma mulher.

Foi a relação sexual mais quente e

intensa que experimentei e foi também um pequeno aviso do que viria a seguir.

— Você não respondeu, linda. — Bruno diz, a sua voz trazendo-me para o presente tão gostoso quanto o passado de minutos atrás. — Está calada, fala se está tudo bem? Você sabe que eu não enxergo, não é? Só saberei das coisas se você conversar comigo — explica e dessa vez não sinto tom ressentido na sua voz, está apenas esclarecendo pontos da sua condição. — Não é como se eu pudesse ler a sua expressão. Fale comigo, tudo bem? Para que dê certo entre a gente, preciso que seja clara em tudo.

— Está tudo bem. — Sem aviso, troco

de posição, saindo da conchinha que estávamos desde a hora em que saímos do banho e devoramos o carrinho de comida que estava nos esperando na porta. — Não se preocupe com o telefonema, quando chegar em casa eu resolvo. — De frente para ele, admiro o corpo nu, mas meus olhos logo são atraídos para o rosto, mais especificamente para os olhos azuis escuros que infelizmente não conseguem enxergar. — Estava pensando em tudo o que fizemos em um espaço tão curto de tempo.

— Você fez. Seduziu-me sem chances de defesa, chatinha. Só porque sou um homem que não pode se defender — brinca, como já fez outras vezes quando o assunto é a sua cegueira. — Você é

insaciável — diz ao enlaçar a minha cintura novamente, deixando nossos corpos colados ao estarem deitados de lado sobre a espaçosa cama do luxuoso quarto.

— Eu sou insaciável? — Faço a ofendida.

— Você é uma gulosa, sempre querendo mais e mais — diz com malícia. — Você que consegue enxergar, dá uma olhadinha e vê se o meu pau não está em carne viva? — Abre o sorriso de dentes certinhos e brancos, o que não o livra de receber um tapa estalado no braço.

Ele não mente quando me acusa de ser uma tarada, porque eu realmente fui e mesmo não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sendo uma pessoa tímida, também nunca fui liberal a ponto de me insinuar como fiz da primeira vez, quando o provoquei até que consegui tê-lo completamente dentro de mim.

Da segunda vez, depois que ele propôs tomarmos um banho e limpar toda a sujeira que o nosso sexo desesperado fez, terminamos o banho mais tarde do que imaginávamos e saímos de lá exaustos e sem forças para mais nada; tudo depois de termos passado vários minutos transando debaixo da água, eu com as costas contra a parede do box e ele na minha frente, sustentando o meu corpo.

Quando terminamos, caímos exaustos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre a cama e só não deixamos o sono nos levar porque a alegria é demais para que possamos nos permitir perder preciosos minutos da nossa primeira noite juntos. Da minha parte, sinto que as horas estão passando mais rápidas e com ela a sensação de que ao sair do quarto pela manhã, nunca mais o verei.

Nunca mais ver seus olhos azuis.
Nunca mais ouvir o som da sua voz a me chamar de pequeno anjo. Nunca mais sentir o seu toque.

Nunca mais.

Nunca mais...

— Ei, meu anjo. — Sem que eu tenha

PERIGOSAS ACHERON

me dado conta, estou tão colada a ele quanto possível e com o rosto encostado no seu peito. — Você está chorando?

— Não... — Vou mentir, mas logo me lembro do que ele acabou de pedir e que também não é justo usar da sua cegueira para esconder coisas, mesmo que com um único toque ele possa comprovar por si mesmo. — Quer dizer, estou, mas é só um pouquinho.

— Você está bem? — Ele se empertiga, desfaz o nosso abraço e com habilidade começa a inspecionar meu corpo com as mãos. — Se eu te machuquei de alguma forma...

— Não, Bruno — falo mais alto do
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que o necessário, bruscamente tirando as suas mãos do meu corpo, sentando-me e em seguida perdendo o controle — com as pernas dobradas, derramando copiosamente as lágrimas que até então eram poucas.

— Por favor, meu anjo, fala comigo.

— Ele se senta às minhas costas, abraçando a minha cintura. — Você está me assustando.

— Estou tão feliz aqui, Bruno — soluço descontrolada e envergonhada por ter uma crise na sua frente. — Feliz como nunca antes estive. Eu... eu tenho medo de que acabe. — As palavras saem sem que eu consiga controlar a minha boca, e talvez não precise de muito para

PERIGOSAS ACHERON

afastá-lo de mim, eu mesma posso estar fazendo agora ao despejar tamanho drama onde não cabe.

— Não vai, minha linda. — Apoio minha cabeça no seu ombro e entrelaço os nossos dedos. — Não foi bom o que aconteceu aqui? — Quando respondo afirmativamente, ele continua: — Então, nós estamos apenas começando, não vai acabar. Nós não queremos e é só isso que importa.

— Você promete? Promete que não vai desistir, mesmo quando as circunstâncias digam o contrário? — A frase pode parecer estranha e definitiva, mas quem sabe um dia ele entenda e se lembre dela?

— Prometo que enquanto eu não ouvir

PERIGOSAS ACHERON

da sua boca que me quer longe, estarei aqui.

— Desculpa por entregar a nossa noite dessa forma — peço, depois de perceber que ele não vai me questionar os motivos da crise repentina.

Bruno parece querer respeitar o meu espaço, o que me deixa muito satisfeita, pois ainda não estou pronta pra desnudar um lado meu que eu e meus pais sempre fizemos questão de manter escondido, até mesmo da minha melhor amiga.

— Não estragou, linda — afirma depois de alguns minutos quando solta a minha mão e ainda atrás de mim e tendo as costas apoiadas no seu peito, permanece com um braço

em volta da minha cintura, enquanto a outra encontra caminho para os meus seios, lugar onde as suas mãos e boca parecem ter prazer de tocar. — Me diga, já parou de chorar? — Bruno indaga, ao beijar o meu ombro e como resposta, ainda ressoam pequenos soluços. — Não vou te perguntar o que aconteceu, mas espero que chegue o dia em que você vai confiar em mim o suficiente para se abrir.

— Obrigada por isso — agradeço e o soluço e a pequena crise é substituída por um arrepio de prazer quando a mão forte começa a brincar com o mamilo enrijecido. — Eu adoro as suas mãos, a forma como elas me tocam...

— Ficaram mais hábeis depois do

acidente, quando tive de aprender a conviver com as minhas limitações — explica.

— Quer falar sobre isso? — indago muito curiosa para saber mais sobre ele.

— Ainda não. — Se limita a dizer e nem tenho direito de me sentir ofendida, não quando eu mesma não quis falar.

— Quando você quiser — afirmo, dando-me conta do quão certo é o nosso relacionamento. Não existem paranoias e cobranças.

Nós dois sabemos que escondemos coisas difíceis demais para serem abertas com

facilidade e mesmo assim, não há o desconforto por não estarmos dispostos a falar, por enquanto. Talvez isso aconteça por no fundo termos medo; medo de que sejam coisas pesadas demais a ponto de interferir na relação. Pelo menos é assim que eu me sinto.

— Além disso, hoje não é o dia para os assuntos sérios — afirma e como quem não quer nada, a mão que antes me abraçava começa a descer pela minha barriga, até alcançar o início do meu sexo.

— É dia de que, baby? — provoco com o apelido que ele passou a me chamar.

— De trepar, conversar sacanagens e

PERIGOSAS ACHERON

voltar para foder mais um pouco — fala no meu ouvido e o dedo indicador invade pouco a pouco a minha boceta. Depois ele começa movimentos lentos de entrar e sair. — Pensei que fosse isso que você queria.

— É isso que eu quero — falo rapidamente, já me sentindo afetada com uma de suas mãos acariciando os meus seios, enquanto a outra toca o meu sexo castigado.

— Você é muito safada, diabinha — diz. — Eu também tenho muita vontade de te foder mais uma, duas e quantas vezes forem preciso para aplacar pelo menos um pouco do desejo que secretamente vem me perseguindo, no entanto,

PERIGOSAS NACIONAIS

acho que já abusamos demais por hoje e eu não quero desgastar a minha namorada dessa forma.

Na hora que ele fala meu corpo enrijece pela surpresa, a boa surpresa por ouvi-lo referir-se a mim como a sua namorada. Não sei nem se ele se deu conta, mas é óbvio que eu vou lembrá-lo.

— Bruno... — chamo baixinho, não sabendo muito bem como abordar o tema.

Questioná-lo vai parecer que estou louca para ter o título de namorada e adivinha? Eu estou mesmo.

É o que eu quero, mesmo que o resto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do mundo não saiba, o importante é nós dois sabermos.

— Fala, eu sei o que você está querendo perguntar. — Olho para trás e vejo que tem um sorriso incontido no rosto.

— Você acabou de dizer que sou... —
Por que parece tão difícil?

— Minha namorada — completa. —
Acho que é isso que estamos fazendo, baby. —
Suas palavras são músicas para os meus ouvidos.
— Isso se você quiser, é claro.

— É o que eu mais quero, Bruno —
afirmo em meio a um gemido involuntário, já que é

PERIGOSAS ACHERON

impossível ignorar o seu dedo que agora são dois, me penetrando preguiçosamente, enquanto discutimos o status do nosso relacionamento.

— Então tá, namorada — diz quando os dentes cravam no meu pescoço e a mordida dolorosa é precedida pelo carinho que a língua fez no local magoado. É assim que Bruno faz: uma mistura de força com leveza, de dor com prazer, tudo na medida certa, tudo o que preciso. — O que você quer fazer agora, além de gozar? — O vai e vem fica mais frenético e profundo quando com perícia ele faz movimentos circulares.

— Gozar — digo, não consigo pensar em mais nada que não seja o alívio que meu corpo

almeja.

— O que você quiser, baby —
sussurra próximo ao meu ouvido, quando com a
mão livre posiciona o meu rosto para trás e em
conjunto com a masturbação, ele toma a boca com
a mesma voracidade com que toca o meu sexo.

— *Huumm* — gemo dentro da sua
boca, sentido o prazer máximo rapidamente se
aproximar do meu centro pulsante.

— Goza, diabinha, goza para o seu
namorado — pede contra a minha boca, puxando
com os dentes o meu lábio inferior e quando faz
isso em conjunto com as arremetidas que a essa
altura já estou indo encontrar no meio do caminho,
PERIGOSAS ACHERON

o gozo vem forte e com ele o grito de satisfação.

— Bruno... — Sou uma massa quente e trêmula apoiada no seu peito e junto com os efeitos do meu orgasmo, Bruno termina por morder meu lábio que anteriormente puxava. A dor ajuda a aumentar ainda mais a intensidade do pico de prazer alcançado.

— Porra, Ângela, seu corpo é tão receptivo ao meu toque — diz. — Te dar prazer está facilmente se transformando no meu maior vício — afirma e como uma pessoa que se encontra hipnotizada, acompanho a hora em que ele cuidadosamente tira os dedos de dentro do meu sexo até que leva para dentro da própria boca —

Você é muito gostosa. — Chupa os dedos com aparente prazer e quando levo a mão para trás, agarro a ereção que durante todo esse tempo esteve cutucando a minha bunda.

— Ângela, baby, para com isso — diz com o corpo todo tenso às minhas costas, quando imprimo força ao meu aperto em volta do membro ereto.

— Eu quero cuidar de você, baby, da mesma forma como cuidou de mim. — Saio do meio das suas pernas, me ajoelhando na sua frente e aproveitando para admirar o belo corpo. — Vai, deita. — Com a mão empurro seu peito para trás, até tê-lo deitado de costas sobre a cama. — Agora a

PERIGOSAS NACIONAIS

sua namorada vai fazer você se sentir bem, assim como fez comigo.

— Já fez, duas vezes quando me deixou te comer — afirma, mas estou mesmo é de olho do seu pau maravilhosamente ereto e que me deixa envaidecida por saber que sou a responsável por ter ele assim.

— Cala a boca, Bruno — monto de pernas abertas em cima da sua cintura e ao abaixar meu tronco e esmagar meus seios contra o seu peito, começo com beijos em cima de cada um dos seus olhos. Depois desço para a sua boca, beijando o cantinho e quando ele tenta iniciar um dos seus beijos fodedores de mentes, afasto-me com o aviso:

PERIGOSAS ACHERON

— Nada disso, sou eu quem está no controle agora. — Desço a boca pelo seu peito, revezando mordidas com lambidas, enquanto imagino o que ele faz para manter o abdômen tão firme, onde não transparece uma gordurinha fora de lugar.

— Ângela... — As mãos já estão segurando a minha cabeça quando terminando de me arrastar pelo seu corpo, estou com a boca abaixo do seu umbigo e na mão tenho seu pênis, sendo acariciando com movimentos circulares de subir e descer. — Porra, onde você... esquece, não quero saber.

Com os beijos, minha boca e rosto

finalmente estão na frente do orgulhoso membro que enche minha boca d'água por vontade de tomá-lo. Como um homem grande e de estrutura forte, o seu membro faz jus com o tamanho e espessura um pouco grandes demais para mim, mas que depois das primeiras e cuidadosas penetrações, o prazer de me sentir completamente preenchida leva embora todo o incômodo e sensação de que não aguentaria levá-lo até o fim. No fim das contas, não só consegui levá-lo como também viquei na sensação de estar completamente preenchida por ele.

Quando passo vagarosamente a língua pela cabeça rosada e robusta do seu pau, vejo do alto Bruno trincar os dentes, e os dedos das mãos se

PERIGOSAS NACIONAIS

alinharei nos meus cabelos.

— Você não precisa... Ahhh — ofega quando aos poucos e até onde consigo, vou engolindo seu membro de veias saltadas. — É claro que precisa... Isso, baby. — Quando tiro e volto novamente, ele já está sem controle e com o quadril me encontrando no caminho. — Que boquinha gostosa, anjo — elogia, forçando minha cabeça até onde consigo levar e o que não consigo, completo com a mão que o aperta em movimentos circulares. — Se não parar vou acabar esporrando nessa boquinha gulosa — avisa, quando a sensação de ter o seu pau mais grosso dentro da minha boca, denuncia o fato de ele estar a ponto de gozar.

PERIGOSAS ACHERON

Sabendo disso, aumento ainda mais a intensidade das chupadas e assim o faço, até que com o urro, ele se desmancha dentro da minha boca, jorrando a sua semente que sem parar para pensar, engulo o líquido espeço e viscoso.

— Merda! — Sua respiração está ofegante, enquanto continuo o levando com a boca, lambendo o seu membro até que da prova do seu clímax não reste uma única gota.

— Sobe, linda. — Ele estende as mãos, eu deixo seu pênis satisfeito sobre a parte baixa da barriga e faço o que pede ao deitar do seu lado, com a mão apoiada no peito úmido e a perna sobre seu quadril. — Me beija. — Pela primeira

vez faz o pedido que algumas vezes saiu da minha boca.

Sendo abraçada por ele e sexualmente satisfeitos, permanecemos nos beijando por vários minutos, um beijo calmo e bem diferente da urgência dos anteriores. Nesse nós apenas nos experimentamos, contentes por tudo o que foi feito e conversado nesse quarto.

— Você literalmente me rouba o fôlego, amor. — Bruno beija o meu rosto quando com dificuldade soltamos a boca do outro.

— Digo o mesmo.

— Estou tentando e no momento não

PERIGOSAS NACIONAIS

consigo lembrar os motivos para não termos feito isso antes. — Me surpreende com suas palavras.

— Talvez nosso momento ainda não tivesse chegado e nem ao menos estávamos preparados. — Decido usar da sensatez, embora a lembrança do período de espera me incomode muito.

— Você está certa, baby. — É a sua última frase antes de voltarmos a nos beijar, como se fosse difícil demais permanecermos poucos minutos sem estarmos nos tocando.

Até o meio da madrugada quando o sono acabou nos derrubando, permanecemos namorando, nos acariciando e beijando como se a

PERIGOSAS ACHERON

vida dependesse disso. Como ele preferiu, o sexo ficou fora de questão e antes de dormirmos, ele se aconchegou às minhas costas e deitados de conchinha, com a sua cabeça aconchegada entre meu ombro e pescoço, ficamos em silêncio, cada um com os seus pensamentos, mas com a certeza de que no meio desses pensamentos não existe nenhum que não seja de felicidade e satisfação. Satisfação por enfim termos nos acertado.

Bruno é a força que me fará enfrentar um novo dia, a força que necessito para lutar por nós e enfrentar as consequências por me permitir estar aqui, nos braços do homem pela qual sou apaixonada há mais tempo do que sou capaz

PERIGOSAS NACIONAIS

calcular.

PERIGOSAS ACHERON



Consequências



— Você tem certeza de que está tudo bem? — pergunto quando estamos parados em frente à sua residência que imagino ser uma imponente mansão. — Se quiser eu posso entrar e falar com eles. — Ofereço, pensando na ironia de

tal proposta. Bruno Pires, aos trinta e quatro anos, se oferecendo para entrar e falar com os pais da namorada treze anos mais jovem.

— Não! — Ela se apressa em dizer quando mal terminei de oferecer. — Você não vai entrar lá dentro — emenda com veemência.

A forma que ela fala me incomoda muito, trazendo à tona todas as inseguranças que luto para manter escondidas, me fazendo imaginar os piores motivos para a negativa.

— Compreendo — digo, frio. — Se eu estivesse no seu lugar, talvez a minha atitude não fosse diferente. — Na frente do táxi que preferi pedir ao invés de incomodar o pobre motorista em

PERIGOSAS ACHERON

plena manhã de domingo, me afasto do seu toque, não escondendo a amargura que por vezes não consigo evitar.

— Não é nada disso que você está pensando, Bruno — justifica-se com uma urgência na voz que me deixa chateado por estar agindo dessa forma, talvez a julgando sem saber dos reais motivos. Porém, tenho ciência das minhas fraquezas, tendo acreditado por anos que não poderia ter um relacionamento que fosse algo mais que o sexo sem compromisso. — Eu não me envergonho de você.

— Tenha um bom dia, Ângela. É melhor você entrar, esse vento pode te deixar

PERIGOSAS ACHERON

resfriada — peço, não querendo estragar o seu dia, mais do que já estraguei com a minha baixa autoestima.

Sem nada dizer e imagino que esteja magoada com o meu distanciamento, minha audição mais apurada depois do acidente denuncia que esteja fazendo exatamente como pedi.

Pedi porque sou um idiota que desaprendeu como se deve tratar uma mulher, não uma qualquer que não foi mais que uma noite de sexo. Essa que com poucas palavras consegui afugentar para longe é a Ângela, meu anjo, a minha namorada.

— Diabinha — chamo e no processo

PERIGOSAS NACIONAIS

estendo os braços, mesmo não sabendo se ao menos ela vai me dar essa chance. — Desculpa — peço, felizmente sentindo-a se jogar nos meus braços que a aperta, assim que a enlaça.

— Eu não me envergonho de você, juro — fala contra o meu peito, sendo bem mais baixa do que eu. Diferença sentida mesmo ela estando com os saltos que ontem à noite tive o prazer de tirar. — Como poderia? Você é o homem mais maravilhoso que já conheci.

— Espero que tenham sido poucos — digo cheio de ciúme. — Agora me dá o meu beijo e entra. Não quero que fique resfriada com essa friagem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu amei a nossa noite Bruno, nunca vou esquecê-la — afirma e noto um ligeiro tom de melancolia. — Nunca. — Agarra o meu pescoço e como pedi, inicia um delicioso beijo de despedida.

Abraçando-a com firmeza, deixo que dite o ritmo do preguiçoso beijo, enquanto me delicio com os lábios macios.

— Me liga, está bem? — peço por fim quando acariciando seu rosto, pego uma mecha que o vento espalhou e a coloco atrás da sua orelha.

— Ligo sim. — Dá um último selinho e fala antes de se afastar: — Você não vai mais se livrar de mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não quero. Ficarei feliz por me perder dentro de você, dia após dia — declaro.

— Tenho que ir — fala, alarmada e com a pressa que não tinha antes. — Não vejo a hora de ter ver novamente, namorado. — Beija meu rosto e os saltos batem contra o chão. O ritmo acelerado avisa que ela corre ao invés de andar.

— 45 B, por favor — aviso ao motorista do táxi que estava a poucos metros, esperando despedir-me da Ângela.

Enquanto o veículo trafega pelo trânsito calmo, minha mente trabalha frenética, juntando alguns pontos de coisas que aconteceram ontem à noite e agora há pouco.

O comportamento da minha chatinha vem a minha mente e entre eles a certeza de que algo de muito errado acontece com ela. Coisas que preciso descobrir, para só então poder ajudá-la. Se é que ela precisa de ajuda.

Talvez seja só paranoia minha, já que a cegueira transformou-me em uma pessoa mais desconfiada.



Enquanto atravesso o jardim, meus olhos são atraídos para o alto, onde da janela do

PERIGOSAS NACIONAIS

segundo andar Mateus observava eu e Bruno. Só não faço ideia de quanto tempo ele estava ali.

Sei que eles não verão com bons olhos o meu comportamento. Nunca viram, desde criança foi assim. Eu nunca fiz nada certo, fui a criança problemática que as pessoas elogiavam pela beleza física, mas, que as escandalizam pelo comportamento livre demais, alegre demais, comunicativa demais; tudo era demais, até que um dia as minhas asas foram cortadas, mas não completamente. Por baixo das rachaduras, existem cicatrizes das asas que lutam para voltar a crescer. Bonitas asas que me permitirão ser livre e voar. Ser o pequeno anjo que o Bruno acredita que sou.

PERIGOSAS ACHERON

— Você realmente não tem jeito, Ângela Albuquerque. — Ao adentrar a ampla sala, encontro o que imaginei encontrar. Sentada em um sofá, minha mãe tem a postura ereta e altiva, enquanto nas mãos segura uma xícara e um pires.

Ela me questiona com uma calma de dar inveja. Quem a conhece sabe que essa é a sua forma de agir, mesmo quando está tão irritada como sei estar neste momento.

Do seu lado papai me avalia em silêncio, o silêncio da pessoa que sabe de tudo o que se passa, de quem sabe ser o principal motivo de eu estar levando uma vida difícil há mais anos do que uma pessoa mais frágil poderia suportar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda assim, ele se mantém passivo. Não move um dedo para libertar-me e ao menos frear a esposa.

Para Tarcísio Albuquerque, o que importa são os negócios, o status que o seu sucesso traz. Para ele quanto mais comportada a única filha for, melhor será. Afinal, manter as aparências é tudo o que importa.

— Seu pai te pediu para representá-lo no maldito evento e você fez o que? Saiu antes dos convidados, na companhia de um homem qualquer.

— Eu fiz como o papai pediu. — Enfrento, já que a covardia não faz parte do meu vocabulário. — E o Bruno não é um cara qualquer, vocês sabem disso. — Não deixo de defendê-lo.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, o responsável por fazê-la agir como uma sem vergonha em público. — Deve estar se referindo ao beijo que o Mateus flagrou e deve ter dado com a língua nos dentes.

— Não estávamos em público e se Mateus não estivesse me seguido, nem ele teria visto.

— Não se justifique, Ângela. — Me corta, colocando a xícara com o pires em cima da mesinha de centro. — Não quando você nunca soube se comportar. Se esqueceu que foi seu comportamento o responsável pelo estado de saúde que o seu pai se encontra hoje?

Ela é cruel ao relembrar um assunto

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu prefiro esquecer, e pudesse voltar atrás e agir diferente, eu teria feito.

— Não fala assim com ela, querida.

— Seu Tarcísio intervém, pois nem ele fica confortável quando um assunto tão doloroso é usado para me atingir. — Não agora que ela está tão bem.

— Bem demais, até mesmo para perder o controle dos próprios atos.

— Não estou perdendo o controle, mãe. Estou apenas vivendo como uma mulher de vinte e um anos e que já tem condições de dormir fora de casa, de ter um namorado e viajar sozinha, sem que tenha 5 cães de guarda na cola — desabafo

PERIGOSAS ACHERON

em resposta à rasteira que ela me deu agora a pouco.

— Você sabe que isso não é verdade, minha filha. Você não é uma mulher normal. Se realmente gosta desse homem que está com você, deveria pelo menos ter a consideração de mostrar para ele com quem está lidando.

— Já chega vocês duas. — Meu pai intervém novamente na discussão. — Mara, deixa a sua filha em paz, você sabe que não gosto quando tocam nesse assunto. E você, Ângela, pensa bem no que está fazendo. Bruno Pires é um homem respeitado no país, não é como os garotos que antes você namorou — avisa, e eu não tenho como

discordar da última afirmação.

— Você não pode apoiar essa sandice, meu bem! O homem é mais velho, tem influências eu sei, mas isso não muda o fato de ele ser cego.

— E qual o problema disso? Bruno é muito melhor do que o seu querido sobrinho — aviso, virando-lhes as costas. — E você fala para ele pensar bem no que está fazendo, porque Bruno não parece disposto a perdoar algo do cara que quase matou a esposa do seu melhor amigo. Imagina então o que Erick seria capaz de fazer. — Dou a última palavra e antes de virar o corredor ainda ouço:

— Você precisa fazer alguma coisa,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tarcísio, ela não pode...não pode. — A voz embarga e imagino que esteja chorando nos braços do esposo.

— Ela está bem, minha querida — A voz do meu pai é condescendente. — Quando não estiver nos vamos saber o que fazer.

Sumo pelo corredor com a última frase ressoando na minha mente.

Dentro do meu quarto rapidamente tiro os sapatos e logo escancaro a porta que dá para a varanda.

Enquanto o vento frio do dia chuvoso invade o quarto, sento-me na ponta da cama e os

PERIGOSAS ACHERON

turbilhões de lembranças invadem a minha mente. Boas e ruins, elas se misturam e de repente, a parte em que o Bruno me faz feliz com os seus beijos some e me vejo transportada para um passado distante.

Nele me vejo aos seis anos, num lugar cheio de árvores e gramas, enfeitado com diversos bolões de cores rosa e azul. Meu vestido está todo sujo de terra e eu corro feliz por todos os lados, não me importando com as reclamações da mamãe.

Do lado do meu pai vejo um menino lindo, ele tem os mesmos olhos azuis e cabelos escuros que eu.

Diferente de mim, sua roupa não tem

PERIGOSAS ACHERON

um grão de terra seque e ao lado do papai, ele sorri timidamente. O mais estranho é que ele parece feliz por estar limpinho, assim como as outras crianças. Eu também estou feliz, muito feliz de já estar com os pés na grama, correndo de um lado para o outro, tendo contato direto com a grama fofinha.

— Mas é tão lindo lá, mamãe. — Aponto para o sul, direção em que fica o bonito lago que as minhas aventuras me fizeram descobrir.

— Não vá para o lago, Ângela, você e seu irmão não sabem nadar — fala, já sem paciência. — Olha só a cor desse vestido, esse cabelo, os pés descalços. Não percebe que só você está assim, minha filha? Será que nunca vai

aprender a se comportar?

Ela tinha razão em tudo, só eu não sabia me comportar. Caio e eu não sabíamos nadar e ainda assim eu insisti até convencê-lo a ir até o maldito lago para pelo menos colocar os pés na água.

— Caio... — O nome sai da minha boca, enquanto com as mãos tento secar o rosto úmido pelas lágrimas que caíram sem que eu percebesse.

Por minha culpa ele se foi, o meu gêmeo. Tão jovem, o filho preferido do meu pai.

As águas que tanto me hipnotizaram,

fizeram o mesmo pelo meu irmão. Eu avisei para ele não entrar, mas ele achou que não era tão fundo.

Eu avisei, mas do que adianta o aviso se antes eu fui desobediente? Se o levei para o lago quando mamãe avisou para não ir?

— Bruno. — A minha mente confusa muda bruscamente os rumos dos pensamentos, as antigas lembranças são substituídas e quando o sorriso surge por entre as lágrimas, é o rosto dele que eu vejo. — Meu namorado. — Experimento falar em voz alta. — Só queria ouvir o som da sua voz — falo e como um sinal, o celular começa a tocar.

— Bruno. — Não dá tempo nem para

PERIGOSAS NACIONAIS

um segundo toque e muito menos para olhar o visor, atendo o celular tendo certeza de que é ele do outro lado da linha. — Já está em casa?

— Acabei de chegar e queria saber se está tudo bem — preocupa-se.

— Bem melhor agora que estou falando com você — digo e ele não faz ideia da veracidade da frase.

— Que bom, meu anjo. Não quero atrapalhar, deve ter muitas coisas para fazer.

— Não — nego alarmada. —
Conversa comigo, amor, só um pouco. — Não sei se ele percebeu o pedido desesperado demais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, fico o quanto você quiser — afirma. — Ângela?

— Pode falar.

— Você acabou de me chamar de amor. — Ele parece surpreso, porém feliz. Não sei se lembra de que foi o primeiro a chamar-me assim.

— Isso é ruim?

— Não é, amor — fala e o meu sorriso se abre. Bruno usa comigo o dom de afastar para o fundo da minha mente as lembranças ruins e o presente conturbado.

Ele é a minha cura, não tenho dúvida disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Assumindo



— Você acha que eles ficarão muito surpresos? — Minha namorada pergunta, assim que estaciona o carro na garagem da mansão do casal açúcar.

Uma semana se passou desde a nossa

PERIGOSAS NACIONAIS

primeira e excitante noite e desde então nos encontramos mais duas vezes. As duas foram no mesmo quarto de hotel que usamos na nossa primeira vez. Entre nos conhecemos melhor e fazemos sexo com um desejo que a cada dia parece mais intenso, acabamos as noites nos braços do outro. A única parte ruim foram as manhãs em que tive de deixá-la ir.

Para compensar o fato de termos ficado juntos por menos vezes do que gostaríamos, o celular foi o nosso melhor amigo e não teve uma noite sequer que ao chegar em casa — depois de um dia inteiro trancado em uma sala de escritório — eu não tenha lhe telefonado ou recebido com

PERIGOSAS ACHERON

ansiedade sua ligação. Em cada uma delas, as horas passaram com rapidez e ao fechar os olhos para dormir, já não o fazia com desânimo, pelo contrário, dormia sabendo que no dia seguinte ela ainda seria o meu pequeno anjo.

— Acho que vão sim, amor. Eles não esperam a convivência de duas pessoas civilizadas, imagina se vão acreditar que há uma semana me deixei seduzir.

— Eu te seduzi, não foi? — Sinto-a arrastar o corpo para perto do meu no espaço apertado do veículo e a mão começar subir pelo meu peito. — Eu sou irresistível.

— Irresistível e também convencida

PERIGOSAS NACIONAIS

— brinco, sentido o toque macio pior cima da minha camiseta. — Mas, você tem razão, é impossível resistir a você: a boceta é irresistível, os seios seus Irresistíveis, a boca também é; tudo em você só tornou um vício para mim, minha diabinha.

— Diz isso mas eu demorei mais de dois anos para conseguir ter você só para mim — queixa-se. — Então não acho que eu seja tão irresistível assim.

— Você não tem ideia do esforço que fiz para não dar vazão à atração que senti por você, mesmo na primeira vez em que você se insinuou no banheiro. Ali eu tive de me segurar para não te foder contra a parede.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você foi cruel — acusa e com razão.

— Me perdoa por aquilo — peço, pegando a sua mão de cima do meu peito, em seguida beijando cada um dos seus dedos. — Saiba que não foi fácil fazer aquilo. Desde aquele dia vivi uma batalha entre o que eu desejava e o que não me permitia ter por achar que não tinha direito de impor a mais alguém as limitações que eu passei a ter.

— Você não pode pensar assim, amor. Você precisa dar para a pessoa o direito de escolha e para mim isso nunca teve importância. Quis você, independente de qualquer coisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei e foi você quem enraizou em mim o desejo de tentar novamente, de me permitir mais uma chance de ser um homem completo. Obrigado.

— Eu que agradeço por ter deixando-me entrar — diz, e sinto seus lábios macios no meu rosto, beijando-o por repetidas vezes. — Estar com você me faz feliz, muito feliz.

— Somos um casal estranho, não acha? Tendo esse tipo de conversa dentro de um carro — falo, aos risos.

— Tem ideia de coisas mais interessantes para se fazer dentro de um carro? —
Ângela muda o rumo da conversa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É sempre assim, ela joga a isca e eu mordo. O fim é sempre o mesmo: nós dois em qualquer superfície, fodendo como dois condenados.

— Posso pensar em algumas bem interessantes — assevero. — Nós podemos ir para o banco de trás ou ficar aqui mesmo, nos dois casos você vai estar em cima de mim, pulando no meu pau enquanto eu meto na sua boceta e chupo os seus peitos deliciosos — insinuo, sabendo que não podemos fazer nada aqui. Não no estacionamento dos nossos amigos.

— Você e suas ótimas ideias — fala ao pegar meu rosto com as duas mãos e colar os

PERIGOSAS ACHERON

nossos lábios. — Pena que nós temos de entrar agora. Hoje é o dia de darmos boas-vindas ao nosso afilhado e não podemos ser os últimos a chegar.

— Então vamos de uma vez, antes que eu te sequestre e deixe o nosso pequeno Estevan na mão.

— Não reclamaria de ser sequestrada — revela, ao sairmos do carro.

— Sei que não, minha linda. Das outras vezes os seus gemidos e gritos de satisfação não deixaram a menor dúvida de que estava satisfeita dentro do seu cativeiro.

— Fazer o que se o meu sequestrador

sabe usar tão bem seu instrumento? — rebate quando — ao caminharmos lado a lado —, ela encosta as nossas mãos, deixando claro que deixou comigo a decisão de escolha. Como não tenho motivos para agir de outra forma, entrelaço os nossos dedos e com tranquilidade nos dirigimos para o interior da mansão.



O entramos na sala onde alguns amigos mais próximos e familiares estão em volta da Marina e do Erick, paparicando o pequeno João Guilherme. As expressões nos rostos das primeiras

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoas a nos avistarem não poderiam ser outras, além de surpresas.

Aos poucos, as cabeças estão se virando na direção da porta de entrada e a cena chega a ser engraçada.

— Eles agem com se estivessem vendo fantasmas. — Deixo Bruno a par dos acontecimentos.

— Eu teria a mesma reação se visse duas pessoas que aparentemente mal conseguiam estar no mesmo lugar que o outro chegarem juntos e de mãos dadas, como estamos agora.

— Tínhamos que ter contado para eles

PERIGOSAS ACHERON

— digo, quando vejo a forma como Marina nos encara de longe.

— A decisão foi sua — assevera, cheio de razão.

Quando no meio de uma das nossas muitas ligações o assunto surgiu, eu fui a primeira a sugerir não contar nada de imediato e se sugeri, não foi por outra razão que não fosse o desejo de curtirmos sozinhos o nosso momento, sem ter de responder perguntas ou dar explicações.

De explicações já bastam as que tenho de dar dentro de casa. Pelo menos por enquanto as coisas estão indo bem por lá e não mais ouvi palavras de desaprovação quanto ao meu namoro e

PERIGOSAS ACHERON

ainda não existe uma interferência que vá além do incômodo que a presença do Mateus dentro de casa me causa.

— Foi minha a decisão e não me arrependo dela — afirmo. — Foi maravilhosa a última semana. Tivemos nosso tempo, sem ninguém para nos olhar da forma como fazem agora.

— É hora do show, minha linda. A vida real nos chama — diz e ao virar o rosto na minha direção, vejo que está bem tranquilo e confortável com toda a situação; isso porque ele não sabe que tem no mesmo ambiente a atual e a ex-namorada. Uma ex que nos fuzila com o olhar,

um olhar nada amistoso, por sinal.

Quando volto a minha atenção para o centro da sala, Marina esperta como é, já recuperada do susto e com um belo sorriso no rosto e segurando o bebê nos braços, vem nos receber.

Ao chegar perto, minha amiga esconde os dentes e não se acanha em dizer:

— Quando o pessoal for embora a senhorita vai me explicar isso direitinho, porque até onde eu sei, o Bruno não fazia o seu tipo e você nem mesmo o suportava. — Agora sou eu quem a fuzilo com o olhar, repreendendo-a por repetir as minhas bobagens na frente do meu namorado.

Pra completar a cena, vejo Erick se aproximar e pegar o pequeno dos braços da esposa. Como ela, ele olha para as nossas mãos entrelaçadas com curiosidade, mas não tão surpreso quanto o resto das pessoas que aqui estão.

— Quer dizer que você não me suportava, amor? — pergunta, obviamente me provocando.

— Amor? Já se chamam por apelidos carinhosos? Erick, quanto tempo eu dormi?

— Pequena, eu te falei que atrás de toda a hostilidade entre eles existia algo a mais. — Enquanto fala, ele tem a atenção no filho que com a mãozinha aperta o dedo indicador do pai. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Porém, devo confessar que vê-los assim me deixa surpreso. Não foi você que dias atrás afirmou que não ficaria com ela, mesmo depois de tê-los pego se comendo em cima do meu sofá?

— Você disse isso? — questiono ao mesmo tempo em que Marina faz o mesmo com marido.

— Por que escondeu de mim que já sabia do rolo desses dois? — Ela está curiosa e não furiosa. Conheço minha amiga o suficiente para afirmar isso.

— Desculpa, querida, mas era um assunto deles e além disso, o Bruno garantiu que tinha sido somente um momento de fraqueza.

PERIGOSAS ACHERON

— Erick! Dá para calar a porra dessa boca? — reclama, e já não me sinto bem por ouvir Erick repetir coisas que eu já sabia. O próprio Bruno contou no meio de uma das nossas inúmeras ligações. — Eu disse, mas foi da boca para fora, nós já conversamos sobre isso.

— Está legal pessoal. — Marina intervém, antes que eu tenha tempo de rebater. Ainda bem que o fez, pois a conversa estava tomando rumos indesejáveis. — Vamos nos juntar aos outros convidados. Essa conversa fica para depois, está ouvindo, dona Ângela?

— Sim mamãe. — Pisco para ela e ela me devolve o sorriso que diz em silêncio que está

PERIGOSAS ACHERON

tudo bem entre a gente. É óbvio que ela vai querer saber de todos os detalhes de como Bruno e eu chegamos a um entendimento, mas sua curiosidade não é nada mais que o desejo de checar se estou bem e segura do que estamos fazendo. Além disso, nada em sua curiosidade me incomoda e nem teria motivo, uma vez que fiz a mesma coisa quando ela começou a namorar o Erick.

— Me dá ele um pouco, Erick —
peço, soltando a mão do Bruno. — Me deixa ver como está esse príncipe. — Ele logo coloca o pacotinho nos meus braços.

— Vamos deixar eles curtirem um pouco o afilhado, querido. — Minha amiga chama,

dando um beijo no filho antes de se juntar aos outros presentes e nos deixar sozinhos novamente.

— Vamos dar uma volta no jardim?

Lá fora tem um solzinho e eu acho que vai ser bom para o bebê — proponho, metida à entendida no assunto, mas o que eu quero mesmo é poder curtir a sua companhia e a do meu afilhado sem ter os olhos da Lua em cima da gente.

A mulher desde o momento em que me viu entrar com o Bruno não para de nos observar e no rosto, a expressão de desgosto é indisfarçável.

— Ficou quieta de repente, algum problema? — ele pergunta, assim que sentamos no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

banco de dois lugares que fica no canto esquerdo do bem cuidado jardim.

— A Lua está aqui e a forma com que ela olhou para a nós dois me incomodou um pouco — revelo, porque não sou obrigada a guardar para mim o que ele não pode ver. — Ela ainda gosta de você.

— Eu sinto muito por ela — fala. — Fui sincero ao terminar o nosso relacionamento e também quando...

— Transou com ela, mesmo sabendo que não seria mais do que isso — completo, já que ele parecia estar com um pouco de dificuldade.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso aí é solidariedade feminina ou ciúme, chatinha?

— Um pouco de cada coisa, mas para o seu bem, é bom que não se aproxime mais dela.

— Passo o recado e também o recibo de que estou com ciúme só de saber que já foram namorados e que não passou muito tempo desde a última vez em fez sexo com ela.

— Deus me livre fazer uma coisa dessas e ter problemas com certa diabinha ciumenta. — Bruno debocha e eu fico dividida entre conversar com ele e babar o meu lindinho que agora dorme tranquilamente nos meus braços. — Não que tenha motivos para qualquer insegurança,

acho que ela sabe o quanto estou dominado por ela, viciado na bocetinha quente e apertada — quando diz isso, ele sobe o braço até o meu ombro, para em seguida baixar a alça do meu vestido e lá deixar uma mordidinha.

— Para, Bruno, pode ter alguém nos observando.

— Já são dois dias, eu estou com saudades de você — reclama ao fazer uma carinha de cachorro sem dono.

— Hoje eu vim preparada para dormirmos juntos. Se você quiser, já pode ligar para o hotel e reservar o nosso quarto — aviso, pois assim como ele, já estou com saudade e dois dias

PERIGOSAS NACIONAIS

parecem tempo demais.

— Você sabe como fazer o meu dia mais feliz — elogia. — A única coisa que me incomoda é termos que nos valer de quartos de hotéis para podermos ficar juntos. É tão impessoal e nós somos namorados e não amantes de ocasião que vez ou outra tem que recorrer a esse método.

— Seria bom se tivéssemos um lugar nosso, para ficarmos juntos sempre que pudermos.

— Acho que tenho esse lugar e vou precisar da sua ajuda — fala e não me parece ser uma decisão que esteja tomando com facilidade. — Não vai ser fácil...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou aqui — com a mão livre,
seguro a sua e finalizo: — do seu lado, sempre.

PERIGOSAS ACHERON



Superação



Depois de quase uma tarde inteira na casa dos nossos amigos, cumprindo com o nosso papel como padrinhos do pequeno João Guilherme, minha pequena pegou o carro e nos levou para o endereço indicado por mim.

O endereço que há muito não visito e que me admiro por ainda lembrar dele com tamanha facilidade, ainda que no fundo prefira esquecer. Pelo menos queria até eu conhecê-la e estar a cada dia mais parecido com o meu outro eu, o Bruno de antes do acidente. Não o Bruno que trocava amigos e familiares por trabalho e a busca pelo sucesso. Mas o Bruno que imagina ser capaz de tudo, desde que se dedique muito por aquilo. Com ela não sinto as minhas limitações rindo da minha cara como antes acontecia.

Passou tão pouco tempo, dias pra ser mais exato e de maneira inesperada, Ângela dia após dia conseguiu o que em anos ninguém

conseguiu. Por ela, sinto um misto de sentimentos e nenhum deles é o de querer vê-la longe de mim, pelo contrário, para estar do seu lado e dar-lhe o que merece receber de mim, sou capaz de quebrar mais um obstáculo entre o que sou hoje e a minha antiga vida, uma volta ao passado que queria esquecer, mas que por Ângela, estou disposto a revisitá-lo.

— Tudo bem? — Com uma só mão ao volante, a outra ela leva até a minha nuca, e massageando fios do meu cabelo, questiona: — Você está tão calado, foi alguma coisa que aconteceu na casa dos Estevan?

— Não, minha linda, está tudo bem —

digo. — Só estou um pouco pensativo e logo você vai entender o porquê — aviso e respeitando o meu momento, ela nada mais diz, e o resto do caminho foi feito no mais absoluto silêncio. Eu com as minhas questões, *numa* interminável luta interna e certamente respeitando esse momento, minha namorada também não voltou a me tocar.

— Para a cobertura, apartamento 17 — aviso, assim que entramos no elevador que suponho não ter mais ninguém além de nós dois, levando-se em conta o silêncio do lugar.

— Muito bonito esse prédio, Bruno.
— Meu anjo elogia o que por um curto período de tempo foi o meu lar ou o que imaginei que seria

quando me casasse com a mulher que eu amava.

— Isso porque você não viu o interior do apartamento. Tenho certeza de que vai amar — respondo, ao posicioná-la na frente do meu corpo e abraçar a sua cintura.

Não deixo de perceber a sua tentativa de amenizar a minha tensão ao puxar um assunto tão aleatório. Se possível, neste momento gosto mais dela do que gostava há segundos atrás.

Quando saímos, o corredor conhecido por mim nos recebe com o total silêncio e após caminharmos até a metade dele para enfim ela parar em frente ao número que lhe disse, sinto que estou preparado para voltar ao passado. Pelo menos

o mais preparado possível.

Ao entregar a chave que por anos permaneceu no fundo de uma gaveta, também lhe entrego a minha confiança. A confirmação de sentimentos que só neste momento me permiti nomear. Estando aqui, posso finalmente admitir a mim mesmo que de certa forma lutei contra, lutei por saber que corria o risco de sentir o que sinto agora.

— Prontinho — avisa, segurando a minha mão como se soubesse que é exatamente disso que preciso.

Dentro do apartamento que cheira a poeira, mal me dou conta do momento em que ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se afasta para trancar a porta e quando vagarosamente começo a caminhar pelo ambiente que na minha mente ainda está tão nítido; aos poucos vou tocando nos móveis cobertos por tipos de tecidos, colocados na intenção de evitar o acúmulo de poeira. A cada passo que dou, uma enxurrada de lembranças se misturam na minha cabeça.

Memórias do homem que havia alcançado o auge na carreira, o homem prestes a pedir a mulher que amava em casamento, mas acima de tudo, o homem que antes de priorizar a mulher e a família, escolheu a ambição, trilhar os caminhos da carreira e do sucesso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O sucesso veio rapidamente e com ele veio a conta pela minha escolha.

Eu perdi a minha vida, o meu escritório, a noiva e até mesmo o meu lar, esse lugar que cheira a poeira e velhas recordações.

No meu rosto, as lágrimas escorrem. Elas rolam livres depois de muitos anos presas. Nelas têm o peso das minhas escolhas erradas, escolhas que me limitam, aprisionam-me em quem sou hoje.

— Não, Bruno. — Mansamente, meu pequeno anjo se aproxima e me abraça por trás.

Precisando dela mais do que nunca,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

subo as mãos até às suas que estão no meu peito e as seguro com força.

— Eu fiz essa bagunça, anjo — falo aos soluços, sem me envergonhar por desmoronar na sua frente. — Perdi tudo o que me era sagrado e quando tive uma segunda chance, escolhi me entregar a autopiedade, me impondo um fardo pesado demais. Agora, nos impondo esse fardo.

— Eu não entendo...

— Não quero ser assim. Hoje eu quero ser melhor por você, Ângela — afirmo, trazendo seu corpo para frente, abraçando-a com todas as minhas forças. — Só por você.

PERIGOSAS ACHERON

— Quero que faça algo por você. —

A chatinha limpa o meu rosto, para depois beijar cada lado da minha face. — Não só por mim. Faça por nós e principalmente por você.

— Não sei o que de tão bom fiz para merecer uma namorada como você. — A voz está embargada e os sentimentos explodindo dentro do meu peito. — Seja o que for, farei o que tiver ao meu alcance para fazer jus ao presente.

— Você já faz, meu amor — afirma com doçura. — Agora eu quero que me conte sobre esse lugar. Suponho que seja seu apartamento? — pergunta, mais uma vez tentando mudar o assunto.

— É sim — digo quando ela se

desvencilha do meu abraço e com expectativa, aguardo pelo fim da sua inspeção pelo ambiente e pelas perguntas que certamente virão.

— Eu imagino que seja difícil para você voltar até aqui. — Quando volta a falar, minha Chatinha também volta para o meu lado, mas é só pra pegar na minha mão e me levar para o sofá que já não tem nada lhe cobrindo. — Só me diz o porquê de ter vindo se lhe causa tanto sofrimento? — No seu tom não há nada de acusação. Ela apenas está curiosa por não entender ainda o que significa estar aqui.

— Fiz por você — revelo, ainda tentando me recompor e esconder dela toda a

PERIGOSAS ACHERON

minha vulnerabilidade. — Por nós, na verdade. Eu não quero ter de ficar em quartos de hotéis. Estamos em um relacionamento e não em um caso sem importância. Além disso, pensei que aqui seria um lugar ideal para isso, onde podemos ficar juntos sempre que sentirmos vontade — explico. — Não foi fácil tomar essa decisão. Estar aqui é ter de enfrentar fantasmas do passado e ainda assim, aqui estou, pois tudo o que preciso é estar inteiro, por mim mesmo e por você que merece o melhor.

— Eu só quero que você fique bem — diz, deitando a cabeça no meu peito e aconchegando-se ainda mais nos meus braços.

— Vou ficar, Ângela — afirmo,

acreditando na verdade do que falo. — No fundo sei que era disso que eu precisava, voltar a esse lugar e enfrentar mais um fantasma escondido no armário.

— Vamos ser felizes aqui dentro — fala e eu acredito, pois pela primeira vez em muito tempo, estou me permitindo acreditar. — E eu quero começar agora. — Sem pudor, inicia o passeio pelo meu abdômen, evidenciando as suas intenções.

Poderiam ser também as minhas intenções se não fosse um pequeno inconveniente.

— Não vamos transar em meio a poeira que devem estar esses móveis, Ângela. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Seguro a mão pequena quando ela está prestes a tocar no zíper do meu jeans.

— Não seja por isso, agora mesmo vou resolver esse pequeno inconveniente. — Mal termina de falar e já está longe dos meus braços.

— Ângela você não vai...

— Vou sim, Bruno. Quer dizer, nós dois vamos dar um jeito nessa bagunça — afirma e fico feliz por mais uma vez comprovar que ela não me vê como uma pessoa incapaz de fazer coisas como qualquer outra pessoa, que para ela a minha deficiência não me impede de fazer tarefas simples como a de tirar poeira dos móveis.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nas horas em que se seguem e sobre o comando de uma Ângela surpreendentemente mandona, dedicamos o nosso tempo a deixar o local novamente habitável, não que antes ele estivesse inabitável, até porque, durante os últimos anos a minha cunhada pagou alguém para vir de vez em quando fazer a limpeza e manter tudo em ordem.

Enquanto trabalhávamos, Ângela não se absteve de me provocar, aproveitando-se para tocar e beijar-me a cada oportunidade que teve. Não foram poucas, já que eu estive mais do que satisfeito em receber e retribuir os seus bem-vindos e ousados carinhos.

PERIGOSAS ACHERON

— Acho que terminamos no lugar certo — digo com malícia, assim que ela joga o corpo sobre a cama e isso ela só fez depois de ouvir sair da minha própria boca que não é a mesma cama usada com Carolina quando ainda estávamos noivos.

— Bota certo nisso, meu amor — devolve quando deixo meu corpo pousar ao seu lado e minha diabinha não perde a chance de se arrastar para cima de mim — eu estou toda suja e suada...

— Para com isso, amor. Vem, me dá um beijo — peço. — Eu quero você da forma como for: suja, suada, não importa; ainda assim será a

minha namorada.

— Bruno Pires, você sabe como agradar uma mulher — diz, montada sobre o meu quadril e com o tronco apertado contra o meu peito.

— Só você, a minha diabinha. — Com um braço seguro a sua cintura e o outro levo até a nuca, posicionando o seu rosto junto à minha boca. — Só você... — afirmo e é ela quem interrompe a minha frase ao iniciar beijo.

Quando o desejo se intensificou o beijo transformou-se num segundo, terceiro e quarto beijo e assim foi até que aos poucos nossas roupas foram sumindo dos nossos corpos, sendo jogadas por todos os cantos da cama de casal.

Ofegante pela volúpia do meu pequeno anjo, agora montada em cima do meu quadril e recebendo com prazer às minhas investidas contra o seu centro apertado e pulsante, mais uma vez me ressinto por não poder enxergar o seu rosto e o seu corpo gotejante pelo suor que a nossa transa produz.

— Isso... Mais rápido, gostosa. — Tenho as duas mãos fincadas na sua cintura, lhe auxiliando nos seus movimentos de subir e descer em cima do meu pau que pulsa por ela. — Porra, Ângela...

— Mais rápido, Bruno. — Ela tem as duas mãos apoiadas no meu peito, tentando ter o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

equilíbrio que os movimentos frenéticos tentam tirar. — Eu vou gozar... — A mão que estava na sua cintura vai até o clitóris, onde o manipulo somente alguns segundos até que tremendo entre os meus braços, ela se entrega ao prazer máximo. Tendo-a ofegante, suada e com os seios esmagados contra o meu peito, penetro a mais algumas vezes até que o prazer seja intenso demais e eu termino derramando-me dentro do seu calor.

— A cada dia que passa, mais viciado estou em você — confesso estando nós ainda na mesma posição, suados e ofegantes, da forma que sempre ficamos depois do sexo mais intenso como o que acabou de acontecer.

PERIGOSAS ACHERON

— É bom que esteja mesmo —
assevera cheia de marra quando aos poucos quebro
a nossa conexão física, mesmo que ainda sem
coragem para soltar o seu corpo. — Pois, só assim
para ter disposição para saciar o vício que eu tenho
em você.

— Eu iria sugerir que tomássemos um
banho, mas não quero sair daqui tão cedo. É tão
bom te ter em cima de mim, entre os meus braços.
Só sinto falta... — interrompo quando me dou conta
do iria dizer, quando pensamentos anteriores
voltam a minha mente.

Pensamentos guardados há muito
tempo e que agora vieram à tona por desejos que
PERIGOSAS ACHERON

até então estavam adormecidos.

Esquecidos até que ela veio como um furacão, varrendo tudo à sua volta, inclusive a minha resignação e o arrependimento por decisões tomadas em momentos de desespero e de depressão.

— Fala comigo, Bruno — pede. — Quando chegamos aqui você estava tão estranho, eu só queria...

— Eu vou falar, Ângela. — afirmo, decidido. — Só espero que isso não faça com que se afaste de mim. Não quero te perder logo agora que te encontrei.

— Isso não vai acontecer, querido —
assegura. — Pode falar o que quiser, nada pode me
afastar de você.

— Quando disse que fui o culpado por
toda essa bagunça que a minha vida se transformou
eu não estava me referindo ao fato de ter sofrido o
acidente após ter dormido ao volante.

— Eu não estou entendendo, Bruno.
— A voz denota confusão e percebendo a seriedade
do assunto aqui tratado, ela se desvincula dos meus
braços, afastando-se do meu toque.

O que pareceu um simples gesto bate
em mim como uma terrível sensação, como se ela
realmente estivesse indo embora da minha vida.

— O acidente me deixou cego
Ângela, mas se estou cego até hoje é por culpa
única e exclusivamente minha. Eu fiz isso comigo
— digo o que por anos não quis admitir.



Escolhas



Eu fiz isso comigo...

Sentados sobre a cama frente a frente
e envoltos de um pesado silêncio, a sua voz ressoa
na minha mente dando voltas e mais voltas e por
mais eu que tente, não consigo encontrar uma

explicação lógica para o que acabo de ouvir ou talvez, eu até posso imaginar, mas a ideia é triste demais para que eu admita a possibilidade.

Não! Só posso ter entendido errado. Ele não pode estar me dizendo que por escolha própria se impôs um castigo tão grande quanto a cegueira e as limitações que são difíceis para uma pessoa que nasceu com a deficiência, imagina para alguém como ele, tão jovem e com o futuro brilhante pela frente como um grande advogado que um dia foi e que ainda é.

Esse não é o Bruno que eu conheço. Esse não é o Bruno por qual sou apaixonada.

Meu corpo treme só pelas ideias

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tristes que passam pela minha cabeça e pela agonia de imaginar o sofrimento que ele pode ter causado a si mesmo e às pessoas que o rodeiam bem antes de eu aparecer na sua vida.

— Amor, fala alguma coisa? — pede e na sua voz tem a angustia de alguém que acabou de revelar coisas da qual se envergonha.

— Eu preciso que você fale, pois as coisas que estão passando pela minha cabeça são cruéis demais.

— E são cruéis, anjo — diz e no seu rosto vejo uma profunda tristeza, em uma intensidade nunca vista antes. — Quando depois de meses em um coma induzido finalmente despertei...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— sua voz embarga e vejo que está com dificuldades de prosseguir, nesse momento eu percebo que talvez esteja exigindo demais querendo saber de uma história que ele ainda não está preparado para falar.

— Está tudo bem, meu amor. Não precisa falar agora se não estiver pronto, depois nós conversamos sobre isso — digo, mesmo sabendo que essa história não vai mais sair da minha cabeça até que eu saiba exatamente como tudo aconteceu e o que ele passou nos últimos anos após o acidente.

— Não. Eu preciso falar — diz, decidido.

— Tudo bem, só não se sinta

PERIGOSAS ACHERON

pressionado. Eu estou aqui do seu lado, independente de qualquer coisa — falo, mesmo que minha garganta esteja fechada e no fundo a minha tristeza seja tão ou maior que a dele neste momento.

— Depois de meses, quando finalmente despertei naquele quarto de hospital, não tinha me dado conta do quão grave tinha sido o acidente e do quão minha vida seria diferente a partir daquele dia. Eu tinha perdido tudo, não só a capacidade de enxergar como também a minha vida. O meu escritório, a minha noiva. — Enumera e de maneira irracional sinto ciúme por ouvi-lo mencionar a perda da noiva. — Tudo, vi que não

tinha restado mais nada do Bruno que um dia eu tinha sido.

— Eu sinto muito. — Seguro a sua mão e no momento é só o que eu consigo dizer.

— Segundo os médicos a batida na cabeça foi muito forte, o que ocasionou um descolamento na retina. Assim que eles perceberam, me levaram para a sala de cirurgia na tentativa de recuperar a minha visão. — Ele para por um momento, como se tentasse organizar as ideias. — Por algum motivo desconhecido pelos próprios médicos a cirurgia não foi bem sucedida, quer dizer, foi bem sucedida e ainda assim eu não consegui recuperar a visão. — Ele termina com o

PERIGOSAS NACIONAIS

que parece ser a parte mais difícil e eu tenho de me segurar para conter a emoção.

— Como isso é possível Bruno? — indago. — Eles não tentaram uma nova cirurgia?

— Eu não permiti que tentassem novamente — revela, abaixando o rosto, escondendo-o entre as duas mãos. — Naquele momento tudo era demais, a frustração, o sentimento de impotência. Sentimentos fortes o suficiente para me impedir de fazer alguma coisa por mim mesmo. Eu só queria ficar afundado na autopiedade e questionamentos do porquê estar passando por tudo aquilo.

— A sua família...

PERIGOSAS ACHERON

— Infelizmente, eles foram os que mais sofreram. Passaram meses e meses me dando apoio, tentando me convencer a procurar ajuda quando os médicos propuseram a busca por ajuda de outros profissionais.

— Outros profissionais? — questiono, cada vez mais confusa e chateada por tudo que ele passou e tem passado durante todos esses anos.

— Psicólogos, meu amor. Eles sugeriram que talvez eu estivesse com algum tipo de transtorno emocional e talvez por isso a cirurgia não tenha dado resultado, mesmo tendo tudo para ser um sucesso.

— Está querendo me dizer que você

PERIGOSAS ACHERON

simplesmente se conformou com o estado e não procurou por ajuda, Bruno? — Mal termino de falar e já tenho minha mão cobrindo a boca, na vã tentativa de encobrir o soluço que as lágrimas trouxeram.

O que meu namorado está dizendo é triste, pesado demais para que qualquer pessoa possa suportar e agora sabendo de parte da sua história, percebo que ele é mais quebrado do que eu imaginava, ferido ao ponto de se negar a chance de voltar a ser feliz, assim como negou o que sentíamos um pelo outro durante dois anos, mesmo querendo tanto quanto eu viver o que vivemos agora.

— Não fica assim, meu anjo. —
Quando se aproxima de joelhos, puxa a minha
cintura e assim ficamos; abraçado enquanto choro
por ele e por tudo o que acabei de ouvir. —
Alguém aqui tem que ser forte, lembra?

— Você precisa fazer alguma coisa,
meu amor — digo, tocando o seu rosto assim que
consigo me desvencilhar minimamente dos seus
braços. Na verdade eu não me importaria de ficar
aqui pelo resto dos meus dias. — Você tem ideia do
castigo que impôs a si mesmo? Por quê?

— Minha mente estava fodida,
diabinha — continua e arrumando um jeito para
não pararmos de nos tocar, Bruno me puxa para
PERIGOSAS ACHERON

suas pernas e me sento de frente para ele, uma perna em cada lado da sua cintura. Posição que parece não ser muito adequada para o tipo de conversa que estamos tendo, mas ainda assim é o que precisamos no momento, pois, sei que ele precisa do meu toque tanto quanto eu preciso do dele.

— Quando eu acordei e percebi que não estava conseguindo enxergar nada, mesmo depois da aparentemente bem sucedida cirurgia, o medo bateu, depressão veio com força e assim foi por apenas um mês. Depois das 4 semanas, no alto do meu desespero e tentativa de provar a mim mesmo que ainda conseguiria ser o mesmo de

antes, voltei a trabalhar, não me permitindo mais pensar no assunto e nem que meus pais e meu irmão tentassem me convencer a procurar psicólogos ou até mesmo tentar uma nova intervenção.

— E depois, por que não tentou novamente durante os anos que se passaram? — pergunto e dentro de mim existe um misto de sentimentos. Se às vezes sinto tristeza por tudo o que ele passou e sei que ainda passa, em outras eu sinto raiva por ter feito isso consigo mesmo.

— Medo — diz. — Medo de depois de tanto tempo correr atrás do que eu deveria ter feito quando tive a chance, de descobri que já não

PERIGOSAS ACHERON

tem mais volta, que o castigo que quis impor a mim mesmo quando estava com a mente perturbada o suficiente para não conseguir decidir o que era bom ou não, tenha trazido consequências irreversíveis.

— Eu sinto muito, querido. — Neste momento enlaço o seu pescoço, abraçando-o forte, com todo amor que tenho guardado dentro de mim por ele e sendo retribuída com igual intensidade. — Não tem ideia do quanto.

— Eu também sinto, meu anjo — diz, beijando o vão entre meu ombro e pescoço — Nos dois anos em que passei fora do país, aproveitei para consultar especialistas no meu caso e segundo eles, existe uma chance de que com o

acompanhamento de psicólogos e provavelmente uma nova intervenção cirúrgica eu consiga voltar a ver total ou parcialmente.

— Isso é bom, não é? — questiono, pois apesar de estar falando boas notícias, o seu rosto demonstra sentimentos contrários.

— Eu tenho tanto medo, anjo — revela com pesar. — Medo de voltar a ter esperança, de ser fraco novamente e frustrar a minha família e agora também a você — confessa e do seu rosto vejo o momento em que escorre uma única e solitária lágrima.

— Não vai, você só precisa querer isso mais do que tudo, com todas as forças do seu

PERIGOSAS ACHERON

ser e lutar por isso. — Dou forças e só depois me lembro de fazer a principal pergunta — Você quer voltar a enxergar?

— Eu quero, diabinha — fala contra o meu pescoço, deixando evidente o quanto está frágil com tudo o que está me abrindo.

Hoje, mais do que nunca tenho certeza dos meus sentimentos por ele. Sem que eu tenha me dado conta ou ao menos planejado, a atração física, por vezes confundida com uma obsessão transformou-se em amor.

Sim, eu o amo e quanto a isso não existem dúvidas. Dos seus sentimentos não tenho certeza de nada, o pouco que sei me deixa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esperançosa de um dia ser retribuída na mesma medida.

Bruno certamente gosta de mim, pelo menos o suficiente para abrir histórias e sentimentos tão doídos.

— Quando visitei especialistas há alguns meses e eles me deram notícias relativamente boas, eu fiquei feliz e esperançoso. O problema de ter deixado que muito tempo passasse é que junto dele veio o conformismo e mesmo animado, não tive a pressa que tenho agora e talvez por medo de decepcionar a minha família com mais uma tentativa frustrada, estou protelando essa decisão o máximo possível.

PERIGOSAS ACHERON

— Tem de fazer por si mesmo, Bruno
— digo, percebendo o quão afetado foi e ainda está
o seu psicológico.

Não sei se é para impor o martírio a si mesmo em decorrência de algum tipo de culpa, mas a verdade é que ele parece não se achar digno de voltar a ser o que era antes e como acabou de dizer, desenvolveu em si mesmo o sentimento de conformismo com a situação em que vive.

Para o Bruno mais vale não decepcionar a mim ou aos pais do que a si mesmo e nisso não poderia estar mais errado, já que ele é o principal beneficiado com uma possível volta da visão.

Será que ele não percebe isso?

É claro que não, eu também não percebo quando o assunto são os meus próprios problemas.

— Eu sei, anjo. — Quando afasta a boca do meu pescoço, aproveito para beijar por cima dos seus olhos, imaginando a alegria que sentirei se um dia ele voltar a enxergar.

Como já havia dito, a sua cegueira não me incomoda e muito menos envergonha. No entanto, o assunto que antes eu não dava muita importância tornou-se prioridade agora que sei da real possibilidade de ele ser como era antes do acidente. Quer dizer, eu não o conheci antes, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

imagino que ter uma condição de vida cem por cento é melhor do que viver na completa escuridão.

Além de tudo, sempre vou querer o melhor para o Bruno, mesmo que ele ainda não consiga perceber com clareza e mesmo que algum dia eu não esteja mais aqui, do seu lado, sendo aconchegada pelo seu abraço como estou no nesse momento.

— Você fez isso comigo — afirma, deixando-me onfusa.

— Fiz? — Remexo-me no seu colo, internamente achando graça do fato de estarmos pelados e eu trepada em cima dele enquanto falamos de um assunto sério.

PERIGOSAS ACHERON

— Resignado. Era como eu estava antes de você aparecer na minha vida, diabinha — diz, quando as duas mãos fazem carinhos nas minhas costas. — Depois de você e de tudo o que estamos vivendo em um período tão curto de tempo, tudo o que eu mais desejo é consertar os meus erros. Poder voltar atrás e reverter essa cegueira.

— Bruno... — lhe interrompo com um nó na garganta, emocionada por ouvir coisas tão bonitas.

— Sinto-me frustrado como nunca antes estive — continua, como se a minha tentativa de lhe interromper não tivesse acontecido. —

Frustrado por não poder dar rosto à sua voz, ao toque que tanto me excita e dá prazer. — Enquanto fala, as mãos continuam a trabalhar nas minhas costas e quem está começando a ficar excitada sou eu. — Por não conseguir enxergar o seu rosto, o rosto do meu pequeno anjo, da mulher que eu amo.

— V-você... n-não — gaguejo, nervosa pelo que acho ter acabado de ouvir.

— Eu amo você, Ângela Albuquerque, minha mulher.



Refúgio



— Repete porque eu não estou acreditando. — Ela pede e diferente do que imaginei, percebo que não me precipitei em declarar o que talvez soubesse há algum tempo e, no entanto, não tinha coragem de admitir nem para

mim mesmo.

O que sinto por essa garota há tempos deixou de ser uma intensa atração física, um desejo carnal que vai além de tudo que já senti por outras mulheres. O que aconteceu hoje, junto com a coragem de me abrir quanto a assuntos tão difíceis para mim foi apenas a gota d'água para ter coragem de admitir não só para mim, e também para ela a intensidade e a grandeza de tudo que venho guardando nos últimos anos e se intensificou nas últimas semanas, desde o dia em que nos acertamos e nos tornamos um casal de namorados.

Então sim, eu amo essa mulher. Indo mais uma vez na contramão de tudo o que eu

planejei e contra todos os meus medos, estou aqui, admitindo em alto e bom tom que a amo.

Amo muito e espero que um dia ela possa me retribuir na igual medida.

— Não estou conseguindo acreditar nos meus ouvidos, Bruno. — Com os braços em volta do meu pescoço, ela me abraça o mais apertado que pode e suponho que tenha gostado do que ouviu ou talvez eu esteja me iludindo com a minha própria vontade de ser retribuído em todos os meus sentimentos.

Sei que é recente e muito cedo para sentimentos tão definitivos e intensos como os que estou admitindo agora, porém, não sei se consigo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agir de outra forma, não depois de tudo, não depois de sentir o seu carinho, demonstrado quando joguei assuntos estão pesados no seu colo, uma bagagem pesada demais para mim e para todas as pessoas que estão e estiveram à minha volta durante toda essa jornada.

Também não menti quando disse que por ela faço o que for preciso para voltar a enxergar, para voltar atrás com essa maldita cegueira que por cinco anos tem me acompanhado. Uma deficiência que é muito mais que sequelas de um terrível acidente de carro, é também consequência das minhas fraquezas, dos meus temores.

PERIGOSAS ACHERON

— Vem, só um pouquinho — peço baixinho e quando ela tem o rosto encostado no meu, seguro a lateral do seu pescoço com uma das mãos e falo sussurrado ao seu ouvido: — Eu amo você, Ângela. — Com a outra mão ajeitou-a melhor sobre os meu colo e prossigo:

— Não se assuste se eu te abraçar apertado e não soltar nunca mais, pois essa é a minha vontade desde o momento em que finalmente tornou-se completamente minha. Saiba que não existe um só dia em que eu não durma pensando em você e que acorde com a expectativa de te ver novamente. Estar com você tornou-se a melhor parte dos meus dias e quando isso não

acontece, eles se tornam pálidos e sem sentido.

— Estou surpresa por saber o quanto você pode ser romântico quando quer, meu amor — brinca, aparentemente feliz com as declarações que ouviu saírem da minha boca.

— Só você para tirar esse lado romântico de mim. — Não contente com um simples abraço, deito-a de costas sobre a cama, para em seguida apoiar metade do meu corpo contra o seu ainda nu, após termos batizado a cama de casal. — Não só o lado romântico como também uma enxurrada de outros sentimentos bons.

— Fico muito feliz por isso, o Bruno de hoje nem de longe lembra aquele Bruno

PERIGOSAS ACHERON

ranzinza que tão cruelmente me rejeitou, falando-me coisas que jamais imaginei ouvir.

— Anjo, jamais me perdoarei por tudo aquilo e não cansarei de passar a vida te recompensando com muito amor e sexo de qualidade — brinco, e com a ponta dos dedos faço cócegas na sua barriga plana.

— Sexo de qualidade é? — fala e já está no seu modo sedutora quando com a perna esquerda enlaça o meu quadril, deixando os nossos sexos em contato e enraizando em mim o desejo de fazer amor. Um desejo irrefreável e se pudesse, eu passaria horas e horas nos seus braços, lhe tocando de todas as formas possíveis, seja da mais inocente

como aconteceu mais cedo onde mesmo em meio a um assunto tão pesado não conseguimos nos afastar, seja nos toques nada inocentes como os de agora, em que o fogo da paixão ameaça se sobrepor a qualquer outra coisa. E quando acontece, não existe alternativa que não seja dar vazão ao chamado da carne e amar seu corpo com a mesma intensidade com a qual amo tudo sobre ela.

Amor. Uma palavra que ao seu lado se parece tão fácil de dizer e ao mesmo tempo tão fácil de viver e sentir.

— O que acha de começarmos agora, Senhor romântico? — sugere com malícia, porém, emenda com a frase que mesmo no meu modo mais

otimista não imaginei ouvir saindo da sua boca, pelo menos não agora. Não hoje. — E só para que saiba, eu também te amo e aposto que há muito mais tempo do que você a mim. — No seu modo direto de ser, Ângela declara como se estivesse recitando a receita de um bolo e não retribuindo o amor que lhe devoto.

— De verdade? — desconfio. — Você não precisa dizer isso por achar que é o que espero ouvir. Não se sinta pressionada a...

— Não fale besteiras, Bruno — esbraveja. — Você não tem ideia do que representa para mim. Se soubesse essa dúvida não passaria pela sua cabeça — afirma. — Te amo e hoje você é

PERIGOSAS NACIONAIS

a melhor parte de mim. Nunca duvide disso. É tudo o que eu te peço. — O seu tom de voz é melancólico.

Minha namorada fala com uma urgência que me deixa preocupado. Muito preocupado.

Sua frase trouxe-me a sensação de que talvez ela esteja querendo dizer alguma coisa, como se fosse um aviso silencioso de algo que está por vir.

— Nas piores situações, mesmo que pareça o contrário, não duvide de que você foi a melhor coisa que me aconteceu.

PERIGOSAS ACHERON

— Por favor, não fale dessa forma, meu pequeno anjo — peço, quando a angustia ameaça comprimir o meu peito. — Você fala como quem espera que algo ruim aconteça e nos impeça de ficarmos juntos. Entenda, eu não vou permitir que aconteça; de você só me afasto quando ouvir sair da sua boca o pedido e se não acontecer, estarei aqui para você, em cima de você, beijando essa boca doce e macia. — Demonstro com uma leve mordida no lábio superior dela. — Amando o seu corpo até que nossas respirações não sejam suficientes, momentos em que precisaremos de um tempo para recuperar as nossas forças, para em seguida recomeçarmos tudo de novo. — Dessa vez,

ajeito-me contra o seu corpo, afundando o quadril contra o seu e no percurso moendo o meu pau contra a boceta quente e viciante.

— Como é bom com as palavras, meu advogado fodão. — Agora Ângela abraça-me com as pernas e o nosso ainda recente namoro me permite saber que está com vontade de fazer sexo. — E não perca seu tempo pensando nas bobagens que às vezes eu falo. De qualquer forma, fica o aviso de que nada e ninguém irá me afastar de você.

— E por que alguém iria querer nos separar? — questiono, não conseguindo deixar passar despercebido a forma imediatista com a qual

ela fala e mesmo que tente me distrair, percebo que tem alguma coisa de muito errada acontecendo.

— Como eu disse, esquece as bobagens que eu acabei de falar — incomoda-se e já sabendo que pressioná-la não é o melhor caminho, decido que pelo menos por enquanto deixarei esse assunto de lado, até porque, no momento preciso tratar de assuntos mais urgentes e por assuntos urgentes, refiro-me ao fato de estarmos excitados e nos roçando enquanto conversamos. — Chega de assuntos sérios. Por hora, sugiro que trate de cuidar dessa coisa grande e dura que não para de me cutucar. — A safada se remexe por baixo do meu corpo, deixando-me

verdadeiramente excitado.

E quem pode julgar por em questão de segundos sair de uma conversa reveladora para o estado crítico de quem não vê a hora de foder a própria mulher?

Porra! Estamos falando da Ângela Albuquerque, a minha mulher, a que mesmo antes de assumirmos o nosso namoro ouvia falar do quão gostosa ela é.

Sim, é com essas palavras que os marmanjos se referem a ela. Se antes eu não dava a menor importância e nem ao menos procurava saber quem era a tal gostosa, na minha mente sendo somente mais uma dentre tantas. Há mais de dois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

anos e depois que tive a chance de tê-la entre os meus braços, de sentir o seu cheiro e ouvir o som da voz, os elogios feitos nas rodas de conversas passaram a me incomodar. Da maneira mais irracional possível, a simples menção do seu nome já não me era indiferente e talvez tenha sido essa a razão de nunca ter conseguido empurrá-la para o fundo a minha mente.

Lembro que mesmo fora do país, a fama internacional do seu pai a levou até mim e quando apareciam na TV, a filha do homem chamava mais atenção do que o seu status de rei da hotelaria.

Então sim, tenho muitos motivos para

PERIGOSAS ACHERON

estar tão excitado e por desejá-la com tamanha intensidade. Desejo que está longe de ser minimamente satisfeito, talvez nunca seja. A mulher que todos veneram pela beleza e pelas belas curvas é a minha namorada. Somente eu tenho o privilégio de tocá-la, dar e receber prazer. Saciar os seus desejos mais íntimos.

— Essa coisa que está te cutucando é o meu pau e se te cutuca é porque está louco para se meter dentro da bocetinha apertada dele — falo com a boca colada na sua, dando vazão ao meu vício de ouvir o som da sua voz e sentir de perto a respiração da minha linda. — Será que ela também está pronta? — Levo a mão até seu sexo, testando o

PERIGOSAS NACIONAIS

quão preparada está para me receber.

— Isso você mesmo pode dizer. — Se insinua contra a minha mão, enquanto meus dedos indicador e médio adentram seu sexo já deslizante de tesão.

— Você é muito safada, meu anjo que de anjo não tem nada — digo, lambendo seu lábio inferior, substituindo os dedos pelo meu pau.

— Deus... como é bom. — Sem desgrudar as pernas do meu quadril e nem as unhas das minhas costas, aos poucos ela me recebe dentro do seu corpo, quando lentamente vou até o fim em uma conexão que vai além da física.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom é estar dentro de você —
afirmo, vagarosamente saindo, para logo retornar
com mais força e rapidez. — Te amar com carinho
e te comer com loucura, minha diabinha gostosa.
— Os movimentos se intensificam e o barulho dos
nossos corpos se batendo começa a ser ouvido.

Quando ouço, vem a mente a
constatação de que agora teremos liberdade. No
nosso lugar poderemos fazer o barulho que
quisermos sem o medo de sermos interrompidos.
No momento, só posso me felicitar por ter tido tal
ideia, pois apesar de tudo o que se passou desde a
hora que aqui entramos, nada é melhor do que
transar sem ter o receio de que os sons de satisfação

PERIGOSAS ACHERON

da minha namorada sejam ouvidos por desconhecidos.

— Assim, Bruno — pede com a voz arrastada no momento em que as unhas passeiam pelas minhas costas de fora a fora. — Mais forte — pede, e com força soco o seu sexo quando ao invés de causar dor, os arranhões me trazem mais tesão pela causadora da agressão.

— Nada — meto — está me ouvindo? — Tiro com rapidez. — Nada se compara ao que sinto por estar aqui com você — afirmo, penetrando mais uma vez com força. — Satisfação maior só terei quando pela primeira vez conseguir enxergar o seu rosto. — Tiro pela última vez e

PERIGOSAS NACIONAIS

quando volto para mais uma arremetida, termino em meio ao prazer supremo que toma tanto o meu quanto o seu corpo. — Te ver como deve estar agora. — As nossas testas estão coladas e com bocas e narizes próximos, compartilhamos o ar das nossas respirações. — Com o rosto contorcido de prazer e o corpo suado. Vendo o meu esperma escorrendo por entre as suas pernas e saber que fui o responsável por tudo isso.

— Esse dia vai chegar, amor — diz e mesmo em meio aos espasmos do orgasmo, ainda me abraça com braços e pernas. — Você vai poder me ver e quando acontecer, no meu rosto terá estampado o amor que sinto por você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu te amo — devolvo com o nó na garganta, pois semente agora me dou conta do tamanho e da profundidade dos meus sentimentos por ela.

— Com todas as minhas forças — completa e estando nós dois ainda intimamente unidos, sinto-me começando a endurecer novamente e com curtos e preguiçosos movimentos, recomeço.

— Eu quero de novo — beijo o canto dos lábios cheios, enquanto brinco com os seus seios que são muito sensíveis ao meu toque.

— Sou sua.

PERIGOSAS ACHERON

— Só minha — volto a me mover, reafirmando com o corpo todos os sentimentos que nos une.

Sentimentos que falam de amor, paixão e a esperança que ela trouxe de volta. Com meu anjo veio não só a esperança de voltar a ser completo por mim e por ela, como também a confiança de saber que a tendo do meu lado serei capaz de tudo, até mesmo de enfrentar antigos fantasmas.



Sonho



Três semanas depois...

— Para, meu amor... — Com um sorriso de canto a canto peço, lutando para fugir do seu agarre enquanto corremos descalços, com os pés tocando a areia branca e fofinha da praia. —

Socorro. — entre risos, ainda consigo falar, porém não tenho resposta, já que por algum motivo a praia está vazia. Até parece um sonho.

Um sonho bom.

Eu corro, vestindo um biquíni de estampa vermelho e logo atrás vem ele, o meu namorado tão gostoso, usando uma sunga preta que deixa seu corpão tentador quase que completamente à mostra. Para minha sorte estamos a sós no paraíso, do contrário, eu não estaria tão tranquila vendo as assanhadas de olhos cumpridos em cima do meu homem.

— Te peguei, diabinha. Achou mesmo que seria mais rápida do que eu? — Quando me

PERIGOSAS ACHERON

agarra pelo braço, Bruno abraça-me pela cintura, deixando nossos corpos colados. — Agora peça desculpas ou então... — insinua.

— Então?

— Eu vou te jogar na areia e fazer cócegas na sua barriga — ameaça com o sorriso de dentes tão branquinhos e bem alinhados. — Fala: Amor, você é forte e viril, os anos bem vividos a mais do que eu não são capazes de afetar o seu bom desempenho. Você é perfeitamente capaz de dar conta de mim e do meu fogo que nunca apaga.

— Homens e suas fragilidades masculinas. — Rolo os olhos para cima e tenho os seus olhos surpresos a me encarar. — Não menti

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando disse que você é uns bons 13 anos mais velho que eu, o que não significa que eu acredite que não possa dar conta do recado, quer dizer, é mais fácil eu não dar conta da sua voracidade. — Tento consertar, mas seus olhos desafiantes me encaram, deixando claro que ele não vai cair no meu papo.

— Sua última chance, chatinha. Vou contar até três — avisa e num movimento brusco, me pega nos braços e me deita sobre areia quentinha, para em seguida deitar-se parcialmente em cima de mim. A mão já está sobre a minha barriga, alisando-a lentamente como um aviso de que a tortura está para começar.

PERIGOSAS ACHERON

Em silêncio, encarando sua expressão divertida contra o sol, no rosto deixo transparecer um misto de desafio e encantamento. Mesmo nos momentos de descontração, ainda é difícil de acreditar que ele possa estar enxergando, olhando-me de perto e vendo no meu rosto o quanto amo.

Fomos tão felizes nesses últimos dias que tenho até medo do dia em que o destino irá aparecer e cobrar a conta, até porque, não lembro o dia em que fui plenamente feliz. Talvez ele tenha existido antes do meu aniversário de seis anos, quando eu não carregava um fardo pesado demais em cima dos ombros.

— Deus, como você é linda, Ângela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me olhando bem de pertinho, meu namorado olha no fundo dos meus olhos, como se ainda fosse difícil de acreditar no que está acontecendo. Sonhamos e lutamos tanto para que esse dia chegasse que agora que aconteceu, parece mais como um sonho bom do que a realidade.

— Obrigada, mais uma vez — agradeço com um sorriso amarelo no nos lábios, pois tudo que ele faz é dizer todos os dias — várias vezes — sobre o quanto sou linda. Eu pelo visto não sei lidar muito bem com elogios, principalmente vindo dele, o homem que parece não ter a percepção do quão atraente é, principalmente agora que o número de admiradoras

PERIGOSAS ACHERON

dobrou.

— Jamais cansarei de falar isso, meu pequeno anjo. — Felizmente, esquecendo-se da ameaça anterior, ao invés de esticar os dedos para me torturar com cócegas, meu namorado desliza as mãos pela minha cintura até estar me abraçando do jeito que gosto, do jeito que nós dois gostamos. — Amo você.

— Bruno... — Ainda consigo dizer, antes de ele grudar os nossos lábios no beijo sensual, o beijo que não faz promessas, apenas nos leva onde os nossos desejos querem ir.

— Bruno... — clamo por seu nome mais uma vez e de uma forma brusca, sou
PERIGOSAS ACHERON

interrompida quando um clarão aparece e acaba com tudo de bom que eu estava vivendo até agora. Assustada, sento-me sobre a cama e ainda tentando abrir os olhos e focar na realidade, vejo que o clarão é a luz do sol entrando pela janela que acabou de ter suas cortinas arreganhadas pela minha querida mamãe.

É óbvio que tinha de ser apenas um sonho. Só mesmo o meu subconsciente para projetar uma realidade tão feliz, sem máculas ou obstáculos.

— Por que a senhora fez isso? —
questiono, agora mais desperta e tendo uma dona Mara me encarando ao pé da cama, com os braços

cruzados e o um dos pés batendo contra o porcelanato branco.

— Onze horas da manhã, minha filha — avisa e me pergunto o que tem de mais, já que hoje é domingo e pelo que me lembro não tenho nenhum dos compromissos que ela vez ou outra me inclui como um membro da família Albuquerque.

São momentos em que sinto o nome pesar mais que uma pedra de concreto. Prefiro quando sou ignorada e o medo de me ver perdendo o controle na frente de pessoas influentes faça com que a minha presença seja dispensada.

Infelizmente, não é sempre que isso acontece. Por mais vezes do que gostaria, sou

PERIGOSAS ACHERON

obrigada a fingir ser a socialite fútil e perfeita, a herdeira que nem mesmo um curso superior pôde fazer.

— Algum problema com o fato de ser onze horas de um domingo qualquer? — pergunto, primeiro limpando a baba imaginária do canto da boca e em seguida limpando as remelas com a ponta dos dedos, coisa que ela detesta que eu faça. Segundo a boa etiqueta da dona Mara, são gestos vulgares demais para se fazer em um ambiente que não seja dentro do banheiro. Fazer na frente de outra pessoa? É o fim do mundo, conforme escrito no seu dicionário.

— O problema é você, minha filha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não percebe que está a cada dia mais incontrolável? — Recomeça a ladainha de sempre e que nas últimas semanas vem se intensificando, junto com a percepção de que o meu namoro com o Bruno não é só um caso passageiro, como alguns que tive desde o fim do insosso e único namoro que ela e papai me pressionaram, entrando na minha mente até que conseguiram me convencer de que era o melhor para mim.

Felizmente, o momento de lucidez chegou rápido e pouquíssimos meses depois do início, dei fim a farsa.

A ilusão de que eles estavam levando o meu relacionamento numa boa era apenas isso,

PERIGOSAS ACHERON

uma ilusão. O passar dos dias mostrou que o medo de perder o controle sobre mim sempre falará mais alto quando a ameaça de uma sonhada liberdade se aproxima.

— Não estou incontrolável, mamãe — inutilmente me defendo. — Será que a senhora não pode pelo menos dessa vez ficar do meu lado?

— Minha filha. — Desconcertada ela começa, para em seguida se calar, talvez por não saber o que falar. Por não ter justificativa para o seu incomodo e tentativa de interferência no meu namoro.

— Será que não percebe o quão bem e feliz estou? — Tento fazer com que de alguma

PERIGOSAS ACHERON

forma ela enxergue que não há o que temer.

Ser eu mesma é a minha cura, ter a liberdade de fazer as minhas próprias escolhas sem que tenha olhos atentos me vigiando e apontando qual caminho devo seguir.

— Você está ficando muito dependente desse homem, minha filha. — Mara se aproxima um pouco mais da minha cama e o tom de voz é mais suave agora. — Tenho medo de que isso seja prejudicial e acabe desencadeando coisas que você já superou.

— Não é dependência ou uma obsessão como sei que devem estar pensando e discutindo sobre. — Nego a conclusão que ela e

PERIGOSAS ACHERON

meu pai provavelmente devem estar tirando. — O que Bruno e eu temos é um relacionamento saudável, cheio de afeto e cuidado. Então, por favor, a senhora e o papai, pelo menos dessa vez me deixem viver plenamente a história que eu escolhi.

— Seja razoável, Ângela — pede, relutando em me ouvir, mas para o seu azar, estou completamente lúcida e consciente das minhas decisões. Dessa vez vai ser diferente.

— Vocês precisam superar o que aconteceu, deixar que eu mesma supere e siga em frente — peço. — Se chegar o momento de eu ou vocês perceberem que não estou bem, nesse dia

podem dizer ou fazer alguma coisa, como fizeram tantas outras vezes. No momento, tudo o que eu quero é viver em paz com as minhas próprias escolhas.

— Só espero que saiba exatamente o que está fazendo. Seria muito doloroso enfrentar mais uma crise. Só traria mais sofrimento para a família e para esse advogado que você tanto gosta.

— Se era só isso, a senhora pode, por favor, me deixar sozinha? — Seu último aviso de algum modo me afetou, o que não é nenhuma surpresa, é exatamente o que acontece todas as vezes.

Tenho a impressão que é justamente a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua intenção. Quando não consegue tão facilmente, recorre aos avisos que me lembram de quem sou, das marcas que carrego de um passado sombrio demais.

Quando ela sai sem mais nada dizer, volto a me jogar de costas na cama e no processo, cubro-me da cabeça aos pés com o pesado edredom. Como um irracional mecanismo de defesa, essa é uma mania que desenvolvi desde criança e que até hoje carrego comigo nos momentos em que as incertezas e inseguranças me abatem.

No momento, tudo o que queria era estar com Bruno, no nosso canto e longe das

PERIGOSAS ACHERON

ameaças à nossa felicidade que já dura um mês completo. Semanas de puro amor, paixão e conhecimento mútuo.

Estivemos tão próximos nas últimas semanas que até consegui chamar atenção dos meus pais para nós.

Se para a minha mãe estou obcecada e dependente demais, no meu íntimo não paira a dúvida de que isso seja uma inverdade. O que vivemos e sentimos não é mais que a prova do amor recém-revelado. A plenitude de se entregar de corpo e alma a quem me faz tão bem. Bem de uma forma inédita.

Hoje só quero estar com o meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

namorado, receber a sua ligação me chamando para o nosso canto, o lugar que rapidamente recebeu toques pessoais tanto meus quanto dele. Hoje o apartamento nem de longe lembra o lugar que ao entrar lhe deixou tão frágil e trazia tantas recordações dolorosas.

Fizemos do apartamento o nosso refúgio para amar e não tem lugar onde mais gostaria de estar, não só agora como também em todos os outros dias, dando e recebendo amor em igual medida.

Toca celular, desejo com intensidade.

Me liga, meu amor. Preciso de você.

PERIGOSAS ACHERON

Com a voz abafada pelo casulo de edredom, peço baixinho, como se a força da minha vontade fosse o suficiente para ele pegar o celular e me ligar neste momento.

— Não acredito! — pulo sentada quando imediatamente depois de me calar, o celular começa a vibrar perto da minha cabeça.

Pegar o aparelho, olhar para o visor e avistar a nossa foto sorridentes na tela me deixa assustada com tamanha coincidência.

— Bruno, eu estava louca por essa ligação. Estou com saudade, querido. — Animada,

PERIGOSAS NACIONAIS

empurro o cobertor para os meus pés, sentido de repente o frio desaparecer. No seu lugar, o ambiente e o meu interior se enchem de calor e contentamento.

— Quero te ver, minha linda — fala, deixando-me exultante. — Estou indo para o apartamento, posso te esperar?

— Deve — afirmo. — Já eu chego aí.

— Só toma cuidado com a estrada, Ângela — pede como sempre faz quando combinamos alguma coisa juntos.

É mais que um aviso, é um uma herança do acidente. Mais um dos traumas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

herdados e que aos poucos e com a ajuda que está tendo, creio que conseguirá superar.

No meu íntimo tenho esperança de que além de voltar a enxergar, meu namorado também conseguirá dirigir novamente e aos poucos recuperar tudo o que foi perdido. Tudo menos a noiva.

Tudo, menos isso!

Eu não suportaria, não só pelos meus sentimentos, mas também por ser ela a mulher que o abandonou no pior momento. A mulher que foi umas das maiores responsáveis por sua mente ter ficado tão fodida.

PERIGOSAS ACHERON

— Tomarei — lhe tranquilizo. —
Espera que estou chegando, meu homem de olhos
lindos. Amo você.

— Te amo mais, anjo. — Desligo e
apressada corro para o banheiro.

Ao descer com uma bolsa média na
mão, onde dentro contém alguns produtos de
higiene básica e uma muda de roupa — coisa que
costumo fazer todas as vezes em que vou para lá
—, tenho o olhar de desaprovação da dona Mara,
mas felizmente não passa disso, um olhar de
desaprovação.

Não dou tempo para mais uma de suas
chantagens e contrariando o pedido do Bruno, pego
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o veículo e na pressa de chegar logo, dirijo em uma velocidade maior que a recomendável.



Com as chaves que ele me deu em mãos, destranco a porta e o encontro sentado no sofá com o notebook em cima das pernas. De imediato, Bruno coloca o computador sobre o sofá e vem ao meu encontro. É só o tempo de travar a porta e antes de ele conseguir chegar até ela, o encontro no meio do caminho com um empolgado abraço onde meus braços envolvem o seu pescoço e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as pernas o quadril.

— Isso tudo é saudade? — provoca, mas a boca já está beijando o meu pescoço e as mãos sustentam-me pelo bumbum.

— Muita — confesso, afastando rapidamente o cabelo do pescoço para dar maior acesso aos seus beijos — Demorei?

— Parece que durou uma vida — reclama, nos encaminhando para o sofá. Sentindo a alça da bolsa no meu ombro, ele a tira e a joga no outro canto do estofado.

— Agora estou aqui à sua disposição, meu amor. Pode fazer o que quiser de mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Não tenha dúvida de que vou fazer
— diz e as duas mãos entram por baixo da minha blusa, momento em que ele começa gostosos movimentos circulares.

Quando sua boca calmamente toma minha, sinto que tudo parece estar em ordem novamente. Aqui, nos braços dele eu sou a Ângela, só Ângela. Não a Albuquerque, somente a mulher que nos braços de um homem tão ou mais quebrado que ela, consegue encontrar a paz e o equilíbrio que não tem dentro da própria casa.



Anjo ou demônio?

 BRUNO

— Muito cansada, minha garota insaciável? — Ainda com o fôlego errático, tenho o corpo parcialmente sobre o dela e deitada de bruços, tendo os braços dobrados onde a própria cabeça descansa, Ângela se recupera do nosso sexo

explosivo e voraz.

Explosivo da forma como acontece todas as vezes que a ouço chegar ou vice-versa, quando chego depois dela e sou recebido com o mesmo entusiasmo com o qual deixei de lado o trabalho que estava fazendo, somente pelo prazer de tê-la dentro do meu abraço, de sentir o cheiro dos cabelos da minha menina bonita.

— Apenas recuperando o fôlego, algumas vezes você sabe como acabar comigo. — Tem a voz lânguida e por baixo da minha mão, sinto o toque macio da bunda que morro para colocar os olhos e outro membro. Um desejo cru e perverso que me acomete sempre que estamos

transando e de maneira involuntária, meus dedos teimam em querer acariciar zonas proibidas. Deliciosamente proibida.

Quando acontece, a minha namorada tem o corpo tenso somente por alguns segundos, mas logo ela relaxa a como a mulher voraz e receptiva ao meu toque que é, entra no clima e me deixa fazer dela o que quiser, nisso incluindo a invasão que os meus dedos gostam de fazer no seu orifício apertado e irresistível para mim.

Se Ângela sente-se inclinada a me entregar tudo de si, eu com o dobro de vontade tenho o desejo de tê-la por completo, de uma forma irracional e possessiva, preciso disso. São nuances

PERIGOSAS ACHERON

da minha personalidade que antes não existiam. Sentimentos nascidos com o amor e o tesão que essa menina mulher me desperta e, mesmo estando certo de ter amado outra mulher antes dela, essa certeza está cada vez mais distante.

Talvez eu não soubesse o verdadeiro significado da palavra amor, não no sentido pleno da palavra, do sentir, da entrega e com a enxurrada de novos sentimentos que minha chatinha desperta em mim. Com Carolina Guimarães, a atriz que hoje tenta carreira internacional, já que aqui não conseguiu o sucesso almejado, suspeito de ter amado a ideia do amor e de uma vida padrão onde no auge dos 30 anos, um homem é bem visto em

PERIGOSAS NACIONAIS

todos os lugares por ter uma carreira de sucesso e um bom casamento com uma bela e bem-sucedida mulher.

Hoje, depois de tudo o que passei, estou a cada dia mais ciente do que verdadeiramente importa e para mim, o Bruno Pires que precisou aprender da maneira mais difícil, nada é mais importante e mais urgente do que estar aqui, amando a mulher que me dá dia após dia uma nova razão para acreditar que ao fim de um dia escuro, o sol brilhará mais uma vez, trazendo consigo o calor e a certeza de que por mais que meu dia seja difícil, nada apagará a alegria de saber que a tenho na minha vida, o meu pequeno anjo.

PERIGOSAS ACHERON

— Só algumas vezes? — questiono, quando sem conseguir resistir, mordo o meio das suas costas que até então distribuía beijos de boca aberta e por vezes demorados chupões. — Acho que terei de me esforçar mais nas próximas vezes.

— Seu bobo, todas elas são maravilhosas, porém, em algumas ocasiões o senhor parece estar mais faminto e hoje foi um exemplo disso.

— Acontece porque horas longe de você se parecem anos e dias se parecem uma vida inteira — justifico-me e com uma das mãos, aliso uma pequena porção de pele, aparentemente áspera do lado esquerdo das suas costas e creio que sejam

marcas das minhas chupadas.

— Então é isso que significa estar apaixonada? Porque se for, eu estou assustadoramente apaixonada por você — fala com a naturalidade de quem está falando sobre o clima e não fazendo uma declaração de tamanha grandeza.

— Meu amor... — Estou sem palavras e sem vontade de afastar a minha boca da sua pele macia e perfumada, mesmo depois do sexo tão sujo quanto suado que acabamos de fazer.

— Ai — protesta numa mistura de reclamação e gemido.

— Doeu, minha diabinha? — Afasto

minha boca da sua carne, em seguida passando os dados pelo local quente da minha mordida e posterior chupada. — Não te ouvi reclamar agora há pouco enquanto pedia para meter com maior rapidez ou quando me pedia para estapear sua bundinha com mais força, onde foi parar a minha garota safada?

— Ela se escondeu debaixo da cama depois que foi deliciosamente saciada, agora só restou o seu pequeno anjo. — Ao toque da minha mão, sinto o momento em que o seu corpo muda de posição e agora a tenho deitada de costas, com a parte da frente à disposição das minhas mãos e boca. — Me diz, qual a versão você prefere? —

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunta de uma forma só sua de me provocar, fazendo-me perceber que não tenho resposta.

A pergunta dela é muito mais que uma brincadeira, pois em vários momentos sinto como se duas Ângelas existissem e como eu mesmo apelidei, parece existir uma diabinha e um anjo. A Ângela que primeiro me foi apresentada, a garota alegre e ousada que quis tomar para si o objeto do seu desejo quando há anos deixou explícito o que queria de mim e fez isso de forma direta. Essa sua versão enche-me de desejo, um louco tesão que nos permite ser livres nos nossos momentos de loucuras em nome do sexo, da vontade de fazê-lo até estarmos plenamente saciados.

PERIGOSAS ACHERON

Há momentos em que o meu pequeno anjo dá as caras, são os momentos em que ela fica mais quietinha e introspectiva. Ocasões que ela diz coisas estranhas e que por vezes não consigo entender o que está querendo dizer. Quando questiono minha namorada, ela sempre pede para que eu não dê importância para as suas bobagens.

O problema desses papos é que por mais que Ângela tente convencer-me de que são somente frases aleatórias e sem importância, eu não consigo acreditar nisso. Em mim fica uma estranha sensação de que sem querer revelar muito e de maneira inconsciente, ela esteja querendo dizer alguma coisa importante, coisas óbvias, mas que

não consigo perceber com clareza.

Pelo meu pequeno anjo sinto amor e uma ternura que traz consigo a vontade de protegê-la entre os meus braços, apertá-la até que possa garantir que ninguém lhe alcançará, que nem um mal chegará perto dela. Não da minha Ângela, a mulher que não imagino capaz de fazer nada que a torne alvo de pessoas mal intencionadas.

— Eu prefiro... Que rufem os tambores. — Contra a sua boca que nunca me cansarei de beijar, faço o suspense antes de dar a resposta mais sincera possível. — A minha diabinha que de vez em quando é um anjo ou seria o meu anjo que às vezes me tenta como se fosse o

PERIGOSAS NACIONAIS

próprio demônio? — questiono, ajeitando-me melhor sobre o seu corpo e continuo: — Quem é você Ângela Albuquerque? Anjo ou demônio?

— Aí você vai ter que descobrir, namorado e quando isso acontecer, me conta. Pode ser perigoso guardar esse segredo.

— Pode deixar, gostosinha — asseguro, puxando sua perna para o meu quadril. — Eu conto e como.

— Muito safado você, grande advogado. — Por baixo de mim, minha garota faz o de sempre quando quer levar-me às raias da loucura e começa a esfregar a boceta ainda melada e inchada da nossa última transa no meu pau

PERIGOSAS ACHERON

semiereto e sempre disposto a recomeçar. Com ela, nunca é demais. O tempo passa, a intimidade entre os nossos corpos aumenta e conseqüentemente o nosso desejo de estarmos sempre juntos, física e emocionalmente.

— Você quem faz isso comigo, só você.

— Acho bom mesmo, Bruno. Eu não suportaria te perder, juro que não. — Quando fala, tem a mesma urgência das outras vezes em que falou coisas estranhas como essa.

— Isso não pode ser ciúme, amor. — Tento desconstrair, mesmo sabendo que o que disse tem muito mais que o simples ciúme. — Porque

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você, tão perfeita como é, não teria motivos para sentir ciúme de um homem que nem ao menos pode reverenciar a sua beleza.

— Não se trata de ciúme, é só um aviso. — Como todas as outras vezes, ela tenta despistar ao enrolar a outra perna no meu quadril e quando os calcanhares fincam na minha bunda, trazendo o meu pau para o contato direto e apertado com a bocetinha melada, fica difícil pensar em outra coisa que não seja fazer sexo. Mais uma vez.

Porra! E quem pode me julgar? Eu sou homem e ela é a minha mulher, deliciosamente nua e quente sobre o meu corpo igualmente nu e pronto para ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Bruno.

— Fala, meu amor.

— Eu não sou perfeita, estou longe disso — afirma. — E não fala da sua cegueira. Logo você se livrará dela e voltará a ser homem completo, como você gosta de dizer, pois para mim sempre foi o Bruno, o homem que com ou sem a cegueira chamou a minha atenção pela presença marcante e a beleza fora do comum.

— Você faz bem para minha autoestima, anjo — digo, beijando entre os seus seios, ao passo que com umas das mãos, amasso o seio médio, do tamanho exato para as minhas mãos a para o meu pau que não raramente está entre eles,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fodendo-os até que do seu pescoço eu tenha a minha porra escorrendo pelo seu abdômen. — E obrigado por estar comigo nessa — falo, e com a ponta do pênis, pincelo superficialmente por entre as dobras do seu sexo. — Mal vejo o dia de te conhecer fisicamente. Nesse dia, se acontecer, eu não quero mais ninguém, só você na minha frente, Ângela — revelo. — Não permita que me tirem isso, por favor. Só você, a minha primeira visão, o meu anjo.

— Não permitirei, estarei sempre do seu lado e se precisar, segurando na sua mão...assim... — termina tendo-me fundo dentro do seu corpo, fazendo a última e íntima conexão.

PERIGOSAS ACHERON

— Minha linda... — Palavras e pensamentos se perdem quando em um vai e vem lento, onde o sexo é muito mais fazer amor do que foder, o lugar não produz outro barulho que não seja o dos nossos gemidos, respirações alteradas e corpos se batendo.

Na minha mente, o prazer carnal se mistura com as lembranças de tudo o que vivemos nas últimas três semanas, da nossa ida aos especialistas recomendados para o meu caso. Lembro-me do caminho já percorrido em poucas sessões e onde eu tive a certeza de que diferente da outra vez, quando a minha alma estava ferida demais para ter um resultado positivo, agora eu

posso ter a esperança de não me frustrar. Posso acreditar que depois de mais uma cirurgia, a venda será tirada e diante de mim verei a mulher que amo com tudo o que há em mim.

A minha mulher.

— Me fode, Bruno — o pedido agoniado é acompanhado por costas sendo rasgadas de cima a abaixo com unhas afiadas e a ardência deixa-me ainda mais cheio de tesão, me atijando a fazer exatamente o que ela pede.

Tirando as mãos do seu corpo, seguro na cabeceira da nossa cama com força e do jeito que necessita, penetro a sua boceta em movimentos bruscos o suficiente para ter seu corpo sacudido e

PERIGOSAS ACHERON

içado para cima.

— Toma, porra! — Meto e tiro com rapidez e força. — Muito gostosa... — Agora me apoiando em uma única mão, levo a outra ao seu clitóris, beliscando-o, a fim de deixá-la mais louca de desejo.

— Isso, baby — elogia, quase não conseguindo falar.

— Eu quero te pegar por trás, amor — aviso, abruptamente saindo de dentro dela e me jogando na ponta da cama. — Fica de quatro e me leva para dentro do você. Seja mais uma vez a minha guia, diabinha.

Não demora muito ouço a cama se mexer e logo ouço a voz doce transformando-se em algo mais sexy, um poder que ela tem quando estamos em momentos de extremo prazer sexual.

— Pode vir e tomar tudo o que quiser, baby. — Segura a minha mão e de joelhos, arrastome pelo colchão, até sentir o meu quadril em contato com a bunda empinada. Ao tocar a bochecha da sua bunda na intenção de me posicionar, sinto a sua mão agarrar o meu pau, fazendo por alguns segundos uma masturbação perfeita a ponto quase levar-me ao orgasmo. Ângela dá um jeito de me guiar até a boceta gotejante e mais uma vez, recomeço de onde parei.

— Você tem a bunda deliciosa, não é mesmo? — Enquanto a fodo, tenho as mãos fechadas no seu quadril de vez em quando deslizando para as bochechas da bundinha deliciosa e a estapeando com gosto. — Me fala, namorada, quando é que me dará o prazer de comer o seu buraquinho apertado? — A frase é acompanhada do meu dedo indicador que aos poucos penetra o seu ânus.

— Quando você for um bom menino, fizer o que tem de ser feito e puder ver o que está fazendo — fala aos trancos e tropeções. — Já pensou? Finalmente desvirginar a minha bunda e estar vendo o presente que ganhou? — Finaliza

muito ensandecida, jogando o quadril para trás na tentativa de me auxiliar nas arremetidas.

— Eu não acredito nisso, sua chantagista. — Dou-lhe um tapa na sua coxa esquerda, penetrando até o fim e contra as suas paredes, passo a moer meu pênis dentro da sua boceta, em movimentos circulares e intensos. Intensos a ponto de eu estar a ponto de gozar. — Se era de um incentivo que eu precisava, você acaba de me dar o melhor deles. — Circulo a minha mão na cintura esguia e quando trago suas costas escorregadias para junto do meu peito mais suado ainda, afirmo ofegante no seu ouvido: — Saiba diabinha chantagista que em breve estarei comendo

PERIGOSAS NACIONAIS

o seu cuzinho e da sua boca sairão apenas gemidos de contentamento, é isso que você quer?

— Tanto quanto queremos o sucesso da sua cirurgia — fala, levando a mão para a minha nuca e o gesto costumeiro deixa evidente o que deseja.

No momento em que sinto meu sexo engrossar dentro do seu corpo, minha boca toma a sua, mas não sem falar:

— Então nós temos um trato, chatinha.

Beijando-a com sofreguidão, diminuo o ritmo e penetrando-a mais algumas vezes, chego

PERIGOSAS ACHERON

ao pico do prazer logo depois dela.

Ao cairmos exaustos pela segunda vez em um pouco mais de duas horas, ainda me atrevo a provocar:

— Como da outra vez, consegui acabar com você? — Faço carinho nos fios de seus cabelos suados, aproveitando-me do fato de ter a sua cabeça descansando no meu peito.

— Tanto que amanhã não conseguirei andar — avisa, sem conseguir segurar um bocejo.

— Tadinha, meu Deus. — Enlaço a sua cintura e lhe aconchego melhor contra o meu corpo, já que ela parece querer tirar um cochilo. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Quem foi o homem malvado a fazer isso com um anjo feito você?

— Foi o meu namorado, ele me devora com a sede de mil anos sem tocar o meu corpo.

— Muito esperto o seu namorado.

— Muito mesmo — ouço o som do seu sorrisinho. — Só espero que ele não esteja pensando que passaremos o dia trancados e transando.

— Não?

— Não — fala baixinho e presumo que esteja prestes a dormir. — Deixa só eu me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

recuperar — pede. — Nós vamos sair, tenho um passeio especial e acho que você vai gostar.

— Sei que vou — digo e não obtenho resposta.

A minha linda já caiu no sono e mesmo ela não tendo ouvido, a resposta não deixa de ser sincera e verdadeira. Confio na minha namorada e sei que tudo que propor será bom pelo simples fato de estar na sua companhia.

PERIGOSAS ACHERON



Liberdade



— Você não pode estar falando sério,
não vou subir nessa coisa, de forma nenhuma —
reclama, ao tocar no assento e no aço do meu bebê.

— Essa coisa, meu amor, se chama

moto — rebato, divertindo-me com a sua relutância em fazer o que lhe proponho. — E te garanto que ela não morde.

— Sinto meu sangue gelar só de imaginar você montada nisso daí — revela, quando me aproximo e ficando na pontinha dos pés, beijo o canto da sua boca.

— Poxa, mas eu pensei que a ideia de me imaginar montada em cima de uma moto te enchesse de tesão, não foi isso que disse? — relembro, enquanto propositalmente tento persuadi-lo a fazer o que eu quero.

— Eu disse — confirma, abraçando-me com mais vontade, trazendo meu corpo para

PERIGOSAS ACHERON

bem próximo do seu. — Mas ali eu estava falando com a gostosa que até então eu não pensava nada que não fosse uma transa quente e suada e, apesar da ideia ainda parecer-me muito excitante — enquanto fala, as mãos vão despretensiosamente deslizando para as bochechas da minha bunda, coberta com o jeans justo e fazendo conjunto um a jaqueta de couro preto — estamos falando da minha namorada. A minha chatinha que eu não suporto a ideia de que algo de ruim possa lhe acontecer.

— Tudo bem, você tem seu ponto — admito, com o coração a ponto de explodir por receber dele tamanho cuidado e carinho, coisas da

qual sou carente — Mas você também não tem que se prender por esses temores, meu amor. Lembra-se do que a psicóloga falou? Você precisa enfrentá-los e superá-los da melhor forma possível. Nada vai nos acontecer, é só uma voltinha.

— Você tem certeza? — Ao sentir a sua mão rapidamente subir para a minha cintura e os dedos apertando-a com mais força, percebo o quão verdadeiramente tenso ele está.

— Eu tenho e garanto que você vai gostar — afirmo e com a ponta dos dedos, acaricio os cabelos da sua nuca. — Imagina só, sentir a liberdade, o vento frio nos nossos rostos...

— A bunda da minha gata se

PERIGOSAS ACHERON

apertando contra o meu pau — completa.

— Meu Deus, Bruno. — Não contendo o riso, dou um soquinho no seu braço e emendo: — Olha só o que você pensa.

— Apenas a melhor parte desse seu plano de aventura — justifica-se e continua — Por falar nisso, pode me dizer o motivo da sua moto estar nessa garagem, ao invés da garagem que imagino ter na sua casa? — indaga e eu já esperava por essa pergunta, afinal, nós saímos do apartamento com o meu carro e viemos direto para estacionamento pago, onde costumo deixar a minha moto.

O motivo disso é bem óbvio para

PERIGOSAS ACHERON

quem conhece os pais que tenho.

— Fica aqui porque meus pais não sabem que a tenho — revelo, sem ter como esconder. — Um belo dia sai para almoçar com a Marina e no caminho vi essa belezinha aqui, o resto dá pra imaginar: comprei a moto, tirei a habilitação, tudo sem que nenhum dos dois tenha ao menos desconfiado. Já estou há três anos com ela, minha inseparável companhia de aventuras.

— E por que fez escondido, amor? — Enquanto fala, sua boca beija meu pescoço e os braços permanecem circulando-me com carinho.

É tão natural estarmos assim, se pudesse seria aqui a minha morada permanente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dentro do abraço protetor, recebendo carinho acolhedor e beijos arrebatadores.

— Eles não permitiriam — assevero.

— Entendo e não os julgo por isso.

Eles devem ter seus motivos — diz, certamente atribuindo o fato a comum preocupação de todos os pais quando têm seus filhos no trânsito, seja com um carro ou uma moto.

No caso dos meus pais, a questão vai muito além, pois, o temor deles não se restringiria à motocicleta, caso soubessem da sua existência. É por saber como agem em diversas situações que escolhi fazer escondido deles, ao invés de mais uma vez abaixar a cabeça e aceitar a negativa de ambos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para algo que tanto gosto. Já basta tudo o que perdi nos anos mais preciosos da minha vida.

Na época em que tinha acabado de sair de uma fase muito difícil, a compra da moto e a aulas feitas para aprender a pilotá-la foi como um grito de liberdade. A luta para pelo menos uma vez fazer algo por mim mesma.

A mesma batalha que comecei a travar pelo meu namoro, pelo amor que me foi dado e da qual não estou disposta a desistir. Por Bruno lutarei até que dentro de mim não haja mais forças.

— Preocupação, coisa de pai e mãe —
escondo. — Agora, chega de me enrolar senhor,
Bruno. Vamos, suba nessa moto, vamos dar uma
PERIGOSAS ACHERON

volta — chamo e ao me desvencilhar do seu abraço subo e pego a sua mão, esperando que ele faça o mesmo.

Quando percebe que não vou desistir, Bruno acaba subindo e se ajeitando atrás de mim, e por atrás de mim, quero dizer que ele está muito perto. O peito colado nas minhas costas e nem preciso dizer que tem o sexo esmagado contra a minha bunda. Os braços estão em volta da minha cintura de maneira tão apertada que é quase difícil conseguir respirar.

Não que isso seja uma reclamação, pois, tirando a parte do não conseguir respirar com naturalidade, sinto que estamos numa posição

PERIGOSAS NACIONAIS

muito excitante e se não fosse o seu medo, tenho certeza de que ele também já teria se dado conta e arranjado um jeito de nos deixar loucos de desejo em cima dessa moto.

— Querido, menos apertado. —
Alisando o seu braço, tento acalmá-lo. — Está tudo bem, percebe? Vamos fazer o nosso passeio e depois a guardaremos aqui novamente, nada vai nos acontecer — afirmo, pedindo ajuda para o universo. Pedindo para que tudo corra bem. —
Confia em mim?

— Com a minha própria vida —
declara e no processo começa a relaxar e a afrouxar o aperto do seu abraço.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda assim, ele não se afasta um milímetro sequer do meu corpo e por isso só tenho a agradecer. Quer dizer, não sei até que ponto estarmos tão próximos é bom. Prometi nos levar e trazer sem incidentes, o que não é tão fácil de cumprir quando se tem na mente fantasias tão perversas como as que estou tendo agora.

— Está preparado? — Checo, antes de ligar a moto.

— Isso é você quem precisa dizer. — Totalmente recuperado da tensão inicial e já ligado no seu modo habitual, Bruno faz a pergunta sussurrada no meu ouvido, ao passo que a mão direita sobe para o meu seio, para em seguida

PERIGOSAS NACIONAIS

apertá-lo com gosto. Depois ele belisca o mamilo até deixá-lo rijo de excitação, conseguindo com que eu me remexa e tente ao mesmo tempo nos equilibrar sobre o veículo — Está preparada?

— Só se você também estiver. Somente depois disso, darei partida — provoco, deliciando-me com o seu toque no meu seio e com a outra mão brincando com o cócs do meu jeans.

Já cheia de um tesão que ele rapidamente tem o dom de ascender com o seu toque experiente e promessas sujas faladas ao pé do ouvido, faço questão de empinar a bunda, quase sentado em cima do seu pau já ereto. Mas, como estou a fim de deixá-lo louco, começo com leves

PERIGOSAS ACHERON

esfregadas que logo se transformam em lentas reboladas que deixam seu pênis muito duro.

— É melhor você parar, amor — avisa quando as mãos deixam meu peito e cintura e vão para a minha bunda, pois na contramão do que acabou de pedir, Bruno aperta as bochechas com gosto, esfregando-as com mais vigor no seu sexo rijo. A minha calcinha, essa já está ensopada há um bom tempo.

— Se eu não parar? — Vou além, aproveitando-me do ambiente escuro e do fato não ter ninguém por perto no momento. — O que você vai fazer?

— Vou te comer, bem aqui. Em cima

PERIGOSAS NACIONAIS

dessa moto e te garanto que não será só a sua boceta a ser comida. — Suas palavras dão arrepios e garanto que não são por medo — Vou querer tudo, a sua boca safada e até mesmo sua bundinha deliciosa. — Suas ameaças não são capazes de me fazer parar, pelo contrário, deixam-me mais excitada e doida para pagar para ver. — Vem, me dá um beijo. — Voltando-nos para a posição anterior, Bruno cola as minhas costas no seu peito, puxa minha cabeça minimamente para o lado, iniciando assim um beijo calmo e delicioso.

Aos poucos e não fazendo nada além de nos beijarmos, conseguimos nos acalmar e baixar o fogo que nos queimava como brasa viva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quer dizer, ele me acalmou depois de ter provocado a fera que há em mim.

— Melhor? — Termina com vários selinhos e os braços novamente abraçando-me.

— Ainda quero gozar. — Sou sincera.

— E eu ainda quero te devorar de todas as formas possíveis e imagináveis, porém, só vamos fazer isso em casa, longe do perigo de sermos flagrados — diz, e agradeço por alguém aqui ser racional.

— Você me enfeitiçou — acuso. — Pareço uma pervertida e não com alguém que transou até a exaustão mais cedo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso é normal com pessoas que se desejam muito e no nosso caso, há muito amor envolvido. Normal que queiramos extravasar de alguma forma.

— Você como sempre, sabe como usar as palavras, meu advogado gostoso.

— Sei mesmo — brinca, beijando-me o rosto. — Saiba que me sinto da mesma forma e se pudesse ficaria a vida toda te amando.

— Você não existe.

— O que não existirá será esse passeio de moto se você não nos tirar daqui imediatamente, diabinha depravada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de partirmos, os primeiros quilômetros percorridos são feitos bem devagar e assim o faço, até que o sinto relaxar às minhas costas e as mãos menos apertadas na minha barriga.

Pouco a pouco, escolhendo uma avenida menos movimentada e menos barulhenta, acelero a motocicleta, mas não tanto a ponto de estar acima do limite permitido.

Como todas as outras vezes, a sensação que sinto é indescritível, hoje ainda mais por tê-lo atrás de mim, me abraçando com firmeza, o meu amor. Além de todos os meus sentimentos, rogo aos céus para que eu tenha feito a escolha certa quando pensei em chamá-lo para passear de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

moto — como tantas vezes fiz — e para que ele esteja se sentindo tão bem quanto eu estou.

Deixando todas as questões e preocupações de lado, acabo com a minha mente vazia e o resto da corrida é feita em silêncio. Tudo o que se ouve é o som do vento e a brisa fria beijando os nossos rostos. O vento que traz a sensação de liberdade, livre para ser dona de mim.

Quando acho ter sido o suficiente, estaciono no movimentado parque arborizado, de gramas verdinhas e bem aparadas. Lugar onde as famílias vêm para aproveitar a tarde de domingo.

De mãos dadas, Bruno e eu caminhamos pelo lugar mais barulhento, onde uns

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

andam de patins, outros fazem piquenique e crianças correm de um lado para o outro até chegarmos a um banco estilo banco de praça. Ao tocar o assento e depois sentar-se, meu namorado segura a minha mão, posicionando-me sentada sobre as suas pernas.

— Já te disse o quanto você é importante para mim hoje? — Depois do confortável silêncio de toda a corrida, ele volta a falar e não poderia ter começado de uma melhor forma.

— Hoje ainda não.

— Você é o que de mais importante existe na minha vida. Isso te assusta?

PERIGOSAS ACHERON

— Não, pois eu me sinto da mesma forma em relação a você — devolvo, quase não conseguindo conter dentro do peito a alegria de poder falar em voz alta sobre todos os meus sentimentos, não precisar reprimir, pois sei que sou retribuída na mesma medida.

— Muito obrigada por ter me trazido até aqui, pela volta de moto. Foi tão bom, me senti livre, o vento batendo nas nossas peles e trazendo até o meu nariz o cheiro dos seus cabelos. Estive inebriado, inundado de amor e gratidão. Obrigado, amor.

— Não por isso. Passear de moto é uma coisa que me faz tão bem e só quis

PERIGOSAS NACIONAIS

compartilhar com você a mesma sensação.

— Eu amo você, meu anjo.

— E eu a você, meu homem de olhos de tempestade. — Como todas as vezes, beijo sobre a sua têmpera.

Por pouco mais de uma hora, permanecemos no parque, sentados no mesmo banco somente conversando e desfrutando a companhia um do outro ao fim da tarde.

Já anoitecendo e depois de ter guardado a moto no estacionamento, Bruno e eu pegamos o meu carro que estava guardado no mesmo local, e de lá nos dirigimos para o

PERIGOSAS ACHERON

restaurante mais próximo do seu apartamento. Isso só aconteceu depois de o meu estômago ter denunciado o tamanho da minha fome.

Já acomodados em um canto reservado e que nos traz certa privacidade, retomamos a nossa conversa, enquanto os pedidos estão sendo preparados. O principal assunto é a evolução que ele teve em duas semanas, onde não deixo de lhe elogiar e falar sobre o quanto estou orgulhosa da sua força de vontade e disciplina na decisão de retornar o tratamento que o possibilitará voltar a enxergar, total ou parcialmente, pelo menos essa é a nossa esperança.

Tendo o apoio do irmão, cunhada e do

melhor amigo, Erick, Bruno muitas vezes na minha companhia, voltou a consultar os médicos especialistas no seu caso e também a um psicólogo, que com perícia e anos de experiência, lhe ajuda a tratar questões do passado para que dessa vez, o resultado seja diferente. Para que quando for feita uma nova intervenção — caso seja necessário — dessa vez ele obtenha o resultado esperado.

Apesar de ainda estar em tratamento e de ainda existir questões a serem superadas, tento todos os dias lhe passar o meu otimismo, fazê-lo acreditar que dessa vez vai dar tudo certo. Dessa vez ele está bem com o mundo e consigo mesmo e se não for só por ele — o recomendado seria que

PERIGOSAS NACIONAIS

fosse — que ele faça por mim, o seu pequeno anjo, como gosta de dizer.

— Está tão calada, tudo bem? — indaga e me dou conta de que estive tão perdida em devaneios que não percebi o momento em que trouxeram a nossa refeição e muito menos quando no automático devorei o prato de comida.

— Estava pensando em algumas coisas aqui — justifico, ao limpar a boca com o guardanapo de tecido.

— Espero que pensamentos bons.

— Pensar em você está diretamente ligado a boas memórias, Bruno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boas a ponto de fazê-la dormir comigo hoje?

— Dê o seu melhor, me convença.

— Estive pensado: o que acha de qualquer dia desses eu comprar uma moto como a sua e continuarmos a brincadeira que começamos no estacionamento? Eu acho que gostaria de ser comida em cima daquela coisa. Pensa só, seriam lembranças memoráveis.

— Já me convenceu — afirmo, excitada com a promessa feita baixo o suficiente para que nenhum presente nos ouça.

— Sei que sim.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso porque você não sabia que de qualquer forma eu dormiria com você hoje à noite — revelo. — Só queria testar o tamanho da sua vontade.

— Se chegar mais perto poderá sentir o tamanho... — deixa no ar a insinuação enquanto como dois bobos, começamos a sorrir.

— Veja só se não é uma grande coincidência. — Uma voz nos interrompe e bem à nossa frente está parada uma mulher mais velha de cabelos tingidos de um loiro claríssimo — Bruno Pires, já faz o que, dois anos? — fala diretamente para ele e o Bruno tenso a minha frente já não é mais o mesmo. Não é o meu Bruno alegre e

PERIGOSAS NACIONAIS

irreverente de segundos atrás.

PERIGOSAS ACHERON



Sem controle



Não sei calcular se passaram segundos ou minutos, só sei que o clima está muito estranho e tenso demais para um ambiente como esse.

A mulher permanece parada à nossa frente e com os punhos fechados sobre a mesa,

Bruno continua mudo e com o corpo duro feito uma pedra. Ele está tão quieto que eu poderia jurar que nem respirando está.

— Não creio que não esteja me reconhecendo, meu caro. — A senhora insiste, ao invés de virar as costas e ir embora quando claramente não é uma presença desejada. Pelo menos não pelo Bruno, já que eu não faço ideia de quem seja ela. — Não se passaram tantos anos, assim. Da minha filha eu tenho certeza de que você não esqueceu — finaliza, tendo no rosto um sorriso sarcástico de quem finalmente conseguiu acertar o alvo. E parece ter conseguido, já que teve o poder de fazê-lo sair do modo múmia e se remexer

incomodado sobre a cadeira.

No seu rosto passam-se emoções indecifráveis para mim e quem começa e ficar incomodada sou eu.

— Ruth Guimarães. — Para o meu alívio e pelo fim da cena constrangedora — pelo menos para mim — Bruno finalmente decide cumprimentar a senhora. — Tudo bem?

— Vou muito bem, obrigada — devolve afetada. — Pelo que vejo você está ótimo. E a mocinha, alguma parente sua? — A tal Ruth volta o olhar, analisando-me com aberta curiosidade. — Ela é muito bonita — assevera, não fazendo o elogio diretamente para mim, agindo

PERIGOSAS ACHERON

como se eu não estivesse presente.

— Obrigada — agradeço, apesar de ela não ter se dirigido a mim ao elogiar.

— Essa é Ângela Albuquerque, a minha namorada. — Mesmo não estando como antes e ainda um pouco tenso, Bruno se recuperou bem à abordagem de seja quem for essa mulher e o que ela significa ou tenha significado na sua vida.

Ter sido apresentada para alguém como sua namorada é uma situação inédita e mesmo parecendo bobagem, a forma segura com a qual ele falou me deixou muito contente e com vontade de saltar no seu colo e encher o seu rosto de beijinhos. De alguma forma, algo em mim diz

PERIGOSAS ACHERON

que essa é uma informação importante, principalmente para a tal Ruth. Por alguma razão desconhecida, sei que é importante.

— A herdeira do Tarcísio Albuquerque? — Surpresa, ela questiona, tendo a mesma reação que estou acostumada a ver no rosto de quem se dá conta a qual família pertença.

A sua pergunta é respondida somente com um gesto de cabeça por Bruno, já que mais uma vez ela se dirigiu a ele. E para completar, finaliza com um comentário cheio de veneno.

— Parabéns, meu caro. — O cumprimento nem de longe parece sincero. — Vejo que escolheu uma substituta à altura.

Substituta? Eu sou substituta de quem? Olho dela para Bruno que tem no rosto a expressão séria de quem não tem sucesso em esconder a raiva que sente.

— Ruth, poderia, por favor, se retirar?
— pede o mais educado que pode, enquanto nos meus pensamentos permace a sua última frase.

— Não se incomodem comigo, meus queridos — pede, com falsa simpatia. Se não quisesse incomodar não teria se encostado à nossa mesa. — Só espero que essa menina linda esteja sendo tratada com cuidado e atenção, muito mais do que teve com a ex-noiva. Que tenha aprendido a priorizar a relação ao invés do maldito trabalho —

fala com rancor e na minha cabeça, as peças começam a encaixar.

— Ruth, por favor — pede mais uma vez e agora parece triste e não tão furioso como agora há pouco.

Esse encontro está visivelmente mexendo com as suas emoções e em prece, peço para que isso não jogue por terra todo o progresso que conseguiu nas últimas semanas. Toda a bagagem pesada do passado que foi jogada fora, restando dele o homem que mesmo tendo como traço da sua personalidade a introversão, já consegue sorrir mais, se abrir com maior facilidade e principalmente, amar sem reserva, sem o peso da

culpa e o sentimento de estar vivendo uma felicidade que não merece.

— Estou de saída — avisa e tenho vontade de falar que não devia nem ter chegado. Ela vira as costas e, antes que dê dois passos, volta-se novamente e diz: — Já ia me esquecendo. Se te interessa saber, meu caro, a sua ex-noiva estará de volta à cidade na próxima semana. Quem sabe vocês não possam se encontrar e tentar se entender. O relacionamento de vocês não terminou bem e talvez vocês só precisem de uma boa conversa — ela joga a bomba e bate em retirada.

Finalmente, depois de ter falado e falado mais um pouco, até sair da pior maneira

possível, o que ficou foram duas pessoas perdidas em pensamentos.

Na minha frente, Bruno parece uma folha de papel em branco e afetado de uma forma que eu não tinha o visto antes. Para mim está óbvio que a notícia mexeu com ele. Mais do que deveria e muito mais do que sou capaz de suportar, sem que a insegurança bata à minha porta e na boca, eu experimento o gosto amargo do ciúme.

De volta ao país, na mesma cidade e quem sabe próxima à sua casa estará a sua ex-noiva, a mulher que ele amou, com quem fez planos de uma vida juntos. Ela não é qualquer uma, é a pessoa que ele escolheu antes do acidente ter

tirado a chance de concretizar o que ambos desejavam. Talvez se não fosse por isso eles até hoje estariam juntos, casados e quem sabe com filhos e talvez eu não fosse a sua namorada. Não estaríamos aqui, depois de um dia tão bom.

Talvez... Talvez...

Substituta, foi a palavra que a megera usou e que agora dá voltas e mais voltas na minha cabeça.

Não queria ser a pessoa que fica insegura pela simples menção do nome de outra mulher e muito menos a que fica cheia de cobranças, mas, como agir de outra forma vendo-o no estado em que está agora?

Está óbvio que o assunto e a mulher ainda mexem com ele e de uma forma que provavelmente não tenha se dado conta.

— Bruno — chamo e ele não responde, permanece olhando fixamente para a porta por onde a sua ex-sogra acabou de sair. É como se tivesse visto exatamente por onde ela passou e quisesse correr atrás dela para descobrir mais informações.

Não seja paranoica, Ângela. Não vá para esse lado. Você está bem e ele disse várias vezes o quanto te ama. O Bruno não mentiria se não fosse verdade, ele não tem motivos para fazer uma coisa dessas, tento convencer-me, mesmo que

as suas reações estejam contando outra história.

— Bruno — chamo com mais ênfase, até que ele responde.

— Desculpa por isso, é só a mãe da Carolina, a minha intragável, ex-sogra — explica, não parecendo disposto a estender o assunto e muito menos iniciar outro.

Ele nitidamente está com a cabeça cheia, precisando ficar sozinho e colocar os pensamentos em ordem. Me dói pensar e entender isso, mas se estivesse numa situação parecida, iria querer o mesmo.

Talvez conversar comigo não seja o

que ele precisa agora. Eu gostaria que fosse, o problema é que não se trata do que eu gostaria e sim do que é necessário ser feito.

— Não precisa se desculpar, essas coisas acontecem — digo no automático. — E se já estiver satisfeito, eu gostaria de ir agora.

— Ângela... — começa, confuso e eu o interrompo, tornando as coisas mais fáceis para ele, porém, nem um pouco para mim mesma.

— Está tudo bem, Bruno — aviso. — Você precisa colocar a sua cabeça no lugar, pensar em tudo que ouviu aqui. — Enquanto falo, luto para não chorar descontrolada de frustração e tornar a situação ainda mais complicada para nós. — Eu

PERIGOSAS ACHERON

preciso ficar sozinha também.

— Não faz isso, Ângela, você não entendeu... — A mão tateia a mesa em procura da minha que fiz questão de esconder. Nessa hora, sinto meu coração apertar por estar fazendo isso com ele. Pela primeira vez, utilizo-me da sua cegueira para evitar o seu toque. — Prometeu que iria dormir comigo hoje — fala e apesar de confuso, sua voz não esconde o quão magoado está com o meu afastamento.

— Precisamos disso, por favor — peço. — Você precisa pensar, colocar a cabeça no lugar — sugiro, a fim de por um ponto final a esse jantar e ao dia de hoje.

— Você está entendendo tudo errado, amor. — Mais uma vez procura a minha mão sobre a mesa e nesse momento percebo que para mim já foi o suficiente. — Só preciso colocar meus pensamentos em ordem, fica comigo? — pede outra vez e em detrimento ao que eu desejo, me mantenho firme na decisão que está sendo sensata sob o meu ponto de vista, parte pautada pela insegurança de perder o homem que amo para uma fulana que o deixou no momento em que mais precisou.

— Não é de mim que você precisa no momento, Bruno. — Me dói até os ossos ter de falar isso. — Quando estiver na intimidade do seu

quarto, perceberá que tenho razão.

— Se é assim que você quer. — Ele enfim se dar por vencido ao jogar várias notas sobre a mesa e se levantar. — Vamos, te acompanho até em casa e lá eu chamo um Uber — sugere ao sairmos lado a lado sem, contudo estarmos nos tocando.

O encontro e as últimas palavras da senhora zombam da nossa cara e parecem afastar-nos tanto física quanto emocionalmente.

— Tudo bem. — Acato sem discutir, embora se a situação fosse outra, eu faria questão de deixá-lo na casa do irmão e só então partir para a minha própria casa, para dormir... sozinha.

Depois de um caminho percorrido no total silêncio, o mais completo e incômodo silêncio, estaciono em frente à minha residência e dentro do carro ficamos enquanto aguardamos o veículo que segundo o aplicativo, não demorará mais que dois minutos para chegar.

— Por que não chamou o motorista?
— questiono por estar preocupada com a sua segurança e também para quebrar o silêncio.

— Só o chamo quando de fato é necessário — diz, seco. — Além disso, o Uber que acionei é de um velho conhecido meu.

— Que bom — falo baixinho, quase a ponto de me encolher sobre o assento.

— Desculpa, não queria ter falado assim com você. — Dessa vez não faz nenhuma menção de tocar-me. — Dia maravilhoso, noite de merda.

Porque você permitiu que fosse assim, sinto vontade de falar, de brigar até que entenda que ninguém lhe tirará de mim.

*Pensamentos errados Ângela,
pensamentos errados!*

— Amor, nós precisamos conversar — fala, porém o farol do carro chamado por ele bate bem nos nossos rostos, impedindo-me de fraquejar na minha decisão.

Por um momento, me pergunto se não estou exagerando, mas é só por um momento mesmo. A dúvida some rapidamente quando me lembro da forma como ele ficou só com a notícia da volta da ex-noiva, do quanto ficou perturbado com a presença da mãe da dita cuja.

Não estou sendo injusta e apesar de todos os meus problemas, tenho a capacidade de discernir certas coisas e por mais que esteja sentindo um aperto sufocante no peito, sei que esse afastamento é necessário. Pelo menos até que ele entenda os próprios sentimentos.

Tudo o que não preciso é ser uma substituta, como acusou a senhora, ainda no

restaurante.

— Não hoje e não aqui — sou firme, ainda que a vontade seja de chorar, agarrar na sua perna e provar de maneira indiscutível que é a mim quem ele ama. Eu e mais ninguém.

Ao contrário disso, finalizo:

— O carro acabou de encostar, três passos e você estará tocando nele — instruo. — Obrigado pelo dia de hoje, eu me diverti muito. — É minha forma de despedida, deixando de fora o fim do jantar.

— Boa noite — despede-se, abre a porta, mas antes de sair, Bruno se volta mais uma

vez na minha direção e antes que eu tenha tempo de uma segunda respiração, ele avança o braço e quando me toca, o escorrega até a cintura, esmagando-me com possessividade contra o seu peito.

Bruno toma a minha boca com força, a invadindo com a língua e exigindo a mesma resposta da minha parte.

— Chupa a minha língua, Ângela. —
Com a mão segurando a parte de trás dos cabelos da minha nuca, ele retoma o beijo e como exigiu, enveredo nossas línguas numa dança frenética e sensual, no processo chupo a sua por incontáveis vezes para dentro da minha boca, do jeito que ele

PERIGOSAS ACHERON

gosta de fazer comigo.

Ao separarmos as nossas bocas, estou tremendo da cabeça aos pés e após limpar com o dedo a umidade dos meus lábios, ele apenas sai do carro, sem dizer uma única palavra.

Depois que o carro parte o levando embora, permaneço inerte por alguns segundos, até que dando vazão aos meus sentimentos, encosto minha cabeça sobre o volante e choro. Um choro copioso e sofrido. De medo do futuro, de perder umas das melhores coisas que já me aconteceu. De fraquejar e deixar à mostra o que não deve ser visto.

Entrando em casa e tendo noção do

PERIGOSAS ACHERON

quão acabada estou depois de tanto chorar, a minha mãe que até então conversava ao telefone, o desliga de imediato e avalia-me com espantosa preocupação.

— Minha filha, o que houve?

— Estou bem mãe, não se preocupe.

Só preciso descansar — falo no automático e se continuou falando, não tive tempo de ouvir, pois, perdida em meus próprios sentimentos e pensamentos, corro escada a cima.

Dentro do quarto tiro minha bota, toda a roupa e de calcinha e sutiã, caminho de um lado para o outro, até parar perto de um som portátil que raramente uso e quando o faço, significa que as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coisas não estão bem.

Um som um rock muito pesado toca, os sentimentos vão se misturando, minha mente fica confusa, as lágrimas voltam a escorrer e sendo acometida por uma fúria incontrolável, varro todos os objetos da minha penteadeira, fazendo um estrondoso barulho, prontamente encoberto pelo som da música alta.

Depois de arrancar todos os panos e lençóis que cobrem a cama, arrastando-me pela mesma, até terminar sentada no chão, com as pernas dobradas e com a cabeça apoiada no joelho. Choro baixinho por tudo e por nada ao mesmo tempo. Me balanço para frente e para trás, como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma criança protegendo a si mesma em meio a uma crise que nem sempre sou capaz de controlar.

A música alta não é capaz de calar o barulho dos meus pensamentos e dessa vez não tenho para quem ligar. Não para a minha amiga que agora tem a sua própria família e que antes me ajudava, mesmo sem saber. Não para o Bruno que insisti em mandar para longe.

PERIGOSAS ACHERON



Sufocante



As paredes do quarto parecem estar a ponto de me sufocar, como se estivessem se fechando a minha volta e eu nada posso fazer quanto a isso.

Fora o perturbador encontro com a

mãe da Carolina no restaurante e a informação jogada bruscamente na minha cara, no meu interior acontecem coisas que não consigo compreender. Meu coração está apertado dentro do peito, tão sufocante quanto a sensação de estar dentro desse quarto. O meu quarto abrigado na casa do meu irmão.

O meu pequeno anjo, o nosso dia não deveria ter terminado da forma como terminou. A forma como a deixei sem ao menos dizer uma palavra.

Uma única palavra.

Apenas tomei seus lábios com fúria e crueza, como se estivesse lhe punindo por me

afastar. Mas, como poderia puni-la se eu mesmo pouco fiz para evitar o fim desagradável?

Se eu realmente quisesse e tivesse tentado, teria facilmente lhe convencido que dormirmos separados não seria a melhor decisão, que ao contrário do que pensou, nós precisávamos sim estar juntos e conversar sobre tudo o que aconteceu no maldito restaurante. Porém, mais uma vez ela mostrou os motivos de ser a mulher pela qual sou apaixonado, percebendo que mesmo sendo difícil para mim e principalmente para ela, ficar sozinho no momento é tudo o que eu preciso.

Não seria justo prendê-la do meu lado quando minha mente e meus sentimentos estavam

em tamanha desordem. Meu anjo não merece nada menos que um homem emocionalmente inteiro do seu lado.

Sim, foi a escolha mais acertada naquele momento, digo a mim mesmo.

Então, por que sinto como se tudo estivesse fora do lugar? Como se a cada minuto que se passa mais distante de mim minha mulher fico?

Agoniado, caminho de um lado para o outro, enquanto em um evidente sinal de nervosismo, penteio com os dedos os meus cabelos para trás, lutando para colocar os meus pensamentos e sentimentos em ordem dentro da minha cabeça e principalmente, luto para entendê-

PERIGOSAS ACHERON

los.

Quanto ao que sinto pela Ângela, não paira quaisquer dúvidas. O amor que eu sinto por ela talvez seja a única certeza que tenha na minha vida. Pela menina mulher que só me fez bem desde o dia em que decidi que já não dava mais para resistir aos chamados do meu corpo e coração, cultivo os mais nobres e puros sentimentos. Algo que cuido com tudo o que tenho e seria capaz de destruir quem se atrever a maculá-los com quaisquer tipos de questionamentos.

Ângela é a mulher da minha vida, aconteça o que acontecer, ela é e sempre será a forma perfeita da minha felicidade.

O incidente do restaurante foi um acontecimento fora da curva e tirou-me totalmente dos eixos. Não pelos motivos que a minha ciumentinha provavelmente está imaginando e naquele momento não tive nem a capacidade de refutar.

Tudo deu errado no momento que ouvi a voz da Ruth Guimarães, a mulher que me achava indigno de estar ao lado da filha, uma atriz em busca de fama e reconhecimento. A mulher que apesar de tudo, jamais foi alvo de qualquer grosseira da minha parte. O nosso relacionamento nunca foi hostil, mas também não foi amigável, era mais como o de duas pessoas que mutuamente se

ignoravam na maior parte do tempo. Ela deixando claro o desejo de um homem melhor para a filha e eu ciente da sua contrariedade.

A reação ao vê-la está diretamente ligada às lembranças imediatas que a sua presença trouxe, pois, diferente das outras vezes, onde elas apareciam em meio a pesadelos, no restaurante as cenas do acidente passaram em câmera lenta na minha frente. Enquanto a mulher falava, cenas do telefone tocando, da Carolina esbravejando por mais uma vez eu estar atrasado para o jantar de aniversário da sua mãe se apresentaram à minha frente como um filme de final trágico.

Muito perturbado pelas repentinas

PERIGOSAS NACIONAIS

memórias, só queria me livrar da presença perturbadora e incômoda. Quando de forma direta e não muito gentil pedi para que ela se retirasse, o desnecessário aviso de que a filha está prestes a voltar para o país deixou claro que o fez com o propósito de causar um mal-estar entre mim e a minha namorada. As intenções ficaram ainda mais claras ao sugerir um reencontro entre nós dois.

Bom, o propósito foi atingido. Eu permiti que acontecesse ao mais uma vez reagir, ou melhor, não reagir ante a informação. Por um tempo fechei-me como uma ostra dentro da concha, deixando a minha chatinha de fora.

Não tenho nem mesmo como negar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que saber da volta da minha ex-noiva tenha me afetado e se não fosse pelo meu silêncio, acho que de qualquer forma as reações teriam denunciado.

Ter notícias dela me incomodou e mais ainda saber que em breve estaremos muito próximos.

Porém, o incômodo não tem qualquer relação com sentimentos parecidos aos que tenho pela Ângela, muito pelo contrário, lembrei-me do quão mal me senti quando, ao retornar do coma, recebi a ligação da minha suposta noiva que por telefone colocou fim a um relacionamento de anos, afirmando que não estaria preparada para lidar com o parceiro com as minhas limitações.

PERIGOSAS ACHERON

Limitações. Essa foi a palavra que ficou enraizada na minha memória, a ligação que me deixou com raiva do mundo, da injustiça que no momento de revolta acreditei ter sofrido. Só depois entendi que fui o único culpado com a minha imprudência e ambição. Perceber a minha culpa foi pior do que acreditar na injustiça. Continuar revoltado poderia significar o inconformismo com a cegueira, a não aceitação do peso da culpa. Não teria me resignado e muito menos tornado-me um homem amargurado. Sentimentos fortes suficientes para me aprisionarem dentro da teia que a minha própria mente criou.

Agora que eu estou finalmente dando

o passo que me liberta dos grilhões, fico sabendo que Carolina Guimarães estará de volta, a mulher que um dia acreditei amar e hoje percebo ter sentido tudo, menos amor.

O pensamento a martelar-me a mente é um só: Estar frente a frente com ela, fazê-la entender que apesar de tudo estou bem e que mesmo não sendo o melhor dos homens, a vida me deu uma nova chance ao me presentear com o amor que não imaginava merecer. A minha diabinha, a mulher que ela nem sonha ser e que eu morrerei provando de todas as formas que ela não está errada em me amar, em aceitar-me na sua vida.

— Está tudo bem, meu irmão? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Tenho um pequeno sobressalto quando ouço a voz do meu irmão. Estive tão perdido em pensamentos que não lhe ouvi batendo na porta. — Da sala dá de ouvir seus passos varrendo o piso. Quer conversar? — oferece e imagino que esteja evidente para ele o quão perturbado estou.

— Acho que fiz merda — confesso

— Que tipo de merda? Com quem? —
ouço quando fecha a porta com um click.

— Com a minha namorada e temo ter sido o tipo de merda que a faça duvidar dos meus sentimentos por ela.

— O que foi que você fez, cara? Uma

PERIGOSAS ACHERON

menina tão linda e gente boa feito ela. — Felipe, assim como Ana gosta muito da Ângela e das vezes que a trouxe aqui em casa, os três interagiram como se fossem amigos de muitos anos. Ana principalmente, ela trata Ângela de uma forma como nunca tratou outras namoradas minhas.

— Ruth baixou no mesmo restaurante que estávamos, fez questão de ir falar comigo e antes de sair informou que a filha estará de volta na próxima semana.

— Puta. Merda! — Felipe esbraveja.

— Pois é.

— E você, como reagiu a isso? — Ele

chega à parte mais interessante.

— Não muito bem, as lembranças do acidente vieram com força total e com elas a reação da Carolina quando soube que eu estava cego. Fiquei muito perturbado naquele momento e a minha garota foi embora com ideias que certamente não são as melhores.

— Ela tem razão para isso? — Felipe não seria ele mesmo se não me fizesse a pergunta que toca diretamente na ferida. Pergunta a qual respondo sem titubear, plenamente consciente do que falo.

— É lógico que não. Eu amo demais aquela garota, meu irmão — declaro. — E agora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que fiz exatamente o que ela pediu e coloquei as ideias em ordem, estou morrendo com o medo de perdê-la.

— Calma, Bruno. — Ele tenta apaziguar.

— Eu não posso nem imaginar a minha vida sem ela — confesso. — Você tem ideia do quão fundo eu caí por essa menina e do quão fodido estou?

— Te vendo assim, estou começando a ter. — O idiota tenta fazer piada na porra do momento onde ela não tem lugar. — Por que não pega o telefone e liga pra ela? Explique-se e diga tudo o que acabou de falar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Receoso, pego o meu celular, porém quando a ligação é completada, o celular chama até cair na caixa de mensagens e ela não atende.

— Não atende — jogo o celular dentro do bolso da calça, já sendo tomado pela frustração e o temor de perdê-la.

Por que ela não atendeu? Será que está tão brava assim?

— Mau sinal, meu caro. — Ele se aproxima e dá tapinhas condescendentes no meu ombro — Por que não dorme, esfria a cabeça e amanhã você volta a ligar?

— Não posso. Preciso ter notícias

PERIGOSAS ACHERON

dela. Eu percebi o quanto estava fragilizada quando saí do carro. — Um nó gigantesco se forma na minha garganta, a culpa vem com força e no íntimo tenho plena certeza de que ela está precisando de mim. — Me leva até a casa dela — peço, resolutivo.

— Tão tarde?

— Ainda não é meia noite — rebato, ansioso. — Só me leva até ela.

— Tudo bem, se acalma. Vou pegar as chaves do carro e você vai atrás da sua mulher.

— Me deixa sozinho e antes de também sair, me perguntou o que devo dizer para consertar a grande bagunça que fiz por tê-la deixado com uma impressão completamente equivocada de tudo o

que aconteceu.



Quando meu dedo insistentemente toca a campainha pela décima vez, a porta finalmente se abre.

— Pois não, a quem o senhor procura?

— A maneira formal com a qual a mulher fala deixa claro se tratar de uma funcionária da casa, talvez uma governanta? — Os senhores não se encontram no momento — avisa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sou Bruno Pires, namorado da senhorita Albuquerque, ela está à minha espera. — Minto, pois de uma forma ou de outra, preciso falar com a minha namorada.

— Ela não avisou nada, aliás, está trancada desde a hora que chegou. Escuta esse barulho ensurdecedor? Pois é, isso é coisa da menina.

— Sei como é, ela gosta de música alta. — Não que eu saiba. — Posso entrar?

— Claro, deixa que eu leve o senhor até ela — oferece cheia de tato, assim como fazem todas as pessoas ao notarem que sou cego.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de subirmos o que me pareceu uns mil degraus, viramos mais um corredor e após seguir mais alguns passos, sua voz avisa que estamos na frente da sua porta.

— Obrigado — agradeço e sem que eu precise pedir, ouço seus passos se afastarem.

O som realmente está muito alto e a cada passo que dou para dentro do recinto, sinto que meus sapatos pisam em cacos de vidro e em outras coisas que não consigo identificar. O que noto pelo caminhar é o fato de o quarto aparentemente estar completamente destruído.

— Amor, seu eu — falo e se ela me respondeu ou ao menos consegue ouvir, nunca

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saberei, pois o som muito alto tira-me essa possibilidade.

Com um braço erguido para frente ando com cuidado pelo quarto e depois de encontrar a cama, tateio-a, até que no meio encosto no corpo quente da minha linda.

Quando de sapato e tudo deito meu corpo colado ao seu, a encontro toda encolhida sobre o colchão. Meus toques permitem-me perceber que ela está deitada em posição fetal, abraçando o seu próprio corpo como se quisesse se proteger do mundo.

Mesmo em meio ao barulho ensurdecedor, ainda consigo ouvir o seu fungar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

baixinho quando encosto a cabeça perto do seu pescoço, tudo indicando que chorou até dormir.

— Bruno — Ângela chama e a maldita cegueira não me deixa saber se está acordada ou em meio a um sonho ou pesadelo.

— Estou aqui, meu anjo. Eu vim te buscar — informo no seu ouvido, alto o suficiente para que ela escute, porém em meio a fala, o quarto cai no mais completo silêncio e ao tocar na mão macia noto que nela Ângela segura o que parece ser o controle do aparelho de som.

— Está mesmo? — fala baixinho, levando o braço para trás e puxando meu corpo para mais perto do seu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não pude fazer o que me pediu.

Não poderia dormir sem saber como você se sente, amor — digo, aconchegando meu rosto na curva sempre cheirosa do pescoço delgado — Nós temos que conversar.

— Você me ama? — É a única coisa que ela quer saber.

— Mais que a minha própria vida — afirmo convicto.

— Então me leva com você — pede com a voz estranhamente arrastada, mais arrastada que o fato de ter acabado de acordar poderia justificar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Resgate



— Porra, mano. Você foi mais rápido do que imaginei. — Assim que a porta da propriedade da família Albuquerque se fecha às minhas costas, a voz do Felipe quase me mata de

susto.

Estava tão concentrado na tarefa de carregar a minha mulher escada abaixo e passar pela funcionária sem parecer um criminoso, que a última pessoa a quem eu esperava ouvir a voz seria a do meu irmão. Para minha sorte, ele é teimoso demais para me atender quando pedi para que não se incomodasse e fosse para casa. Segundo as minhas palavras, eu daria um jeito de chegar em casa, assim que me entendesse com a minha namorada e realmente daria. Eu sempre dou, pois sou teimoso o suficiente para não ligar para o motorista que apesar da insistência dos meus velhos, eu raramente o utilizo.

Acho que prefiro acreditar que não sou totalmente dependente, embora dessa vez, talvez eu esteja muito contente de me perceber dependente do meu irmão.

Apoiada nos meus braços que lhe abraçam com carinho, Ângela pouco se comunica e quando acontece, a voz sai estranhamente arrastada e o corpo parece não ter firmeza, como se fosse incapaz de se sustentar sobre as próprias pernas.

— Felipe Pires, pela primeira vez estou satisfeito por não ter feito o que te pedi — digo, lembrando que não foram poucas as ocasiões contrárias, onde a sua intromissão na minha vida tenha me deixado muito descontente, afinal, que

PERIGOSAS ACHERON

irmão mais velho sai por aí obedecendo aos desmandos do irmão mais novo?

— Fico feliz em te agradar, meu irmão. — O tom transborda a ironia. — Não sabe o quanto me esforço para isso.

— Idiota — rebato, sem, contudo estar realmente bravo com ele e suas piadinhas fora de hora, pois graças a ele tudo será mais fácil e só Deus sabe do quanto preciso que seja fácil. — Me fala e sem olhar por mais que um segundo: A Ângela está vestida corretamente? — indago.

Quando a encontrei toda encolhida sobre a cama e vestindo somente calcinha e sutiã, meu coração se partiu ao ouvir fungados baixinhos

em meio a respiração calma que o som altíssimo não foi capaz encobrir dos meus ouvidos muito apurados. Fora a dor de perceber o quão abalada a minha menina ficou, também não pude ignorar a destruição no seu quarto, uma bagunça que por não poder enxergar, não fui capaz de dimensionar a extensão.

O que sei foi o que pude sentir a cada passo dado ao redor da cama, onde em nenhum momento os meus pés pisaram firme no chão. A cada passo dado sentia estar pisando em algo e o quarto tinha o cheiro muito forte de perfume ou outros produtos de beleza.

Ao deitar do seu lado por um breve

PERIGOSAS NACIONAIS

momento, estranhei o fato de a cama não ter nenhum tipo de pano a cobrindo. Ao tocar o colchão e ter a prova de que estava liso, um embrulho tomou-me o estômago. Tive a sensação de ter a garganta se fechando a ponto de não conseguir respirar e soube que não poderíamos ficar por mais um segundo sequer. Sabia que precisava tirar a minha chatinha de casa.

Apesar de a decisão ter sido tomada com rapidez, o mesmo não posso dizer sobre o tempo gasto até me decidir como também tirá-la tão rápido de casa se nem vestida apropriadamente estava. Por mais que a situação pedisse uma medida drástica e urgente da minha parte, o meu lado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

homem das cavernas não me deixou prosseguir com ela da forma como estava. Na minha mente pareceu inadmissível sair com meu anjo praticamente despida e correr o risco de um desconhecido qualquer ver seu corpo, cobiçando o que é meu. A beleza que é somente para os meus olhos, ainda que no momento estejam abdicando da visão do paraíso. Um dia eu sei que eles não estarão mais assim. Até lá guardarei apenas para mim esse presente.

— *Bommmm...* — Felipe tenta fazer um mistério, dando ênfase desnecessária na palavra — Fora o fato de o vestido estar do avesso, sim, a sua namorada está bem composta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fico contente por saber, pois não foi nada fácil ter de andar em círculo pelo quarto gigante, até encontrar seu closet e ao encontrar, ter revirado de qualquer jeito as suas roupas até tocar em um vestido que na minha concepção seria mais fácil de colocar nela.

Para a minha sorte e também preocupação, Ângela estava perambulando entre estar acordada e inconsciente e como no momento não havia mais nada que pudesse ser feito, fiz o que estava ao meu alcance quando com a sua relativa colaboração, terminei de vesti-la e ajudei a calçar as sandálias que apontou ao lado da cama, para enfim partir para a tarefa mais difícil e desafiadora:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

descer as escadas sem nos matar no caminho.

Na tarefa desafiadora, ajudou um pouco o fato de eu ter contado de forma calculada os passos dados do corredor até a sua porta e também do primeiro ao último degrau. O que não ajudou foi a sua aparente falta de vontade em ficar acordada e para que não passássemos duas horas fazendo o caminho até a porta de saída, passei todo o caminho até o fim das escadas lhe incentivando, falando palavras de carinho, do quanto a amo e que só faltava mais um degrau.

Meu amor aparentemente gostou do que ouviu e colaborou até alcançarmos o primeiro degrau. Colaborou também quando do seu jeito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estranho de falar disse para empregada que estava saindo com o namorado dela. A mulher parece não ter percebido o estado da patroa e se percebeu, não deu muita importância, o que é muito estranho.

— E-Estouuu, simmm... — Ângela fala pela primeira vez depois de um tempo em silêncio, minutos em que jurei tê-la dormindo em pé. A voz está saindo muito arrastada e isso me preocupa muito.

— Mano, preciso de sua ajuda mais uma vez e espero que seja sincero. — Início apreensivo, mas ele me conhecendo muito bem, sabe o que quero saber e responde antes de eu perguntar.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela não parece bem, o rosto está inchado por aparentemente ter chorado e, além disso, os olhos parecem perdidos e sem foco, como se ela estivesse sob o efeito de algum calmante.

— Merda — esbravejo, enfurecido por não saber o que aconteceu nesse meio tempo em que a deixei. Sinto-me culpado e impotente como nunca antes. — Vamos, irmão, nos leve para casa — peço, pegando-a nos braços e acompanhando os passos do meu irmão que de forma estratégica, coloca a mão sobre o meu ombro.

— Casa? — questiona, assim que entro no banco de trás e acomodo Ângela do meu

lado. Com a cabeça dela deitada no meu peito, abraço a fina cintura de forma possessiva e dessa vez a calma respiração evidencia que ela caiu em um sono profundo.

— A sua casa. Não para o nosso apartamento — esclareço, pois apesar querer ir direto para o nosso apartamento, no momento estar na casa do meu irmão onde a presença de Ana possa ajudar Ângela — caso precise —, parece ser a decisão correta a se tomar.

— É também a sua casa, meu irmão — corrige e fico surpreso com o quanto esse assunto ainda o afeta. Para Felipe não bastou que tenha ido viver com ele, sempre foi essencial que

eu me sentisse como se estivesse em casa.

— Nossa casa — corrijo para agradá-lo, enquanto trafegamos pela avenida pouco movimentada no fim de domingo.



— O que ela precisar, é só gritar que a gente está logo aqui do lado. — Uma Ana muito atenciosa e discreta por não fazer comentários a respeito do estado da minha namorada, avisa quando já estou levando-a para dentro do meu

quarto.

— Obrigado, querida — devolvo. —
E você também, meu irmão. Parabéns por exercer
sua obrigação como o irmão mais velho que é.

Após bater a porta com o pé,
encaminho-me para a cama, colocando gentilmente
o meu amor em cima dela. Cuidadosamente tiro seu
vestido, calcinha e sutiã, deixando-a livre para que
possa ter uma noite tranquila de sono. Depois tiro a
minha própria roupa, ficando apenas de cueca
boxer.

Ao deitar atrás do seu corpo, abraço-a
de conchinha, deixando por um momento a minha
cabeça entre seu ombro e pescoço, local onde posso
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentir o cheiro do seu cabelo e o calor da sua respiração calma.

— Bruno — chama bem baixinho e surpreendentemente entrelaça os nossos dedos, assim que a minha mão desliza pela barriga plana.

— Amor, precisa de alguma coisa? — pergunto ao seu ouvido, não obtendo resposta. — Durma, meu amor — sussurro, dando-me conta de que ela voltou a cair no sono.

Por algumas horas fico velando o seu sono que parece tranquilo, assim como me sinto aliviado por tê-la nos meus braços. Sei que com Ângela aqui poderemos conversar e esclarecer os acontecimentos e o mais importante de tudo, ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

precisa saber do quanto a amo, caso a noite de hoje tenha suscitado alguma dúvida. Irei convencê-la e se não for com palavras, será amando seu corpo, dando prazer até que entenda o quanto a adoro e que no meu coração não existe espaço para mais ninguém além dela.



Acordo do que parece ter sido um sono de dez anos. Tento subir os braços para o alto, na tentativa de espreguiçar e esticar o corpo, porém, as minhas mãos estão presas e do fundo da minha garganta sai um estranho gemido.

PERIGOSAS ACHERON

De repente um prazer começa a se espalhar pelo meu corpo, e me sinto completamente desperta. Quando levanto a cabeça, noto que são as mãos do Bruno a prenderem as minhas. Os nossos dedos estão entrelaçados e as minhas pernas estão no seu ombro, enquanto ele tem a cabeça no meio das minhas pernas e a boca meu sexo, comendo-me com força e maestria.

— Bom dia, meu amor — levanta a cabeça por um instante e logo retorna para a atividade que ele exerce com disciplina.

— Bom dia — cumprimento, entre gemidos. — Como vim parar nua na sua cama? — O prazer está grande demais, porém, não o

suficiente para fazer-me ignorar o fato de ter vindo parar no seu quarto quando a minha última lembrança é de ter me arrastado para a minha cama, depois de ter tomado um suco que insistentemente Lourdes pediu para eu tomar. — Por que estou na sua cama? — A pergunta demora uma vida para ser finalizada, já que estou mais preocupada em puxar os cabelos desse homem enlouquecedor e não fazer um escândalo capaz de acordar os donos da casa. — Porra!

— Você ainda está falando? Acho que não estou fazendo isso direito — diz e começa a me chupar com mais força, adicionando um dedo e depois mais outro. — Eu quero que você goze para

mim, meu amor. Agora — pede e muito sensível aos seus toques e comandos, chego ao orgasmo ainda sendo invadida por sua boca e língua.

Sem dar trégua e com os olhos me fitando de forma intensa, Bruno sobe o corpo sobre o meu e quando está com o sexo coberto pela cueca em cima do meu, o fato de senti-lo duro como uma pedra deixa-me ainda mais excitada, como se não tivesse acabado de gozar e com vontade de fazer novamente. A sensação aumenta quando ele me toma com um beijo desesperado, obrigando-me a sentir o meu próprio gosto através dos seus lábios.

Aos poucos acalmando o beijo e de certa forma manipulando o meu corpo, Bruno

PERIGOSAS ACHERON

termina o contato das nossas bocas, encosta a testa na minha e com o sorriso mais doce do mundo, declara:

— Quero acordá-la dessa forma para o resto da minha vida. — É a coisa mais sexy e ao mesmo tempo doce que alguém já me falou, dita com uma firmeza que traz a tona o desejo de apenas acreditar que a vida será fácil como essa única frase.

Em seguida, a minha mente retoma tudo o que aconteceu ontem à noite: a senhora amarga falando sem parar, a reação do Bruno, a forma como me deixou no carro com incertezas que levaram a uma crise que há tempos não vinha tão

intensa.

— Eu preciso que você me foda,
Bruno — peço, levando a mão à sua ereção tão
dura a ponto de perfurar a cueca, em uma a
tentativa de limpar a minha mente de toda a
confusão de pensamentos e sentimentos.

— Não existe nada que eu queira mais
nessa vida do que fazer amor com você. — Dá
ênfase no fazer amor, repudiando o termo usado
por mim, assim como repudia a minha mão que
estava tocando a sua ereção. — Mas agora nós
precisamos conversar. Nós vamos conversar sobre
o que aconteceu naquele restaurante e esclarecer
todos os pontos — fala calmamente, como se
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

explicasse a uma criança. — Depois eu vou te levar para o nosso apartamento e te comer por incontestáveis vezes. Vamos passar o dia inteiro sobre aquela cama, até que coloque algumas coisas importantes nessa cabecinha dura.

— É uma ameaça?

— Uma promessa — afirmo. — Vamos, Ângela, pergunte o que quiser e vou responder da forma mais honesta possível.

— Você ainda sente alguma coisa por ela? — Começo pela pergunta mais difícil e mais dolorosa de ser feita.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Quebrada



— Sinto. — Sem pensar, Bruno responde com uma única palavra, fazendo com que meu coração dispare dentro do peito e o sangue que corre pelas minhas veias congele. No entanto, o susto não foi grande o suficiente para impedir-me

de agir por impulso e tentar sair dos braços do insensível que não sabe fazer outra coisa que não seja partir o meu coração em mil pedaços.

— Me solta, por favor — peço, mas já estou presa embaixo do seu corpo. Utilizando-se de uma manobra rápida demais para alguém nas suas condições, Bruno nos trocou de posição, deitando-se por cima de mim e tornando impossível a minha fuga.

— Você não pode ficar o tempo todo agindo por impulso. Nem ao menos me deixou terminar de falar antes de tentar sair correndo — lamenta-se e tudo o que consigo pensar no momento é no quão loucos somos para estarmos

tendo esse tipo de discussão, logo depois de ele ter me proporcionado um maravilhoso sexo oral e ainda estar duro feito uma rocha.

— Se me pressionar mais um pouco contra esse colchão, logo terei o seu pau furando a minha barriga — falo, aparentemente com o filtro entre o cérebro e a boca desligado. Mas fazer o que se esse é um fato difícil de ignorar?

— Ângela, foco na conversa — pede, tentando equilibrar o peso do corpo sobre o meu, o que agradeço muito, já que ele deve ter o dobro do meu peso. — Não dê atenção ao meu pau te cutucando e se ele está assim tão animado é por estar ansioso para te foder. Sinta-se lisonjeada por

PERIGOSAS NACIONAIS

isso — pede com a cara mais descarada do mundo, agindo como se não tivesse saído de sério para depravado na velocidade da luz. — Não quer fazer um afago como forma de agradecimento? — Insinua, mas prende os meus braços com mais rigidez na altura da minha cabeça quando vou fazer o que sugeri.

— Foi você quem pediu — defendo-me, ao perceber que está carrancudo.

Não sou eu quem deveria estar assim?

— Estava apenas te provocando, pelo menos quanto a essa parte — corrige. — Eu vou aceitar a sua oferta, mas não agora.

PERIGOSAS ACHERON

— É claro que não — ironizo.

— Não seja debochada comigo, garota. — Aperta com a mão a parte externa da minha coxa, no exato momento em que abaixa a cabeça e morde meu lábio inferior com força suficiente para fazer-me sentir uma dorzinha fina e um gosto metálico se espalhe pela minha boca. — Você por vezes me faz perder o controle e do desejo de te amar, passo rapidamente para o de foder com força, te comer por incontáveis vezes, até que esteja com a boceta tão machucada que precisaria de dias de recuperação para só assim, poder transar novamente.

— Achei excitante. — Sou tão sincera

quanto o meu sexo molhado e latejando pelo desejo de tê-lo cumprindo as ameaças.

— Não é para achar — avisa. — Eu nunca fui assim, Ângela, você é quem faz isso comigo. Portanto, não me provoque até que eu saiba até onde posso controlar o animal que por vezes parece residir dentro de mim.

— Você deseja o meu corpo — falo como posso, uma vez que a sua língua lentamente acaricia o meu lábio magoado.

Diferente de antes, constatar o que causo nele não trouxe nenhum contentamento, pelo contrário, sei que para os homens desejar uma mulher não depende de nenhum outro tipo de

PERIGOSAS ACHERON

sentimento.

— Não só o corpo, é tudo. E não sei que tipo de impressão passei ontem a noite com as minhas reações idiotas à presença daquela mulher, mas eu preciso que saiba que nada mudou.

— Não? mas eu pensei...

— Eu sei o que pensou. — Me corta, ao cobrir meus lábios com um único dedo. — Ou melhor, o que eu permiti que você pensasse. Eu te amo, Ângela e nem a vinda de Jesus Cristo é capaz de mudar isso.

— Você ficou tão perturbado e isso me deixou insegura e também muito triste por

pensar que poderia te perder — confesso, sem sentir vergonha de expor os meus sentimentos e fraquezas para ele.

— Não vai acontecer, meu amor.

Nunca — afirma e no momento meu coração bate leve, como asas de borboleta. — Como eu disse, sinto várias coisas pela Carolina e nenhuma delas chega perto de amor ou saudades pelo que um dia vivemos. Ver aquela mulher e saber notícias da filha dela trouxe memórias que se pudesse eu já teria excluído da minha lembrança. São tão dolorosas, como se cuspissem na minha cara o quão próximo estive do fundo do poço. — Sobre o meu, o seu corpo está tenso e me envergonho por estar

PERIGOSAS NACIONAIS

desde ontem tendo crises de insegurança e ciúme quando no seu íntimo, ele enfrenta coisas muito piores.

— Me sinto tão idiota — digo, tentando esconder a cabeça contra o seu peito.

— Não querida, você não tem culpa de ter se sentido mal com o aconteceu. Eu me fechei nos meus próprios problemas e te deixei do lado de fora. Só em casa me dei conta do que estava fazendo e tudo o que pensei foi em chegar até você e esclarecer tudo.

— Tive tanto medo — confesso. — Não posso ficar sem você. Nunca.

PERIGOSAS ACHERON

— Te amo mais que a vida, nunca mais se esqueça disso. — A boca amada desce até o meu pescoço e do seu jeito, morde ao invés de beijar ou chupar. É quase como se ele quisesse me marcar como sua propriedade e assustadoramente, não me sinto nem um pouco assustada com a suspeita.

— Obrigada por ter ido me buscar. Ontem eu dormir da pior forma e acordei com a prazerosa sensação de estar no paraíso.

— Que bom que a minha boca te agrada. Só espero que ele não fique enciumado — fala, passando o membro ereto sobre o meu sexo, reacendendo a chama que não tinha se abrandado

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer falar sobre o que aconteceu na sua casa?

— A pergunta não me surpreende, pois se ele esteve no meu quarto como suponho, não deve ter passado despercebido aos seus sentidos a bagunça feita em um momento de total falta de controle.

— Acho que não lidei muito bem com a ideia de perder você. — Envergonha-me a confissão, porém, é preferível que me veja como uma mimada que destrói coisas quando elas não saem como eu queria do que tenha a certeza de que sou uma doente que não tem controle nenhum sobre as próprias emoções.

— Eu também não lidaria se a situação fosse inversa — avisa e na sua boca tem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um sorriso triste. — O quão ferrados nós somos, meu amor?

— Do tipo que encontramos no outro a medida ideal para mantermos a sanidade mental — brinco.

— Ontem você não parecia bem. O que você tomou, amor? — pergunta. — Tem ideia de como eu fiquei preocupado?

— A governanta deve ter pingando calmante no meu suco, a pedido da minha mãe — falo como se fosse a coisa mais natural do mundo de se dizer.

Bom, no meu caso realmente é a coisa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais natural do mundo. Ontem, como já aconteceu outras vezes, minha mãe não achou que a ocasião merecesse atenção especial, não quando eles tinham mais um evento para comparecer. O papel — não pela primeira vez — foi passado para a funcionária, que sem receber qualquer tipo de objeção minha, entregou-me o suco e do lado da bandeja estavam os comprimidos que costumo tomar. Na sua frente e assegurando que ela diria para a minha mãe e eu poderia ficar em paz no meu canto, tomei o calmamente. Quando as lágrimas começaram a secar e o remédio a fazer efeito, dei boas-vindas ao entorpecimento e ao sono que levou para longe o medo e o barulho dos meus

PERIGOSAS ACHERON

pensamentos.

Acordar com Bruno me amando foi como despertar de um sonho ruim e a mim não pareceu importante perguntar como eu vim parar aqui. Mais importante foi desfrutar do prazer que até então recebia, para agora ouvi-lo mandar embora todos os medos e inseguranças ao dizer o que a minha alma se regozija em ouvir. Palavras que podem ser gravadas na minha lápide quando eu partir, pois elas certamente serão tudo o que de mais lindo terei ouvido nesta vida.

— Esse é um hábito para você? Desde quando te dão esses comprimidos? — Seu corpo está tão tenso, a feição tem um misto de dor e

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupação que parte o meu coração por esconder dele fatos tão importantes da minha vida.

Ele simplesmente não pode saber que tem como namorada uma pessoa doente; que por algumas vezes teve de ser internada em clínicas psiquiátricas, após *surtos emocionais* sérios o suficiente para que meus pais tivessem de recorrer à medidas mais enérgicas. Ele não pode saber que meu desgaste psicológico vem de uma infância traumática e que me acompanha até hoje, o que me impossibilita de ter total controle sobre as minhas próprias emoções.

Nunca foi fácil controlar momentos de alegria ou de depressão. De euforia ou de cansaço.

PERIGOSAS ACHERON

A ansiedade e insegurança. Da menina de seis anos ficou a mulher psicologicamente abalada. Frágil ao ponto de deixar o controle da própria vida nas mãos de terceiros, de pessoas que têm muito a perder com o escândalo que uma notícia como essa poderia causar. Se quando menina eu era uma pessoa alegre demais, livre demais para a cartilha de bom comportamento dos Albuquerque, a tragédia que eu causei trouxe como consequência tanto para mim quanto para eles a minha incapacidade de controlar cem por cento as minhas emoções.

Por meses estou bem, saudável e alegre como uma garota da minha idade deve ser,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas sempre me policiando para ser a filha perfeita aos olhos dos meus pais. Em outros, quando os pesadelos começam a me perseguir ou até mesmo sem motivo aparente, as crises começam a se apresentar, seja com mudanças de humor, crises de ansiedades e até mesmo períodos de depressão.

É assim que levo a vida desde os seis anos de idade, quando por imprudência minha, vi meu irmão morrer afogado e o meu pai sofrer um ataque do coração, após tentar salvar a vida dele e voltar com as mãos vazias. Depois disso ele nunca mais foi o mesmo homem e até mesmo a sua saúde é frágil. Para mim ficou a culpa pela tragédia que se abateu sobre a minha família e a cada ano que se

PERIGOSAS ACHERON

passou desde então, ficou claro que da minha vida eu jamais teria o total controle.

Estava resignada, levando a vida da melhor forma e o mais normal possível, até que no meu caminho apareceu o Bruno e mesmo que da primeira vez tenha soado como um desafio para mim, aos poucos ele foi tomando espaço na minha mente e coração. Hoje tudo o que eu quero é me libertar, ser inteira e completamente dele. Hoje eu entendo que mereço uma chance, que os meus pecados já foram pagos. Preciso ser feliz.

Eu quero ser feliz.

— Por que você não responde, minha linda? Não me deixa nessa aflição. —

Carinhosamente, ele sobe as duas mãos pelo meu rosto e encontra o que me esforcei para esconder.

— Você está chorando?

— Só me abraça, Bruno — peço, em tom de súplica. — É um choro de alívio, por finalmente entender que posso ser feliz. Eu mereço isso.

— É claro que merece, meu amor. —
Atendendo-me, ele se ajeita como pode, deitando-se de costas sobre a cama, trazendo-me para os seus braços. — Não conheço ninguém que mereça mais.

— Existem coisas que eu ainda não estou preparada para falar. Será que você pode entender isso? — peço, mesmo sabendo o quão

difícil é pedir isso para uma pessoa e esperar que ela acate sem questionar.

— Vou respeitar o seu tempo, só não demore muito — pede. — Me deixa cuidar de você e saber quando não estiver bem, a minha sanidade depende disso. Promete, anjo? — Sei que a sua preocupação se refere ao que deve ter presenciado no meu quarto e ao estado que fiquei depois dos comprimidos

— Eu prometo — falo com sinceridade, sentindo que não falta muito para me revelar por inteira para ele, assim como fez comigo. Antes preciso me convencer de que ele não sairá correndo quando os meus problemas forem

despejados no seu colo.

— Meu amor... — Tenho a cabeça deitada no seu peito, ouvindo as batidas erráticas do coração que tão rapidamente aprendi a amar.

— Não vai para o escritório hoje? — Ainda soluçando por causa das lágrimas, indago. — Meu advogado fodão.

— Me dei folga hoje. — A notícia me surpreende. — Agora o que eu quero é te levar para o nosso apartamento...

— Nosso?

— Nosso — repete para o meu total deleite. — Meu e seu, o nosso refúgio e se algum

lugar pode ser considerado o meu lar, posso dizer que lá é esse lugar e sabe por quê? É o nosso refúgio, onde poderei tê-la nos meus braços; onde o seu cheiro está impregnado nos lençóis e por todos os cômodos já se percebe o seu toque.

— Que coisa mais linda de se dizer, senhor romântico — elogio, pois simplesmente não tem como pensar em coisas tristes quando o tenho se declarando dessa forma.

— Como eu ia dizendo, hoje eu quero te levar para o nosso apartamento e lá te comer até que não sinta mais as pernas ou pelo menos, até que sua boceta esteja ardida o suficiente para que nunca mais duvide do meu amor por você. Te montarei

PERIGOSAS NACIONAIS

por horas a fio, até que coloque na sua cabeça que eu sou só seu e você é minha. Me pertence.

— Que coisa mais indecente de se dizer, senhor pervertido. O que estamos esperando para irmos?

— Sabe que não sei? Talvez eu esteja pensando em aceitar aquela sua oferta. — Levo a minha mão até a sua ereção e o encontro duro como pedra. Pelo visto nem toda a conversa conseguiu acalmá-lo. — Não posso sair nesse estado, amor.

— Ele não amolece nunca? — Minha pergunta mal colocada arranca-lhe uma risada antes da resposta.

PERIGOSAS ACHERON

— Do lado da minha mulher nua?

Não — fala e nós terminamos aos risos. — Você tem um minuto para fazer a sua mágica ou então serei obrigado a resolver do meu jeito e isso inclui os donos da casa tomando ciência do quão barulhentos podemos ser.



Banquete completo



— Para com isso, Bruno Pires. —

Minha diabinha pede aos risos, enquanto é carregada nos meus braços pelo corredor do prédio. Com os braços em volta do meu pescoço e pernas no meu quadril, faço o percurso já conhecido até a

PERIGOSAS NACIONAIS

porta que parece ter se transportado para o fim do corredor. É isso ou a minha tensão sexual está num nível fora do normal.

Não que eu não tenha razão de estar assim, a safada da minha namorada passou a viagem inteira me provocando com toques nada sutis, brincando com o fogo somente por saber que eu não faria nada na frente do motorista.

O tesão queima a fogo alto, como se não tivéssemos os dois nos aliviado ainda na casa do meu irmão. Mas porra! O que são bocas e mãos quando se deseja o banquete completo? E dela, eu não almejo menos que a porra do banquete completo.

PERIGOSAS ACHERON

— Não me diga que tem medo de eu te deixar cair? — brinco.

— Bom dia, meus jovens. — Pela voz, suponho ter esbarrando em uma senhora, estando em uma posição nada inocente aos olhos de desconhecidos.

— Era disso que eu estava falando. — Agora ela esconde a cabeça na curva entre o meu pescoço e ombro e quem a vê assim, tão tímida, não pensa que é a mesma garota que até pouco tempo estava me fazendo passar por maus bocados, enquanto insistia em colocar a mão na parte da frente do meu jeans. Ela deixou-me excitado a ponto de estar suando frio, na tentativa de não dar

PERIGOSAS ACHERON

na vista o que acontecia. Como castigo às suas provocações fora de lugar, mantive o meu toque na sua cintura, quer dizer, não tão platônico assim, já que como forma de retaliação, deixava que a minha mão deslizesse da cintura até alcançar a parte de dentro das suas coxas. Com os dedos bem próximos ao seu calor e da calcinha, que se tocasse encontraria muito molhada, permaneci com a mão parada, sendo algumas vezes esmagada quando em busca de alívio, ela esfregava uma perna na outra.

O controle, no entanto não se estendeu a sua boca irresistível para mim. Tocá-la na frente de outro cara — mesmo sendo o motorista que obviamente estava mais preocupado com a direção

do carro — pareceu-me uma ideia inconcebível, o mesmo não posso dizer dos nossos beijos. No caminho não muito longo, a beijei como se a minha vida dependesse disso, demonstrando com os lábios o que pretendo fazer com o resto do seu corpo cheio de tesão e vontade de ser meu.

— Pensa pelo lado bom — digo, quando os sons dos passos da mulher estão mais distantes. — Pelo menos ela não flagrou um dos momentos em que você se esfregava no meu pau. — Termina com um tapa estalado em um dos lados da sua bunda.

— Ai, merda. — A reclamação é acompanhada de um gemido quando meus cálculos

dizem que finalmente chegamos à nossa porta. —
Me dá, deixa que eu faço isso. — Cheia de pressa,
Ângela pula dos meus braços e rapidamente
destrava a porta.

— Enfim, chegamos. — Mal dá
tempo de ela terminar de falar e já lhe tenho
novamente nos meus braços.

Sem que precise de palavras, nossos
corpos falam por nós mesmos, como se soubessem
exatamente do que precisamos. Se normalmente eu
a desejo com uma fome insaciável, depois de ontem
e do irracional medo de a qualquer momento perdê-
la, parece que os sentimentos triplicaram de
tamanhos. O amor, o desejo sem limites, o

sentimento de posse, tudo parece ter se elevado a máxima potência e ter o seu corpo no momento é a única coisa capaz de me acalmar.

Abraçados no meio da sala, tomo seu lábios mais uma vez e a beijo até as nossas respirações se tornem escassas.

— Quero te comer agora, Ângela — falo com a voz grossa de tesão. — Não me torture mais, tira a porra dessa roupa. — Sem nada dizer, a minha garota desfaz o nosso abraço e tudo o que se ouve é a sua respiração ofegante e o zíper do vestido colocado por mim ontem à noite sendo aberto.

— E agora, meu amor, o que pretende

fazer? — Querendo provocar-me além do limite, ela se aproxima e cola o corpo inteiro ao meu.

Com as duas mãos apoiadas no meu peito, ela puxa a minha cabeça levemente para baixo, deixando nossas bocas centímetros de estarem se tocando. É como se estivessem apenas se conhecendo, desejando-se e esperando o momento de se encontrarem. Eu, ao invés de beijá-la como sei ser o seu desejo, decido torturá-la mais um pouco e prolongar a deliciosa sensação que é ter a sua doce respiração misturando-se com a minha.

As minhas mãos tomam decisão contrária e deslizam pelo corpo macio e desnudo. Elas vão passando pelas costas arqueadas, pela

cintura fina, terminando o tour quando estão sobre a bundinha firme. Aperto com gosto as duas bochechas tão macias quanto o resto do seu corpo e quando estão na parte baixa, peço com firmeza:

— Coloque os braços em volta do meu pescoço e segure firme. — Ao tê-la na posição desejada, curvo o seu corpo para trás e ainda apertando a sua bunda, esfrego a minha ereção no sexo desejoso. Sob o som dos gemidos que começam a ser ouvidos, inicio com movimentos circulares vagarosos e à medida que o som dos seus gemidos torna-se mais audível, passo a bombar com mais força e precisão, simulando movimentos que eu faria se estivesse sem roupas, investindo

contra a sua boceta.

— Amor, por favor... — implora, ao tentar trazer uma das pernas para o meu quadril e assim aumentar o contato dos nossos sexos.

— Me diz, anjo, o que você deseja?
— Aumento a torturante fricção. — Quer o meu pau? Te garanto que estou louco para meter até o fim dentro da sua bocetinha, mas antes quero que implore, com a mesma falta de pudor que teve minutos atrás dentro do carro, correndo o risco do meu motorista nos flagrar com uma simples olhadela.

— Você precisa... Eu preciso que você...

— Precisa?

— Necessito que me foda com força
— pede. — Sinto sua falta.

— Eu vou te foder durante todo o dia
— prometo, sentido que está cada vez mais difícil
segurar os chamados do meu próprio corpo. —
Depois vou amar seu corpo da maneira que merece
ser reverenciada e no fim, meu amor, você saberá,
sem que reste quaisquer dúvidas do tamanho do
meu amor por você; entenderá que não existe
ninguém, além de você. Tudo que eu tenho é seu.

— Faça-me sua. — Seu pedido é o
estopim e ao reposicionar o seu corpo e capturar o
lábio a pouco magoado por mim, passo a língua
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo local que sinto em carne viva e ordeno:

— Tira a minha roupa.

Sem nada dizer, as suas mãos, que mal vejo a hora de tocarem o meu corpo, começam a subir a minha blusa pelo abdômen, aproveitando-se para tocá-lo durante o processo. Ela passa para o jeans e ao abrir o zíper, desce a calça com cueca e tudo, até tê-la enrolada nos meus pés.

Louco para saciar pelo menos um pouco do tesão que me consome desde a hora em que despertei com ela nos braços, chuto os sapatos e as calças para longe e sem perda de tempo, tomoo novamente nos meus braços, lugar onde, se dependesse de mim, ela faria morada permanente.

PERIGOSAS ACHERON

Caralho! Eu estou tão apaixonado por essa mulher que às vezes os meus próprios pensamentos me assustam.

Tão rápido e definitivo, como um furacão que passa e não deixa nada no mesmo lugar. É assim que eu me sinto nessa nova fase. Da vida minimamente planejada e sem qualquer perspectiva de mudança não restou quase nada. O futuro já não me parece pálido e quando penso nele, não posso imaginá-lo sem a presença do meu anjo.

— Enrole as pernas na minha cintura.

— Quando a tenho nos braços, instruo: — Nos leve para a parede mais próxima, eu quero te foder em

pé, sentindo-a tão fundo, até que não exista nenhuma parte minha que não esteja em você. É o que você deseja, amor?

— Da forma que você quiser — fala contra o meu pescoço, enquanto tem a cabeça enfiada nele e a boca faz mágica com dentes e língua que me deixa a ponto de terminar tudo, antes mesmo de começar. — Tente pequenos passos para trás — instrui. — Pronto, aqui estamos. E agora, o que você vai fazer, meu homem que tem olhos cor do céu em dias de tempestade?

— O que você e eu estamos querendo desde cedo. — Segurando-a firme contra a parede, levo a mão até o seu sexo, o encontrando

escorregadio.

— Você está molhada, tão deliciosamente molhada para mim, gostosa. — Meus dedos acariciam os grandes lábios vaginais, enquanto com a outra mão pressiono os mamilos duros de excitação.

— Não me torture mais — suplica quando as unhas afiadas se firmam na parte de trás do meu couro cabeludo. — Preciso de você...

— Assim? — Meto profundamente e com força. — Diga, minha safada. — Tiro com lentidão e volto com brutalidade, fazendo com que o seu corpo dê um solavanco para cima e as pernas afrouxem um pouco na minha cintura, como se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estivesse perdendo as forças. — Se segura em mim, pernas e braços. — Tiro o apoio da sua cintura e sem perder o ritmo das fortes arremetidas, levo o boca até os seus seios, mamando-os de forma alternada e recebendo dela choramingos de satisfação.

— Mais, eu quero mais... — implora, desvairada.

— Não posso te machucar, amor — digo, porém não faço nada para diminuir o ritmo. Estou descontrolado, mesmo sabendo o quão desproporcional em tamanho são os nossos corpos.

— Não para, porra... — Desce as unhas pelas minhas costas, suscitando um dolorido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arrepio. — Sinto-me tão cheia... — Deixo seus seios, levo as mãos de volta a bunda gostosa, agora batendo-a contra o meu quadril, enquanto penetro-a sem sentido.

— Goza, Ângela. — Acelero mais e mais as estocadas e a tenho se desfazendo nos meus braços. — Isso porra! — agarro a sua bunda, fazendo um esforço sobrenatural para não gozar, não ainda.

— Vamos, amor, o sofá... — Está difícil de falar e mesmo assim ela entende.

— À sua esquerda, você sabe... — Faço como pede e até esse pequeno fato de tê-la como os meus olhos, excita-me além da razão.

PERIGOSAS ACHERON

— Dê o seu melhor, diabinha. —
Ajeito-a nas minhas pernas, ainda completamente duro e ligado a ela. — O controle é seu, pegue o quanto quiser.

Ela pegou e como uma perfeita amazona, a minha namorada me tomou por incontáveis vezes para dentro de si, levando tão profundamente que ficou difícil de discernir onde ela termina e eu começo. Quando o orgasmo veio intenso e me levando junto para beira do abismo, de nós dois sobrou apenas corpos suados e ofegantes, largados sobre o sofá.

— Não sinto as minhas pernas. —
Ângela fala, com a cabeça sobre a minha barriga

suada.

— Fui muito duro com você? Não minta para mim, amor.

— Eu gosto quando você é duro. Sei que é assim que gosta de fazer sexo e também me ensinou a gostar.

— Só não quero te machucar — brinco com a sua barriga úmida. — Já pensou se você fica com a boceta machucada? Teremos de ficar dias sem transar, até que ela fique pronta para outra — explico e quando meus dedos tocam o seu sexo, o corpo dela de imediato fica tenso. — Está sensível?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só um pouco dolorida, mas nada que nos impeça de transar mais uma vez.

— Você é insaciável — constato, sem, contudo, deixar de acariciá-la.

— Responsabilidade sua.

— Melhor título eu não poderia receber.

— Tem o título de Advogado criminalista mais fodão do pedaço, isso é tão excitante, meu amor.

— Não mais que a ideia de namorar a mais linda de todas. A mais gostosa, a minha herdeira do rei da hotelaria — brinco.

PERIGOSAS ACHERON

— Acho que a mais linda de todas está precisando de um banho e como você foi um bom menino, se for comigo prometo dar uma atenção especial para certas partes da sua anatomia.

— O que estamos esperando? — Rapidamente pego-a nos meus braços e esquecendo que sou cego, tento correr, apenas para escorregar na nossa própria bagunça de roupas e sapatos espalhados e cair como uma jaca mole no chão.

— Está tudo bem, chatinha? — pergunto e ela não responde, o que se ouve é a sua risada contagiante que ressoa pelo apartamento.

A mulher, o sorriso, o corpo que me satisfaz por completo. Nos meus braços, fazendo-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me rir do que um dia só me trazia tristeza e
desilusão, tenho a forma perfeita da minha
felicidade.

PERIGOSAS ACHERON



Reconhecimento



Alguns dias depois

— Deus! Você deve ser uma bruxa,
Marina — digo espantada quando ela e o marido se
aproximam de mim que estou sentada em uma das

PERIGOSAS NACIONAIS

muitas mesas que lotam o enorme campo de golfe, local escolhido pela diretoria dos Empresários de Estado de São Paulo para a tradicional cerimônia de entrega dos prêmios para melhores do ano em diversas categorias.

O evento mais importante do ano premia profissionais e empresas de diversas modalidades, tantas que a minha falta de interesse nunca me permitiu assistir o entediante evento por tempo suficiente para saber metade delas.

Tudo o que sei é que meu pai certamente será um dos premiados — como todos os anos anteriores — e nem vale a pena mencionar o quão transparente é essa grande premiação, já que

PERIGOSAS ACHERON

além de ser sempre indicado e ganhar, papai também faz parte do comitê de organização.

— Devo tomar isso como um elogio?

— Com Erick lhe abraçando pela cintura, minha melhor amiga olha com curiosidade para a nossa mesa e conhecendo-a como conheço, imagino que deva estar procurando uma forma de escapar, sem precisar sentar-se à mesa da família Albuquerque.

De maneira nenhuma lhe julgo por sua falta de entusiasmo, até porque, ela e os meus pais não tiveram muita proximidade em todos esses anos de amizade que nós duas temos. Mesmo quando ainda éramos crianças, meus pais e o dela também não tiveram uma amizade mais estreita.

Eram mais como pessoas que socializam de vez em quando, impelidos pelo fato de estarem inseridos no mesmo círculo social e também por terem filhas tão amigas quanto eu e Marina sempre fomos.

Na adolescência e depois de adultas, Marina e eu decidimos em conjunto que seria muito mais divertido se nos reuníssemos na casa dela e assim é até hoje. Além do lugar onde duas crianças se divertiam, a casa dos Junqueira passou a ser o meu refúgio, o meu lugar preferido do mundo, onde encontro amor e a paz que encobre a loucura.

— É um elogio, querida. Como pode estar tão linda e em ótima forma, pouco tempo depois de ter dado à luz? — elogio, reparando o

quão bem ela parece com o seu longo vestido lilás e um belo sorriso no rosto. Ela está tão feliz, hoje sendo mãe e sendo abraçada por Erick, o homem que por anos foi o seu amor platônico.

Houve um tempo em que me ressentia disso, do amor que ela enfim alcançou. Hoje, tendo o Bruno percebo que nutri um sentimento de inveja. Não dela por estar com um homem como o Erick ou de dividi-la com ele, invejei o amor deles, a conexão, que não precisa conhecê-los para perceber que são apaixonados. Percebo que almejei ter com quem compartilhar, alguém para dividir alegrias e angústias.

— Obrigada. Você também não está

nada mal — elogia e sem falsa modéstia — nunca tive — aceito com um sorriso no rosto, afinal, eu não passei horas escolhendo esse modelo vermelho longo para não ficar nada menos do que magnífica. No cabelo, decidi aceitar a sugestão de dona Mara e o deixei preso em uma trança ornamentada, que deixa o meu pescoço perfeitamente à mostra.

— E o meu pequeno, não veio? — questiono, levantando-me da cadeira que sustenta o meu peso desde o momento em que cheguei aqui.

— Com muito custo eu a convenci a deixá-lo com a babá. — Erick fala pela primeira vez. — Só consegui depois de prometer que não vamos demorar e isso não quer dizer que ela não

esteja ligando a cada dez minutos — acusa.

— Não gosto de deixar o meu bebê — afirma, de olho na minha mãe que termina de conversar com umas das suas milhares de amigas e isso significa que está prestes a bancar a simpática e chamar o casal para sentar à nossa mesa.

Mas, porra! Se nem eu estou a fim de ficar aqui, imagina os meus amigos. Aliás, Marina me confidenciou que só viria por causa da bendita premiação, uma vez que o escritório do Erick é um dos indicados.

— Vem vamos caminhar um pouco.
— Dou uma piscadinha para os dois e eles entendem exatamente o que estou tentando fazer
PERIGOSAS ACHERON

aqui.

Assim que alcançamos uma distância longe o suficiente dos olhos da minha mãe, Erick se afasta com um selinho não lábios da esposa e o celular no ouvido, e parece-me o momento ideal para falar de um assunto que venho protelando há dias, mesmo que Bruno tenha me aconselhado a falar para Marina e deixar que ela decida o que fazer com a informação.

— Está vendo como ele é? Depois sou eu quem fica ligando a cada dez minutos para casa — diz, olhando o de costas enquanto fala ao telefone, mal disfarçando a baba que escorre do canto da boca.

— Vocês vão acabar estragando meu afilhado — acuso em tom de brincadeira, ou pelo menos tento, já que estou tensa demais — Marina...

— Fala, amiga. Te conheço muito bem e sei que está querendo falar alguma coisa.

— O Mateus voltou à cidade e se não veio hoje é só porque imaginou que o Erick estaria presente e como um covarde, preferiu se esconder — solto de uma vez, o que até onde pude, preferi guardar só para mim, ao invés de encher a cabeça dos meus amigos de preocupação.

Achei que assim seria melhor, pois apesar de tudo, eu sempre fui o foco do doente do meu primo. Ele se meteu em uma história que não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

era dele, atormentava a vida da Marina no colégio, mas nem por um segundo acreditei no seu real interesse. Sempre esteve óbvio a sua intenção de me infernizar. A mim e a amizade que é tudo o que de mais precioso tenho nessa vida, juntamente com a minha relação com o Bruno.

Nos últimos dias Matheus não tem aparecido muito em casa e quando aparece, o que vejo nos seus olhos dá medo. Sinto como se ele estivesse a espreita, a par de todos os meus passos. Só não entendo qual o seu interesse na minha vida, pois apesar dos pesares, somos primos e costumávamos nos dar bem nas poucas ocasiões em que nos vimos quando crianças.

PERIGOSAS ACHERON

— Sinto muito, amiga. — Marina não tem a reação esperada quando coloca a mão no meu ombro, em claro sinal de conforto. — Você está bem?

Ela realmente entendeu o que eu disse?

— Meu amor, o Mateus, aquele babaca que se envolveu com a Patrícia e quase... quase... — Minha voz fica embargada ao ponto de nem ao menos conseguir falar sobre o assunto.

— Não vamos falar disso. Me fala de você, está tudo bem com isso? Me preocupo tanto com você perto desse cara.

— Você não precisa...

— Amiga, eu sei que ele tem alguma coisa com você. De tudo o que aconteceu, a intenção dele foi mexer com você, chatinha. — Não tendo como negar, apenas balanço a cabeça, confirmando o que ficou subtendido e que de alguma forma, nós duas decidimos jogar para debaixo do tapete ao não tocar no assunto Patrícia e Mateus por todos esses anos. Depois de tudo, todos nós seguimos em frente, deixando para trás o que não merece ser lembrado. Foi assim até a volta do Mateus. — Por favor, tenha cuidado com ele, Ângela. Nós já sabemos do que Mateus é capaz.

— Não se preocupa, querida, o

Mateus não tem poder de agir contra mim — afirmo, tentando acalmá-la. — Ele não faria nada que pudesse mudar a opinião dos meus pais a seu respeito.

— Tudo bem, eu confio em você e na sua palavra de que sabe se cuidar.

— O Erick? — pergunto olhando para ele que ainda fala ao celular.

— Vamos deixar ele fora disso, por enquanto — sugere. — Não sei como agiria se estivesse frente a frente com o seu primo, mas imagino que agir como advogado seria o último dos seus pensamentos. — Marina tem razão, Mateus foi o causador de ele ter ficado a ponto de perdê-la.

— Está certo. Vamos deixar tudo como está. Não acho que ele vai se aproximar de vocês novamente, Mateus tem muito a perder — finalizo, segundos antes de Erick voltar.

— Está tudo bem com o nosso pequeno?

— Tudo ótimo, meu amor — diz e já está ao seu lado, abraçando-a. Eles são como ímãs que se atraem, simplesmente não podem estar lado a lado sem estarem se tocando de alguma forma. — Não se preocupa, em breve estaremos com ele.

— Estou com saudades daquele gordinho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei que está, você é uma tia babona — acusa aos risos, não falando nenhuma mentira. Estou tão apegada com o João que se não me controlar, todo dia estou na mansão, mimando o meu pequeno. Felizmente, tenho certo controle e estou batendo ponto dia sim, dia não. Nos dias não, estou com Bruno, meu outro amor. A diferença é que esse eu tenho mais dificuldade de agir com racionalidade e se pudesse, já estaria morando com ele, só para não ficar um dia sequer sem vê-lo. Dormir e acordar ao seu lado.

Rápido demais, Ângela, rápido demais!

Morar juntos, é sério isso?

PERIGOSAS ACHERON

Não sei se poderia, mesmo se recebesse o convite.

— Por falar em tia babona, cadê o seu namorado? — Erick indaga, olhando em volta do campo bem cuidado e cheio de pessoas bem vestidas. Elas agem como se estivessem na premiação do Oscar. Não que elas estejam erradas. No meio em que vivemos, status é tudo e não tem nada que confira mais prestígio a alguém ou empresa do que receber o tipo de reconhecimento que essa premiação traz consigo. — Estou estranhando o fato de não tê-los encontrado aos beijos em algum canto desse campo. Não é assim que vocês têm agido desde o dia em decidiram

colocar para fora o tesão acumulado?

— Erick! — Minha amiga o repreende ao dar uma cotovelada no meu abdômen e pelo seu sorriso, o gesto não fez nem cócegas. — Olha só quem fala de demonstrações de carinho em público. — Ela rola os olhos para cima, recebendo um beijo no pescoço. — O Bruno não vem? Não seria hoje o dia em que receberia pela milésima vez o prêmio de criminalista do ano? — debocha.

— Falei com ele mais cedo e me disse que viria com a família — explico, já não tão contrariada por termos sido impedidos de vir juntos.

Eu, como membro dos tradicionais
PERIGOSAS ACHERON

Albuquerque, tive de comparecer juntamente com os meus pais e ele, como não teve outra saída — apesar de reclamar um pouco — acabou se decidindo por acompanhar os pais e o irmão, que segundo meu namorado estão muito empolgados com a nada inédita iminente premiação.

— Vejam se não é o próprio Romeu vindo ali? — Erick olha por sobre os meus ombros e quando me volto para olhar, sinto que não poderia estar mais apaixonada do que estou agora.

Com o irmão, a cunhada, o senhor e a senhora Pires que dias atrás conheci e entendi o porquê de ele ser o homem excepcional e de carácter que é, meu Bruno caminha como se fosse o

PERIGOSAS NACIONAIS

dono do mundo, como se as pessoas à sua volta tivessem a obrigação de reverenciar a sua presença. Ele é tão lindo e parece tão confiante com a sua bengala de metal batendo sobre a grama que nem de longe lembra um homem que não vê o que acontece à sua volta.

Com o seu terno azul marinho, a camisa branca e uma gravata vermelha, Bruno Pires tem toda a aparência do advogado fodão, pronto para mais uma vez ter para si o título e o reconhecimento.

— Ela chega a babar, amor. — Ao longe escuto Erick provocar. — Você quer ficar a sós com os seus pensamentos, chatinha?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se importam de eu ir até lá cumprimentá-los? — questiono.

— Claro que não, amiga. Vai lá falar com o seu namorado. Se não nos virmos mais hoje, me liga amanhã cedo.

— Tudo bem. — Beijo seu rosto em despedida e meus saltos parecem afundar na grama a cada passo dado, impedindo-me de caminhar rápido o suficiente até ele.

A minha empolgação acaba quando no meio do caminho, vejo a família Pires ser interpelada pela senhora Ruth, mais uma vez ela, a mãe da tal Carolina. Sempre ela.

PERIGOSAS ACHERON

Observo a interação entre ela e a senhora Pires que parece mais receptiva, enquanto os outros demonstram certo incômodo. Decidida a fazer diferente da outra vez e certa do que tenho com Bruno, continuo meu caminhar até eles e se possível com maior rapidez, pelo menos o mais rápido que a grama fofa sobre os meus pés permite.

— Boa noite — cumprimento e logo vejo a expressão tensa do Bruno relaxar. Ele estende a mão e ao segurá-la, ele me puxa para o seu lado, em seguida beijando-me o topo da cabeça.

— Boa noite, querida. — Ana responde, puxando todos os outros, inclusive a ex-sogra.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Felipe, acompanha nossos pais até a mesa? Preciso de um tempinho com a minha namorada.

— Vai lá e cuidado para não se perderem — provoca o irmão.

Enquanto nos afastamos, penso em como é bonita a relação dos dois. Os irmãos têm um amor e cumplicidade bonita de se presenciar. Felipe certamente foi uma das razões de ele ter se mantido firme quando tinha tudo para fraquejar.

— Achei que tinha desistido de comparecer, meu amor — digo ao nos encaminharmos para longe dos olhares das centenas de pessoas que por aqui estão.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não faria isso com você —
afirma, abraçando-me e beijando demoradamente o
canto da minha boca. — Prometi que viria e minha
linda, eu nunca descumpro uma promessa, ainda
mais uma feita para você, a minha mulher.

— Eu sou a sua mulher, não sou? —
Meu sorriso está rasgado. É o sorriso de quem
ainda não se acostumou em ouvir o termo saindo da
sua boca.

Amo ser a mulher dele, ouvi-lo me
tratar como tal.

— Minha mulher, tão linda e cheirosa.
Eu amo o cheiro dos seus cabelos — confessa,
como o nariz entre os fios escuros. — Agora me
PERIGOSAS ACHERON

fala como está vestida? Imagino que seja a mais bela entre as mulheres que aqui estão.

Quando ele termina, levo as mãos fortes aos meus ombros, onde a alça fina do vestido de seda os deixa nus.

— Ele é de renda francesa e vermelho — explico, levando as mãos dele pelos meus seios que o decote em V deixa uma pequena porção a mostra, em seguida descendo pela minha cintura bem agarrada ao tecido que se abre levemente na parte alta das minhas coxas, lugar em que suas mãos terminam o passeio. — Aqui nós terminamos. Espero estar à altura do meu advogado fodão.

— Você está perfeita, amor. Eu quem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tenho de me esforçar para merecer estar ao seu lado — fala e quando tento protestar, sou calada pelos lábios que me beijam com ternura. — Amo você, e hoje não restará dúvida. Se é que ainda existe alguém que não saiba que a bela herdeira está comprometida com o criminalista, Bruno Pires.

— O que você pretende fazer?

— Cala a boca, minha chatinha. Daqui a pouco começa a bendita cerimônia de premiação e eu quero aproveitar esse tempo para curtir você.

— Estarei torcendo e muito orgulhosa de você — afirmo e recebo um novo beijo.

Por alguns minutos nós dois ficamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

namorando no nosso canto, até que chega o momento de nos separarmos para a tradicional entrega dos prêmios.

— Você precisa ir, querido. — Tento empurrar seu peito e a boca que teima em não sair da curva que liga meu ombro e pescoço. — Eu estarei aqui te esperando e em casa comemoraremos o seu prêmio.

— Se eu ganhar.

— Você vai ganhar e em casa, faremos a nossa comemoração particular.

— Então eu vou, minha gostosa — assevera e ao se aproximar, pede baixinho no meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvido: — Me espera. — Não sai sem antes dar um tapa seco na minha bunda.

Com a mão alisando a bochecha ardida, o observo com a sua fiel bengala, fazendo o caminho de volta para o centro do furacão. Enquanto isso, rogo a todos os santos para que saíamos ilesos essa noite, que tudo corra da melhor forma possível.

PERIGOSAS ACHERON



Holofotes



Do meu canto, em pé e olhando por cima das cabeças que estão sentadas nas centenas de cadeiras de madeira enfileiradas milimetricamente, observo a entediante entrega dos prêmios. São tantas e desnecessárias categorias que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu me pergunto qual a necessidade. Às vezes penso se isso não é uma forma de bajular metade da alta sociedade paulistana, fazê-los se sentirem mais importantes do que realmente são.

Óbvio que o mico não se estende a todos e como para toda regra tem suas exceções, existem concorrentes e categorias que merecem ser levadas com seriedade. A que o meu namorado participa é uma delas e não digo por ser ele um dos fortes concorrentes, pois sei que o seu título e reconhecimento não é devido única e exclusivamente a esse evento um tanto quanto tendencioso e muitas das vezes injusto.

Meu maior desafio com certeza está

PERIGOSAS ACHERON

sendo manter meus olhos abertos e não cochilar em pé.

De longe vejo o elegante palco montado. As estatuetas muito brilhantes em cima de uma mesa igualmente requintada e nas primeiras fileiras estão sentados os indicados de todas as categorias que vão das mais sérias, como a de empresário do ano — prêmio dado para o seu Tarcísio em todas as edições — até as mais bobas como a de família mais influentes do Estado. Felizmente, meu pai tem outras duas famílias no seu caminho e não pode dar a si mesmo esse título.

Como todos os anos, esse é o momento em que me sinto aliviada. Tarcísio e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mara já pegam no meu pé o suficiente com a cartilha de bom comportamento sem o peso do título e não quero imaginar como a minha vida seria, caso os benditos e poderosos Mendez e Aguiar não fossem considerados os modelos perfeito da família tradicional Brasileira. Estou certa de que não poderia nem mesmo respirar fora do compasso.

— E agora, na categoria empresário do ano, chamo ao palco o apresentador do Jornal Bom dia SP, Tito Vilanova para entregar o merecido prêmio nas mãos do rei da hotelaria, Tarcísio Albuquerque. — Sob fortes aplausos, até mesmo meu que não posso negar o quão incrível

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tarcísio Albuquerque é quando o assunto são os negócios e o império que ele construiu a partir de uma pequena herança que o avô lhe deixou, vejo-o subir ao palco e pegar das mãos do apresentador a bela estatueta prateada.

Os flashes disparam de todos os cantos e isso se deve mais a presença de celebridades do que aos premiados. Com toda pompa e circunstância, os organizadores há alguns anos têm dado mais prestígio ao evento depois que começaram a trazer pessoas famosas. Celebridades que vão de apresentadores a modelos. No fim todos saem ganhando, o evento que ganha notoriedade internacional e as ditas celebridades que têm a

PERIGOSAS ACHERON

necessidade de serem vistas a todo o momento.

Radiante de felicidade e de orgulho, a dona Mara está próxima ao palco e ouvindo o discurso do marido que declara o quanto ela é importante para ele e o quanto estar ao lado da família o ajudou a construir tudo o que conquistou. Para mim é difícil não ficar emocionada em vê-lo assim, mesmo tendo a saúde tão frágil como consequência dos meus erros. Apesar de não suportar esse tipo de evento e de preferir estar em qualquer outro lugar que não seja os milhares de eventos como esse que eles inventam todos os anos, presenciar as conquistas do meu pai é como um bálsamo para minha alma. Como o peso que vai

ficando mais leve sobre os meus ombros.

Quando ele termina e mais uma vez sob forte aplauso e flashes desce do palco com sua estatueta, chega o momento do cerimonialista anunciar uma nova categoria e essa rapidamente tem a minha total atenção.

É a vez do Bruno. O seu nome é o primeiro anunciado e em ordem alfabética, os outros quatro concorrentes também são.

— E o vendedor na categoria advogado do ano é... — O homem baixinho faz o esperado suspense e o meu coração está a ponto de sair pela boca. — Bruno Pires — anuncia. A onda de flashes e aplausos se repetem da forma como foi

PERIGOSAS ACHERON

com o papai e meu coração ainda está pulando, só que agora de alegria e orgulho.

— E enquanto ele não chega, vamos convidar a estrela que entregará em mãos a estatueta do nosso premiado — diz. — Aplausos para a nossa querida e agora atriz de fama internacional, Carolina Guimarães.

Quando ele termina sinto que o tempo parou de passar, estão todos congelados na minha frente e na minha mente apenas ressoa o nome dela.

Carolina Guimarães...

Carolina Guimarães...

Ela está aqui e vai entregar o prêmio

do meu Bruno. Vai ficar muito próxima a ele e vai tocá-lo.

Não pode... Isso não!

Sinto a minha carne trêmula, as mãos voltam a suar e no ombro um toque leve e inesperado.

— Querida, estou aqui do seu lado, tudo bem? — Marina está segurando a minha mão com força, dando-me o apoio que estou precisando.

Ela sabe disso, sei que sabe. Marina pode não conhecer toda a minha história, mas com certeza a nossa ligação pisca o alerta quando a outra não está em um bom momento.

Não. Eu não deveria estar assim, o Bruno me ama. Ele disse isso. Diz todos os dias.

Então, por que me sinto tão insegura?

— Você sabia? — indago, sem desviar os olhos da bela mulher que acaba de ficar de pé e roubar todos os holofotes para ela. — Sabia que ela estava aqui todo esse tempo?

— Não, meu amor. Se soubesse teria te avisado — afirma e imagino que assustada por sentir o quanto estou tremendo, uma reação exagerada para qualquer outra pessoa, mas pelo visto não para mim. — Ouvi o burburinho há poucos minutos, assim que sentei e não se fala de outra coisa que não seja essa situação. Só queria

PERIGOSAS ACHERON

saber de quem foi essa ideia de escolher logo ela para entregar o prêmio para o Bruno. É até irônico, se pararmos para pensar.

— Sim. Logo a mulher que não fez nada que não fosse colocar em risco a carreira dele quando o deixou lidar com as próprias feridas e foi para a Europa, em busca dos próprios sonhos, sem se importar com o que deixou para trás.

— Não dá para ser ingênua a ponto de acreditar que essa escolha não passou de uma coincidência. — Sei que não foi e poderia apostar que tem o dedo de alguém da minha família nisso.

— Não foi coincidência, Marina — afirmo assertiva. — Alguém tramou essa cena e

PERIGOSAS ACHERON

não sei quem e nem o porquê disso tudo — minto, angustiada, vendo a cada dia o meu final feliz ficar mais distante.

— Não pense nisso agora. Confia no amor do Bruno por você. Ele te ama e qualquer um pode notar isso. Sei que vai saber contornar essa situação sem deixar-se atingir por quem quer que tenha feito isso.

— Olha lá, eles já estão no palco.

Vejo de longe — não longe o suficiente quanto gostaria — um Bruno sério e muito tenso ao lado da loira muito sorridente e satisfeita. Ela olha com aberta admiração para Bruno, talvez admirada por ver que não conseguiu

acabar com ele, que ao contrário do que deixou, ele se reergueu e mais uma vez tem a sua atuação reconhecida.

O cerimonialista fala mais algumas palavras que não prendem a minha atenção o suficiente para saber do que se trata e quando a loira um tanto quanto vulgar pega a estatueta e a entrega nas mãos do Bruno, ela faz questão de arrastar as unhas afiadas por ele e no processo, o abraça com entusiasmo. Fala algo no seu ouvido, insinuando uma intimidade que chama a atenção de todos que se lembram de que um dia eles foram noivos.

Bruno permanece sério e tenso. Os

braços estão soltos e não fez nenhum movimento, nem para repelir e muito menos para corresponder aos seus nada discretos toques. Eu continuo trêmula, as mãos suando e a sensação de embrulho no estômago.

Meu namorado pega o microfone para o devido discurso e ao invés de descer do palco — como todos os outros artistas fizeram — a mulher fica lá, do lado dele como se tivesse todo o direito de estar ali.

Não tem, porra!

— Boa noite pessoal — cumprimenta com a voz mansa e calmo o suficiente para que a imagem dele de segundos atrás — todo duro e

PERIGOSAS ACHERON

desconfortável — se pareça uma criação da minha mente perturbada.

Ainda sob fortes aplausos, ele aguarda até que o barulho cesse e torna a falar:

— Primeiramente gostaria de agradecer aos organizadores pela escolha e dizer que é uma honra tal reconhecimento pelo exercício de um trabalho que faço com total dedicação e a todos que já passaram pelo escritório J&E Advogados e Associados. Lá nós fazemos o possível para que todos saiam satisfeitos em suas pretensões — Enquanto fala, todos estão em silêncio e a atenção voltada para ele que parece exercer certo fascínio pelo seu dom com as

PERIGOSAS ACHERON

palavras.

— Por isso é considerado o melhor.

— Marina fala. — Que o meu marido não me ouça.

— Ele também é bom, só não tanto quanto o Bruno.

— Agradeço à minha família que me apoiou do dia em que ainda no colegial cheguei em casa com o desejo de um dia tornar-me um advogado e assim tem sido até o dia de hoje e principalmente, nos momentos que tudo isso parecia não fazer sentido. — O agradecimento emocionado arranca palmas e assovios e até que elas cessem, ele permanece em silêncio, esperando o momento de finalizar o discurso. Carolina

PERIGOSAS ACHERON

também não arredou o pé e está tão fascinada por ele quanto todos os outros que aqui estão. Nesse momento nem mesmo eu posso culpá-la por isso.

— E por último, mas não menos importante, agradeço à mulher da minha vida, Ângela Albuquerque.

Essa é a hora que não sei o que fazer, a sensação de desmaio é grande demais. Não sei se olho para a minha amiga que tem uma expressão de "eu sabia" no rosto ou se olho para o palco, onde meu amor acaba de roubar-me completamente o fôlego.

— Meu anjo, você poderia vir aqui um instante? — chama.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Essa é a hora em que você vai até lá e pega o que é seu. — Marina incentiva, enquanto com as pernas bambas e uma mistura de sentimentos entre alívio e felicidade, passamos pelo corredor que me levará até ele. A cada passo dado, mais e mais flashes são disparados e cabeças se viram para acompanhar a minha marcha.

— Ela que provavelmente é a mulher mais linda da noite. — Bruno continua a falar, enquanto o mais rápido que meus saltos e pernas bambas permitem, tento chegar até ele. — E não preciso estar enxergando para ter certeza disso, é também a melhor coisa que me aconteceu no último ano.

PERIGOSAS ACHERON

— Olha a cara de idiota da atriz. —

Marina sussurra e por alguns segundos desvio a minha atenção para Carolina que agora me fita, já não parecendo tão satisfeita como antes estava. — Seja feliz, minha amiga. — Ela beija o meu rosto assim que solta a minha mão e se dirige para a cadeira vazia ao lado do esposo. Há algumas cadeiras de distância estão os meus pais que presenciam tudo com expressões difíceis de serem decifradas.

— Cadê você, meu amor? — Bruno faz charme quando já estou subindo os três degraus que dão acesso ao palco montado no centro do campo de golfe.

— Estou aqui. — Passo quase encostando na loira e ao postar-me ao lado dele, entrelaço os nossos dedos para que sinta a minha presença.

— Obrigado, amor. — Ao microfone agradece, beijando-me o ombro.

Olhando para frente vejo que todos esperam pelo desenvolvimento da cena, como quem acompanha a uma novela.

— Como eu ia dizendo, gostaria de agradecer e dedicar esse prêmio a ela, a razão dos meus melhores sorrisos e de fazer-me enxergar o mundo de outra forma — declara e quando se vira na minha direção, meus olhos lutam para não

PERIGOSAS ACHERON

transbordarem em lágrimas. — É seu, meu pequeno anjo. Eu te amo e faltam palavras para agradecer o bem que você me faz. Obrigado. — Ele me entrega a estatueta — mais pesada do que eu esperava — e depois de colocar o microfone sobre o púlpito, abraça-me pela cintura e me beija.

Perante toda a sociedade e centenas de fotógrafos, meu namorado me beija. Terno o suficiente para que não fiquem dúvidas do que acabou de declarar e para que não passe do limite aceitável para os meus pais e toda essa gente.

Agora os cliques estão frenéticos a ponto das luzes incomodarem os meus olhos e os aplausos ressoam muito mais altos do que se ouviu

nas categorias anteriores.

Quando nossas bocas se afastam em meio à comoção que a declaração causou, finalmente tenho a oportunidade de falar.

— Eu amo você, Bruno. Me leva embora daqui — peço baixinho para que somente nós dois possamos ouvir.

— Eu preciso de você, amor, mais do que necessito da próxima respiração — declara.

Ao nos encaminharmos de mão dadas para fora do palco já não vejo Carolina Guimarães no meu caminho e quando passamos pelas cadeiras onde está a família Pires, entrego o prêmio nas

mãos de Ana e com uma piscada que logo é devolvida por ela, deixo-o aos seus cuidados.

Pelo corredor e em silêncio, Bruno e eu caminhamos e a cerimônia que tem o seu prosseguimento me importa menos do que importa antes. Agora tudo o que espero é voltar para o meu mundinho com meu namorado. Longe dos holofotes e da atenção que já tivemos demais para uma única noite. O tipo adorável de atenção, onde fui presenteada com uma declaração que é facilmente o desejo de 8 entre 10 mulheres.

— Eu disse que voltaria, não disse? Pois é, não precisei voltar, porque simplesmente não pude passar por aquilo sem você. Não sem a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha chatinha, a diabinha e o meu pequeno anjo.

— Você ainda me mata, Bruno.
Sempre surpreendendo positivamente, agindo diferente do que...

— Diferente? — Estranha. — O que passou pela sua cabeça ao ouvir o nome dela ser anunciado e posteriormente me tocando com tamanha intimidade? — questiona, conhecendo as minhas fraquezas e sei que é a hora de falar, de colocar para fora as inseguranças que ele sabe existir, mas que assim como os seus traumas, luto todos os dias para vencê-las.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo encerrado



Nos meus braços, o meu anjo está em silêncio depois do questionamento que lhe fiz e se o fiz, foi para fazê-la mais uma vez se abrir e conversar comigo, ao invés de guardar para si as inseguranças referentes a esse tema. Eu tenho meus

próprios problemas — muitos, na verdade — e ela tem os dela e disso eu não tenho a menor dúvida.

Em algumas vezes ela tem reações exageradas em relação a coisas pequenas e a insegurança quanto a Carolina é só mais uma delas. Não, não a julgo por isso e nem teria esse direito, pois, não sei como reagiria, caso a situação fosse contrária.

O que me preocupa é a intensidade com que ela reage, o sofrimento pelo qual passa, mesmo antes de parar e pensar.

Eu sei que Ângela guarda alguns segredos e se antes não pude cobrá-la por isso, já que eu mesmo tinha os meus próprios esqueletos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escondidos no armário e até determinado momento também não estava pronto para revelar, hoje vejo que apesar de até agora ter optado por respeitar o seu espaço e não cobrá-la, a preocupação com o seu bem estar e a desconfiança de que pode ser algo mais grave e que interfere no presente já não me permite manter a mesma posição.

Para mim, é doloroso pensar que a minha namorada, tão jovem e cheia de vida tenha passado ou esteja passando por situações difíceis, que esteja de alguma forma sofrendo e no escuro eu não possa fazer nada para ajudá-la, não se ela não se abrir comigo.

Seria fácil agir como um advogado e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

levar para o lado prático ao contratar um investigador para tentar desvendar o que está encoberto ou pelo menos tentar. Poderia também conversar com Marina, provavelmente a pessoa mais próxima dela depois da família, todavia, sei que não posso agir dessa forma, trair a sua confiança quando disse que esperarei até o momento em que estiver pronta pra me contar. De tudo, só espero que esse dia não tarde a chegar, pois se alguma coisa lhe acontecer sem que ao menos eu tenha tempo de fazer alguma coisa, jamais me perdoaria.

Às vezes me pergunto se não é paranoia da minha cabeça, impelida pelo medo de

PERIGOSAS ACHERON

perder o que parece ser uma vida feliz demais para ser real, porém, logo me lembro do tal primo, o mesmo que teve participação na tentativa de assassinato da sua melhor amiga. Sempre que toco no assunto, Ângela me acalma, afirmando que ele não tem se aproximado, que não fará nada em respeito aos tios.

A família também é um assunto nebuloso entre nós dois e fora as ocasiões em que encontro Tarcísio Albuquerque nos eventos como o de hoje, oportunidade em que nos cumprimentamos com cordialidade e sabendo que somos os típicos sogro e genro, a minha garota poucos toca no nome deles e convites para ir a sua casa não ouvi sair da

sua boca. Não que isso seja um desejo meu, mas se for parar para analisar a situação, é no mínimo estranho e ao mesmo tempo claro o fato de ela aparentemente ter problemas familiares.

Ah, meu anjo, o que você esconde?

Por que não me deixa te proteger do que está te atormentando? Abraço seu pequeno corpo com força, como se não fosse ter outra oportunidade de fazê-lo, caso perca essa chance.

— Pensei que pudesse me deixar, uma sensação de quase morte — confessa contra o meu ombro e seu corpo começa a tremer em espasmos fortes, como se estivesse tendo um surto.

— Ei, olha para mim — peço, afastando o nosso abraço. — E agora, me fala o que está pensando, meu amor?

— Penso que você me ama e não tenho motivos para sentir ciúme e insegurança.

Ciúme e insegurança, dois sentimentos que eu tive certeza de que ela sentiria quando o nome da Carolina foi mencionado.

Para mim foi um choque ouvir esse nome, estar ao seu lado e sentir o toque dela depois de tantos anos e da forma que o nosso noivado terminou. Por um momento minha cabeça ficou confusa e não soube como agir. Tudo clareou quando ela se aproximou e no meu ouvido revelou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o quanto estava com saudade. Lembrei-me da mágoa, do abandono e da raiva que senti por cinco anos. Depois disso mais nada, a minha mente esvaziou-se de tudo o que restava de sentimentos pela mulher. Não sobrou resquícios de mágoa ou raiva. Nada.

Com a mente vazia de tudo o que não fosse sentimentos de amor e de gratidão, iniciei o meu discurso e não pude esquecer-me dela, sempre ela; o meu amor, a mulher minha vida. Além de querer revelar para o mundo a respeito do nosso namoro, lembrei-me de como ela estaria se sentindo ao ver a minha ex-noiva entregando-me o prêmio, tendo a atenção de toda a sociedade e

PERIGOSAS ACHERON

tentando criar uma falsa situação ao tocar-me e falar ao meu ouvido com uma intimidade há muitos anos inexistente entre nós. Essas foram razões mais que suficientes para eu fazer o que fiz.

— Você pensou certo, diabinha e sabe por quê? — Faço carinho no seu rosto, aos poucos sentindo o corpo dela mais relaxado e menos trêmulo.

— Não. Me diz. — A voz é mais doce que o normal, um charme que gosta de fazer quando quer ser mimada por mim.

— Porque é a verdade. Pelo tempo em que estive naquele palco só pensava na hora de tudo acabar e poder voltar para você. Por isso não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aguentei e te chamei até lá.

— Foi lindo — agradece com beijos pelo meu rosto.

— Linda é você. — Beijo-a da forma como não pude fazer em cima do palco. Tivemos de ser discretos de uma forma que passa longe do nosso modo habitual de agir. — Quer beber alguma coisa ou nós já podemos fugir?

— Acho precisamos ficar por mais um tempinho. Desculpa — pede, recompensando-me com um beijo no pescoço. — Prometo recompensá-lo mais tarde, mas a bebida eu vou ter que aceitar. Confesso que os últimos acontecimentos me deixaram com a boca seca.

PERIGOSAS ACHERON

— Vem, vamos até o bar — enlaço a cintura fina e no caminho somos interrompidos pela voz conhecida, mesmo depois de tanto tempo.

— Bruno, fiquei feliz revê-lo. Vejo que está muito bem.

— Obrigado, Carolina, espero que esteja tendo sucesso com a sua carreira — digo, com educação. — Essa é Ângela Albuquerque, minha namorada.

— Prazer, Carolina Guimarães, ex-noiva do Bruno, mas imagino que você já deve ter ouvido falar de mim — diz, prepotente.

— Não particularmente, pelo menos

PERIGOSAS NACIONAIS

não como a atriz internacional e sim como a ex-noiva. — Ângela ataca, me enchendo de orgulho e excitação, não posso negar. — Apenas a ex-noiva.

— Bruno, posso falar com você um instante? — pede, ignorando o que Ângela falou e completa: — A sós.

— Creio que não temos nada para falar que não seja na presença da Ângela.

— Meu amor, conversa com ela. Eu vou à frente providenciar as nossas bebidas — minha namorada beija-me de leve e tomando a decisão por mim, deixa-nos a sós.

Em um lugar que eu imagino não ser o

PERIGOSAS ACHERON

mais discreto do mundo e imagino que a vista de várias pessoas, o silêncio entre nós reina e me pergunto o que Carolina acha que ainda temos a falar. O tempo de conversarmos passou há muito tempo e no momento ideal, ela já estava há quilômetros de distância de mim e de uma vida que deixou para trás.

— Pode falar. Sou todo ouvidos —
começo.

— Não precisa me tratar com essa frieza, Bruno. Sei que ainda está magoado comigo...

— Está enganada. Eu não estou magoado com você. Esse é um sentimento que
PERIGOSAS ACHERON

ficou para trás quando decidi que merecia mais uma chance para tentar recomeçar.

— Não teve um dia sequer durante todos esses anos em que eu não tenha me arrependido por tê-lo deixando daquela forma e quando me dei conta do erro que tinha cometido, tentei voltar atrás e a sua família impediu-me de reaproximar de você.

— Do que você está falando, como assim voltar atrás, reaproximar?

— Uma semana depois de ter ido embora, dei-me conta de que não poderia ter agido daquela forma e que um momento de desespero ao descobrir da sua cegueira não poderia apagar tudo o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que juntos estávamos construindo. Eu tentei, tentei muito chegar perto de você, mas a sua família repeliu cada uma dessas tentativas, quando a cada ligação me pediam para não voltar a ligar. Depois de um ano, onde eles afirmaram que você estava se recuperando bem e se recusavam a te deixar falar comigo, finalmente desisti. Desisti mas nunca consegui esquecer.

As revelações dela são como um soco no estômago e me tiram todas as certezas que segundos atrás eu carregava.

Em anos acreditei que ela tinha me deixado sem sequer olhar para trás e agora descubro que tentou falar comigo e foi impedida

PERIGOSAS ACHERON

pela minha família. Eles esconderam as ligações por mais de cinco anos, deixando que o pior passasse pela minha cabeça.

Acreditei em uma mentira.

— E porque está me falando isso agora? — indago, sem paciência. — Não acha que é tarde demais para termos o momento revelação? Foi um ano, Carolina, depois disso se passaram mais quatro. Deixa eu adivinhar o que aconteceu: você já tinha conseguido um bom papel e o sonho de uma carreira de sucesso falou mais alto?

— O mesmo sonho que você tinha de se tornar o advogado que é hoje, lembra?

— Carolina, nós não temos o porquê de estarmos discutindo isso — digo quando por um instante fui transportado para cinco anos atrás e assim como agora, as nossas carreiras foram motivos de divergências.

Ela com o sonho de sair do país para tentar uma carreira internacional, já que no Brasil até então não tinha conseguido nada além de papéis secundários em novelas. Eu com o sonho de ser o melhor do meio e sendo constantemente acusado de negligenciar a relação por causa de trabalho.

— Eu não te esqueci — confessa.

— Eu sinto muito por você, pois eu te esqueci. No momento em que pude pensar com

PERIGOSAS ACHERON

clareza, quaisquer resquícios de amor que eu ainda poderia sentir por você sumiram.

— Não fala assim, Bruno. Não acha que a gente pode...

— Por favor, não sugira isso — peço, sabendo o que vai pedir e a resposta que não vou titubearia em dar. — Eu amo a minha mulher e é com ela que eu pretendo formar uma família. Eu segui em frente, Carolina e sugiro que faça o mesmo.

— Se a sua família não tivesse se metido — acusa.

Ela tem razão, eles não deviam ter

agido pelas minhas costas, pois sabem que a mentira é sempre o pior caminho. Todavia, não posso ser injusto com as pessoas que incondicionalmente estiveram ao meu lado quando ela foi embora e só depois de uma semana se deu conta da atitude que tinha tomado. O fato de ter voltado atrás não apaga as ações anteriores que mostraram que o amor talvez não fosse tão forte como pensávamos e que aparentemente ela ainda pensa. Se eles esconderam de mim essas informações, certamente o fizeram para me proteger. Agiram como entenderam ser o melhor para mim na época.

— Não os responsabilize pelo fim do

nosso relacionamento — peço. — Além disso, quem garante que estaríamos juntos até hoje se as coisas tivessem acontecido de outra maneira? Não tem como prever essas coisas, Carolina — explico, dando-me conta o quanto mudei nas últimas semanas. Graças a força do meu amor e o tratamento com o psicólogo, consigo vivenciar tudo com mais clareza e entender o que antes parecia uma neblina na minha mente. — Tudo aconteceu como tinha de acontecer.

— De nós dois espero guardar na memória somente as boas lembranças, pois felizmente, o tempo passou e tomamos caminhos separados. A vida me presenteou com um amor tão

grande que às vezes parece que não vai caber dentro do peito. Estou feliz e espero que você também possa ser com um homem que te ame tanto quanto eu amo a minha namorada.

— Isso é um adeus? — a voz dela parece chorosa.

— Não um adeus, pois provavelmente, ainda nos esbarraremos por aí. É somente um ponto final definitivo em uma história que há muito tempo já não existe. Seja feliz, Carolina.

— Você também — devolve.

— Eu sou. — Me aproximo, seguro

com delicadeza o rosto onde a frente é enfeitada por cabelos lisos e loiros — pelo que me lembro — e beijo a sua testa antes de virar-lhe as costas.

Enquanto com cuidado faço o caminho para o bar onde Ângela disse que me esperaria, o contar dos passos e o bater do bastão guia sobre a grama não são capazes de encobrir a alívio que me acomete, o sentimento de que finalmente esse capítulo da minha vida foi encerrado.



Dependência



— Bruno, aqui — chamo-o quando poucos minutos depois de deixá-lo com a loira deslumbrante, ele se aproxima do bar.

— Aqui onde, amor? — pergunta com um sorriso charmoso no rosto e aparentemente

PERIGOSAS NACIONAIS

relaxado. Tão lindo e independente que muitas vezes é difícil lembrar-me da sua cegueira.

— Aqui, onde mais eu estaria? —
falo, após ter ido encontrá-lo no meio do caminho entre o início da área do bar e o balcão onde os barmans depositam as bebidas.

— Já pediu? Preciso ficar a sós com você e já que ainda não podemos dar o fora, iremos para um lugar mais reservado, onde não poderemos ser vistos ou interrompidos.

— O nosso vinho já está no balcão, pedi o tinto para nós dois e espero ter acertado.

— Você nunca erra, minha linda —

PERIGOSAS ACHERON

elogia e afasto-me para pegar as nossas taças.

— Aqui está — pego a sua mão e coloco a taça. — Vamos? Acho que tem um lugar ideal para onde poderemos ir e lá ninguém interromperá o nosso namoro. — Ao me ouvir, os seus olhos brilham de interesse e uma questão surge na minha mente enquanto o guio para o nosso esconderijo.

— Sabe o que acabei de notar? Você nunca mais usou os óculos escuros e pelo que me lembro costumava usar quando nos conhecemos.

— Verdade. Deixei de usar quando perdi o primeiro e não comprei outro — explica. — Usava para esconder os meus olhos, *numa* tentativa

de chamar a menor atenção possível para o fato de ter ficado cego. Só não consigo lembrar onde foi que os óculos foram parar e olha que na época eu perdi alguns pensamentos tentando lembrar.

— Ficaram comigo — falo baixinho, envergonhada com a confissão. Um fato que ao passar dos anos apagou-se quase por completo da minha lembrança, mas que na época passei os primeiros meses guardando-o como um tesouro, ainda que a raiva pela rejeição fosse grande.

— O que? Quando? — Ele para de caminhar e traz o meu corpo para frente do seu enquanto espera por resposta.

— No dia em que nos encontramos no

PERIGOSAS ACHERON

banheiro, lembra?

— Não tem como esquecer —
assevera.

— Eu tirei os seus óculos do rosto quando te confrontei e pedi para que me olhasse nos olhos. Depois você saiu muito irritado e eles ficaram comigo.

— Meu Deus, amor! Não lembrava disso. Eles ainda estão com você?

— Sim, tenho guardado até hoje, como uma garota boba que mesmo depois da cruel rejeição continuou a nutrir desejos por você.

— Não chama a minha namorada de

boba — brinca. — A Ângela de antes não desfez a lembrança do nosso encontro, simplesmente por saber que não demoraria e estaríamos aqui, juntos.

— Você acredita nisso? Na ideia de que eu e você estávamos destinados a acontecer?

— Nunca fui um cara particularmente religioso, amor, mas eu acredito sim que de um modo ou de outro *eu e você* teria de acontecer. Houve rejeição e fugas de ambas as partes e isso de nada adiantou. Os meses e anos se passaram e o sentimento persistiu. Seja qual fosse o nome na época, nós dois nos queríamos a ponto de persistir até o momento em que finalmente me rendi, que nos rendemos ao inevitável.

— Não tinha pensado nisso, mas você tem razão. Sabia que um dia você seria meu, afinal, quem resiste a Ângela Albuquerque?

— Tem razão, quem resiste a você? Eu não resisto — Ele me beija com força e intensidade, e enquanto com a língua invade a minha boca, os braços apertam a minha cintura com força e possessividade, o tipo de carinho explícito demais para ser dado em público, ainda mais esse público que tem especial atenção sobre a gente depois da declaração de amor em forma de discurso. Um grupo conservador e que conta com os meus pais conservadores como membros.

— Querido, ainda não estamos a sós

PERIGOSAS NACIONAIS

— falo com a boca colada a sua e os olhos abertos, observando pelo meu campo de visão os curiosos de olho na cena que fazemos. Uns até olham com o espanto de quem espera o desenrolar de uma cena pornô bem diante dos seus olhos.

— Estamos esperando o quê para irmos para lá? Eu preciso de você.

— Então não vamos... — começo, mas vejo que é uma coisa idiota de se falar quando confrontada com o sorriso sacana e cheio de promessas que me direciona nesse instante. — Aqui?

— Sim, meu amor, aqui — afirma. — Estou louco de frustração e saudades de você. A

PERIGOSAS ACHERON

culpa e só sua por ter se recusado a dormir comigo ontem à noite.

— Você sabe que não seria uma boa ideia. Eu não estava no melhor dos humores. Na verdade estava assustadora e com a aparência de um cão sarnento — justifico-me quando voltarmos a caminhar.

— Você ainda não entendeu que não te quero só quando está bem o suficiente para o sexo? Quero da forma que for, na TPM e com a aparência de um cão sarnento, mesmo duvidando que isso seja possível. Só não me prive da sua companhia, amor. Me deixa cuidar de você.

— Deixo sim. Da próxima vez você

PERIGOSAS NACIONAIS

vai conhecer quem é a sua namorada no auge da TPM.

— Vou conhecer e amar, assim como amo todas as suas outras versões.

— Pronto, aqui estamos — aviso. — Sinta. — Assim que paramos do lado da enorme e deslumbrante árvore com enormes galhos e ramificações que chegam quase a tocar o chão, seguro o seu braço e o levo até o tronco para que saiba exatamente onde estamos. — Já esteve aqui?

— Uma única vez, antes do acidente. Estamos na parte mais baixa do campo de golfe, pelo que me lembro, um lugar pouco iluminado e propício para um casal de namorados se pagarem

PERIGOSAS ACHERON

da maneira mais discreta possível — fala, já com o modo safado ligado ao me encurralar contra o tronco e apertar o corpo ao meu. — Esse casal somos nós, pequena. Me fala: daqui você ainda pode ver alguém lá em cima?

— Sim. Vejo as silhuetas e parece que a qualquer momento vão ligar uma lanterna bem diante dos nossos olhos.

— Eles podem ver que tem um casal aqui, amor — avisa. — Só não podem dizer quem são as pessoas por estarmos longe o suficiente e encobertos pelos galhos baixos da árvore.

— Ainda bem, não sei se os seus carinhos se encaixam no padrão da moral e dos
PERIGOSAS ACHERON

bons costumes da alta sociedade paulistana.

— Foda-se a porra da alta sociedade paulistana. Estão ali, cheios de regras e não me toques e nem imaginam que a princesinha e o advogado cego estão aqui embaixo à procura de descrição para fazerem coisas que os escandalizariam.

— Seríamos banidos. — Minha voz sai enguiçada quando sua boca começa a subir beijos pelo meu ombro, carinhos sensuais que me deixam ensandecida sempre que ele os faz.

— Por amar demais. O nosso pecado é amar demais, meu pequeno anjo — brinca, tendo a voz abafada pelos beijos que passaram para o

PERIGOSAS ACHERON

pescoço.

— Indiscretos, você quer dizer —
corrijo.

— Você tem culpa por ser tão gostosa,
tentadora e cheirosa. — Ao chegar à minha boca,
Bruno se divide entre beijar com fome e aos poucos
puxar o tecido do meu vestido longo para cima. Ele
já tem um bocado de pano enrolado em uma mão,
enquanto a outra está sobre o meu seio, tentando
enlouquecer-me e incitando a fazer loucuras.

— Não amor... Vamos para casa. Não
vou conseguir com o risco de nos virem aqui —
Protesto com dificuldade, assim que ele dá uma
trégua no beijo faminto. — Já imaginou o
PERIGOSAS ACHERON

escândalo?

Apesar de termos concordado a respeito da descrição e do fato de ser praticamente impossível sermos apontados como o casal que namora embaixo da tradicional árvore dos amantes, meu medo vai além do temor aceitável que em alguns casos, torna tudo mais excitante.

Em se tratando de mim, a excitação do momento é manchada pela ideia do quão desastroso seria se fôssemos parar em tabloides de fofoca. O que seria um escândalo para qualquer outro casal e logo depois esquecido, para os meus pais seria como o fim do mundo e as consequências imprevisíveis. Por imprevisível refiro-me ao medo

de que tal vacilo prejudique de alguma forma o nosso namoro.

Pensar em tal hipótese me deixa doente, pois, não sei se sobreviveria a uma existência sem a presença desse homem na minha vida. Mal lembro a existência de uma vida antes de ele se fazer tão presente nela.

Por um momento, vem a lembrança das palavras da dona Mara ao acusar-me de estar muito dependente. Em outras palavras ela quis insinuar que eu estou obcecada pelo Bruno.

Falar em dependência é o mesmo que colocar em dúvida o meu amor. Como se eu estivesse transferindo para ele a minha necessidade

PERIGOSAS ACHERON

de afeto.

Não é verdade, eu sei que não é verdade.

Não preciso de psicólogos ou psiquiatras para ter certeza da veracidade do que sinto e aconteça o que tiver de acontecer, nada mudará isso. A minha verdade ninguém irá tirar.

— Está bem, amor. — Maravilhoso como sempre, meu namorado afasta-se do meu corpo, solta as camadas do meu vestido e propõe: — Vamos terminar isso em casa.

Rapidamente voltamos para o meio das pessoas e apenas pelo tempo suficiente para nos

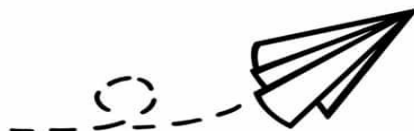
despedirmos do casal açúcar que na verdade já tinha fugido, da família dele e por fim, a minha família.

O momento não foi nada natural, pois, apesar de a nossa relação ser de conhecimento dos dois, os meus pais o olham com desconfiança e certo desconforto. Em defesa do Bruno conta o fato de que eles teriam agido de forma semelhante com qualquer outro namorado que não tivesse passado pelo crivo prévio dos dois.

Fora os cumprimentos necessários não houve espaço ou vontade de ambas as partes para prolongar o diálogo e logo nos despedimos da festa de premiação que aconteceu da maneira mais

PERIGOSAS NACIONAIS

surpreendente possível. Graças a Bruno Pires, o amor da minha vida, saí do que parecia ser a pior situação possível para a realidade em que vi seu amor sendo declarado na frente de centenas de pessoas e câmeras que se encarregarão de explanar a notícia pelos quatro cantos do Brasil.



— Para que tanto pano, amor? —
Bruno mal fechou a porta atrás de nós e já tem metros de tecido nas mãos. — Não! Esquece isso,

PERIGOSAS ACHERON

muito tecido é bom. — Esse é o lado ciumento dele dando as caras.

— Ciúme? — Provoco tão afobada quanto ele ao tentar desfazer o nó da gravata lilás.

— De você? Sempre, minha gostosa.
— Ele aparentemente desistiu de tirar o meu vestido e agora tem as duas mãos agarradas à minha bunda e esfrega-me contra a sua ereção.

A loucura toda é justificada pelos amassos e mãos bobas no do banco de trás do seu carro que dessa vez, contou com o motorista raramente chamado por Bruno.

— Pelo visto quem não tem mais

ciúmes é você, senhorita Albuquerque. Nem mesmo quis saber sobre a minha conversa com a Carolina — provoca, mas eu sei que na verdade ele está querendo falar e enterrar de vez o assunto "ex-noiva".

— O que ela queria? — pergunto de uma vez, pois apesar de não existir motivos para insegurança, depois de mais uma vez ele ter provado o seu amor, o mesmo não posso dizer a respeito da minha curiosidade.

Eu quero saber o que a mulher tanto tinha para falar com ele, depois de ter feito a sua escolha anos atrás.

— Algumas bobagens que você não

PERIGOSAS ACHERON

gostaria de saber — afirma e sendo a conversa séria e necessária, suas mãos já não estão mais de saliências com o meu corpo. Agora elas estão bonitinhas, abraçando-me a cintura, pois seja qual for o teor da conversa, o que importa é estar tocando-me de alguma forma.

Por bobagens, imagino que para ela o fato de o Bruno estar cego já não lhe pareça tão difícil de lidar.

— Só precisa saber que nada do que tenha dito ou esteja sentindo me importa. Ela e todo o mundo estão cientes de que para mim não existe outra além de você, o meu amor, a mulher da minha vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sinto o mesmo. Com uma intensidade que às vezes traz medo por perceber como tudo parece estar finalmente dando certo.

— Não precisa, meu anjo. — Meu namorado tem o mais belo dos sorrisos enfeitando seu rosto e fala com uma certeza que não deixa alternativa que não seja confiar, acreditar que enfim temos a nossa felicidade ao alcance das nossas mãos — Nada mais pode nos separar, nem mesmo a morte.

— Pesado! — Uma única palavra e começamos a sorrir descontroladamente, voltando para árdua tarefa de arrancar as roupas do outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



No limite



Três meses depois...

Em um sono perturbador, onde as recentes boas lembranças se misturam com as

tristes do passado. Um pesadelo permeia o meu descanso e por mais que tente, sinto como se não fosse capaz de despertar dele.

Sinto-me presa de alguma forma e as tentativas de me debater e despertar do que parece ser o pior pesadelo que já tive são inúteis.

Quando as lembranças começam a se misturar de forma mais veloz bem diante dos meus olhos, o desespero e desejo de lutar é mais forte e ao finalmente despertar, deparo-me com Mateus com o corpo sobre o meu e as mãos prendendo a minha no alto da cabeça. De repente, eu descubro o verdadeiro significado da palavra desespero.

— Calminha, priminha — fala

próximo ao meu rosto e o odor não esconde o fato de ele estar muito alcoolizado, os olhos vermelhos e a expressão de uma pessoa muito alterada. — Não precisa ter medo, eu não vou te machucar. — Ele leva uma das mãos aos meus lábios, agora me prendendo com uma só mão. Neste momento começo realmente a chorar.

Baixinho, nada além de leves fungados, eu choro de medo. Muito medo e incapaz de me defender.

— Sabia que você é muito gostosa?
— Se aperta contra o meu corpo e sinto muito nojo ao perceber que ele está excitado.

Há quanto tempo ele está aqui dentro

PERIGOSAS ACHERON

do meu quarto?

Como conseguiu entrar?

As perguntas giram em minha mente e simplesmente não consigo me mexer, defender-me do que aqui está prestes a acontecer. Só posso chorar e lamentar que o que parecia ser um mar de calma e alegria nos últimos meses esteja prestes a se tornar sujeira e escuridão.

— Eu sempre fui louco por você. A vida toda à espreita e esperando por uma única chance, será que você é tão louca a ponto de não ter percebido?

Não. Ele jamais deu sinais de que

PERIGOSAS NACIONAIS

nutria sentimentos que não fossem fraternais e mesmo tendo atitudes questionáveis, essa hipótese jamais passou pela minha cabeça.

— Você não pode ficar com aquele cego, Ângela. Você tem de ficar comigo, nós vamos nos casar e administrar toda a fortuna dos meus tios quando eles se forem.

— Sai de cima de mim, seu desgraçado — falo assim que ele deixa minha boca, depois de uma mordida bem dada.

Ouvir o nome do meu amor me fez acordar do entorpecimento e lembrar os motivos pelos quais preciso lutar.

PERIGOSAS ACHERON

Lembro-me do meu namorado, de tudo que vivemos nas últimas semanas, o acompanhamento e a nova intervenção cirúrgica, prestes a ser feita.

— Não, princesinha. Eu já disse: você vai ser minha. — Quando as mãos nojentas começam a levantar a barra da minha camiseta de flanela, me vem à memória às vezes em que Bruno fez a mesma coisa e basta isso para que a fúria e o descontrole cheguem com força.

— Não me toca, seu nojento. — Quando meu joelho o acerta no meio das pernas e ele se joga gemendo de dor e em posição fetal sobre o colchão, aproveito do surto de coragem e

fujo para o outro lado do quarto, onde encostada na parede meu corpo todo treme e o medo e adrenalina deixam meu coração a ponto de sair pela boca.

— Sua vadia, louca. Volta aqui, você não vai escapar. — No momento em que o bêbado nojento consegue se levantar e com a mão sobre o sexo ameaça vir na minha direção, faço jus ao apelido de louca e começo a jogar objetos na sua direção, a xingá-lo dos piores nomes possíveis e sabendo que estou surtando e precisando de ajuda, grito por socorro.

A plenos pulmões, grito por Mara e Tarcísio e em meio às lágrimas que me cegam a visão, noto o quarto cheio. Chamei a atenção não só

PERIGOSAS ACHERON

do meu pai como também de todos os empregados.

Ao ver todos à minha frente, não tenho outra atitude que não seja me jogar nos braços do meu pai e chorar.

Tarcísio Albuquerque

Nos meus braços, frágil e tremendo muito, tenho a minha bonequinha de olhos azuis. Ela parece estar tendo um dos seus surtos emocionais, o que de uma forma preocupante tem acontecido com certa frequência nos últimos meses.

Desde muito nova, quando a tragédia

da perda do irmão gêmeo dela se abateu sobre a família, nós nunca mais fomos os mesmos e principalmente ela nunca mais foi a mesma menina alegre e livre que foi um dia. Mas a quem estou querendo enganar? Eu não sei quem é a minha filha hoje em dia. Só posso afirmar com convicção que a versão apresentada dentro dessas paredes e nos eventos em que comparece com a família não é a mais feliz. É uma Ângela apática, sem brilho e dentro de casa praticamente não sai de dentro do quarto.

— Fala para o pai, meu amor. O que foi que aconteceu aqui dentro. — Com cuidado aliso o seu braço, tentando trazê-la à realidade e aos

poucos acalmá-la. — Fala comigo, eu estou aqui.

A cena não é inédita, pelo contrário, há anos se repete. Ela era jovem demais, uma criança tendo que lidar com uma responsabilidade que talvez sem ter intenção, acabamos jogando sobre o ombro dela.

No início, ainda aos seis anos quando percebemos comportamentos estranhos para uma menina até então muito alegre, pensamos que era um comportamento normal para alguém que acabara de perder o irmão gêmeo e com quem mantinha uma ligação tão profunda. Aos poucos a situação foi ficando preocupante, principalmente quando os pesadelos com o afogamento

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteciam. Nos demos conta de que a nossa menina não estava bem.

Quando fomos atrás de ajuda, descobrimos através de especialistas que ela simplesmente não estava conseguindo lidar com o sofrimento e as emoções, o que culminou em crises pontuais e esporádicas.

Parecíamos lidar bem com os seus momentos bons que duravam meses e até anos e com as crises que vez ou outra apareciam em forma de depressão, ansiedade, fobia e pânico. Toda a certeza caiu por terra na fase da adolescência e até hoje não sabemos como lidar com a nossa filha. Tentamos, ainda que de forma falha, protegê-la do

PERIGOSAS ACHERON

mundo e muitas vezes de si mesma.

Existem momentos que Ângela clama por socorro sem que precise dizer com todas as letras e esse parece ser um desses momentos.

— O que você fez com a minha filha, seu moleque? — Passado em parte o susto dos gritos histéricos e do barulho de objetos sendo quebrados, a minha atenção se volta para toda a cena e só então me dou conta de que ele estava no quarto da minha filha.

— Fica calmo, Tarcísio. — Mara pela primeira vez abre a boca. Não que a sua apatia seja uma surpresa, pois ela simplesmente não sabe como lidar com a filha e por não saber lidar, achou

PERIGOSAS ACHERON

por bem deixar o sobrinho inútil por perto.

Na sua cabeça, tê-lo ao lado dela a deixaria mais tranquila de saber como a filha estava se saindo, principalmente no colégio e com reservas acatei a ideia e até o chamei para acompanhá-la em alguns eventos na qual não pude comparecer. Agora só posso pensar no quanto estivemos errados e até mesmo o perigo a qual submetemos a nossa filha.

— Não me pede para ficar calmo! — esbravejo, ainda segurando o corpo trêmulo da minha menina que parece não estar mais aqui, pelo menos não a sua atenção.

— Eu não fiz nada tio, o senhor não

percebe que ela está surtando? Será que não está na hora de interná-la novamente?

— Isso não vai acontecer. — Nego com veemência. — Eu não vou fazer isso com a minha filha. — Nego-me mais uma vez a passar pela dor de ver a minha filha sair das minhas vistas, sabendo que não é por ter conquistado a independência e por ter plena capacidade de viver sozinha. Como já aconteceu outras vezes, ela sai para uma fazenda que nada mais é do que uma tentativa de reestabelecer o seu equilíbrio mental.

Nessa fazenda onde se respira ar puro a se prioriza o contato com a natureza, minha boneca de olhos azuis já chegou a ficar mais de um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mês internada, sendo constantemente acompanhada de psicólogos e psiquiatras. Ao retornar para casa, ela ainda parece a menina triste e sem ânimo, mas eu sei que ela não é assim, que em algum lugar e certamente fora dessa casa, está aquela menina doce e espevitada que desafiava a tudo e a todos para ser quem desejava ser.

Meu maior desejo no momento é ver o dia em que a minha filha estará bem o suficiente para ter nas mãos o controle da própria felicidade. Ângela parecia estar muito perto disso depois do namoro com o advogado, Bruno Pires e por isso sei que algo muito sério tem de ter acontecido para tudo estar desandando dessa forma.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estava tendo um pesadelo. —

Com a voz trêmula em meio às lágrimas e os olhos perdidos, Ângela começa a falar e tem toda a minha atenção.

— Estávamos eu e Bruno na praia e ele estava me vendo, tão linda... — Começa uma divagação e para por um momento, deixando evidente a sua confusão mental. — Meu irmãozinho, ele não conseguiu se salvar... Eu estava presa, não consegui me mexer, ele estava em cima de mim, falando coisas nojentas.

Quando finalmente entendo o que se passou dentro desse quarto, meus olhos se voltam para o infeliz e quando dou por mim, estou com as

duas mãos no pescoço dele.

— Como ousou tocar na minha filha, seu desgraçado? — A minha intenção é sufocá-lo até ter certeza de que não terá a chance de repetir a atrocidade que tentou com a minha menina.

— Tarcísio, por favor, não faça uma besteira, lembre-se da sua saúde. — A minha esposa está desesperada e nada importa além de sufocar esse verme que tenta de toda forma se desvencilhar. — Façam alguma coisa, ele vai matá-lo. — Depois do seu pedido sou contido por Hermes e Augusto, os respectivos jardineiro e caseiro da mansão.

Quando se vê livre, o abusador sai

PERIGOSAS NACIONAIS

correndo, mas não sem antes ouvir:

— Você nem pense em fugir, seu moleque. Você vai pagar muito caro, nem que para isso eu tenha que te caçar no inferno.

Mal tenho tempo de acalmar os ânimos quando tenho novamente a minha atenção voltada para a minha filha que de forma nenhuma aceita o abraço da mãe, pelo contrário, como aconteceu outras vezes, ela caminha para o cantinho do quarto, enquanto fala coisas que não há como ter certeza se são fantasias ou realidade.

— Eu não gosto dele... O Bruno, papai, somente o Bruno pode me tocar... Amanhã...

— repete a mesma palavra por diversas vezes até

PERIGOSAS ACHERON

que esteja sentada ao pé da cama e como sempre, as pernas estão dobradas e ela abraça os joelhos e descansa a cabeça sobre os mesmos. Seu corpo balança calmamente para frente e para trás, como se tentasse buscar o equilíbrio sozinha, sem a ajuda de mais ninguém. — Eu vou ficar muito bonita para ele. Nós combinamos, eu vou ser a sua primeira visão.

Ela fala coisas sem sentido, mas claramente está se referindo ao namorado que ela tanto gosta. O homem mais velho e que a faz feliz em poucos meses, de uma forma como uma a vi.

— Amanhã, meu amor... Mateus, não.

— Mistura as ideias e atrás de mim, que me

PERIGOSAS NACIONAIS

encontro abaixado à sua frente, Mara apenas chora baixinho, sofrendo pelo estado da filha. — O dia mais feliz para nós dois. Meu vestido é vermelho, você vai amar... — As últimas frases vão morrendo, seu corpo subitamente para de se movimentar e sou rápido o suficiente para amparar seu corpo que cai desfalecido sobre os meus braços.

Pesaroso, viro-me para a minha esposa e sem que precise falar mais nada, concordamos com olhares que chegou o momento de agirmos, para o bem da saúde física e mental da nossa filha.

PERIGOSAS ACHERON



Decisões



— Calma, meu amor, está tudo bem
— ao despertar, sem ter ideia de onde estou e muito
menos se é dia ou noite, uma voz mansa conversa
comigo, enquanto alisa o meu braço — Pode ficar
tranquila, mamãe está aqui com você e nada de

ruim vai acontecer.

Porque ela está falando dessa forma?

Fazendo um esforço maior, aos poucos abro os olhos e a claridade entrando pelas cortinas lilas mostram que a madrugada nebulosa deu lugar ao dia de sol. Olhando em volta, percebo que não estou no meu quarto e sim no dos meus pais.

— Mãe, por que eu... — tento levantar-me e sou impedida por ela.

— Não precisa falar agora, meu amor. Toma o seu café e depois seu pai e eu temos que conversar com você — ela coloca sobre as minhas

pernas uma bandeja com suco, pães, bolos e uma fatia de mamão.

A contragosto, faço como ela pede e mesmo sem fome, forço-me a pelo menos comer a fatia do mamão e tomar o suco. Aproveito também para colocar a minha cabeça em ordem, organizar as ideias, ainda que tudo esteja muito confuso.

— O Mateus, ele... — recordo-me de ter acordado de madrugada com ele em cima de mim, falando coisas muito nojentas.

— Ele não está mais aqui e muito menos sairá dessa impune, meu amor — afirma, não sendo capaz de olhar para o meu rosto e suponho que esteja se sentindo desconfortável e

culpada por tudo o que aconteceu. Foi ela quem motivou a vinda dele para dentro de casa, foi ela quem fez vista grossa aos defeitos do sobrinho, mesmo depois de ele ter parte da culpa por tudo de ruim que aconteceu na vida da Marina. — Não vamos falar sobre isso agora. Só toma o seu café, por favor?

— O meu pai, onde está ele? — indago e vejo que fica magoada com o meu distanciamento emocional para com ela. Sempre foi assim e Mara nunca fez nada para mudar a situação, então, não há razão para se ressentir por não ser o meu porto seguro.

Meu pai apesar de tudo e de não ser

PERIGOSAS NACIONAIS

perfeito, deu-me tudo de si e se muitas vezes fiz as suas vontades ao fingir ser a herdeira perfeita, fiz para agradá-lo, pois se tive pouco afeto, esse pouco eu devo a ele que sempre esteve presente nos momentos em que mais precisei. São para os seus braços que corro quando preciso de abrigo.

— Bom dia, meu amor. — Antes que minha mãe tenha tempo de falar alguma coisa, ele adentra o quarto e logo se aproxima, beijando-me a testa — Tomou seu café?

— Sim — afasto a bandeja de madeira das minhas pernas e os avalio. Ambos estão sérios, encaram um ao outro como se tivessem algo muito sério para me falar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Minha filha, nós temos um assunto para tratar com você. — É meu pai quem começa e tem uma mão sobre a minha que está descansando sobre as pernas cobertas com um fino cobertor.

— Pode falar, papai — minhas ideias ainda estão confusas e pouco lembro de ontem de madrugada e muito menos do dia de hoje.

— Você sabe que eu e sua mãe te amamos e só queremos te ver bem, não é?

— Eu sei.

— Por isso nós sabemos quando você não está bem e precisa de ajuda — apenas uma frase e já sei aonde ele quer chegar.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, eu não vou fazer isso —
encolho-me sobre a cama, abraçando minhas pernas
como se isso fosse capaz de proteger-me do mundo
— Não, não posso. O Bruno, o meu Bruno, papai.
Ele está precisando de mim — afirmo, pois, apesar
de as idéias estarem confusas dentro da minha
cabeça e da desconfiança de que estou deixando
alguma coisa importante passar, no íntimo eu sei
que estou certa. O meu amor precisa de mim.

De alguma forma, eu sei.

— Meu amor, você precisa se
acalmar. Como você pode querer ajudar o seu
namorado se não está conseguindo ajudar a si
própria? — Ele volta a segurar a minha mão e ao

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar-me de perto, pergunta:

— Você confia no seu pai? — Não digo nada, apenas sinalizo afirmativamente com a cabeça e ele sugere:

— Deixa eu te levar novamente para a fazenda, lá você ficará boa e poderá sair forte o suficiente para ajudar o seu namorado no que ele precisar. Não é isso que você quer?

— É sim, mas...

Não termino de falar, pois duas grossas lágrimas caem do meu rosto e sei que não tenho para onde fugir. Eles têm razão, eu não estou bem. Estou com o psicólogo muito abalado e basta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um pequeno acontecimento fora da curva para eu me ver totalmente fora de controle.

Dessa vez é diferente das outras, eu tenho a noção do que precisa ser feito. É triste ter que admitir, mas a verdade é que eu não estava preparada para seguir sem o acompanhamento do doutor José Carlos. Da última vez, muitos meses atrás e depois de semanas na fazenda que na verdade é uma clínica disfarçada para o tratamento de pessoas que passam por problemas psicológicos, convenci meus pais, a mim mesma e até mesmo os doutores de que dessa vez tudo ficaria bem.

Eu errei e apesar de ter dado essa impressão por vários meses, nos últimos sofri duas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

grandes crises, e os pesadelos voltaram a atormentar-me durante as noites.

Sei o que precisa ser feito. Agora que tenho muito a perder, a decisão parece mais fácil de ser tomada.

— Pai, o Bruno, ele não me ligou ainda? — Olho para a mesinha na frente da minha cama e não vejo meu celular. — Cadê o meu celular? Que horas são? Quanto tempo eu dormi? — De uma única vez vários questionamentos me vem à cabeça e os faço de uma vez só.

— Aqui está. — Ele tira meu celular do bolso e ao pegá-lo, vejo que não tem nenhuma ligação do Bruno.

PERIGOSAS ACHERON

Percebo também que já passa das duas da tarde e por alguma razão, isso me incomoda um pouco.

— Ele poderá me visitar? — indago
— Se o Bruno quiser, ele vai poder me ver? —
Preciso assegurar, mesmo que pareça uma coisa idiota de se esperar, afinal, durante todo esse tempo eu não tive coragem de contar para ele sobre os meus surtos emocionais. Não mostrei o quão perturbada sou quando ele vinha enfrentando seus próprios demônios.

— É claro que sim, minha menina. Eu não faria isso com você. — Papai acaricia o meu rosto e deixo que mais algumas lágrimas caiam do

PERIGOSAS NACIONAIS

meu rosto para a sua mão.

Choro de pesar e de saudade. Meu coração e todo o meu corpo doem só de imaginar os dias sem a presença do meu amor. Dias que não sei se serão apenas dias, semanas ou meses. O que sei é que não posso continuar assim. Preciso estar inteira por mim, por ele e por nós dois. Sonho com o futuro, com uma família e um dia fazer uma faculdade. Se saber a verdade não acabar com tudo, pretendo que todos os meus sonhos sejam realizados ao lado dele.

Bruno provou-me por diversas vezes a enormidade e sinceridade do seu amor e devoção, lutou e ainda luta para superar o passado e para

PERIGOSAS ACHERON

voltar a ser inteiro por mim. Agora é a minha vez, o momento de pelo menos tentar ser a melhor versão da mulher que ele ama.

— Eu vou fazer, papai — decido, olhando dele para a minha mãe que até o momento não abriu a boca e somente observa a interação do marido e da filha — Só preciso ficar um momento sozinha para pensar. Eu quero ir ainda hoje.

— Tudo bem, querida. Vem Tarcísio, deixa ela um pouco sozinha.

Quando os dois saem, a primeira coisa que faço é checar mais uma vez o meu celular, agindo como se uma mágica fosse acontecer pelo simples fato de ficar encarando a tela. Sinto

vontade de ligar, mas não tenho coragem. Como poderia ter depois de ter passado por uma crise, algo sobre mim que eu não tive coragem de revelar quando ainda podia?

Como posso deixá-lo sem antes falar, dar uma satisfação e explicar o que está acontecendo? Não posso abandoná-lo em um momento tão importante para nós dois.

Agoniada, com a cabeça a mil e prestes a explodir de dor, seco meu rosto e os olhos ainda úmidos. Caminho em círculo no quarto dos meus pais e quando meus olhos se fixam na mesinha de centro, o bloco de notas e as canetas do meu pai ali localiza me dão uma ótima e covarde

ideia.

Por uma hora permaneço debruçada sobre a mesa e através das palavras, escrevo tudo o que covardemente não tive coragem falar antes. Despejo todos os meus sofrimentos e angústias e quando a última palavra é escrita, rezo para que não seja tarde demais, que a minha covardia e vergonha de ser quem sou não tenha afastado permanentemente as pessoas que mais amo no mundo: a minha melhor amiga e o meu amor.

Sei que fui covarde ao esconder coisas até o momento em que me vejo obrigada a revelar, mas por outro lado, a covardia justica-se pelo medo, o temor de ser tratada de forma diferente,

exatamente como a pessoa doente que sou.



— Fica bem, meu amor. — Em um raro momento de carinho, minha mãe tem a mão no meu rosto e os olhos cheios de lágrimas.

Nós estamos no meu quarto na fazenda muito luxuosa e que para todos não é nada mais que um SPA. Para os podres de ricos e que tem na família um membro com problemas, aqui também é uma clínica psiquiátrica. Um lugar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agradável que deixa os pacientes em contato com a natureza e principalmente, com os melhores psicólogos e psiquiatras do país. Os dias que passei aqui sempre foram agradáveis e permitiram-me voltar para casa com as energias renovadas e principalmente, psicologicamente equilibrada.

Dessa vez eu sei que não será como das outras. Tenho convicção que cada segundo longe do meu namorado será como uma pequena morte para mim e anseio pelo dia em que ele virá até aqui e então saberei que está tudo bem.

— Vou ficar, mamãe. É para isso que estou aqui — digo mais para mim mesma do que para ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Amanhã nós viremos te ver, minha princesa. — Seu Tarcísio vem me abraçar e não sai sem antes assegurar: — Tem certeza de que está bem instalada aqui? — Seus olhos viajam pelo pequeno chalé, o mesmo que fiquei das outras vezes.

Ele é pequeno e aconchegante. No estilo rústico que orna com o estilo de toda a fazenda. Aqui tudo é bem organizado, inclusive o cronograma de atividades a serem feitas durante os dias e até mesmo os horários com os médicos especialistas no meu caso.

— Está tudo bem, meu pai. Pode ir tranquilo — aviso, quase a ponto de pedir com

todas as letras para eles irem embora.

Só preciso ficar sozinha com os meus pensamentos e o meu celular, para mais uma vez tentar criar coragem para falar com o Bruno. Logo hoje, o seu silêncio está me afligindo e não sei mais o que pensar.

— Boa noite, querida — minha mãe beija-me o rosto e quando finalmente estou sozinha, decido dar uma volta pela grama verdinha e bem cuidada da clínica. Como já é noite, os outros internos estão cada um no seu respectivo chalé e sei que posso ter um pouco de paz, ar puro e a natureza.

Fora o barulho das cigarras e a luz dos

PERIGOSAS ACHERON

vagalumes que embelezam o lugar, o único som que se ouve é o barulho dos meus pensamentos lutando para fazerem sentido.

Ao olhar mais vez para a tela do iphone, ela permanece limpa e não há nenhuma notificação de mensagens ou ligações que eu tinha a ilusão de ter perdido, pois isso significaria que ele tentou me ligar.

Ainda sem conseguir tirar os olhos do papel de parede, reparo na hora e pouco menor, a indicação da data. Só agora me dou conta de quanto perdida da realidade estava. Não tinha noção de horas e muito menos da data.

Dia 15...

Terça feira dia 15... Às 08h30min da manhã.

Repito até a minha cabeça ficar a ponto de explodir, tentando lembrar de algo importante envolvendo essa data, o dia de hoje.

Quando acontece, o celular cai das minhas mãos e eu penso que preferia estar morta a fazer o que fiz com o meu amor.

A minha última lembrança é de ter gritado a plenos pulmões pelo nome do Bruno e de rapidamente estar cercada de pessoas tentando me conter.

Eu não podia ter feito isso com você,

PERIGOSAS NACIONAIS

meu amor. Não podia!

PERIGOSAS ACHERON



Ausência



Algumas horas antes...

— Calma, meu irmão. Essa tensão não vai te ajudar em nada.

Na casa dos meus pais, às 08h30min da manhã, estou muito ansioso e tenso pelo passo

que estou prestes a dar para uma nova realidade.

— Não me peça para ficar calmo, Felipe — esbravejo. — Você não está na minha pele para saber o que estou sentindo. — Sei que não estou sendo justo, pois como eu, todos eles estão tensos pela situação. A diferença é que eles tentam esconder as franquezas e como podem, fazem de tudo para passar a força que preciso no momento. — A Ângela, porque ela não está aqui? Ela disse que estaria logo cedo.

— Ligou para ela?

— Não faço outra coisa, mas o celular está desligado — digo e essa é uma das causas do meu nervosismo. Simplesmente não posso passar

por isso sem ela.

Ângela é a minha força, a principal razão de ter chegado até aqui, o dia em que entrarei em uma sala de cirurgia e refazer o procedimento de anos atrás.

Depois de mais de três meses de tratamento, principalmente o último, em que a visita a psicólogos tornaram-se mais constantes e as conversas com cirurgia mais animadoras, o dia finalmente chegou. Hoje serei operado e diferente da última, tenho a fé e a certeza de que dessa vez o resultado será diferente.

Na presença da minha namorada sempre muito otimista e segundo seus dizeres,
PERIGOSAS ACHERON

muito orgulhosa da minha evolução, a jornada tornou-se menos dolorosa e o dia de hoje foi esperado com mais ansiedade.

Além do tratamento que tomou boa parte da nossa atenção, os últimos dois meses foram a perfeição. Não houve brigas ou ciúme, pois Ângela deixou as inseguranças de lado e entendeu que não existe ninguém além dela. Passamos mais tempo juntos e a parte do sexo está cada vez melhor.

Como todo casal, chegamos a falar sobre o futuro, ainda que de maneira superficial, já que entre nós existe o entendimento tácito de que são assuntos a serem discutidos com mais seriedade

quando a questão da minha cegueira estiver totalmente resolvida. Sei que casamento e filhos serão uma consequência da nossa relação, pois não tem como ser diferente. Ângela e eu somos o típico casal apaixonado que mal consegue ficar algumas horas longe do outro.

Nas nossas conversas, o tema "morar juntos" tem surgido com mais frequência e apesar da vontade de tornar tal desejo realidade, a minha garota ainda tem as suas questões a resolver e mesmo ela ainda não tendo me revelado do que se trata, sei que tem relação com a sua saúde e se não estou tão preocupado e com os cabelos brancos é por saber que não é nada tão grave que deixe a sua

vida em risco. Ela não me esconderia se fosse. Além disso, no tempo em que passou comigo, meu anjo pareceu-me tão bem, alegre e leve como nunca esteve. Hoje eu acredito ter a resposta para o meu questionamento: a minha namorada é uma perfeita diabinha e quando quietinha e chorosa, sei que algo não está bem.

Independente de qualquer coisa e do que ela tenha a dizer, sei que não será capaz de mudar em nada o que sinto. Ângela nasceu para ser minha e se ainda não está suficientemente claro, depois de hoje vai ficar. Lhe mostrarei que pode confiar em mim para falar o que tanto tem medo de revelar e independente do que for, estarei do seu

lado cuidando e se possível, amando mais do que já amo hoje.

— Vamos para o hospital, meu filho.

— Meu velho sugere. — Enquanto isso, seu irmão continua tentando localizar a sua garota.

— Mas eu não posso...

— Se acalma, Bruno. — Ele vem para o meu lado e afaga meu ombro — Ela estará lá, sei que nada a impediria de estar com você hoje. Deve ter acontecido algum imprevisto e ela está a caminho do hospital.

— Papai está certo, mano. Vamos, pois você tem hora marcada e não dá para adiar —

PERIGOSAS NACIONAIS

Felipe relembra o quanto o Doutor Severo é requisitado e o quanto de trabalho tivemos para tê-lo como cirurgião — Está tudo bem com a sua garota, fica tranquilo que vou garantir a presença dela com você. Eu prometo.

Ele tenta e mesmo assim não consegue desfazer o nó que se forma na minha garganta e a dor que começa a comprimir meu peito. No fundo existe a lembrança da primeira vez e não sou capaz de frear o medo de novamente ter as minhas expectativas frustradas e muito mais que isso, de ser novamente abandonado.

Dá outra vez doeu muito, a ponto de eu ter me tornado o homem duro e da qual não me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

orgulho de ter sido, mas, mesmo destruído, ainda consegui me reerguer e seguir em frente. Dessa vez seria diferente e tenho plena convicção disso. Não suportaria um abandono vindo dela, não do meu anjo, a mulher que me ensinou que sempre é possível se superar, que a felicidade é para quem luta por ela, assim como nós dois lutamos pela nossa e tiramos uma a uma das pedras que se interporam no meio do caminho.

O amor, a paixão e a devoção é tanta que um simples celular desligado e um atraso é para mim como um presságio de que algo de muito estranho está acontecendo. Como se nunca mais fosse ver o meu pequeno anjo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para! Para de pensar essas coisas, caralho. Está tudo certo, eu vou chegar naquele hospital e a minha mulher estará lá, a minha espera.

É o que digo a mim mesmo repetidas vezes e em várias versões diferentes, enquanto de um lado para o outro a minha família termina os últimos preparativos para a nossa ida ao hospital.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No hospital, enquanto cuidadosamente eu fui sendo preparado para entrar na sala de cirurgia que mais uma vez repetirá o procedimento feito há alguns anos quando depois de lúcido os médicos constataram que a batida resultou no comprometimento do nervo óptico, as horas foram lentamente passando e o meu tormento aumentando.

Diferente do que o meu otimismo e a minha esperança quis acreditar, Ângela não apareceu no hospital, o atraso de uma hora transformou-se em duas e mesmo após o relutante adiamento por mais trinta minutos, ela não apareceu.

PERIGOSAS ACHERON

— Está na hora, meu filho. — É minha mãe quem fala e eu, andando de um lado para o outro, já estou preparando para o procedimento e os médicos apenas esperam por mim para começarem.

— Me perdoem, mas eu não vou fazer isso — decido e não há nada que me faça mudar de ideia — Simplesmente não posso.

— Não faz isso consigo mesmo, Bruno. — Meu irmão que parece muito estranho, fala e não preciso dos meus dois olhos para perceber isso. — Não depois de tudo. Faça por si mesmo, pelos nossos pais.

Seu pedido me irrita além do que
PERIGOSAS ACHERON

posso segurar e quando dou por mim, estou despejando em alto e bom som toda a minha tristeza, medo e desilusão.

— Por que vocês estão agindo como se nada estivesse acontecendo — furioso, grito com todos — A minha mulher não está aqui, vocês não estão percebendo?

— Bruno, por favor, se acalme, meu filho — minha mãe chega perto, mas não aceito o seu toque.

— Não me peçam para ter calma e muito menos que entre naquela sala se cirurgia. Não sem antes ter notícias da minha mulher. Ela não está aqui e tem que ter uma explicação para

PERIGOSAS ACHERON

isso. Ângela era a mais entusiasmada e não desapareceria dessa forma.

— Meu irmão... — Felipe começa, não pela primeira vez, pois já tem algum tempo que ele parece desconfortável e só o tom de voz é capaz de denunciar o fato.

— Felipe, se você sabe de alguma coisa é melhor que fale de uma vez — peço, pois só agora, parando para pensar com mais calma, noto o óbvio:

Felipe esconde alguma coisa.

— Fala, porra! O que aconteceu com a minha mulher e por que ela não veio? — tenho

PERIGOSAS NACIONAIS

medo do que posso ouvir, meu coração está acelerado, as mãos estão geladas e mesmo assim, sei que preciso de respostas.

— É melhor você fazer a sua cirurgia, meu irmão — guiando-me pelo som da voz, avanço no meu irmão e seguro pelo colarinho.

— Se não quiser proporcionar o show aqui, é melhor que fale agora, porra! — aperto com mais força e mãos pegam-me nos braços, tentando nos apartar, porém, a minha força e raiva são grandes demais para que possam deter-me.

— Me salta, mano — Felipe segura os meus pulsos e tenta se soltar.

PERIGOSAS ACHERON

— Você vai matar o meu marido, está louco? — Ana esbraveja e a confusão está armada.

Em poucos segundos todos começam a falar ao mesmo tempo e entre todas as vozes a única que se sobressai é a do Felipe. Com uma única palavra, ele consegue acabar com a confusão e com a minha vida.

Viajou....

Viajou...

Ela viajou...

As palavras dançam na minha mente quando pouco a pouco vou soltando o Felipe e conseqüentemente todas as outras mãos deixam de

me tocar.

— Não pode ser verdade. — recuso-me a acreditar, sentido-me como se estivesse sufocando, o chão sumindo embaixo dos meus pés — A Ângela não faria isso comigo. Isso é mentira Felipe.

— Bruno...

— Não tem graça, Felipe — digo, tendo um fio de esperança — Não é o momento para brincadeira, meu irmão.

— Infelizmente não se trata de uma brincadeira, mano. Mais cedo, em mais uma das muitas tentativas de falar com a sua namorada, a

mãe dela atendeu o celular da filha e segundo ela, estavam a caminho do aeroporto, pois de última hora a garota decidiu visitar outro país, como gosta de fazer quando está muito estressada.

O meu anjo não fugiu, não ela faria isso comigo, afirmo para mim mesmo.

Não faria, ela me ama.

— Isso é mentira, meu irmão —
afirmo com veemência e aparentemente em estado de negação, que eu prefiro chamar de confiança. —
Eu conheço a mulher que tenho.

— Se conhece tanto, me diga: Por que ela não está aqui?

— O que está querendo insinuar? Que a mulher que eu amo abandonou-me no dia da maldita cirurgia?

— Não sei o que pensar. — Ele confessa, pois no fundo também não acredita que o meu anjo tenha me deixado. Ele a conhece e sabe o quanto ela esperou por isso.

— Vocês todos, escutem bem o que vou dizer. — Mesmo destroçado e sem ter certeza de como agir, no meu íntimo só tem uma que não está passível de dúvidas e em nome dessa convicção, digo: — Ela não me deixou e se não está aqui é porque alguma coisa a impediu. — Os meus olhos ardem e o meu coração comprime pela

PERIGOSAS NACIONAIS

angústia de não tê-la aqui, comigo — Não quero ouvir mais uma palavra a respeito desse assunto.

— Tenta ser racional, meu irmão. —
Felipe aconselha.

— Estou sendo, Felipe e você não sabe o que isso está me custando — afirmo, segurando-me para não desabar na frente da minha família, em um quarto de hospital.

— Eu sinto muito. — Ele me consola.

— Não sinta — peço, pois isso torna as coisas mais definitivas — Eu posso contar com a sua ajuda?

— Você sabe que sim. Hoje e sempre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei e por isso preciso que faça algo por mim.

— Pode falar, mano. Faço o que você pedir. — Se apressa em dizer. Ele sempre foi assim, um parceiro para todas as horas.

— A Marina e o Erick Estevan afirmaram que virão assim que a cirurgia terminar. Eu quero que você fale com eles e os encarregue de descobrir o aconteceu com a minha mulher. Eles saberão o que fazer.

— A cirurgia?

— Eu vou fazer, imediatamente. — Sem tempo para pensar e decidir se estou fazendo a

PERIGOSAS ACHERON

coisa certa, tomo a minha decisão.

Escolhi o caminho mais difícil por ela, pois quando tudo acabar, sei que nunca mais precisarei encarregar a outras pessoas o dever de cuidar do meu bem mais precioso.

Eu confio no meu julgamento e também nos nossos amigos, Marina e Erick. Sei que se tem alguma história mal contada em tudo que a mãe dela falou ao telefone, o Erick vai descobrir.

— Vai dar tudo certo, meu irmão. —
Felipe me puxa para um abraço emocionado e ao fundo posso ouvir soluços que suponho serem da minha mãe e cunhada — Trata de ficar bem e te
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prometo que quando acordar, o seu anjo estará aqui te esperando e será a sua primeira visão.

— Isso é tudo o que mais quero, mano. Se não acontecer, sou capaz ir até o inferno para tê-la de volta. Eu não vivo sem aquela garota, Felipe.

— Sei que não e também não vai precisar, ela também não deve querer viver sem você. — Quando se afasta de mim, a sala de visitas é invadida pelo som da voz do médico cirurgião.

— Bruno Pires, está tudo certo? Podemos começar.

— Podemos, Dr. Severo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Após dar o sinal toco seu ombro e o acompanho para a sala de cirurgia. Antes de sair, afirmo mais vez:

— Estou confiando em você, irmão.

As coisas não estão acontecendo da forma como eu e minha namorada tanto planejamos, pelo contrário, entrei na sala de cirurgia como um homem completamente destrossado e no fundo, esperançoso de que as minhas certezas não estejam completamente equivocadas, pois se o meu anjo realmente me deixou, não vejo muita razão em continuar respirando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



A carta

Bônus - Marina.

— Meu amor, o que você está esperando? — desço as escadas toda esbaforida e cheia de pressa, só para chegar e encontrar o Erick bem relaxado, sentado no sofá e conversando com nosso pequeno. Quando isso acontece ele fala com

tamanha seriedade e concentração que nem parece que o filho não tem cinco meses completo, incapaz de entender o que ele diz.

— Você está muito gostosa com esse vestidinho e toda ofegante. Isso me traz ideias nada apropriadas para o momento — meu marido que não mudou nada quando o assunto é o seu modo safado e insaciável de ser, mede o meu corpo lentamente, da cabeça aos pés e quando retorna novamente para o meu rosto, ele lança a típica piscadinha. Eu fico a ponto de derreter ante o olhar quente, um fato que os anos de relação também não foram capazes de mudar.

— Nem pense nisso, Erick! Pode

esquecer essas suas ideias, nós temos que sair agora. Mais tarde... — prometo, devolvendo a piscadela provocativa.

— Não precisa correr, pequena. — Ele permanece sentado e ao chegar perto, noto que meu bebê já está dormindo novamente, o que me deixa muito satisfeita, pois, nada deixa meu coração mais apertado do que ter de sair e deixá-lo com a babá. O pequeno fica nos observando com os enormes olhinhos claros e é sempre um drama deixá-lo para trás. — Ainda está cedo e o Bruno ainda deve estar na cirurgia.

— Eu sei, mas eu preciso ficar ao lado da minha chatinha, lembra? — sento-me do seu

lado e pego o João dos seus braços. — Ela deve estar uma pilha de nervos. Eu estaria se estivesse no lugar dela.

Sinto que devo ir para perto dela em uma situação como essa, onde a espera é torturante e as horas parecem se arrastar.

— Não tinha parado para pensar nisso, Marina — revela — Ainda é difícil acreditar, Ângela e Bruno, o casal mais apaixonado da cidade.

— Pensei que fossemos a gente — brinco, mas não o julgo. É mesmo difícil de acreditar que os mesmos que pareciam se detestar, na verdade sempre se gostaram.

Eu, apesar de saber da leve fixação da minha melhor amiga pelo Bruno, sempre imaginei que fosse apenas isso, uma fixação. Da parte do Bruno jamais tive indícios de que ele nutrisse algum sentimento que não fosse indiferença por ela. Felizmente, o tempo mostrou que eu estava completamente cega e me presenteou com o casal mais lindo que já tive a chance de colocar os olhos. Por presente, refiro-me ao bem que esse relacionamento tem feito para a minha anjinha. Eu nunca a vi tão feliz e sorridente como tem estado desde o início da relação.

O mesmo acontece em relação ao Bruno, ele é outra pessoa depois que o furacão

PERIGOSAS NACIONAIS

Ângela passou por sua vida. Sem medo de errar, sou capaz de jurar que não existe casal que combine tão bem como eles parecem se encaixar. É olhar para eles e ver que foram feitos para ficarem juntos. Inclusive, esse é um fato que já cansei de explicar para Lua, a minha sócia e também ex-namorada do Bruno. Ela, apesar de afirmar que está bem, não esconde o quanto o assunto ainda mexe com as suas emoções. O que é uma pena, já que Lua é uma mulher muito bonita e poderia muito bem levar a sério os casinhos que diz ter. Não estaria sofrendo por uma história que há tempos acabou e por um homem que claramente é apaixonado por outra mulher.

PERIGOSAS ACHERON

— Eles atualmente estão com o título, mas nada que não consigamos reverter — Erick afirma, claramente me provocando, considerando que nós dois sabemos o saco que é ter esse título e a atenção da mídia em tudo que fazemos. — Sobre o casal, eu sempre soube que ele queria comer a sua amiga estranha, só não imaginava que era amor de verdade.

— Ela não é estranha. — De tudo o que ele falou, somente essa parte chamou-me atenção.

— Não é, meu amor, só estou brincando — defende-se. — Você sabe que eu gosto muito da chatinha, porém, não vou negar que

quando a conheci ela me pareceu exatamente isso: estranha.

— Ângela é especial, meu amor. Sempre foi assim — afirmo, sem querer entrar em detalhes da nossa infância e adolescência juntas.

— Eu sei que é, pequena.

Erick é muito perspicaz nas suas avaliações e não é necessário dizer muito, ele convive bem com a minha amiga e deve entender do que falo.

A vida toda foi assim, nós duas sempre juntas aqui em casa, nunca na dela. Às vezes ela era a criança e adolescente muito alegre e

PERIGOSAS NACIONAIS

cheia de vida. Outras vezes mais retraída e até mesmo distante. O fato nunca foi motivo de preocupação ou estranhamento quando éramos duas crianças e muito menos quando adultas. Para mim sempre foi o jeitinho dela de ser. Às vezes difícil de lidar, mas nada que nós duas não conseguíssemos resolver. Ângela aos meus olhos inocentes de criança e aos de hoje, sem a lente cor de rosa, foi e sempre será apenas a Ângela. A menininha que lembro-me de ter associado a um anjo quando no auge da inocência, liguei tal divindade ao nome dela. Se não fosse por isso, ainda assim pareceria com um anjinho, tendo a sua pele branquinha, os enormes olhos azuis e o cabelo muito escuro.

PERIGOSAS ACHERON

Essa é a imagem que tive e sempre terei da minha melhor amiga e irmã que não tive. Ela é especial e merece tudo de melhor que a vida tem para oferecer.

— Sério, querido, chega de conversa. Nós precisamos ir de uma vez. — Assim que termino de falar, desvio a atenção para a porta e de lá o jardineiro pede permissão para entrar.

— Pode vir, meu caro. Aconteceu alguma coisa? — Erick indaga preocupado e nós dois desviamos a nossa atenção para as mãos do homem que carrega um envelope pequeno e branco.

— Está tudo em ordem aqui na

PERIGOSAS ACHERON

residência, senhor — assegura e quando olho para o Erick, vejo seu rosto imediatamente relaxar. Ele nunca mais foi o mesmo depois de tudo o que passamos, é muito cuidadoso e superprotetor. Seu modo de agir não me incomoda, pois sei o que sofreu e da reação que eu mesma teria se a situação fosse inversa.

— É para a senhora Estevan —
estende-me o envelope e antes que eu o pegue, meu marido se apressa em perguntar.

— Quem trouxe?

— O pai da senhorita Ângela Albuquerque. — Assim que ele revela, pego o papel que além do meu nome na parte de trás não

PERIGOSAS NACIONAIS

tem mais nada escrito. — Assegurou-me de entregar nas mãos da Senhora — esclarece.

— Ele não quis entrar? — Estranho o fato de ele ter preferido deixar com um funcionário a entrar e nos cumprimentar. Tudo bem que não somos os mais próximos, mais ainda assim, entre as famílias sempre prevaleceu a relação de cordialidade.

— Ele parecia ter muita pressa, Dona Marina. Apenas pediu que lhe entregasse o envelope. Tenham uma boa tarde. — Quando o jardineiro se retira, olho da carta para o meu marido e é ele a tirar-me do entorpecimento que a estranha situação causou.

PERIGOSAS ACHERON

— Não vai abrir, meu amor? — Erick percebe a minha tensão e não é para menos. Isso nunca aconteceu e junto com a certeza de que dentro do envelope tem algo relacionado a Ângela, também sei que é algo sério, ela não mandaria se não fosse.

— Estou com medo, Erick e se...

— Ei, não fica imaginando coisas, pequena. Está tudo bem com a chatinha — afirma.
— Vem, me dá esse molequinho aqui. — Ele pega João dos meus braços e o deita no berço portátil que está na nossa frente. — Abre. Eu estou aqui do seu lado — insiste, notando a minha indecisão.

Com as mãos trêmulas e o coração

PERIGOSAS NACIONAIS

disparado de quem sabe que não receberá boas notícias, abro o envelope e logo reconheço a bonita letra da minha chatinha.

Com o meu marido do meu lado e ainda assim, dando-me o espaço que preciso, começo a ler a carta escrita de próprio punho e o que eu pensava ser ruim, mostra-se muito pior.

A cada linda lida, onde algumas palavras são difíceis de entender pelas manchas que as suas próprias lágrimas devem ter feito, meu coração vai ficando cada vez mais destrossado dentro do peito e fica cada vez mais impossível segurar as minhas próprias lágrimas.

Quando as minhas mãos já estão

PERIGOSAS ACHERON

tremendo demais e os olhos marejados a ponto de não mais conseguir terminar de ler a carta, meu marido com gentileza a pega das minhas mãos e depois de passar os olhos rapidamente por todo o conteúdo, ele continua de onde parei.

Quanto mais ele lê, mais coisas descubro, o peso da culpa começa a abater-me os ombros e começo a perceber o quão cega e submersa nos meus próprios problemas estive.

— Se acalma, Marina. — Erick pede, vendo o estado que me encontro quando lê a última palavra. — Você precisa estar forte agora.

— Você não entende? Ela passou por tudo isso em silêncio. A vida toda e eu não fui

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

capaz de perceber que tinha algo errado acontecendo com ela, a minha anjinha — desabo nos seus braços.

— Ei, olha para mim — carinhosamente meu marido tira meu rosto do seu peito e seu segurá-lo para que o olhe nos olhos, tenta me confortar: — Você viu o que ela diz aí? A chatinha quer ficar bem, meu amor. Ela está lutando e precisa do nosso apoio.

— O Bruno... Ela não contou para ele — quando suas mãos soltam o meu rosto, eu o seco, decidida que não é tempo para lágrimas. Agora eu preciso agir, por ela. Tenho que ser forte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, ela não teve coragem e confiou em você, a Ângela confiou em você, amor.

— Eu estou perdida. Não sei o que fazer e nem como fazer — penteio os cabelos com os dedos e muito nervosa, levanto do sofá, passando a andar de um lado para o outro.

— Nós temos que seguir os planos e fazer o que ela pede nessa carta, o Bruno a ama e vai superar isso tudo.

— Tem razão, vamos para o hospital — de imediato, pego a minha bolsa e só então lembro que a babá ainda não chegou.

Percebendo minha preocupação, Erick

PERIGOSAS ACHERON

— sempre prático — propõe a solução. A melhor de todas.

— Vamos levar o nosso filho com a gente, lá certamente tem um berçário para ele.

No caminho a minha mente está uma bagunça e o coração aos pedaços pela minha anjinha, por mim que não consigo entender como pude ser tão relapsa e pelo Bruno, o homem que ela ama. Ele estava preparado para um novo recomeço e agora, já não sei o quão doce será esse recomeço sem a presença dela e nem se ele foi capaz de seguir em frente.

De qualquer forma e se estiver disposto a ouvir, Bruno saberá de tudo o que a

PERIGOSAS ACHERON

namorada vem enfrentando em silêncio durante toda uma vida. Ouvirá e em prece rogo para que aja da maneira que acredito que irá agir. Que o seu amor seja o motor a impulsionar a recuperação do seu pequeno anjo, como — sem ter a menor vergonha, — gosta de chamá-la.



Respostas



Aos poucos começo a tomar ciência da realidade, de onde estou e o que estar consciente significa. Na mesma escuridão que tenho estado há mais de cinco anos, agora sinto a presença de algo sobre os meus olhos, como mais uma camada entre

PERIGOSAS NACIONAIS

os meus olhos e a escuridão.

— Ai está você, meu jovem — ouço a voz Dr. Severo, o mesmo que teve para si a responsabilidade de trazer de volta a minha visão. — Se sente bem? — questiona.

— Um pouco zozinho, mas acho que estou bem. — Pelo menos fisicamente.

Quanto ao emocional, esse não poderia estar mais fodido. A cirurgia recém-terminada não foi capaz de tirar dos meus pensamentos a minha namorada. A angústia de não saber onde ela está me sufoca e a expectativa pelo resultado da cirurgia ficou em segundo plano.

PERIGOSAS ACHERON

— Que bom, Bruno. Você não perguntou, mas ainda assim vou falar. Como nós supunhamos, a intervenção foi simples e felizmente a cirurgia anterior conseguiu conter os danos que a sua parcial ineficácia por todos esses anos poderia causar. Como você bem sabe, houve indícios de cegueira psicológica, então com mais essa intervenção e o tratamento que você veio fazendo nos últimos meses, há grandes chances de obtermos sucesso no seu caso. Estar bem consigo mesmo, o apoio da família e das demais pessoas que você ama serão essenciais nas próximas duas semanas. O nosso sucesso agora depende de você, meu jovem.

— Está certo, Doutor. Espero não

decepcionar a minha família mais uma vez. Tem também a minha namorada.

— Pelo seu sorriso vejo que está apaixonado. — Ele não tem ideia de quanto. — Pense na sua amada e no quanto ela estará orgulhosa de você.

Durante todos esses anos eu sempre soube ter sido o principal responsável por ter permanecido cego, mesmo depois da primeira intervenção cirúrgica que aparentemente não existiam razões para que não fosse um sucesso. No entanto, quando me vi na mesma situação em que me encontro agora, tendo que esperar alguns dias para finalmente tirar a venda, também estava

quebrado demais para lutar.

No momento, ouvindo que mais uma vez depende de mim, pergunto-me como posso fazer isso, como tentar não me abater sem o apoio da minha diabinha e o pior, sem saber onde ela se encontra neste momento. É exigir demais de uma pessoa que é apenas humana, um homem que agora sente medo.

— A minha família... Eles estão aí fora? — mudo de assunto, não querendo falar sobre ela neste momento, ainda mais com um desconhecido.

Tudo o que eu quero no momento é falar com Felipe, saber o que ele descobriu durante

PERIGOSAS ACHERON

esse tempo em que estive na sala de cirurgia.

Ele tem que ter descoberto alguma coisa, eu preciso saber do meu amor ou entre então, sou capaz de enlouquecer.

— Estão todos lá fora, o Senhor e Senhora Pires, irmão, cunhada e até mesmo um casal de amigos — enumera.

— Marina e Erick? — pergunto mais para mim mesmo do que para o médico.

— Isso eu não sei dizer.

— Eles já podem entrar para me ver?

Eu preciso falar com o meu irmão.

— Claro que pode, espera só um

PERIGOSAS NACIONAIS

momento que a enfermeira virá checar se está tudo certo com o seu pós-operatório e assim eles poderão entrar.

Assim que o som da porta denuncia a saída do cirurgião, aproveito o tempo sozinho para terminar de colocar os meus pensamentos em ordem. Penso nos próximos passos que terei de dar e uma forma de encontrar Ângela, estando preso a uma cama por mais duas semanas.

Animo-me também com a notícia de que o casal açúcar está do lado de fora. Marina é a melhor amiga da minha mulher e se tem uma pessoa que pode me ajudar nisso ou até mesmo dar-me respostas, essa pessoa é ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como está você, meu irmão? — A voz entusiasmada do Felipe invade o quarto e mesmo que nada esteja saindo como imaginei, é sempre uma satisfação tê-lo por perto, com a sua alegria contagiante. — Está feliz?

— O que você acha?

— Perdão, foi uma pergunta idiota de se fazer. Eu imagino como deve estar se sentindo.

— Descobriu alguma coisa?

— Nada, depois que você entrou fiz algumas pesquisas, fui na casa dos Albuquerque e os três funcionários que perguntei disseram a mesma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela não viajou, mano. Eu tenho certeza disso.

— Foi o que eles disseram, eu sinto muito — lamenta-se e vejo escorrer pelo ralo o último fio de esperança que havia me restado.

No fundo, eu tinha a esperança de que quando falasse com ele, o meu irmão traria boas notícias, diria que está tudo bem com a minha Ângela. Um ledor engano e agora já não sei o que fazer.

— Eu tenho que sair daqui. — Desesperado, tento levantar da cama e quando meus pés tocam o chão, sou acometido por um forte vertigem e se não fosse o auxílio do meu

PERIGOSAS ACHERON

irmão, eu teria dado com o rosto no chão. — Ela está precisando de mim, eu sinto que está — digo quando ele auxilia-me a acomodar-me parcialmente deitado sobre a cama do quarto. Quando digo que o meu anjo está precisando de mim neste momento, não atribuo somente ao medo e sim a real sensação de que Ângela não está bem. Esteja onde estiver, ela espera por mim.

— Ela precisa de você, mano, mas para isso tem que ficar bem para dar o amor que ela merece. Não aja como se tivesse acontecido algo de muito ruim com a Ângela. Você tem que manter o pensamento positivo, por você e por ela também.

— A mãe e o pai estão doidos lá fora,

PERIGOSAS NACIONAIS

vou pedir para eles entrarem, tudo bem?

— Depois, irmão — aviso. — Eu preciso falar com o Erick e a Marina, chama eles, por favor.

— Meu irmão, tenta se acalmar primeiro. Você não está cem por cento lúcido.

— Chama eles, agora! — exijo, não me importando com cirurgia e mais nada que não seja a minha mulher.

— Está bem, vou pedir para que eles entrem. Papai e mamãe podem esperar mais um pouco.

Quando Felipe se retira, mal posso

PERIGOSAS ACHERON

conter a minha ansiedade. Quando os passos do casal denunciavam as suas presenças no quarto, pulo a parte dos cumprimentos e vou direto ao assunto que me interessa.

— Marina, você tem notícias da Ângela? — refiro-me a ela que a meu ver seria a primeira pessoa a quem Ângela procuraria, caso estivesse precisando de ajuda com alguma situação que não fosse capaz de solucionar sozinha. — Como vocês podem ver, ela deveria estar aqui e no entanto, manteve o celular desligado por várias horas. Quando obtive notícias foi através da mãe dela, afirmando que a filha viajou.

— Eu sabia que tinha o dedo daquela

senhora odiosa — Marina fala, evidenciando que seja qual for o problema com a minha namorada, eles já sabem qual é.

— Marina, onde está a Ângela. Me fala, por favor! — Não me envergonho de implorar.

— Meu amigo, você precisa se acalmar.

— Não me peça para ficar calmo, caralho — direciono minha fúria para o Erick — Queria saber se você estaria calmo se fosse você no meu lugar, sem ter notícias da sua esposa — decido tocar na ferida, pois só dessa maneira para fazê-lo entender exatamente o que estou sentindo. Erick já esteve do outro lado, um lugar frio, onde mora o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

medo de perder para sempre a mulher da sua vida.

— Tudo bem, cara. Você está certo.

— Erick! — Marina esbraveja para ele.

— Desculpa, amor, mas eu entendo o que Bruno está sentindo e ele tem o direito de saber, é da mulher dele que nós estamos falando.

— Você sabe que eu vou falar, só preciso prepará-lo antes.

— Preparar? Você não está querendo dizer que a Ângela... — Não sou capaz de completar e passo segundos de tormenta que mais se pareceram horas, até Marina falar e tirar-me

PERIGOSAS ACHERON

dele.

— Ela está bem, pelo menos eu acho
— diz e o alívio da primeira frase foi apagado pela
tom de incerteza da segunda.

— Vem, pequena. Senta aqui mais
próxima a ele. — Esse é o Erick cuidando da
mulher e mãe do seu filho. Cuidado e cumplicidade
que eu almejo ter com a minha diabinha.

— Bruno, eu sei o que aconteceu com
a Ângela. Ela deixou-me uma carta e pediu para
que lesse ela para você, mas eu só vou fazer isso se
prometer que não vai agir sem pensar, que vai agir
com a razão antes de tomar qualquer atitude; pelo
bem da chatinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu coração está batendo disparado dentro do peito, minhas mãos trêmulas e suadas por saber que estou a ponto de descobrir coisas a respeito da mulher da minha vida, fatos que mesmo não tendo ideia do que seja, estou certo de que é algo muito doloroso de se revelar.

Não preciso ser uma pessoa espiritualizada para saber disso, basta o fato de eu estar no mesmo espaço que eles dois, onde o clima é de tensão pura e meus amigos parecem estar pisado em ovos todo o tempo. Especialmente Marina, ela por ter uma ligação tão forte com Ângela, não conseguiria agir de outra maneira, nem se quisesse.

PERIGOSAS ACHERON

— Primeiro eu preciso que você entenda que a Ângela não te deixou, se é que essa hipótese passou pela sua cabeça em algum momento. Mesmo se não existisse essa carta, eu seria capaz de colocar a minha mão no fogo por ela que nunca levou nada tão a sério como leva esse namoro de vocês — fala e apesar do misto de sentimentos, não posso deixar de me emocionar com a sua ferrenha defesa.

— Eu sei, Marina, nunca dividei e é justamente esse o motivo do meu tormento. Ângela e eu vivemos os dias mais felizes das nossas vidas nas últimas semanas e entre os preparativos para a cirurgia e todo o tempo que passamos juntos, ela

não conseguiu esconder o quanto esperou por esse dia. Tenho convicção de que algo a impediu de estar aqui, eu só preciso saber o quê.

— Aqui nessa carta que ela deixou, você terá todas as respostas — sinto-a se aproximar, sentar na ponta da cama e o som de papel sendo manejado torna difícil a minha respiração.

— Pode começar.



Laços inquebráveis



Querida, Marina. Melhor amiga, irmã de alma. Me perdoe se a letra for ficando ilegível no decorrer dessa carta, mas em minha defesa, digo que esse é o melhor que posso fazer na situação em que me encontro.

Agora, enquanto luto para organizar as minhas ideias e consiga ser sincera como em todos esses anos não consegui ser, pergunto-me se mereço o presente que foi ter você na minha vida. Não! Não precisa dizer, no fundo, eu sei que não mereço a sua amizade, assim como não mereço o maior de todos os presentes: o amor e a presença do Bruno na minha vida.

Mesmo sem merecer, mesmo sendo uma pessoa fraca, acredito que exista uma força muito maior, boa e misericordiosa que teve compaixão e me concedeu não só uma, mas duas chances.

Primeiro foi você, aos 8 anos, no

nosso primeiro dia na escolinha lembra?

Ali fomos colocadas sentadas lado a lado e depois de alguns poucos minutos de timidez (mais minha do que sua) olhamos para o lado e bastou um olhar para que ali nos tornássemos inseparáveis. Você foi e ainda é o fio condutor que muitas vezes me manteve conectada à realidade. O seu carinho, ainda que nos momentos em que eu ficava insuportável (às vezes muito mal humorada, às vezes muito elétrica e até mesmo cruel), sempre esteve ligado às poucas coisas que fui capaz de fazer nada vida: ter terminado o ensino médio, ter tido a coragem de comprar e pilotar a minha moto e muitos outros.

Você percebe? Foi você, minha querida amiga, a lufada de ar puro nos momentos em que estive prestes a me afogar no lamaçal.

Depois, quando você encontrou a sua própria felicidade...

A leitura torna-se impossível quando a voz da Marina já está embargada demais e ela não consegue segurar as lágrimas. Eu por outro lado, tenho um nó formado na minha garganta, o pesar de ouvir palavras tão bonitas vinda da minha pequena. Além de belas, suas palavras também são tristes e em alguns momentos confusas, como se ela estivesse fazendo um esforço sobre-humano para colocá-las para fora.

PERIGOSAS NACIONAIS

Pelas suas palavras e com a errônea crença de que não merece a amizade da Marina e nem o meu amor, começo a perceber que a insegurança demonstrada algumas vezes vai muito além do que poderia ser considerado normal para uma mulher que se vê ameaçada, como ela imaginou estar só com a menção do retorno da Carolina.

Minha mulher aparentemente carrega um fardo muito maior do que eu poderia supor e não sei se estou preparando para ouvir o que está por vir, pois de um jeito ou de outro, sei que depois de tudo o que tem acontecido nas últimas horas, as nossas vidas nunca mais serão as mesmas.

PERIGOSAS ACHERON

— Está tudo bem, pequena. Vem, deixa que eu leia para você. — Erick intervém, certamente notando o quão está difícil está sendo para ela.

Do ponto onde a esposa parou, Erick continua a leitura.

Depois, quando você encontrou a sua própria felicidade, apareceu no meu caminho alguém para dividir com você a responsabilidade que carregava sem saber.

Bruno Pires, o homem que logo me chamou atenção pela beleza e talvez até mesmo pelo desafio de querer tocar no que parecia inatingível e hoje, no momento em que escrevo essa

carta, dou-me conta de que consegui exatamente o que eu queria, quer dizer, muito mais do que eu queria. O Bruno veio e aos poucos foi invadindo meu coração e ganhando espaço na minha vida.

Eu não preciso de mais linhas ou palavras para expressar para você o quão grande é o meu amor e dependência por esse homem, até me questiono se a minha mãe não tem razão ao dizer que estou obcecada demais, dependente além do que é saudável, mas quando algum sentimento ou emoção minha foi saudável?

Obcecada ou não, ele para mim é o amor e a esperança de finalmente ter encontrado o meu ponto de equilíbrio. É tudo para mim e se hoje

estou nesta situação e escrevendo ao invés de falar pessoalmente (o que talvez não aconteceria, pois eu sempre tive medo e até mesmo vergonha de revelar para vocês dois as minhas fraquezas) é porque eu estava enganada, minha querida.

Um doce engano que permitiu-me durante meses viver a ilusão de que estava tudo bem, que o pesadelo de uma vida finalmente tinha acabado.

Ele não acabou e não vai acabar nunca. Não serei uma pessoa inteira novamente e a decisão que acabo de tomar é mais como uma tentativa de estar novamente bem, pelo menos bem o suficiente para que o Bruno consiga continuar

enxergando-me como da primeira vez, a garota saudável e cheia de vida (um pouco oferecida).

Sim, eu vou fazer por ele, porque se fosse uma pessoa boa e menos egoísta, eu o deixaria livre para viver a vida dele e encontrar um novo amor (ou um antigo amor...

— Está tudo bem, Bruno? — Erick de maneira sensata faz uma pausa para que eu possa assimilar tudo. — Precisa de um tempo? Você acabou de passar por uma cirurgia e eu não acho que...

Alegro-me na mesma medida em que me comovo com a intensidade e a sinceridade dos seus sentimentos. Depois, os seus pensamentos

PERIGOSAS ACHERON

partem para uma parte mais confusa e nas palavras consigo associar com falas de ocasiões anteriores em que Ângela talvez tenha tentado dar-me alguns sinais e eu preferi enganar-me e deixar passar, fingindo que estava tudo bem.

— Não preciso de tempo, só continua, por favor.

Eu não estou bem, pelo contrário, a minha vontade é de tirar a porra dessa venda dos meus olhos e correr para a minha mulher. Que se dane a cirurgia, só queria chegar até ela e obrigá-la a falar comigo, a revelar tudo o que erroneamente permiti que me escondesse, pois, ao que tudo indica, são questões mais sérias do que supunha e

PERIGOSAS NACIONAIS

só agora, quando se viu sem saída está tendo coragem de se abrir. Lhe obrigaria a falar e depois a amaria por horas a fio, mataria a saudade que sufoca o meu peito até fazê-la entender de uma vez por todas que nunca existirá novos ou antigos amores, é e sempre será ela. Nem que eu faça disso o objetivo da minha vida, não descansarei até que a minha chatinha entenda.

Sim, eu vou fazer por ele, porque se fosse uma pessoa boa e menos egoísta, eu o deixaria livre para viver a vida e encontrar um novo amor (ou um antigo amor), mas eu não sou essa pessoa e o amo demais para tomar tal decisão.

PERIGOSAS ACHERON

Lembra-se dos momentos em que me torno insuportável, os mesmo que mencionei há pouco?

Os dias em que fico agitada demais, às vezes insegura e até das viagens feitas fora de hora? Então, esses momentos não foram e nem são marcas da personalidade de uma garota mimada que sempre teve e quis as coisas do seu jeito. As viagens nem sempre foram apenas viagens.

Nada é o que parece na minha vida, eu sempre fui uma mentira, uma casca perfeita que por dentro esconde uma alma ferida e sem cura.

Não pense que sempre foi assim, querida. Eu fui uma criança feliz, até os meus seis

anos eu era uma garota feliz. Tinha o Caio o meu irmãozinho, ele era tudo o que nunca consegui ser: a criança perfeita e bem comportada. Graças a mim e a minha desobediência, ele se foi. Morreu aos seis anos. Tudo por minha culpa.

Ele se foi e levou de mim os meus pais e a menina que um dia fui. Naquele dia não foi só ele quem morreu. De alguma forma a minha imprudência de levar para o lago um menino que não sabia nadar trouxe consequências. A pior de todas, levou com ele a Ângela feliz, uma criança livre e deixou a triste e presa dentro de si mesma.

Marina, eu não sou o que você e o Bruno pensam, vocês não me amariam se

PERIGOSAS NACIONAIS

soubessem disso e por isso não tive coragem de contar antes. Não suportariam conviver com uma pessoa que viverá a vida a base de remédios.

As viagens que você reclamava por ficar sozinha durante semanas e até mesmo meses, não foram passeios para conhecer outros países, como fiz você acreditar. Estive em clínicas psiquiátricas por mais vezes do que é confortável pensar, em busca de tratamentos que me traziam a ilusão de estar bem e até fico por um tempo, mas depois os pesadelos voltam a me perseguir. Minhas emoções se tornam impossíveis de controlar, o desânimo me abate a ponto de não conseguir levantar da cama por dias. Vem o medo, a

PERIGOSAS ACHERON

insegurança, às vezes a irritabilidade...

São coisas demais e falando agora, tenho certeza de que tudo começa a fazer sentido na sua cabeça.

Não sou dona de mim mesma, minha irmã, não das minhas vontades e nem das minhas emoções. Como posso querer que vocês convivam com isso?

Crise emocional, é o que eles dizem, mas no fundo sei que não importa o nome que se dê, pois essa sou eu, a Ângela Albuquerque que as pessoas que eu mais amo desconhecem.

Nesse momento, enquanto mais uma

vez me preparo para pelo menos tentar ficar bem novamente, rezo para mais uma vez fazer por merecer uma segunda chance, para que vocês não deixem de me amar nem por um segundo. Que nada mude na nossa relação. Eu amo muito você, minha irmã de alma, a você eu devo mais do que um dia poderei retribuir.

E se tenho o direito de pedir algo, peço para que leia essa carta para o meu amor. Em alguns dias (que agora minha mente não é capaz se lembrar exatamente qual é) será a cirurgia dele, a realização do meu maior desejo no momento.

Por isso preciso fazer isso, eu quero e vou estar do seu lado, meu amor. Lembra-se do seu

pedido para que seja eu a sua primeira visão? Pois é, disso eu não esqueci e nem acho que sou capaz, já que também é o meu maior desejo. Se mantenha firme, será só por uns dias e quando precisar e menos esperar, estarei ai do seu lado, segurando a sua mão, se mesmo depois de tudo meu toque ainda for bem-vindo.

Se achar que não dá mais para você e que não há motivos para continuar, saiba que eu te amo muito mais do que imaginei ser possível amar alguém. Você, Bruno, foi a melhor coisa que me aconteceu em muito tempo, em poucos meses eu vivi os dias mais felizes da minha vida e se não voltarmos a nos ver, de você guardarei os

*momentos felizes e até o último dia da minha vida
essas lembranças me acompanharão como
lembrete de que mesmo tendo uma vida difícil, tudo
terá valido a pena por ter amado e sido amada
plenamente.*

*Eu amo você, meu amor, mais que a
minha própria vida e se um dia seguirmos
caminhos diferentes, jamais se esqueça de que você
foi a razão dos meus melhores sorrisos.*

Com carinho, Ângela Albuquerque.

— Sinto muito, meu amigo. — É o
que Erick consegue dizer ao terminar de ler.

— Não mais que eu, pode ter certeza

— falo, duro.

De tudo o que foi revelado, ficou o homem com o coração totalmente quebrado em pedaços tão pequenos que não sei se um dia voltará a estar inteiro novamente.

O meu corpo não tem reações, permanece inerte sobre a cama e ainda que não fosse a cirurgia e a maldita venda cobrindo-me os olhos, eu os sinto secos, pois nem chorar eu consigo.

A dor está sufocante e insuportável. Agora sofro pela criança que ela um dia foi e pela mulher que se tornou. A meu pequeno anjo tem sobre os ombros um peso maior do que pode

PERIGOSAS ACHERON

suportar e eu todo esse tempo preocupado com os meus próprios problemas, quando eles não são nada perto de tudo o que ela passa.

O meu pobre amor, tão forte e ao mesmo tempo tão frágil não merece passar por tudo isso, não sozinha, nunca sem o meu apoio.

— Eu sei o que você está sentindo, Bruno. — Marina ainda chora e agora eu tenho certeza de que essa frase não é dita de maneira indevida. As palavras da minha Ângela deixaram claro a ligação delas e que é muito maior do que eu imaginava.

— Se sabe, também devem saber que eu não vou ficar aqui de braços cruzados, enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a minha mulher está em algum lugar, tendo que sozinha enfrentar mais uma internação. Eu não vou esperar que ela passe por tudo e só volte para mim quando achar que está bem o suficiente. Eu quero estar com ela hoje e em todas as situações.

— Bruno, não acha melhor...

— Não continua, Erick — corto. —

Por favor, me levem até onde a minha namorada está, ela precisa de mim.

PERIGOSAS ACHERON



Seguindo em frente



Três semanas, passaram-se, três semanas sem que eu tenha conseguido me perdoar pelo erro cometido.

Como eu pude ter me esquecido de uma data tão importante? O dia tão esperado por

PERIGOSAS NACIONAIS

nós dois, pelo qual viemos correndo atrás por meses sem descanso. De um canto a outro, em conversas com cirurgiões e consultas com psicólogos, nós estávamos preparados para o grande dia. Ele só pensava no momento em que poderia abrir os olhos e me ver na sua frente e eu, no auge da minha insegurança, não deixava de pensar em qual roupa usar, que tipo de maquiagem fazer e até mesmo como deixar o cabelo.

Eu prometi estar ao lado dele e não estive, fugi por medo da rejeição quando descobrisse a verdade sobre tudo o que vivi e ainda vivo. Agora, depois da carta e de provavelmente ele já saber o tamanho do fardo que teria de carregar,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caso ainda quisesse ficar comigo, estou conformada. Aos poucos fui aceitando que se eu tirei dele a chance de escolha durante vários meses, não seria justo julgá-lo por simplesmente seguir em frente.

Não posso dizer que não ficaria arrasada com tal decisão, mas como exigir reação diferente de quem ama com tamanha intensidade, como é o meu amor por ele?

— Vejo que está melhor hoje, está tranquila e até veio tomar sol. — Luciana, a simpática terapeuta, senta-se ao meu lado na grama verdinha e bem cuidada aqui da fazenda no dia em que completa três semanas que eu cheguei aqui.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia. — Miro seu rosto, forçando um sorriso e uma alegria que está longe de ser real, pelo contrário, depois do último surto que tive no mesmo dia em que cheguei aqui, as coisas foram se tornando cada vez mais difíceis.

Eu não suportava a ideia de ver outras pessoas na primeira semana e não sabia fazer outra coisa que não fosse ficar encolhida sobre a cama e chorar. Só chorava e nem a visita dos meus pais despertava em mim algum tipo de reação. Quando alguém perguntava os motivos das minhas lágrimas, o meu silêncio era a resposta. Não quis dividir que além de me culpar por ter esquecido a cirurgia, também estava louca de saudade do meu

namorado.

Desde o dia em que começamos a namorar não houve um dia sequer em que não tenhamos pelo menos nos falado por telefone, então, quem pode me culpar por estar achando difícil demais passar dias e quem sabe mais de um mês longe dele?

Na segunda semana, quando consegui perceber que quanto mais preocupada eu os deixar com o meu estado, mais distante ficará do dia em que poderei sair daqui e finalmente procurá-lo, passei a me esforçar para sair da cama, conversar com outras pessoas e também com os psicólogos, psiquiatras e terapeutas ocupacionais. Passei a fazer

caminhadas pelo lugar de belas paisagens e até mesmo montar a cavalo.

Hoje, nove e quarenta e cinco de uma manhã de sexta-feira, sinto que aos poucos estou melhorando, a saudade misturada com o medo de perdê-lo está cada vez maior e mais sufocante, mas eu continuo tentando seguir em frente, porque sei que me entregar só aumentará a nossa distância. Mais longe do dia em que estarei na sua frente para descobrir se ainda me ama como eu o amo ou se com o segredo revelado, o amor também se foi.

— Bom dia, querida. Você está se sentindo bem? — A pergunta dela tem relação com a minha saúde física e não mental, pois com os

PERIGOSAS ACHERON

demais sintomas vêm também os sintomas físicos que basicamente se apresentam em formas de desmaios que raras vezes acontecem no meu caso. Dessa vez os desmaios tem acontecido com frequência e por isso eles têm mantido a atenção redobrada em cima de mim. — Desmaios, tonturas e enjoos, mais alguma coisa?

— Não e por algum motivo, eles estão vindo com mais frequência na última semana, doutora. Isso está começando a me preocupar. Não era para os sintomas estarem se apresentando agora, era?

— Não, minha querida. Não era, mas não se preocupe, nós vamos fazer alguns exames e

descobrir a causa de tudo isso. — Ela parece estranha ao fitar-me com um misto de curiosidade e preocupação.

— Exames, que tipo de exames, Luciana? — indago, preocupada.

Não vou suportar se tiver de ficar nesse lugar por mais tempo do que imagino. Não é um lugar desagradável, apesar de ser uma clínica. É aqui onde muitas vezes me trouxeram para encontrar a paz que preciso e o equilíbrio necessário para manter-me sã. Dessa vez, meu maior tormento é estar longe do meu amor e da minha amiga, do meu pequeno João. Sinto muita falta da rotina e das suas companhias e se não fosse

isso, seria capaz de morar em um ambiente tão belo como esse, onde se respira o ar puro e posso estar em contado direto com a natureza.

— Quando foi a sua última menstruação, você lembra? — A sua pergunta surpreende-me, fazendo-me perceber que por causa de tudo o que aconteceu e da correria em que eu e Bruno estivemos nos últimos dias, essa foi a última das minhas preocupações. A pergunta tem o poder de me fazer parar para fazer as contas e descobrir que o meu período está atrasado e que a menstruação era pra ter descido há sete dias.

— Tem mais de um mês e pelas minhas contas, era para ter descido sete dias atrás

PERIGOSAS NACIONAIS

— revelo e agora o meu coração está a ponto de sair pela boca somente com a suspeita que começa a se formar na minha mente.

— Como eu disse, temos de providenciar um exame de sangue. Não precisa entrar em pânico, lembra-se que você passou por um estresse muito grande e combinado com os remédios que vem tomando, pode ser a causa dos sintomas e do atraso do seu período menstrual.

— Acha que eu posso estar grávida?

— Preciso que ela fale, que diga que não estou tão louca como pareço.

A ideia é tão assustadora quanto maravilhosa e mesmo sendo eu a pior pessoa para

PERIGOSAS ACHERON

isso e sendo esse o pior momento, ainda assim não consigo sentir-me mal com a suspeita. Pelo contrário, pergunto-me se realmente não estou ficando louca, pois simplesmente não consigo rejeitar a ideia e muito menos conseguiria rejeitar um ou uma mini Bruno, caso ele seja real.

Permito-me ser egoísta por um momento ao pensar que ter um pedaço dele dentro de mim seria como carregar para sempre uma parte do meu amor comigo. Ver, amar e cuidar para sempre da prova do amor tão plenamente vivido.

Contra os motivos que tornam o pior momento para uma gravidez acontecer, na minha mente a ideia começa a se fixar e no íntimo desejo

com todas as forças do meu ser para que ele ou ela já esteja aqui dentro. Que se dane os contras, tudo o que mais quero é esse pedacinho do Bruno crescendo dentro de minha barriga.

Se Luciana abrir a boca para dizer que é uma possibilidade remota, é justamente a essa pequena chance a que me agarrarei. Sei que será assim, pois, infelizmente, apesar de não conseguir muitas vezes controlar as minhas emoções, eu as conheço e se existe uma pequena fresta de luz no fim no túnel, dela não tirarei os meus olhos até que essa luz seja intensa para me guiar e novamente colocar-me nos trilhos da felicidade.

— É claro que existe. — Começo a

abrir o sorriso e vendo seu olhar de desaprovação, volto a trancar os dentes dentro da boca. — Sempre existe chance de acontecer quando se tem uma vida sexualmente ativa. — Rio internamente ao pensar no quão sexualmente ativa sou.

Bruno e eu fizemos uma quantidade obscena de sexo, não tenho como negar e espero que não esteja entregando essa íntima informação tendo o rosto vermelho como imagino que esteja.

— Mas? — indago, sabendo que vem um "mas" ao fim da sua frase.

— Você não é como as outras mulheres e sabe disso. Em outros casos, os sintomas físicos e o atraso da menstruação seriam

indícios fortes de uma possível gravidez. No seu caso, nós sabemos que podem existir outras explicações que não estejam relacionadas a uma gestação.

— Eu sei. — Não consigo esconder a minha decepção, mesmo se tentasse. Por um momento senti um misto de alegria e esperança no futuro, para logo em seguida tê-la arrancada.

— Você tem de se cuidar, querida. — Toca-me a mão, agindo mais como uma amiga do que como a profissional que certamente está analisando todas as minhas reações e principalmente, a tudo o que digo. — Agora não é o momento de você se preocupar com essas

questões.

— Não estou. — Garanto, recriminando-me por ter deixado transparecer para ela o meu entusiasmo com tal possibilidade.

No estágio em que está o meu tratamento nos últimos dias e de notar que todos parecerem contentes com a minha colaboração e vontade de estar melhor, o que menos preciso e de colocá-los em alerta, que passem a ver a alegria pela perspectiva de ter um filho como algo prejudicial, que julguem como uma obsessão, algo que eu esteja querendo me agarrar.

Sei que não é verdade, posso ser toda errada, mas nunca quanto a veracidade dos meus
PERIGOSAS ACHERON

bons sentimentos. Não suporto quando o meu relacionamento e amor pelo meu namorado é pauta para o tratamento e até mesmo alvo de questionamento, como a minha própria mãe já quis insinuar. Nada é mais real do que os meus sentimentos por Bruno e a alegria sentida pela ideia de dar a ele um filho.

Não é sobre dependência ou sobre obsessão, é tudo sobre amor, o mais puro e sincero amor.

— Que bom ouvir isso, Ângela, agora vamos mudar de assunto? — sugere e agradeço. Prefiro guardar só para mim a maravilhosa suspeita que de alguma maneira darei um jeito de ter certeza

se é real ou não. — O que quer fazer hoje? —
questiona, querendo iniciar mais uma das
atividades que tem o intuito de instruir-me a me
portar bem quando novamente voltar ao convívio
social.

— Hoje está em suas mãos — afirmo
e quando ela sai, deito-me de costas sobre a grama
fresca que é beijada pelo sol fraquinho.

Permitindo-me abrir o sorriso e ao
levar as mãos ao meu ventre coberto pelo tecido
leve do vestido longo, aliso por todos os lados, uma
forte emoção toma conta de mim e no íntimo, tenho
certeza de que não vivo uma ilusão, sei que ele está
aqui. Uma sementinha bem pequenina e que de

alguma forma será a minha cura.

— Eu sei que está aí, meu amorzinho e preciso que cresça forte, a mamãe já te ama muito e o seu papai, tenho certeza que vai amar em igual medida.

Meu sorriso bobo e sonhador é interrompido quando uma enorme sombra cobre o sol que beija-me o rosto. Em pé e com a expressão séria de sempre, está Russo, um dos seguranças da clínica/fazenda que diz:

— A senhorita tem visita. — Nessa hora meu coração bate forte como a bateria de uma escola de samba em plena avenida, pois além dos meus pais que me visitam sempre na parte da noite,

PERIGOSAS ACHERON

não recebo mais ninguém aqui.

— Quem é?

—A pessoa não disse o nome —
afirma.

Pessoa?

Porra! Tem horas que a descrição dele me irrita profundamente, ainda mais quando ela não serve para nada que não seja atrapalhar a minha vida. Custa ele falar se a pessoa é homem ou mulher?

Mas também não posso culpar ele por estar apenas fazendo o seu trabalho. Ele não tem o porquê de me dar mais informações do que já deu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Basta que eu levante e vá conferir com os meus próprios olhos.

O problema está no fato de o medo estar guiando as minhas emoções e reações no momento. Mal percebo que provavelmente estou grávida e logo vem a notícia de que tem alguém querendo me ver. Saber disso é também criar a ilusão de que essa pessoa seja o meu advogado fodão de olhos azuis, só para me decepcionar ao perceber que não é ele a tal visita.

— Avisa que estou indo.

— Na entrada do seu chalé — diz e sem mais nada dizer, vira-me as costas.

PERIGOSAS ACHERON

Sem preocupar-me com aparência ou em nada que não seja nele, dirijo-me para o meu chalé, torcendo pela confirmação que hoje, em plena manhã de sexta-feira, a vida esteja finalmente voltando a sorrir para mim e eu receba a segunda notícia mais maravilhosa do mundo. No segundo caso se for o Bruno será mais que uma visita, será a concretização das minhas fantasias delirantes desde o dia em que cheguei aqui, ocasião em que, mesmo estando muito perturbada, sonhei com o dia em que ele viria como o meu príncipe fodão e me tiraria daqui.

Por favor, que seja o Bruno.

Que seja o Bruno.

PERIGOSAS NACIONAIS

Rogo baixinho ao rapidamente
aproximar-me do chalé que tem sido o meu refúgio
nas três semanas passadas aqui.

PERIGOSAS ACHERON



Em busca da felicidade



— Bem me parece vago demais,
Russo — reclamo com o homem negro que tem por
volta de quarenta e cinco anos e não deve medir
menos do que dois metro de altura e de pura massa
muscular. — Conta-me mais, quero detalhes. Você
PERIGOSAS ACHERON

sabe que tem sido o único elo entre nós dois.

Quando há três semanas estive convicto de que não se passaria mais um minuto sem a presença da minha diabinha, me vi tendo de ouvir conselhos do casal açúcar, eles mesmos, os que não tiveram medo de enfrentar todos os tipos de obstáculos em nome amor e do desejo de estarem juntos, independente de qualquer coisa.

Marina e Erick Estevan com custo fizeram-me entender que antes de fazer qualquer coisa, eu precisaria estar recuperado da cirurgia e plenamente capaz de dar o apoio, o carinho e o cuidado que Ângela precisa. Os dois falaram e falaram mais um pouco no meu ouvido e não

saíram da porra do meu quarto até serem expulsos, mas levando com eles a certeza de terem me feito entender.

Compreendi que por maior que tenha sido o choque da revelação e o desejo de sair correndo ao seu encontro, tudo o que Ângela não precisaria naquele momento seria ter para si mais uma preocupação com o namorado inconsequente que não respeitou o pós-operatório, colocando em risco tudo pelo qual lutamos nos últimos meses.

Carregando no meu peito a dor da saudade, vi os últimos dias se arrastarem em câmera lenta e se não fosse pela ideia tida no auge do meu desespero dois dias após a leitura de PERIGOSAS ACHERON

bendita carta, hoje eu ainda estaria sem ter notícias da minha linda. No escuro e tendo como base apenas as páginas de uma carta onde ela não diz muito, apenas menciona por alto mais uma internação.

Como me vi obrigado a ficar longe, fiz de tudo para que tal sacrifício valesse a pena e como bem instruído pelo meu médico, permaneci por duas semanas com os olhos vendados, trancafiado em um maldito quarto e recebendo visitas, sendo que a última coisa que desejei foram visitas. Tenho consciência de que posso ter sido extremamente injusto com as pessoas que me amam e que só pensam no meu bem estar, mas a

verdade é que eu não estava e ainda não estou com cabeça para dar atenção a outro assunto que não seja Ângela Albuquerque, mais conhecida como a mulher da minha vida.

Tudo ficou em segundo plano e nem mesmo a expectativa pelo resultado da cirurgia foi capaz de gerar ansiedade. Quando chegou o dia tão esperado por mim e Ângela, há cinco dias, a alegria de todos à minha volta foi encoberta pela saudade que bateu mais forte e pela tristeza de não tê-la aqui. Ser a minha primeira visão foi o meu pedido e prometeu-me que nada a impediria de estar ao meu lado. E ela não estava ao meu lado.

Em um quarto onde a princípio

estávamos apenas eu e o Dr. Severo, que finalmente começou a desenrolar a faixa que por duas semanas cobriram-me os olhos e quando senti que não havia mais nada, permaneci por um tempo sem coragem de abri-los. Mantive-os fechados e só naquele momento parei para pensar o que o simples abrir de olhos significaria para mim.

Minutos de silêncio se passaram até que o Dr. Severo pediu-me para pouco a pouco tentar abri-los e durante o processo, aconteceu como ele disse que aconteceria. Me vi tendo de voltar a fechá-los por várias vezes, até estar acostumado com a pouca luz do ambiente. Depois de mais ou menos duas horas tentando adaptar-me

PERIGOSAS NACIONAIS

e seguindo todas as instruções do médico, a luz da sala foi gradativamente aumentando e foi só quando pude discernir cada objeto e móvel que compunham o quarto que a minha ficha caiu.

Eu tinha conseguido, estava conseguindo enxergar. Naquele momento eu só pude chorar. Pedi para ficar sozinho por um tempinho e ainda com a cabeça latejando pelo esforço e com a visão ainda embaçada, deixei que a emoção me tomasse. Em meio às lágrimas e sorrisos, me veio à mente todo o caminho percorrido até aquele dia. Lembrei-me de tudo o que sofri, da tentativa de reerguer-me e finalmente quando renasci para a vida, o dia em que percebi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que não pude negar o desejo e principalmente a paixão que eu nutria por uma garota petulante. Desde então, a cada novo dia ao lado dela sentia-me menos como o Bruno de antes, o que vivia pelas ambições profissionais e mais como o Bruno da Ângela, o que a duras penas aprendeu que nada é mais forte do que a força do amor, da certeza de que quando se é plenamente amado e aceito, o resto é consequência.

Sorri, chorei e guardei para mim a convicção de que nada será diferente dos nossos planos, pois ela será a minha primeira visão. Somente quando estiver vendo o meu pequeno e amado anjo na minha frente sentirei que isso

PERIGOSAS ACHERON

realmente está acontecendo. Será esse o dia em que estarei com os olhos sobre a pessoa que é todo o meu mundo e até poder tê-la diante dos meus olhos, nada disso fará sentido, é quase como ainda viver na escuridão, sendo guiado pelo desejo de estar com a minha mulher.

— Você deveria ir pessoalmente e tirar suas próprias conclusões.

— Oi? — A voz de trovão do homem me chama para a realidade, então me dou conta de que estive distraído, perdido nos meus próprios pensamentos, como não raramente tem acontecido ultimamente.

A imprensa está em polvorosa com o
PERIGOSAS ACHERON

agora ex-cego, Bruno Pires. A minha família está em festa e eu só penso em como chegar até a minha diaba. Há dias tenho pesquisado tudo a respeito do seu transtorno, aprendendo como e quando as crises acontecem e principalmente, tenho aprendido a melhor forma de ajudá-la, de ser o seu melhor remédio. Será tão amada e cuidada que não restará espaço para nada que não seja a felicidade plena.

— Vá até ela, hoje nada mais o impede de entrar naquele lugar e ver com os seus próprios olhos como tem passado a sua garota. — Observando-o parado à minha frente enquanto temos essa conversa no meio da sala do meu irmão, percebo que ele pegou num bom ponto. Sim,

PERIGOSAS NACIONAIS

porque já não existem mais motivos para eu estar parado e não correndo até onde ela está.

Hoje, dias após a intervenção cirúrgica ter sido considerada um sucesso pelos especialistas e de ter herdado óculos de grau como lembrança do que passei, sinto-me feliz por todos os dias abrir os olhos ao acordar de manhã cedo, poder olhar as horas, presenciar os raios do sol tentando invadir o quarto pelas frestas deixadas pela janela de madeira e principalmente, sentir que voltei a ser independente. Poder ser o que a minha mulher precisa. Justo no momento em que mais precisa do meu amor, força e apoio, eu estarei plenamente capaz de dar tudo isso a ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está certo, Russo — assevero ao homem que tem me ajudado a não enlouquecer. Através dele eu tenho estado ciente de tudo o que tem acontecido com Ângela na tal clínica disfarçada de fazenda de luxo e até mesmo por isso tenho me sentido mais próximo a ela. O papel de ir até lá e fazer o serviço sujo foi encarregado ao Erick e como não é de fugir de desafios, ele deu um jeito de ir até a clínica e sem dar maiores explicações dos meios usados, trouxe até mim um dos seguranças.

Por meio do Russo, soube que nos primeiros dias a minha namorada não foi vista pela fazenda, o que nos fez supor que ela permaneceu

trancada no pequeno chalé que aparentemente tem sido o seu refúgio. Esses foram os piores dias para mim, tive ganas de mandar tudo para o inferno e ir até ela. Na minha mente passou os piores cenários possíveis e isso só mudou a partir da segunda semana quando Russo afirmou que aos poucos ela começou a sair para fazer caminhada.

Expressão tristonha e muito quieta. Foram as palavras usadas por mais vezes do que posso contar. Russo deixou-me a par das suas atividades, do tratamento que vem fazendo com psicólogos, psiquiatras e terapeutas. Disse-me que tem andado a cavalo e aos poucos sua aparência torna-se mais saudável, ainda que os olhos não

consigam esconder a tristeza que ele supôs ser de saudade de mim, isso tendo como base o meu próprio estado de ansiedade e agonia.

— Nada impede que eu vá agora mesmo a acabar que esse tormento — confirmo, percebendo que o tempo de espera acabou.

Hoje eu vou ver a minha namorada e nada e ninguém impedirá que isso aconteça. Por algum motivo os pais dela barraram outras visitas que não sejam as deles mesmos, mas, para a minha sorte e azar deles, tenho ao meu lado o chefe da segurança e através dele chegarei até onde Ângela está.

— Estamos esperando o quê? —

Russo incentiva.

— Madrugou, meu irmão? — Felipe adentra a sala, agindo como se já não fosse dez da manhã. Ele certamente pode se dar ao luxo de ficar trancado com a esposa até essa hora, eu também faria o mesmo com a minha mulher, caso trabalhasse como programador de jogos eletrônicos e não tivesse horários tão rígidos a cumprir.

— E você, acordou para o almoço? — provoco.

— Bruno Pires, sempre tão simpático — brinca e como tem acontecido, permanece algum tempo olhando-me como se eu fosse uma vitrine. Felipe parece ainda não acreditar que eu

PERIGOSAS ACHERON

esteja enxergando tão bem quanto antes — apesar de ter herdado óculos de grau — e que esteja o vendo bem aqui, na minha frente, com a cara amassada.

Depois de vários dias ainda não consigo definir a emoção que tive ao poder vê-los novamente e do que lembro, ficou a sensação de que estava os vendo pela primeira vez, como pessoas desconhecidas sendo-me apresentadas. Na verdade tudo parece novo, mesmo que algumas coisas tenham permanecido iguais no decorrer de cinco anos.

— Hoje eu vou visitar a Ângela, irmão — revelo, olhando dele para o Russo.

— Acha que está na hora, que será bom para ela? — Sua questão faz-me parar pra pensar e não existe outra resposta a ela, além da que estou prestes a dar e decidido a colocá-la em prática.

— Sei que será bom para ela. Além de tratamento, Ângela precisa de amor e cuidado. Comigo ela terá de sobra, pois em mim não tem mais espaço para tanto amor que tenho guardado, apenas esperando a hora de ser liberado e essa hora chegou.

— Vá ser feliz, irmão. Ângela e você não merecem menos que isso. — Felipe abraça-me, dando tapas puramente masculinos no meu ombro.

— Vamos? — dirijo-me ao segurança e discreto, ele apenas acena com a cabeça e nos vira as costas, rumando para a porta.

— Boa sorte, Bruno. Manda um beijo para a minha cunhadinha.

— Pode deixar.

Assim que deixo a casa do meu irmão avisto Russo já entrando no veículo de vidros escuros e vindo pela calçada na minha direção, a mulher que não pensei encontrar, pelo menos não em ocasiões como essa em que o encontro não foi accidental.

— Carolina — cumprimento.

— Você está muito bem com esses óculos, ficou ainda mais charmoso — elogia a mulher muito bonita com os cabelos loiros e roupas de grife. Uma beleza clássica e aposto que bem diferente da minha chatinha de cabelos escuros. A única pessoa que ainda não conheço o rosto, pois mesmo que a curiosidade tenha batido forte, a um nível insuportável, eu me mantive firme na decisão de conhecer seu rosto somente quando também puder tocá-lo. Para mim que amei sem conhecer o físico, além dos toques, vê-la através de imagens seria como admirar a beleza de uma desconhecida. Tudo o que eu quero é beber da sua beleza, tocar enquanto aprecio, abraçar, ouvir o som da sua doce

voz. Saber que na minha frente e entre os meus braços está o meu pequeno anjo.

— Obrigado. O que faz aqui? — Sou direto, pois não vejo motivos para perder tempo quando poderia estar a caminho da clínica.

— Vim te visitar, saber como tem se sentido depois da cirurgia. — Age como se fôssemos bons amigos.

— Eu estou muito bem e como pode ver, estou indo visitar a minha namorada — mencionei, caso ela esteja com alguma ideia errada em mente.

— Quem, a pirralha Albuquerque? —

fingi surpresa. — Achei que o casinho havia terminado. É o que a mídia vem especulando ultimamente, afinal, que namorada sai em viagem quando o parceiro está passando por uma situação tão delicada e também pelo que tenho lido a sua namorada nem mesmo te visitou.

— Eu sei exatamente o que vem circulando por aí, Carolina. E já que está tão interessada na minha vida e relacionamento, diga para esse bando de urubus que o namoro vai muito bem e o caso, como você prefere chamar, não está nem perto de chegar ao fim, aliás, nunca vai chegar. O ex-cego e a pirralha Albuquerque ainda vão se casar e terão uma penca de filhos. Um bom

título não acha?

— Casar, você e ela? — A mulher age como se fosse um absurdo.

— Eu realmente estou com pressa. Obrigado pela visita. — Sigo meu caminho, deixando-a para trás e resmungando alguma coisa que não me interessa saber o que é.

Agora eu estou completamente irritado. Não com a mulher que não tem esse poder e sim por ter perdido preciosos minutos ouvindo bobagens que não tem um pinga de verdade. As fofocas teriam me irritado muito mais se eu não soubesse que é preferível ouvir esse tipo de bobagens a ter a mídia a par dos problemas que a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha Ângela tem enfrentado. Seria um desastre completo e o que ela menos precisa neste momento é desse tipo de atenção.

— Acelera, meu caro — peço, após bater a porta do carona.

Me espera, meu amor. Estou chegando!

PERIGOSAS ACHERON



Como um anjo



— Só te peço que tenha cuidado e seja o mais discreto possível. — Quando enfim chegamos a tal fazenda, o segurança deu o aviso, pois como é sabido por todos do lugar, Ângela Albuquerque não recebe visitas que não seja a dos

pais. Nada de parentes, amigos ou namorado, somente os pais. A exigência em si é muito estranha e ainda que eu não seja especialista no assunto e não tenha passado pela situação outras vezes, como aconteceu com eles, posso supor que ela esteja precisando do carinho de quem a ama e não de isolamento.

O tempo que tive para pesquisar, descobri muitas coisas e além do tratamento necessário, quem tem as crises precisa principalmente de apoio e amor. Uma atenção que não imagino como possa estar recebendo sem a presença da melhor amiga que por muito tempo foi e ainda hoje é o seu ponto de equilíbrio. Marina

PERIGOSAS NACIONAIS

tem estado muito chateada com a situação, sente saudades da amiga e por ela dá para se ter uma base de como o meu anjo deve estar se sentindo.

Quanto a mim, não consigo deixar de lado o egoísmo ao desejar que ela esteja sentindo a minha falta e desejando com todas as forças a minha presença do seu lado. É dessa forma que venho me sentindo a cada minuto longe dela. Uma agonizante espera, um doloroso afastamento que terá seu fim hoje.

Falta pouco e estarei finalmente conhecendo o meu anjo, pelo menos no que diz respeito ao aspecto físico, já que todas as outras nuances que me foram apresentadas em meses de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

relacionamento fizeram com que eu a amasse de uma forma que já não consigo imaginar a minha vida sem ela, o meu anjo de asas quebradas.

— Pode deixar meu caro — digo. — Obrigado pela ajuda — agradeço, pois sem ele seria muito mais difícil conseguir entrar aqui.

— Está vendo aquela ala? — Aponta para uma fileira de chalés, cinco no total, um colado ao outro. Fazendo jus à fazenda que até onde pude ver é um local extremamente luxuoso e bem cuidado. As pequenas moradias são aparentemente construídas em madeira, todos na cor marrom escuro. — O da sua namorada é o terceiro.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem, eu assumo a partir daqui — aviso.

— Vá para o chalé dela e mais uma vez: seja discreto — pede. — Ela deve estar com uma das doutoras, vou avisar que tem visitas.

Faz como planejamos e assim que ele vai, me encaminho para a pequena moradia e enquanto percorro a pouca distância que me separa do destino, tenho meus olhos atentos a tudo à minha volta. Reparo em como a grama parece macia e bem cuidada embaixo dos meus pés. As árvores frutíferas ao redor de um lugar que parece ser terras a perder de vista.

Eu poderia imaginar qualquer pessoa

sendo muito feliz em um ambiente como esse, isso se eu não soubesse que aqui também é uma clínica de reabilitação. Ângela e todas as pessoas que estão aqui devem ter seus motivos e aposto que nenhuma delas está a passeio.

Na frente da casinha, sinto sobre os meus ombros a tensão e a ansiedade de perceber que a hora chegou. O momento pelo qual venho desejando com tudo o que há em mim.

A verei com olhos que já não estão mais encobertos pela escuridão. O rosto e o corpo que as minhas mãos não se cansam de tocar e sabem exatamente a quão perfeita ela é. Uma das mulheres mais lindas do país é o que dizem e

felizmente, tenho o privilégio de saber que a beleza não é apenas física. Conheço e sei que Ângela Albuquerque é muito mais que as aparências querem supor.

— Oi — o cumprimento é dito baixinho e ouvir a doce voz traz uma eletricidade sobre o meu corpo, como se eu estivesse submerso por dias e agora emergindo para a superfície.

— Ângela — devolvo e sem coragem de mexer-me, permaneço de costas e com as duas mãos no bolso. Meu coração está a mil e a respiração difícil.

Ao tomar a iniciativa, minha pequena namorada encurta a distância e sem que outra parte

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do seu corpo esteja me tocando, ela deita a cabeça nas minhas costas e sentir o perfume dos seus cabelos faz-me compreender que tudo está bem ou pelo menos vai ficar.

— Eu sinto muito. — Sei que ela está chorando e como não posso suportar ouvi-la se culpando por algo que estava fora do seu controle, viro e o impulso faz com que eu dê dois passos para trás, terminando escorado na porta do chalé. Ainda bem que tenho em que me apoiar ou então, teria passado a maior vergonha da minha vida, neste exato momento.

Se eu achei que estava preparado, agora percebo que não poderia estar mais

PERIGOSAS ACHERON

enganado. Nada poderia me preparar para o impacto desse encontro.

Deus, como ela é linda!

Muito mais que na minha imaginação, do que tanto fantasiei sem parar por três longas semanas enquanto a agonia da espera esteve a ponto de me levar à loucura.

Não existe exagero por parte de quem a considera umas das mulheres mais lindas do país, pois Ângela Albuquerque não é nada menos que a exata definição da palavra perfeição.

Perfeita e minha, somente minha e de mais ninguém. Tão minha quanto uma pessoa pode

pertencer a outra, sem desprender-se de si mesma.

Do turbilhão de pensamentos e sentimentos que tomam conta da minha cabeça e coração, fica a constatação de que o seu apelido não poderia ser mais adequado. Ela é como um anjo. A começar pela pele branquinha e sem qualquer mácula ou resquícios de maquiagem. Os cabelos tão escuros formam o conjunto perfeito com os enormes e expressivos olhos tão azuis como o céu em dia limpo. A boca pequena e os lábios cheios são naturalmente vermelhos e formam o conjunto completo de um rosto perfeito.

Desço os olhos lentamente pelo corpo da minha mulher e entendo o porquê de ser tão

viciando nele. Um delicioso vício da qual não quero jamais me livrar. Ela é naturalmente magra, tem os seios médios e nem precisa estar de costas para eu ter a certeza de que tem a bunda tão linda quanto todo o resto que os meus olhos puderam alcançar.

Pelo que imagino terem sido vários minutos, permanecemos em silêncio, eu bebendo da sua beleza estonteante e ela me fitando confusa e com os olhos vermelhos pelas lágrimas.

Meu pobre amor, como eu te amo. Se soubesse o quanto, não estaria com a sombra do medo estampado no seu rosto.

— Vem, amor — digo somente e ao

PERIGOSAS NACIONAIS

abrir os braços, ela sorri entre lágrimas e não titubeia antes de se jogar nos meus braços, abraçando-me com força, pelo menos com todas as forças que tem no momento.

Quando todos os sentimentos transbordam de uma vez só, faço como ela e permito-me chorar. São lágrimas que falam de saudade, alívio e alegria, essa em saber que não importa o quão árdua seja a nossa luta, se estivermos juntos, sairemos vencedores e mais fortes. A mim cabe o dever de garantir que ninguém, sob nenhuma circunstância nos separe novamente.

Aos poucos fomos nos afastando e

PERIGOSAS ACHERON

ainda com o braços em volta da sua cintura coberta pelo tecido leve do vestido longo e esvoaçante, analiso seu rosto mais de perto e dessa forma, ela parece ainda mais linda. Um anjo. O meu pequeno anjo.

— Você é tão linda.

— Eu não posso acreditar que esteja mesmo acontecendo. Você está mesmo me enxergando? — Soluçando e fazendo um biquinho fofo, ela faz carinho no meu rosto e na barba por fazer. Analisa os meus olhos com atenção e recomeça a chorar.

Ângela está muito sensível e nem ao menos sei se é algo relacionado às crises ou por

PERIGOSAS ACHERON

outro motivo que não imagino qual seja.

— Estou sim, amor. Nenhuma das minhas fantasias fizeram jus a realidade. Você é tão linda, tão minha. — Com carinho, seco seu rosto úmido. No processo sigo beijando por cima dos olhos, como tantas vezes ela fez comigo. — Me vejo com cabelos brancos muito antes da hora, pois você me fará muito ciumento.

— Não diz isso, Bruno. — Encabulada, ela esconde o rosto no meu peito e agora percebo o quão mais baixa do que eu ela é. — Estou de cara lavada, toda desarrumada. Planejei tanto esse momento...

— O que importa é estarmos juntos,
PERIGOSAS ACHERON

princesa — afirmo, sem conseguir afastar minhas mãos do seu corpo ou deixar de olhar o seu rosto, pois, de todos os benefícios que o retorno da visão poderia trazer, nada me trouxe mais ansiedade do que conhecer o rosto da minha Ângela.

Desde o início desconhecer a sua aparência física nunca foi um fator determinante, pois antes de tudo, amei a pessoa que ela é. Depois, quando a sua empolgação se tornou contagiante e ela esperava com expectativa e até certa insegurança pelo dia em que eu veria o seu rosto, passei a nutrir o mesmo desejo, o de dar rosto à beleza que o meu toque já tinha atestado.

— Eu senti tanto a sua falta. — Volta

PERIGOSAS NACIONAIS

novamente a chorar ao abraçar-me outra vez, deitando a cabeça no meu peito e por mais que eu saiba que isso se deve ao momento, a sensibilidade excessiva traz uma ponta de preocupação. — Passou tanta coisa pela minha cabeça. — Ela soluça e chora copiosamente. — Pensei que talvez você tivesse desistido de mim, que não queria estar ligado a uma pessoa que... que... — Sente dificuldade em completar o raciocínio e ao carinhosamente afastar seu rosto do meu peito, percebo que seu olhar está perdido e o rosto parece se contorcer em sofrimento.

— Amor — chamei baixinho e com carinho. — Olha para mim, princesa. — Fazendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carinho no seu rosto, beijo mais uma vez seus olhos, o canto da boca e como mágica, levanto a cabeça e vejo o momento em que ela parece despertar para a realidade e seus olhos enfim focam nos meus. — Eu jamais desistirei de você, essa possibilidade simplesmente não existe. Eu prefiro perder um braço a ter de viver mais um dia sequer longe de você. Diz que está me entendendo, Ângela, fala — ordeno, segurando os dois lados da sua cabeça, encarando-a de perto e tendo seus enormes olhos azuis a me fitar com genuína adoração.

— Eu te amo tanto, não teve um segundo nesses dias torturantes que os meus

PERIGOSAS ACHERON

pensamentos não tenham estado em você. Jamais me perdoarei por ter esquecido a sua cirurgia.

— Não pense mais nisso, o importante é que agora eu estou aqui e não vamos mais nos afastar, meu anjo de olhos azuis.

— Nunca mais! Se você me aceitar toda errada, como deve ter descoberto que sou, não te solto nunca mais. — Minha namorada já não chora mais e o fungado advindo de choro praticamente já não se ouve.

— Você não é toda errada. É perfeita em todas as suas imperfeições e se alguma coisa mudou desde a leitura daquela carta, foi o meu amor por você, pois hoje, eu te amo muito mais que

PERIGOSAS ACHERON

ontem e menos que amanhã. Você é a fórmula perfeita da minha felicidade.

— E você da minha, meu advogado fodão. — Vejo a sombra de um sorriso no seu rosto e ainda estamos agarrados na porta do seu chalé. É assim que prefiro estar pelos próximos dias, matando a saudade que quase me levou à loucura. — Você está ainda mais lindo com esses óculos e essa barba por fazer.

— Imagina só quando ela estiver roçando no meio das suas pernas, quando a minha boca... — Estava levando o elogio para outro lado, mas fui impedido pela pequena que se apressa em tapar a minha boca. Ao fazer isso, ela olha de um

lado para o outro, provavelmente por temer que sejamos pegos.

A alegria do reencontro foi tamanha que até esqueci dos cuidados que precisamos ter e com certeza ficarmos vários minutos aqui fora não é uma forma de mantermos a discrição.

— Me leva para dentro?

— Dentro? — Vejo que ficou confusa.

— Primeiro para dentro do seu chalé.

— Como costumo fazer quando quero lhe provocar, falo baixinho no seu ouvido e dou o golpe final. — Depois para dentro de você. Estou

cheio de saudade.

— Eu também. Não tem ideia do quanto. — Ângela primeiro solta as minhas mãos e ao virar as costas, volta a enrolá-las em torno da sua cintura.

Ao darmos os poucos passos até o interior do pequeno abrigo, tenho a mente vazia e o coração cheio. Cheio de contentamento e bons sentimentos, pois apesar de saber que ainda temos muito a conversar e a esclarecer, tenho também a certeza de que tudo ficará bem.

— Espero ansioso pelo momento em que você demonstrará para mim o tamanho da sua saudade. — São minhas últimas palavras, antes que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a porta de madeira se fecha às nossas costas.

PERIGOSAS ACHERON



Matando a saudades



Parece ser mentira, como um sonho bom que o subconsciente dá como prêmio durante as noites frias e solitárias.

Assim que a porta se fecha isolando-nos do mundo lá fora, Bruno varre o local com os

olhos e quando retorna ao meu rosto, o sentimento é o mesmo de quando o encontrei de costas, à minha espera.

Vê-lo novamente e sentir o seu abraço protetor foi como voltar para casa novamente, depois de vários dias perdida. O vazio da minha alma foi preenchido e no fundo sei que os dias de tormenta estão chegando ao fim, já que nada é tão ruim quanto estarmos afastados por tanto tempo, que a agonizante espera de não saber qual teria sido a sua reação ao saber o que por tantos meses mantive escondido finalmente terminou.

Sem que eu mereça tamanha consideração, Bruno até o momento só me deu

PERIGOSAS ACHERON

carinho e provas de que a espera valeu a pena. Fantasiei com esse reencontro e em nenhuma delas ele estava enxergando, o que só prova que a realidade veio como um doce presente.

— Gostei desse lugar, parece confortável. — Enquanto fala, meu belo namorado que conseguiu ficar ainda mais deslumbrante com os óculos de grau e a barba por fazer, segura a minha mão e me puxa outra vez para dentro do seu abraço.

— Eu gosto — confesso. É aqui, nesse cômodo que tem somente o tamanho necessário para comportar itens para as minhas necessidades básicas, onde me sinto bem. Onde não

preciso fingir e apenas sentir, deixar que os meus pensamentos e sentimentos me levem aonde não posso ir. — Não tanto quanto gosto do seu apartamento — confesso, lembrando-me de termos ficando muito por lá nos últimos dois meses antes da sua cirurgia e minha internação. Passei a sentir como se fosse o meu verdadeiro lar, de uma forma que há muito tempo não sinto dentro da mansão.

— Nosso — corrige. — E saiba que eu não consegui pisar lá, depois que você veio para a clínica.

— Pobrezinho. — Ao ficar na ponta dos pés, retiro os óculos do seu rosto e o coloco sobre a pequena mesa, posicionada bem próxima de

PERIGOSAS NACIONAIS

onde nós estamos, ou melhor, aqui tudo está próximo, já que as acomodações são bem pequenas.

— Quero olhar para os seus olhos para sempre.

— E eu para os seus, meu anjo.

— Tenho tantas coisas para te falar que nem sei por onde começar.

— E eu vou te ouvir, amor. Não quero que existam mais segredos entre nós, ainda mais esse tipo de segredo — pede, ao passo que as mãos passeiam carinhosamente pelas minhas costas. — Eu preciso conhecer tudo sobre você, mas não nesse momento.

— Não? — indago, curiosa.

PERIGOSAS ACHERON

Pela gravidade de tudo o que escondi e do que elas significam para a nossa relação, imaginava que ele estaria ansioso para falar sobre o assunto o mais rápido que pudesse.

— Tudo o que eu preciso no momento é sentir você. Tocar o seu corpo, beijar cada pedacinho dele e matar a saudade que a sua ausência deixou. Foram dias de angústias e o meu único consolo foi saber que voltaríamos a estar juntos em algum momento, porque nós não nascemos para ficarmos separados, amor. — Ao declarar sentimentos que deixam meu coração leve, ele aproveita o momento para subir uma das mãos pelas minhas costas e lentamente descer o zíper do

meu vestido que desce até a cintura.

— Nos meus sonhos você era tão safado quanto as minhas lembranças de um recente passado, regado a muito sexo e promessas sujas ao pé do ouvido.

— Teve sonhos eróticos? — minha confissão capta a sua total atenção que até então estava em tentar me despir o mais rápido que pode.

— Muito, principalmente na última semana — afirmo, achando curioso o fato de ter tido e percebido vários comportamentos diferentes nos últimos dias e talvez isso se deva a minha melhora e ao fato de me sentir mais como eu mesma e menos como uma estranha dentro da

PERIGOSAS ACHERON

própria pele.

Percebi minha mente menos perturbada, mas em contrapartida os sintomas físicos começaram a se apresentar. Sofri dois desmaios que foi entendido como queda de pressão, decorrente do uso dos vários remédios combinados, além das ânsias de vômitos, uma vez que aparentemente meu organismo não suporta mais o cheiro do tempero utilizado no preparo das refeições.

O lado bom das mudanças foi a tomada de consciência sobre o meu próprio corpo. Comecei a ter sonhos eróticos que envolviam Bruno e eu em meio a transas mais quentes e

quando despertava, era somente para me perceber muito sensível e excitada. Nas — muitas — vezes em que os sonhos aconteceram, eu acordava muito excitada e não tinha alternativa que não fosse resolver o problema com rapidez e eficiência. Depois de gozar chamando incansavelmente o nome do meu Bruno, retornava à amarga realidade de estar sozinha e a saudade ainda maior.

— Como eram esses sonhos, me fala?

— Ele me provoca, terminando de descer as mangas do vestido pelos meus braços e quando eles caem como um bolo de tecido nos meus pés, seus olhos medem meu corpo da cabeça aos pés. Quando voltam para o meu rosto, eles parecem em

PERIGOSAS NACIONAIS

chamas. Bruno não consegue esconder o seu apreço pelo que vê e se não fosse isso estampado no rosto, descer o olhar até a frente do seu short e avistar a ereção teria lhe entregado. — Eu pensava que você era gostosa, mas ver de perto, além de tocar, é muito melhor. Você é muito, muito gostosa, meu amor. Quero adorar o seu corpo, todos os recantos dele até que ele saiba que você me pertence. A sua beleza é apenas para os meus olhos que só agora podem apreciá-la.

— Bruno, quando você diz essas coisas eu fico doida — confesso, olhando para a sua roupa e imaginando a melhor forma de tirar toda ela o mais rápido possível.

PERIGOSAS ACHERON

— Essa é a minha intenção —
confessa e enxergar, além de poder tocar, só deixa a
sua expressão ainda mais sacana no rosto. — Eles
parecem maiores ou é só impressão minha? — Da
minha calcinha bege e bem confortável, Bruno sobe
para os meus seios e chega à conclusão, depois de
segurar um deles com a mão. — Parece mais
pesado.

— E sensível também — completo,
depois de sentir um leve incômodo quando ele toca
o mamilo.

— Sabe a razão disso? — Com
carinho, ele abaixa a cabeça e cuidadosamente dá
dois beijos, um em cada lado do seio cheio e o
PERIGOSAS ACHERON

terceiro sobre o mamilo intumescido. — Tão lindos. — Olha com fascínio para o que eu sempre soube ser uma das suas partes preferidas do meu corpo. Bruno é capaz de passar horas brincando com os meus seios, sem nunca se cansar.

— Não faço ideia, deve ter a ver com o estresse das últimas semanas — minto, ainda não querendo revelar para ele as minhas suspeitas. Já basta eu cheia de expectativas quanto a uma possível gravidez. Seria muita maldade colocar tal ideia na cabeça dele, enchê-lo de esperança e expectativa, para depois descobrir que estava enganada. Como a doutora falou, tais reações do meu corpo também podem estar relacionadas ao

tratamento e não necessariamente à uma gravidez.

No fundo eu sei que é o nosso bebê quem está aqui dentro, sendo amado em segredo, apenas pela mamãe, pelo menos por enquanto. Sei que o Bruno não quer que existam mais segredos entre nós e eu também não quero, mas dessa vez eu sei que é por um bom motivo, até porque, eu até posso ter certeza de que estou grávida, mas, até que ponto é seguro para uma pessoa doente como eu acreditar nas próprias impressões?

É só olhar em voltar e notar onde estamos para se chegar a uma resposta óbvia.

— Eu vou cuidar deles — afirma, tirando a própria camisa, dando-me de presente a

PERIGOSAS ACHERON

visão do belíssimo abdômen.

Como senti saudade dessa visão. O período de abstinência não fez nada além de deixar-me ainda mais ferosa e louca por esse homem. Pela pegada bruta, o sexo quase sempre duro e até mesmo as mordidas que logo são aliviadas pela língua quente e perita em dar-me alívio, de todas as formas possíveis e imagináveis.

— Vem cuidar. — Dou-me o direito de ser ousada e apesar de tudo, a forma de ele me olhar faz com que eu me sinta feminina e desejada. — Sou toda sua.

— Você é sim e em breve todos saberão o quão profundamente minha é. — Agora o
PERIGOSAS ACHERON

meu amor tem as mãos no zíper da calça e sob o meu olhar atento, ele faz questão de descê-la com cueca e tudo.

— Nós teremos de ser silenciosos dessa vez, amor. — Acho importante avisar, pois além de não sermos um casal discreto, preciso lembrá-lo de que não estamos no nosso apartamento e sim em uma clínica, onde de um lado e do outro existem pessoas que podem nos ouvir e entregar o que aqui acontece.

— Isso acaba hoje mesmo, eu não vou visitar a minha mulher às escondidas, como se fosse um criminoso.

— Não vá arrumar problemas,
PERIGOSAS ACHERON

querido. Não quero nem pensar na ideia de ficar sem você novamente — revelo meu temor quando ele chuta a calça e cueca para longe, pegando-me nos braços e nos encaminhando para a cama de solteiro que está poucos passos de onde estávamos.

Ao deitar-me de costas sobre a cama, deixa o rosto bem colado ao meu e olhando-me nos olhos, promete.

— Não vai acontecer, esqueceu que eu sou o seu advogado fodão?

— É sim, fodão e parece o Superman — elogio, pois com os óculos o meu namorado lembra o super-herói quando disfarçado de repórter. Para ficar idêntico ao super-herói das telonas só

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

falta tirar a barba e essa, eu espero que ele não faça tão cedo.

— O que veste a cueca por cima das calças? — debocha, já com o corpo pairando sobre o meu e a boca chupando a veia do meu pescoço.

No toque ele faz a pressão necessária para deixar a pele marcada. Eu não digo nada e deixo que faça como tem vontade, pois entendo muito bem o que ele sentiu com a separação forçada. Bruno tem a necessidade de deixar a sua marca e nem posso julgá-lo, pois em mim existe o mesmo desejo de cravar os meus dentes no pescoço grosso para que o mundo entenda que ele tem uma mulher.

PERIGOSAS ACHERON

— Você é muito mais sexy —
garanto, ao senti-lo se arrastar pelo meu corpo até
estar com a cabeça na altura do meu sexo coberto
pela calcinha bege e bem diferente das pequenas e
sensuais que costumo usar. Mas, o que posso fazer
se não estava esperando pelo meu namorado muito
gostoso e plenamente capaz de enxergar a calcinha
da vovó. — E desculpa não poder dizer o mesmo
da minha calcinha.

— Você não está menos gostosa do
que estaria se estivesse com umas daquelas
minúsculas que parece usar com o intuito de levar-
me à loucura. Além do mais, o que importa é o
presente que tem dentro desse embrulho, a minha

PERIGOSAS NACIONAIS

bocetinha que deve estar esfumaçando de tanto tesão acumulado.

— Os sonhos foram de certa forma um alento e um tormento. Eles me lembravam do quão bom somos juntos, mas depois do alívio raso, a saudade batia com mais força — lamento-me, levantando o bumbum do colchão para que ele retire a única peça que restava.

— Meu pobre amor. — Beija o osso do meu quadril e promete: — Eu vou cuidar de você, de todas as formas que você precisar. E a partir de agora, vou encarregar-me de curar a carência que a dor do afastamento deixou no seu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

— É tudo o que eu preciso —
confesso.

Bruno volta a arrastar-se, dessa vez para cima e quando abocanha os meus lábios, ele os beija com calma, degustando e agindo como se fosse o nosso primeiro beijo.

Emociona-me a constatação por saber que para ele é justamente essa a sensação, como se fosse a primeira vez.

— Ângela Albuquerque. — Depois de um tempo, Bruno olha-me nos olhos e se assegura de que tem a minha inteira atenção. — Eu amo você. Esses foram os piores dias da minha vida. Nem quando estive sobre aquela cama e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

descobri que estava cego me senti tão mal.

— Não me deixa, nunca — suplico,
sentindo a necessidade de ouvir da sua boca.

— Jamais, meu pequeno anjo —
promete, levando a mão esquerda ao meu sexo e
superficialmente verificando se estou
suficientemente preparada para recebê-lo. — Não
chora novamente, eu sei que está com vontade só
por esse biquinho que está fazendo agora.

— Não vou chorar — asseguro, pois
sua fala já me arranca sorrisos ao invés de lágrimas.

Malditos hormônios!

Eu nunca fui tão sensível assim e hoje

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não fiz outra coisa além de me desmanchar em lágrimas.

— Não, agora eu só quero amar você, todinha — assevera, levantando o quadril o suficiente para encaixar a ponta do sexo na minha entrada, e aos poucos vai me invadindo, sem nunca desviar o olhar do meu rosto. — Tão apertada... Porra, amor! Foram apenas três semanas. — Todo dentro de mim, ele começa a se mover vagarosamente, num gostoso vai e vem.

— Parece que foram anos — reclamo, sentindo minha pele arrepiar-se quando segura meu seio com possessividade e o beijo no bico rijo deixa-me ainda mais excitada.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está protegida? — Depois de vários minutos, quando os movimentos de entrar e sair já estão mais frenéticos e os nossos corpos mais suados, ele se lembra de perguntar.

— Estou... — minto, pois se já estiver grávida não tem razão para tal preocupação e se não estiver, essa será a chance de tornar a fantasia realidade. — Deus, Bruno...

— Eu sei bebê, eu também estou prestes a explodir. — Penetra-me com mais força e rapidez e quando passa a estimular o clitóris, gozo e o carrego junto comigo que despeja o seu sêmen quente e viscoso dentro de mim.

Úmido e ofegante, o meu homem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deita-se do meu lado, liberando o bem-vindo peso que até então esteve sobre mim.

— Jamais esquecerei a primeira vez em que vi a minha mulher com o rosto contorcido de prazer. A visão mais bela do mundo e somente para os meus olhos.

— Se você quiser, nós temos o dia todo de mais visões como essa — insinuo, deitando a cabeça sobre o peito liso e suado.

— O dia todo? — questiona animado, ao levantar seu queixo e analisar meu rosto.

— Para todos os efeitos, eu terminei as atividades do dia e estou tendo a minha tarde de

PERIGOSAS ACHERON

descanso na privacidade do meu pequeno chalé — digo, descendo a mão pelo abdômen firme, no final agarrando o seu pau que ameaça voltar à vida entre os meus dedos.

— De novo? — surpreende-se com a minha disposição.

— Eu disse que estava com saudade — justifico, mortificada de vergonha.

— Você está corando como uma virgem — fala encantado, observando cada pequena nuance das minhas expressões corporal e facial. Para mim está sendo um prazer ser o alvo do seu deslumbre com cada nova descoberta. —

Quando na verdade é a minha garota safada e

insaciável.

— Se você não quiser...

— Tudo o que eu quero é passar o dia inteiro dentro de você, amor. — Se apressa em falar e agir, ao trazer meu corpo para cima do seu e pedir. — Sou todo seu, me leva para dentro de você. Tome tudo o que tiver vontade.



Fúria



Como um perfeito anjo, a expressão serena no rosto e a pequena mão sobre o meu peito, a minha menina dorme tranquila e eu já nem sei há quanto tempo estou assim, velando o seu sono e admirando-me do quão frágil ela parece ser. Tão

PERIGOSAS ACHERON

pequena e delicada que aparenta ter menos idade do que na verdade tem.

Diabinha ela é só na cama mesmo, é essa a conclusão a que chego agora que além de sentir, pude enxergar todas as suas nuances e camadas até pouco tempo escondidas de mim e até mesmo da melhor amiga, a pessoa mais próxima a ela antes da minha entrada na sua vida. A força e ousadia poucas vezes aparecem e quando acontece, é apenas em momentos de intimidade entre nós. Fora do quarto dou-me conta de que se for parar para pensar, ela mais age como uma pessoa retraída e até mesmo quieta do que como o furacão que à primeira vista imaginei que fosse. Era a imagem

PERIGOSAS ACHERON

que por muito tempo cultivei dela.

Se ela foi moldada para ser assim ou a Ângela vivaz e ousada de dois anos atrás era apenas uma tentativa de ser a pessoa que na verdade não é, eu ainda não sei, mas não descansarei até desvendar cada um dos seus segredos, pois a única certeza que tenho é a de que ela ainda não se revelou por completo. De tudo o que sofreu desde a infância e vem sofrendo até agora, tenho a impressão de que a família está diretamente envolvida.

A mãe não titubeou em mentir ao dizer que ela tinha decidido viajar no dia da minha cirurgia, não se importando como isso poderia parecer. O pai, esse teve a coragem de ir até a casa

do casal açúcar, entregar a carta para um funcionário e nem ao menos teve a capacidade de entrar e dar uma explicação para a pessoa que ele deveria ser grato por ter feito tanto pela filha. O primo, um cara que está diretamente envolvido com uma tentativa de assassinato e eles aparentemente não viram problema em colocá-lo dentro de casa, perto da filha que precisa de amor e cuidado e não de uma pessoa tão ofensiva a sua volta.

— Meu amor, eu quero tanto cuidar de você — falo baixinho, fazendo carinho na pele alva e macia do seu rosto que dorme sereno, depois de ela ter abusado do sexo. Não digo nós dois, pois apesar de estar tão insaciável quanto ela na busca

de recuperar o tempo perdido e matar a saudade, a minha gata elevou o termo insaciável para outro patamar e só deu-se por satisfeita quando se viu aos frangalhos, toda descabelada e pingando suor.

Hoje Ângela parece especialmente mais fogosa do que costuma ser e isso nem é uma reclamação. Por mim ela pode viver assim e se morrer de tanto foder, morrerei sorrindo.

— Se deixar, te farei tão feliz que não haverá espaço para crises, apenas para o nosso amor. Eu, você e a família que nós iremos construir — prometo.

Quando ela se mexe, deita-se de costas sobre a cama, dando-me a visão completa do

PERIGOSAS ACHERON

seu corpo e o meu olhar cai direto na barriga lisa e plana. Involuntariamente, a minha mão vai até ela e enquanto a aliso com carinho e cuidado para não acordá-la, uma ideia começa a se formar na minha mente. Algo definitivo, mas que me deixaria mais seguro e com a certeza de que nos separar não seria assim tão fácil, caso alguém ouse tentar.

É óbvio que é um plano idiota e certamente não irá para frente. Ângela passa por uma fase muito complicada e não sei até que ponto a responsabilidade de carregar um filho no ventre poderia ser bom para ela.

Esse sou eu tentando ser responsável, então, por que de repente sido o meu sorriso se

PERIGOSAS NACIONAIS

abrir, o coração aquecer e um desejo surgir só de imaginar a minha mulher com a barriguinha cheia, carregando no ventre o nosso bebê?

— Bruno — Ângela grita, sentando-se de repente e fazendo com que eu quase caia da cama pelo susto que tomei. Assustada, ela olha de um lado para o outro e quando se depara comigo do seu lado, no mesmo lugar onde estava quando ela caiu no sono, seu corpo imediatamente relaxa e um tímido sorriso se abre.

— Deita aqui, amor — chamo e Ângela volta para os meus braços, deitando a cabeça na curva do meu pescoço e o corpo totalmente relaxado.

PERIGOSAS ACHERON

— Já é noite? — indaga e olhar para o seu rosto é vê-lo corando pela vergonha de ter perdido a noção do tempo, depois de horas entretida com sexo.

— Está quase e você, não sente fome? — pergunto, preocupado e só agora me lembrando de que nós dois estamos sem almoçar, já que a fome por sexo pareceu ser mais urgente. — Estou preocupado, não quero que a minha garota de alimento só de sexo.

— Estou com muita fome — confessa. — Deixa eu me vestir e em dois tempos busco alguma coisa pra nós comermos na cozinha da sede — avisa, pulando da cama e dando-me o

prazer de vê-la colocar o mesmo vestido que mais cedo tirei.

— Vai sair sem calcinha? —
questiono, sentindo-me ciumento e possessivo. Para falar a verdade eu sempre me senti assim, mas agora, podendo enxergar o quão fascinante ela é, os sentimentos elevaram-se a máxima potência.

— Volto em um minuto e, além disso, para que colocar calcinha, só para você ter o trabalho de tirá-la novamente? — A garota safada lança uma piscadela e antes de sair, aproxima-se e deixa um beijinho na minha boca.

Sozinho, olho melhor para o lugar que tem sido a sua casa, notando inclusive que existe

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma pequena e equipada cozinha que obviamente nunca foi usada por ela. O que é um grande alívio, já que a minha namorada não é uma pessoa exatamente habilidosa na cozinha.

Depois de alguns minutos, Ângela voltou com uma bandeja farta de todo o tipo de alimento que certamente serviria como nosso almoço e janta. Entre alimentarmos um ao outro e não pararmos de namorar nem mesmo enquanto fazíamos a nossa refeição, Ângela e eu ainda ficamos um tempo em silêncio, eu sentado sobre o sofá único e de dois lugares e ela sobre as minhas pernas e a cabeça deitada no espaço entre o meu pescoço e ombro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando o silêncio deu lugar a fala, entendemos que havia chegado a hora de conversar sobre tudo o que ainda estava para ser dito e durante horas foi isso que fizemos.

Ângela revelou como era a sua infância, riu saudosa da criança que um dia foi, da menina que só queria ser livre para ser ela mesma, até o dia que uma fatalidade levou dela o irmão gêmeo. De tudo o que revelou, ficou muito claro que os pais dela são os principais culpados das crises terem começado quando a garota ainda nem tinha a capacidade de compreender as coisas mais básicas da vida.

Colocaram sobre os seus ombros

PERIGOSAS ACHERON

frágeis a responsabilidade de uma morte, sem ter a menor responsabilidade emocional com os sentimentos da própria filha. O mais triste a respeito da forma como a Ângela vive, é perceber que a fizeram acreditar que é realmente a culpada pela morte do irmão, pela saúde do pai e por tudo de ruim que acontece com a família.

Eles deveriam apoiá-la, porra! É o que tive vontade de gritar a cada nova informação dada por ela.

Aos seis anos as crises começaram e ao invés de dar amor e carinho, a maior preocupação deles foi manter as aparências de família perfeita e assegurar que estivesse apenas

bem o suficiente para não envergonhá-los perante as câmeras e os diversos eventos que lhe obrigaram a participar, sem se preocuparem se era isso que ela queria.

Depois de tudo, chego à conclusão de que Ângela foi moldada para ser a herdeira perfeita aos olhos do mundo, quando por dentro, estava cada vez mais insatisfeita e quebrada. Deixaram que a situação chegasse longe demais e hoje ela está aqui, longe deles, dos amigos e se dependesse deles, longe de mim também.

Minha namorada explicou-me que para as crises mais graves existe sempre um fato motivador, e quando ela se recusou a revelar o que

PERIGOSAS NACIONAIS

houve dessa vez, só pude presumir que algo muito grave e traumático aconteceu.

— Estou preocupado, querida. —
Levanto seu rosto, vendo quando uma grossa e solitária lágrima escorre. — Fala para mim o que fizeram com você.

— Não quero que se meta em problemas por minha causa — revela seu medo.

— Prometo que não vou, só quero cuidar de você, mas para isso você tem de falar comigo.

— Eu me lembro de estar no meio de um pesadelo e quando acordei... — Não consegue

PERIGOSAS ACHERON

prosseguir, pois já está chorando copiosamente e sem que eu estivesse esperando, levanta-se do meu colo, indo para longe, como se não suportasse ser tocada. — Ele estava em cima de mim, passando a mão sobre o meu corpo.

— Eu vou acabar com a vida daquele desgraçado. — A fúria me toma por completo e sem pensar, viro as costas e saio do chalé.

Na minha mente tudo o que restou foi a projeção do filho da puta com as mãos imundas em cima da minha mulher, abusando dela quando nem bem conseguia se defender. Só penso em caçar ele até no inferno se for preciso e é isso que estou prestes a fazer quando o som de um choro sofrido

PERIGOSAS NACIONAIS

invade-me a mente. Neste momento, a raiva transforma-se em dor e as minhas pernas não parecem rápidas o suficiente em alcançar o meu anjo ferido.

A encontro sentada no chão, toda encolhida, enquanto tem a cabeça deitada sobre o assento do sofá. Está chorando muito, um choro sofrido que tem o poder de destruir o meu coração.

Sem dizer uma palavra, sento-me do seu lado e com as costas apoiadas no sofá trago o pequeno e frágil corpo para cima do meu, sentando-a de frente e por um tempo, apenas lhe abraço apertado, deixando que as suas lágrimas aliviem a dor que está sentindo.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele... — Tento fazer a pergunta mais difícil, mas parece impossível quando a minha garganta se fecha.

— Não fez nada, pois mesmo em choque, usei as poucas forças que me restavam e lutei, pedi por socorro.

— Você é uma lutadora, amor. — Levanto seu rosto do meu ombro e ao assegurar que ela esteja me ouvindo bem, continuo: — Não percebe, mas você é a pessoa mais forte que eu conheço e isso me enche de orgulho. — Beijo os olhos e o rosto úmido, pensando que se não for agora, não irei descansar até ver o infeliz atrás das grades, pagando por todos os seus crimes e

PERIGOSAS ACHERON

aprendendo da pior forma que não se deve tentar tocar uma mulher contra a sua vontade.

— Não sou forte e lembrar disso faz com que eu me sinta suja — lamenta e o corpo está todo tenso.

— Não faz assim, amor — peço, descendo novamente o zíper do longo vestido. — Eu vou tocar em cada pedacinho do seu corpo, até que da sua mente seja apagada a lembrança de outras mãos que não sejam as minhas te tocando. — Quando ela levanta os braços, termino de tirar o vestido. — Vou te chupar todinha e também morder, você quer? — Me insinuo, querendo além de tocá-la, distrair a sua mente de um assunto que

PERIGOSAS ACHERON

só traz sentimentos ruins e para isso, creio que não exista melhor forma de distração do que tentá-la com sexo.

— Você gosta de morder, não é mesmo? — Ainda tem a voz embargada por causa das lágrimas e o rosto rubro, mas felizmente, já não chora mais e até ensaia um sorrisinho.

— Sim, gosto de pensar que estou te marcando como minha — explico, olhando para o pescoço que tem uma mancha avermelhada e olhá-la faz com que eu me sinta subitamente mais excitado. Não sei se ela chegou a ver a marca e se viu, preferiu não comentar. A verdade é que preciso tomar cuidado, agora que tenho uma ideia melhor

PERIGOSAS NACIONAIS

do quão fácil é deixar sua pele marcada com os meus tapas, lambidas e também mordidas.

— Possessivo.

— Sempre. — Ao deixá-la melhor acomodada sobre as minhas pernas, pego seus seios, brinco com um e quando levo um gêmeo a boca, ela dá um leve sobressalto, o que me coloca em estado de alerta.

— Dói?

— Um pouco. Parece sensível.

— Temos que ver isso, amor. Não quero te machucar de maneira nenhuma.

— Só vai machucar se ficar longe de

PERIGOSAS ACHERON

mim — afirma, levantando a bunda das minhas pernas, descendo a frente da minha cueca e levando a cabeça robusta até a sua boceta.

Aos poucos, ela desce sobre o meu pau, até se ver completamente empalada e cheia de mim.

— Não vai mais acontecer. — Tenho dificuldade de falar e sinto os músculos do meu rosto rígidos, se contorcendo de tensão quando a safada passa a sensualmente rebolar. — Lembrei de algo. — Sigo o papo na tentativa de distrair-me e não acabar gozando, o que terminaria com a festa dela antes do tempo.

— Depois, Bruno. — Ela acelera e

PERIGOSAS ACHERON

porra! Eu vou explodir.

— Você prometeu que me deixaria comer seu cu e como pode ver, já cumpri a minha parte no trato. — O plano tem efeito contrário, já que a surpresa faz com que ela sente de uma vez e eu acabo gozando como um louco. Foi tanta porra jorrando dentro dela que se a minha garota não estivesse protegida, teríamos feito o nosso primeiro filho neste exato momento.



Doentes de amor



Acordar sobressaltada todos os dias
não é nada legal, ainda mais se o fato tiver relação
com o medo de ter somente sonhado com tudo o

PERIGOSAS NACIONAIS

que vivi nas últimas vinte e quatro horas. Foram horas intensas onde pouco se falou e muito se sentiu, já que Bruno e eu estávamos mais concentrados em permitir que os nossos corpos nos dessem a recompensa por tamanho sofrimento, após quase um mês sem nos tocarmos. Foi uma quantidade de sexo considerável e a minha boceta ardida e muito sensível em conjunto com as marcas que estrategicamente deixou pelo meu corpo, são a prova do dia e madrugada intensos. Na verdade o Bruno está mais intenso. Com a recuperação da visão houve várias mudanças e uma delas é o quão cru tem estado na hora do sexo e se já era simpático ao sexo mais duro, agora ele parece fora de

PERIGOSAS ACHERON

controle e a mim, resta saborear e desejar que seja assim sempre. O Bruno carinhoso e apaixonado tem o meu coração, mas o intenso, o duro e que perde o controle fácil na cama, esse é a sua melhor versão, a que é dona do meu corpo e quem guia as minhas vontades.

— Bom dia, minha gata insaciável. —

A voz dele me alcança e felizmente não deu tempo de desesperar-me com a sua ausência do meu lado na cama. Da cozinha compacta, porém, aparentemente bem equipada, meu namorado parece manejar alguns utensílios. — Você parecia estar um pouco inquieta durante a noite, será que eu abusei muito desse corpinho gostoso? — A pouca

distância, vejo-o piscar malicioso e logo o tal incômodo entre as pernas fica em segundo plano, uma vez que os meus olhos preferem passear pela bela visão do seu corpo másculo, vestindo somente cueca boxer branca e um avental. No ato, o fogo que nunca se apaga por completo ameaça dar-me bom dia.

— Não o suficiente — confesso o que não é nada além da verdade. De repente pareço-me com uma ninfomaníaca e isso eu suponho que seja pela saudade que senti e o medo de que a qualquer momento alguém entrará por essa porta e o levará de mim. A sensação acompanhou-me ao longo do dia e tentei tomar tudo dele e ainda assim não me

parecia o suficiente, nunca será.

— Nem pense nisso. Sem sexo para você, até que a minha bocetinha esteja sarada do intenso uso de ontem pela madrugada, o meu pau, esse eu tenho certeza de que está na carne viva, minha diabinha safada.

— O que faz aí? — levanto com o cobertor fino enrolado no corpo e pela pequena divisória que separa o espaço da sala e cozinha, espio.

— O café da manhã para a minha mulher. Então, não estrague os meus planos de café da manhã na cama. — Pisca para mim e percebo que se antes eu estava perdida, agora vejo que estou

PERIGOSAS ACHERON

muito mais.

Pra falar a verdade, nem sei como vou controlar o meu ciúme e insegurança, agora que o interesse e fascínio que desperta nas mulheres será dobrado.

— Que cara é essa, amor, ficou séria de repente?

— Não é nada — falo, sem conseguir encará-lo.

— Ângela Albuquerque, o que foi que nós dois conversamos sobre mentir e esconder coisas do outro? Da última vez que escondeu coisas importantes, passamos semanas separados. —

Lembra-me, chateado e com razão.

— Estava pensando em como será difícil lidar com o meu ciúme e insegurança — revelo, envergonhada das minhas fraquezas, pois eu e ele sabemos exatamente de onde vem à insegurança, transformada em ciúme. — Eu sonhei tanto com o dia em que você estaria assim, todo lindo e vendo como me pareço um espantalho ao acordar que agora sou egoísta o suficiente de pensar no quão fascinante se parecerá aos olhos de outras mulheres. Já acontecia antes, agora então...

— Você não é egoísta, amor. É apenas humana e quanto a sentir ciúme, nós dois teremos de trabalhar essa questão. — Agora ele já deixou de

PERIGOSAS NACIONAIS

mexer em panelas e tem toda a atenção na nossa conversa, ainda que surpreendentemente não tenha vindo agarrar-me. — Eu sempre tentei parecer civilizado para os elogios nada respeitosos de alguns caras a respeito da sua beleza física e isso vem de muitos anos. Eu sempre soube que você é linda, meu anjo, fizeram-me saber disso muito antes de nos conhecermos. Depois, com as mãos eu pude sentir que falavam a verdade e hoje tenho ganas de trancá-la dentro do nosso quarto e ter só para os meus olhos a beleza do seu sorriso, e as belas curvas do seu corpo. Longe de qualquer um, homem ou mulher que possa desejá-la como eu desejo.

PERIGOSAS ACHERON

— Somos doentes, Bruno. —

Constato tristemente, pois entre nós dois só existe uma pessoa doente e certamente não é ele.

— Doentes de amor — descontrai. —

Vem aqui, deixa o teu homem te dar um beijo de bom dia. Como eu estou especialmente bonzinho hoje, você poderá até escolher onde será o beijo.

Ele ameaça se aproximar e sorrindo, saio correndo para o banheiro. Não tem nem chance de eu permitir que ele me beije antes de escovar os dentes e limpar as remelas brilhosas do canto dos olhos.

Depois de rapidamente fazer a minha higiene e vestir-me com uma minissaia jeans e uma

PERIGOSAS ACHERON

blusa preta de alças finas, parto para onde ele está e não é surpresa ver a bandeja cheia de comida sobre a cama e de quebra, ele muito gostoso, já vestido com mesma roupa que chegou aqui ontem.

— Espero que esteja ao seu gosto, senhorita gostosa. Fiz o que pude com as poucas opções que tive em uma cozinha que você obviamente não usa. — Revela, sendo modesto, pois na minha frente vejo comida para umas quatro pessoas e entre os variados tipos de frutas que são colhidas aqui mesmo na fazenda, vejo também dois copos de suco, nos sabores melancia e laranja. Por fim, olho torto para os benditos pães de forma recheados com queijo. Não é de hoje que o cheiro

vem incomodando-me e embrulhando o estômago.

— Algum problema, amor? — Bruno pergunta, alarmado. — Você parece um pouco verde?

— Os pães, tira eles de perto de mim — peço, quando o cheiro parece impregnar no meu nariz.

— Tudo bem, pães fora. — Ele leva tudo para lixeira.

— Ângela, o que aconteceu? Você sempre adorou esses pães com queijo, amor. — Volta a se sentar na minha frente aos pés da cama e questiona, cheio de razão. Eu sempre fui adepta a

PERIGOSAS NACIONAIS

todos os tipos de porcarias, inclusive pão de forma com presunto e queijo, porém, dessa vez, o meu estômago o enxergou como um inimigo.

— Enjoo. Acho que enjoiei e não suporto sentir nem o cheiro. — Assim que falo, meu namorado — branco como um papel — levanta-se num pulo e sem pensar, indaga:

— Você está grávida, amor?

Homens! Um simples enjoio e eles já estão como loucos pensando em gravidez. Outra hipótese não existe, tem de ser gravidez.

Isso é o que eles fazem, o que não muda o fato de o meu homem ter pensado certo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pois, ao contrário dele, não estou me baseando em um único sinal e também suspeito estar grávida.

— Não sei — digo somente, sem ter outra explicação para dar.

— Meu Deus, eu judiei tanto de você ontem à noite. — Agora ele está andando de um lado para o outro, passando a mão pelos cabelos, com os dedos penteando-o para trás. — Será que não fiz mal ao nosso bebê?

Ok. Ele está passando dos limites e eu preciso acabar com isso. Já basta que um de nós esteja fantasiando com algo que pode nem ser real, apenas um desejo meu e pela reação, dele também.

PERIGOSAS ACHERON

— Bruno, se acalma e vem aqui, por favor — chamo e batendo no colchão, espero que ele se aproxime e se sente ao meu lado. — Pode não ser gravidez, então, não crie expectativas.

— Eu já estou criando — confessa e os olhos vão direto para a minha barriga seca.

— Amor, olha bem para onde nós estamos, onde eu estou. Não era para você estar tão animado com a possibilidade — aviso, não sabendo definir meus sentimentos. Talvez seja um misto de tristeza pela situação e a emoção de ver como ele ficou contente com a ideia, perceber que a parte prática foi o que por último passou pela sua cabeça e assim como eu, quem primeiro deu as caras foi o

sentimento de alegria por um milagre que aconteceria no pior momento das nossas vidas, da minha vida, principalmente.

— Desculpa.

Merda! Agora eu fiz ele se sentir culpado por uma reação que eu mesma tive.

Você é péssima, Ângela Albuquerque.

— Só pensei em um pequeno anjinho ou anjinha, feito por nós dois, crescendo aí dentro da sua barriga.

— Eu também me senti assim, querido — consolo com a intenção de consertar o mal estar que criei. — Na hora que a doutora

perguntou pela minha menstruação só pensei em como seria estar grávida, fiquei tão feliz com a possibilidade. Nada me faria tão bem em um momento como esse do que ter um filho seu, crescendo aqui — afirmo e ao levar as mãos para o meu ventre com um sorriso no rosto, ele acompanha o meu movimento com o olhar.

Quando sem conseguir resistir lhe devolvo com o mesmo sorriso esperançoso, Bruno se agiganta para cima de mim e sem fazer muito esforço, puxa-me para cima das suas pernas e por um tempo, me abraça com ternura, um carinho que nada tem de carnal.

— Ângela. — Assim que a sua cabeça

desgruda do meu pescoço, ele me encarando de perto e pergunta: — A sua menstruação está atrasada? — Aparentemente ele não ouviu nada do eu disse e está mais do que contente com a ideia de ter um filho ou filha, não importando em que circunstância aconteça.

— Uma semana, mas vamos esperar até que eu possa fazer um exame e confirmar — peço, imaginando que seja a coisa certa a se fazer no momento.

— Tudo bem, amor — diz, beijando-me com carinho e já agindo diferente do seu modo habitual. — Só se cuida.

— Pode deixar, não vou fazer nada

PERIGOSAS NACIONAIS

que possa ser prejudicial ao nosso possível bebê — prometo.

— Não quer me dar um beijo? Tenho que ir embora daqui a pouco — avisa e meu ânimo de um segundo atrás cai drasticamente.

— Não vai, Bruno. Por favor? — Não me importo de implorar ao abraçar com força o seu pescoço. — Não me deixa aqui.

— Ei, olha para mim, princesa. — Com gentileza, meu amor afasta o meu rosto e olhando dentro dos meus olhos, indaga: — Você confia em mim? — Em resposta, eu apenas aceno com a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Então acredite quando eu digo que não vou te deixar sozinha. Prometo que pelo tempo que estiver nesse lugar, eu virei todos os dias te ver. Vou ver os horários em que você fica livre e virei ficar com você. Dessa forma, nem perceberá que ainda está aqui.

— Você jura, Bruno? — Devo parecer-me um bebê chorão e mimado, mas não tenho vergonha de demonstrar as minhas fraquezas, pautadas pelo medo de ter tido uma dose de felicidade plena, para em seguida ser novamente jogada em um mundo de medo e incertezas. — Promete?

— Prometo pelo nosso pequeno que

PERIGOSAS NACIONAIS

eu tenho certeza de que cresce aqui no seu ventre. Tudo o que mais quero é passar o dia inteiro, cuidado e amando você.

— Você não pode ficar entrando aqui escondido, amor — assevero, lembrando que estamos fazendo planos sem levar em consideração o fato de as visitas serem proibidas e que talvez amanhã ou em qualquer outro dia, ele não consiga entrar com tanta facilidade.

— Não vou. Hoje darei um jeito de resolver isso. — Ele parece convicto, enquanto tem as mãos alisando as minhas costas.

— O que pretende fazer? —
Preocupo-me com um confronto entre ele e os
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus pais, que podem tornar as suas visitas impossíveis.

— Não se preocupa, meu anjo. Vou garantir que ninguém me impeça de visitar a minha mulher quantas vezes forem necessárias — afirma.

— E você, trata de fazer direitinho o seu tratamento, para que assim possamos voltar para o nosso apartamento — recomenda, lembrando o que tem sido o meu maior desejo.

— Agora eu tenho motivos em dobro para querer ficar bem e ir embora daqui o mais rápido possível — revelo. Fitamo-nos cúmplices, afirmando em silêncio o fato de nós dois — de alguma forma — estarmos convictos da minha

PERIGOSAS ACHERON

gestação.

— Agora eu quero que você me beije, meu amor, faça isso até que o seu gosto fique marcado nos meus lábios e me acompanhe até que eu possa voltar e tomar muito mais do que um beijo.

Eu faço, sem que ele precise pedir outras vezes. Por incontáveis minutos ficamos tão juntos quanto possível e quando nos separamos para despedirmo-nos, o momento pareceu particularmente difícil. Entre satisfeita e imensamente feliz pelas últimas horas, também ficou o incômodo temor pelo que virá. Sinto que o momento das grandes escolhas se aproxima e só

PERIGOSAS NACIONAIS

espero ter a sabedoria de agir da melhor forma possível.

PERIGOSAS ACHERON



Sogros



— Você precisa pensar bem no que fazer, meu amigo. — Na minha sala que se parece muito com o que a minha mente imaginou esses anos todos, Erick, sentado na cadeira, está fazendo o que costumava ser o meu papel até pouco tempo

atrás. Está me aconselhando a não agir sem pensar, apesar de essa ser a minha vontade. — Não torne essa situação ainda mais difícil do que já está sendo.

— É o que você sugere, meu caro? Que eu fique de braços cruzados ou que fique visitando a minha namorada escondido, como um criminoso? — indago irritado, vendo o dia chegar ao fim e nada da situação se resolver.

Não posso falhar na minha promessa de visitá-la todos os dias e ainda estar aqui, ouvido conselhos só me deixa mais agoniado e sentido como se estivesse fazendo exatamente o contrário do que eu disse para ela que faria.

— Eu não falei isso, Bruno, mas você tem de pensar muito bem no que dizer para os Albuquerque. Não sabe ao certo o que eles pensam a respeito do namoro da filha com você.

— Desde quando você é esse poço de sensatez? — provoco, apenas para não admitir que ele talvez ele esteja certo quanto aos Albuquerque. Eu realmente não tenho a menor ideia do quão receptivos ao relacionamento da filha deles comigo eles são, pois das poucas vezes em que tivemos a oportunidade de estarmos no mesmo lugar, não falamos mais do que os devidos cumprimentos. Quando o assunto surgiu entre a minha namorada e eu, ela não pareceu confortável em tentar uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

proximidade entre nós, pelo contrário, tenho a impressão de que se dependesse dela, me manteria o mais distante possível dos pais. Hoje eu entendo o que antes preferi não dar muita importância. Estive mais preocupado com os meus problemas e deixei passar algo que se tivesse mais atento, teria me dado conta de quão estranha é a sua relação com a família. Os únicos que em um momento como esse tem acesso a tudo o que diz respeito a ela.

Eles têm o controle de tudo o que diz respeito à filha e de uma forma ou de outra, preciso inteirar-me em que pé está o tratamento. Saber quanto tempo ela terá de permanecer naquele lugar

PERIGOSAS ACHERON

e principalmente, conseguir permissão para visitá-la. Não podem me impedir de vê-la, afinal, estamos falando da minha mulher e provavelmente mãe do meu filho.

— Admita, Bruno, você sabe que eu tenho razão.

— Você tem razão, Erick, mas admitir isso não resolve nada. Eu disse para a minha garota que amanhã irei visitá-la e eu vou visitá-la. Garanto que não será pela porta dos fundos.

— Tudo bem, eu vou com você à casa deles — sugere, o olho com estranheza e ele prossegue: — Só para assegurar que não irá meter os pés pelas mãos e ao invés de achar uma solução,

PERIGOSAS ACHERON

torne sua entrada ainda mais difícil, mesmo que seja escondido.

— Está legal, mas nós temos de fazer isso agora — aviso e olho para o relógio de pulso, agora que o troquei para um modelo normal e dando-me conta de como as horas passaram rápidas na tarde de hoje. Horas que eu não consegui fazer nada que não fosse pensar em uma maneira de resolver a situação, até que o Erick entrou e veio com os conselhos que eu não havia pedido, mas que no fim, são mais que bem-vindos. — Amanhã pela manhã, de uma forma ou de outra estarei com a Ângela, mas eu confesso que prefiro que não seja escondido, como se o fato de querer ver a minha

mulher fosse um crime.

— Tudo bem, espera um momento —
pede ao levantar-se e rumar para a porta do
requintado escritório. — Só vou ligar lá em casa e
avisar para a pequena.

— Como ela está com essa situação?
— pergunto, mas imagino o quão difícil deve ser
para ela não poder visitar a amiga e nem ter
notícias de como ela está.

Descobri que as coisas são mais
graves do que imaginei e além de não permitir
visitas, os Albuquerque interceptaram o celular da
filha, deixando-a sem qualquer contato com o
mundo fora das paredes da maldita fazenda.

Quando indignado paro para pensar no absurdo da situação, me pergunto que tipo de tratamento é esse que mantém a pessoa longe do mundo, de todas as pessoas que a amam e que ela ama de volta. Pessoas que poderiam dar parte do apoio necessário e a força para que se recupere mais depressa.

Dos diversos artigos que li e as pesquisas feitas nesse período de tempo, todos asseguram que ter o apoio, carinho e compreensão da família e amigos é o fator principal para uma boa recuperação de quem sofre as tais crises emocionais. No caso da minha Ângela, eu suspeito que ela recebe o oposto disso e nem tenho certeza

PERIGOSAS NACIONAIS

de que eles não são os responsáveis direto pela luta de anos que vem enfrentando.

Ao revelar-me aspectos do seu passado e as condições em que viveu por todo esse tempo, Ângela fez de tudo para tirar a responsabilidade dos pais de uma culpa que nem mesmo cheguei a suspeitar, ela apenas age como se merecesse sofrer por uma fatalidade e imprudência de duas crianças.

— Muito mal, Marina e Ângela são muito unidas e ficar tanto tempo sem ver a chatinha tem a deixado triste e muitas vezes sem conseguir dormir — revela, parecendo chateado com a situação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupa, meu amigo. Eu vou resolver essa situação e logo as duas estarão juntas novamente — afirmo e Erick ensaia o rastro de um sorriso. Ele sabe que salvo as devidas proporções, estamos no mesmo barco, loucos de paixão por duas mulheres que são muito amigas e que estando uma com problemas, a outra também será de alguma forma afetada. A nós dois, só resta agir para que elas voltem a ficar bem e felizes, como merecem estar.

— Por favor, eu só quero a minha mulher de volta, então, trate de fazer tudo do jeito certo — pede, abrindo a porta e antes de ele sair, alfineto:

PERIGOSAS ACHERON

— Erick?

— Fala, Bruno.

— Você é ainda mais feio do que eu imaginava.



— Só um segundo, eles estão descendo. — A senhora rechonchuda nos fita com curiosidade, como se fôssemos dois atores de Hollywood e ela não esperasse por esse encontro. O fato é estranho, pois, foi a própria quem me recebeu e levou até o quarto da Ângela quando vim resgatá-

la na noite em que tivemos o nosso primeiro grande desentendimento.

Tudo bem que eu mudei um pouco com a adoção da barba, que inclusive não pretendo tirar tão cedo, já que a minha mulher gostou muito e pediu para mantê-la como está e com os óculos de grau como um elemento a mais no rosto, mas ainda assim, esses não são motivos suficientes para não saber quem sou.

— O namorado da Ângela, lembra?

— Não resisto e acabo perguntando.

— Eu sei que esse é um título da qual você se orgulha muito, meu caro, mas acho que ela sabe disso, não é querida? — Bem acomodado

sobre o luxuoso sofá da mansão, meu amigo alfineta. — Foi como você se apresentou assim que ela abriu a porta. — Pisca charmoso para ela.

Esse nem parece o mesmo Erick muito sério que aprendi a gostar quando comecei a trabalhar no escritório dele. Vendo-o dessa forma, percebo refletido em mim a minha própria mudança. Por motivos completamente diferentes, já me vi como o Erick de antes da Marina e hoje me vejo como o Erick de agora, após conhecer e vivenciar o amor pleno.

— Não sei seu Bruno, o senhor parece diferente. — Sem qualquer constrangimento, me analisa atentamente, procurando o que pode ter

mudado, além do óbvio.

— Não o olhe assim, querida. Ele vai ficar constrangido. — Erick brinca e uma mudança acontece no seu rosto que agora é de surpresa.

— O senhor consegue me ver?

— Sim, Lourdes — digo.

— Como o senhor sabe?

— A sua roupa. — Aponto para o broche pequeno fixado no seu uniforme e que tem o nome dela escrito.

— O senhor está muito bonito, muito mais do que antes — elogia. — Se a minha menina...

— Se a sua menina? — Lhe incentivo a continuar quando percebo ter ficado incerta sobre o que ia dizer.

— Se ela estivesse aqui, estaria muito contente. Não falava em outra coisa que não fosse do namorado. Ela gosta muito do senhor. — A mulher tem na face a expressão triste.

— Sente muito a falta dela? — indago, olhando dela para o Erick que permanece calado e assim como eu, não pode separar o homem do advogado e está analisando tudo o que é falado, à procura de sinais e de respostas, caso exista algo a ser descoberto.

Agora, por exemplo, tanto ele quanto

PERIGOSAS NACIONAIS

eu tentamos saber qual a relação da governanta com a jovem patroa. Se além dos pais, ela tem alguém com quem contar dentro de casa.

— O senhor não imagina o quanto — revela e parece sincera. — Mesmo a menina sendo calada e muito quietinha, é sempre muito carinhosa comigo e com todos os funcionários aqui da mansão. Então, todos a tem em grande estima e estão sentindo sua falta e preocupados com ela — revela, deixando claro que apesar de esconderem do mundo, dentro de casa os funcionários estão cientes que as viagens da patroa não são a passeio, como os pais querem fazer parecer, inclusive para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela logo estará aqui, tenha certeza disso — prometo, sem ter muita certeza, pois não importa como ou o que eu tenha de enfrentar, mas garantirei minha mulher viva no lugar onde possa ser feliz e se não for aqui, ela não voltará.

— Senhores, boa noite. — Ao ouvir a voz masculina, Erick e eu colocamo-nos em pé, para só então cumprimentarmos os donos da casa, meu futuro sogro e sogra. Um casal de boa aparência e até mesmo jovem para idade que tem.

— Erick Estevan e Bruno Pires. — Ele aperta as nossas mãos e prossegue: — é uma honra ter os maiores nomes da advocacia do país aqui. Só estou curioso para saber o que os traz até aqui, na minha

residência. — O homem age como se desconhecesse o fato de eu ser o namorado da filha e do Erick ser o marido da melhor amiga dela.

— Bom, imagino que os senhores saibam que Ângela e eu temos mantido um relacionamento há meses e que Erick é o esposo da Marina Junqueira, amiga da sua filha.

— É claro que sim. — Se além a dizer, e a minha querida sogra está em silêncio, agarrada ao braço do marido e nem um pouco feliz.

— Viemos falar sobre a sua filha, minha namorada — revelo, vendo de repente a senhora Mara ficar tensa. Tarcísio Albuquerque aparentemente está tranquilo, apesar da visível

surpresa com a visita inesperada.

— Claro, antes deixe-me felicitá-lo pela cirurgia e pronta recuperação. — O homem é irritantemente formal, o que torna a situação ainda mais estranha, levando-se em conta o tema da nossa eminente conversa. — Sentem-se, fiquem à vontade. — Aponta para o sofá e Erick e eu voltamos para o mesmo lugar de antes. Tendo os dois elegantemente sentados no estofado de dois lugares à nossa frente, percebo o quão diferente dos pais a minha menina é.

Ela, apesar de não perceber, ainda guarda um pouco da menina espevitada e bocuda que diz ter sido antes da morte do irmão. Apesar

dos seus altos e baixos, mudanças de humor e da criação que só vendo os pais de perto percebo como deve ter sido, vejo que ela ainda é aquela criança. A minha Ângela — felizmente — não poderia ser mais diferente dos pais e por isso só posso agradecer, pois se fosse como eles, eu estaria morrendo de tédio e não de amores pela pessoa que é.

— Algo sobre a minha filha? — É a mulher quem começa, agindo como se não existissem quaisquer motivos para a filha vir a ser tema de uma conversa entre nós três ou justificativa para uma visita.

— Sim, a sua filha, a minha namorada

que há mais de três semanas não vejo ou tenho qualquer notícia. Aliás, a última que tive foi através da senhora que no dia da minha cirurgia disse ao telefone para o meu irmão que ela teria saído em viagem.

Digo, escondendo por enquanto o jogo e nesse ínterim, notando a surpresa no rosto do senhor Tarcísio ao encarar a esposa. Ele aparentemente não tem parte na mentira inventada pela mulher.

— Minha filha é assim mesmo, quando coloca uma coisa na cabeça não tem quem a faça mudar de ideia. Quis viajar naquele dia e foi o que fez. — Mara mente com naturalidade, fato

PERIGOSAS NACIONAIS

que me irrita além do limite e é quando decido colocar fim a farsa.

— O que eu quero saber é até quando pretendiam mentir e esconder de mim e do mundo que a Ângela está internada em uma clínica psiquiátrica?

PERIGOSAS ACHERON



Acertos



O silêncio sepulcral se estende por algum tempo, onde eu espero por uma resposta que eles, principalmente a minha futura sogra, aparentemente não tem. Pelo menos não uma que fuja da verdade que eles teimam em esconder.

— Vai com calma, meu jovem. —

Tarcísio, pede, quebrando o silêncio. — Não foi a minha intenção esconder de você um assunto tão sério como esse e se permaneci em silêncio, foi porque a minha esposa garantiu que haviam conversado e você tinha entendido — explica, ao lançar um olhar exasperado para uma senhora que o retribuiu sem aparentar culpa ou constrangimento pela mentira.

Imagino que de uma maneira muito equivocada, ela pensa que está fazendo o melhor para a filha. Pelo menos é isso que prefiro pensar para justificar decisões tão erradas.

— Eu agi com a intenção de proteger

a minha filha, sou a mãe e sei o que é melhor para ela — assevera, sem dar o braço a torcer.

— O melhor para ela certamente não é ficar isolada do mundo, das pessoas que ama e de quem a quer bem. — Os encaro e ao fitar o Erick, ele me fuzila com o olhar, de certo percebendo que não adiantou muito vir como meu guarda costas. Não consigo agir de outra forma com pessoas dissimuladas e que mentem com tamanha naturalidade.

— Quem é você para me dizer a forma como devo cuidar da minha filha? — irrita-se a mulher.

— Mara, por favor! — Tarcísio

esbraveja.

— Eu sou o homem que ama a sua filha, o que a tirou dessa casa quando estava sozinha e dopada de calmantes. Sou o homem que hoje cedo ela recebeu com o sorriso no rosto e falou da saudade que sente de mim e da amiga que está há semanas sem notícias. — Nessa hora, volto-me para o Erick, caso ainda reste alguma dúvida de qual amiga me refiro.

— Está dizendo que entrou na clínica sem autorização para tal?

— Exatamente isso — respondo a Tarcísio que tem a expressão passível, não deixando transparecer o que sente, se está irritado

PERIGOSAS ACHERON

com o que ouve ou admirado da minha ousadia. — Estive ontem o dia inteiro com ela, dormi por lá e só voltei hoje cedo — revelo para que fique claro que por ela sou capaz de qualquer coisa e entrar escondido onde não tenho permissão para estar é só o começo.

— Um bando de incompetentes.

— Eu diria que é o contrário, foi muito difícil conseguir colocar meu amigo aqui lá dentro. — Erick se mete pela primeira vez na conversa, só para se gabar da proeza.

Sem que eu tenha conseguido descobrir mais, ele apenas revelou que Russo lhe devia um favor e facilitar a minha entrada foi uma

PERIGOSAS ACHERON

maneira de eles ficarem quites.

— Agem como bandidos e não como advogados. — Mara alfineta, claramente a fim de briga e quem sabe desviar o foco do real motivo da conversa.

— Tudo bem, acho que posso conviver com isso — devolvo.

— Você não pode ficar invadindo a fazenda sem autorização, meu jovem. — O homem fala como se eu fosse um adolescente fugindo de casa com a namoradinha.

— Não vou ficar, porque vocês dois vão liberar as visitas e permitirão que eu e Marina

visitemos a sua filha.

— Isso não vai acontecer, Bruno.

Ângela precisa de descanso, de paz para se recuperar e voltar para casa bem.

— Tarcísio, o que a sua filha precisa é de apoio e carinho, das pessoas que a amam ao lado dela — falo de algo que ele deveria saber, mas só pelo discurso anterior, vejo que não dedica tempo à filha e, portanto, não a conhece como deveria. — Vocês chegaram a conversar com ela? Perguntaram se é isso que ela quer, ficar sozinha para se recuperar?

— Não.

— Eu sei o que a minha menina precisa.

Tenho duas respostas e não preciso pensar em qual devo responder e dar a devida importância.

— Fala com ela, seu Tarcísio. Conversa com a sua filha e pergunta o que ela quer, pois a Ângela que eu deixei mais cedo em nada lembra a que encontrei ao chegar ontem. Entenda que além de tratamento, Ângela precisa de amor, apoio e compreensão — digo, percebendo que tocar no seu lado mais sensível é a melhor tática e apesar da esposa ser como é, ele parece ser mais racional e conseqüentemente disposto a ceder.

— Tudo bem, só um momento. — O homem que apesar da boa aparência parece ser um pouco debilitado, levanta-se e caminha rumo ao ala direita da casa. — Vou pegar o telefone.

Por dentro, felicito-me pela iminente vitória e ao olhar para o Erick, ele tem a mesma expressão de contentamento e o mesmo não posso dizer da minha sogra.

— Você não sabe o que está fazendo.

— Eu sei exatamente o que vi ontem e te garanto que deixá-la isolada não é a melhor forma de agir.

— É por fazer só o que quer que o

irmão dela morreu, que o pai está com a saúde debilitada. Minha filha precisa de direção.

— A sua filha precisa de amor e não de se sentir culpada por uma tragédia da qual não teve qualquer responsabilidade. Era apenas uma criança.

— O que você sabe dessa história para falar com tamanha certeza? — Ela se levanta e dessa vez está verdadeiramente irritada.

Como eu imaginava, a culpa que a minha menina pensa ter não é fruto apenas das próprias convicções, a mãe, assim como faz agora, parece fazer questão de lembrar a filha da trágica morte e da maneira mais cruel, joga sobre ela o

PERIGOSAS ACHERON

peso dessa responsabilidade.

— Sei que a minha namorada está com o psicológico completamente fodido e só precisei de algumas frases suas para entender o porquê.

— Está me acusando de fazer mal a minha própria filha? — A mulher está horrorizada, o que evidencia que ninguém teve coragem de ao menos insinuar algo do tipo e que está tão escancarado.

Esse ambiente não faz bem para ela e mesmo que seja preciso entrar em outra batalha, garanto que para essa casa ela não volta. Não para junto de um pai ausente, uma mãe que a

PERIGOSAS ACHERON

responsabiliza por tragédias que acorreram quando ainda era uma menina.

— Não tem problema de interromper por alguns instantes a consulta. — A fala do Tarcísio ao telefone impede-me de dar a resposta que a minha sogra não gostaria de ouvir e no mesmo instante, tenho a minha atenção nele e na conversa. Do que foi falado com a Mara, torço para que ter a verdade jogada na cara a faça colocar a mão na consciência e perceba que sua atitude só prejudica a filha. Muito mais do que ela imagina.

— Eu preciso falar com a minha filha
— avisa. — Tudo bem.

— Foram chamá-la. — Ele vem para
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perto de nós com o telefone sem fio na mão e enquanto aguardamos em silêncio, faço uma prece para que a minha linda colabore e não tenha medo de falar o que quer e o que sente.

Seja corajosa, meu amor. Preciso que você seja corajosa.

— *Oi papai, boa noite. Já é noite, eu acho.* — A doce voz é ouvida através do aparelho que foi colocado no viva voz. — *Aqui dentro parece que é noite o tempo todo, como acontece nos shoppings.* — Ela dá outra risadinha, deixando transparecer o quão contente e descontraída está depois do nosso encontro e das muitas horas passadas juntos, matando a saudade.

PERIGOSAS ACHERON

— Já é noite, meu amor. — Tarcísio a trata com carinho e mesmo que seja aparentemente ausente, ele demonstra amar muito a filha única. — Você parece muito bem, está feliz? — indaga, investigando a veracidade do que disse instantes atrás.

— *Muito feliz papai. Cheia de disposição e doida para sair logo daqui. Prometo que vou fazer tudo o que me mandarem* — fala e ele não esconde a satisfação pelo que ouve.

— Esteve com o seu namorado?

— *Como o senhor sabe?* — pergunta e pelo tom de voz, a pergunta a deixou alarmada e temerosa. — *Não fique com raiva dele pai, só*

estávamos com saudade.

— Eu achei que estava fazendo bem ao proibir visitas que não fossem eu e sua mãe, mas parece que não te conheço bem, não é mesmo, meu amor? — De perto, vejo o grande Tarcísio Albuquerque emocionado, sendo o pai e não o empresário.

— *Eu amo o senhor.* — Essa é a resposta da minha namorada. A melhor que ela poderia dar.

— Eu te amo muito mais, minha princesa — devolve com a voz embargada pela emoção. — Você quer as visitas?

— *Sim, eu quero ver o meu namorado, a minha amiga, Marina com o principezinho João e até mesmo o chato do Erick. A Maya também, sinto a falta dela.*

— Está bem, querida. Esse assunto está resolvido, você poderá receber quem bem entender, só faça tudo como for instruída pelos doutores.

— *Farei, seu Tarcísio. Vou ficar bem e o senhor se orgulhará de mim* — diz e vejo a sua necessidade de aceitação pelo pai.

— Eu já me orgulho, boneca. Faço qualquer coisa para te ver bem e feliz.

— *Eu amo muito o senhor. Manda um beijo para a mamãe* — pede, evidenciando pela fala uma maior proximidade com o pai e a aparente falta de intimidade com a mãe.

— Também te amo. Agora deixa eu falar com a Cíntia, ela está por aí?

— *Está sim. Boa noite, pai.*

— Tenha um bom sono, querida.

— *Tarcísio Albuquerque* — depois de um minuto, a tal mulher assume a ligação — *Deseja alguma coisa?*

— Libere as visitas para o Bruno Pires, Marina e Erick Estevan e Maya Souza. Deixe

que eles passem um tempo com a minha filha.

— *E o tratamento?*

— Vai continuar normalmente. É para isso que eu pago uma fortuna para vocês. E quanto ao resto, eu decido o que é melhor para Ângela.

— *Está bem.* — A mulher é esperta e não discute como Tarcísio Albuquerque. — *Talvez seja disso que ela precisa para obtermos melhores resultados. Era só isso?*

— Sim. Boa noite.

A mulher apenas corta a chamada e ele fica encarando o aparelho espantado com a ousadia dela.

— Tudo resolvido. Você pode ir vê-la e sua esposa também — dirige-se a Erick. — Só tenham cuidado para não distrai-la das atividades. Entendam que apesar de tudo, aquele lugar faz bem a ela e antes de vocês, Ângela apreciava o ambiente da fazenda, apesar do que significa estar lá.

— Não se preocupe, senhor. — Feliz, aproximo-me e lhe dou um abraço. — Sou o mais interessado na recuperação da minha mulher.

— Mulher? — Uns coros com três vozes e expressões surpresas questionam-me.

— Minha namorada. — Corrijo para eles, pois para mim Ângela é a minha mulher e não demora muito para que seja minha esposa.

Todos estão assim por uma palavra, imagina como reagiriam se souberem da nossa suspeita de gravidez.

— Tarcísio, poderíamos nos falar um momento a sós? — peço, lembrando-me de falar a respeito do abusador filho da puta, mas não quero fazer na frente do Erick que é capaz de fazer alguma loucura. O que não seria legal em nenhuma circunstância, seria pior agora que tem um filho para criar.

— Claro, vamos ao escritório — chama, e mesmo estranhando minha atitude, Erick diz:

— Te espero lá no carro.



— Onde está o moleque que tentou abusar da Ângela? — indago assim que nos acomodamos no espaçoso e bem equipado escritório. Seu rosto tem a expressão de uma pessoa atormentada pela culpa de ter deixado o maldito tão perto da filha. — Não pense que ele vai se safar pela segunda vez.

— E nem eu quero que ele se safe. Mateus está preso e lá ficará até o dia do

juízo — revela e sou tomado por um imenso alívio. — Ele até tentou fugir, mas eu mesmo tratei de levá-lo à delegacia. Ângela foi ouvida e mesmo que tenha tentado insinuar que ela estava fantasiando e que a minha filha tem problemas mentais, o meu testemunho foi suficiente, já que eu o encontrei dentro do quarto da Ângela — diz e meu desejo é de ir até onde está e esganá-lo com as próprias mãos, até garantir que nem mesmo respire do mesmo ar que a minha namorada.

— Eu vou assumir esse caso —
assevero.

— Meus advogados já estão agindo.

— Eu quero acompanhar de perto, só

para ter certeza de que a justiça será feita e que ele não tenha chances de tentar se aproximar da Ângela.

— Faça como quiser e se achar que deve, pode acusá-lo de outro crime — afirma.

— Como outro crime?

— Espera que você já vai entender — fala e ao afastar minimamente a cadeira de junto da mesa, ele abre uma gaveta e de lá tira um envelope grande e marrom. — Abra — pede, ao entregar-me.

— Ele tentou me chantagear com essas fotos.

As fotos a qual ele se refere são

minhas e da Ângela em uma situação bem comprometedora no dia da premiação, quando estivemos prestes a transar contra a grande árvore. Apesar de não termos transado, as imagens dão essa impressão. Nós fomos seguidos e as fotos foram tiradas de uma distância boa o suficiente para que não fiquem dúvidas de que somos nós dois o casal.

— Pediu dinheiro?

— Sim, uma quantia exorbitante para deixar a cidade e o país. Não pense que não teria dado o dinheiro, pois eu teria cedido à chantagem sem pensar se não fossem as circunstâncias.

— Não duvido disso. — Sei

exatamente a imagem que Tarcísio quer cultivar perante a sociedade paulistana e um escândalo como esse certamente não está incluído nos seus planos.

— Eu cederia porque tenho um nome a zelar e não gostaria de ver minha filha estampando jornais e revistas por estar transando em público.

— Não estávamos transando. —
Tenho a necessidade de nos defender.

— Não é o que parece nas imagens e nesse caso, é ela que conta.

— Você tem razão — digo, não

PERIGOSAS NACIONAIS

querendo criar um mal estar com o meu sogro que já está bem puto com a situação.

— Ele só não conseguiu o que queria porque apesar de tudo, eu amo a minha filha e nada no mundo me é mais precioso do que ela. Mesmo ainda correndo o risco de um escândalo como esse, eu jamais deixaria o homem que tentou estuprá-la solto.

— Acha que essas fotos ainda podem vazar?

— Não há como ter certeza. Quando entregou essa, Mateus garantiu que não eram as únicas cópias.

PERIGOSAS ACHERON

— Posso ficar com elas? — peço. —

Essas fotos me serão úteis no processo.

— Pode levar e, por favor, meu jovem, seja mais discreto da próxima vez. Não é nada agradável para um pai ver a filha nessa situação.

— Pode deixar, seremos mais cuidadosos da próxima vez — digo, sem, no entanto dar garantia de que não haverá uma próxima vez.

— Obrigado por se preocupar com a minha filha e saiba que se fiz essa concessão é por ter certeza de que você faz bem para ela. Que com você por perto, a minha boneca estará protegida a

PERIGOSAS ACHERON

amada — declara, levantando-se e dando o nosso assunto por encerrado.

— Não tem o que agradecer, senhor. Eu faço tudo com prazer, simplesmente porque a sua filha é o amor da minha vida e no que depender de mim, ela viverá plenamente feliz. Eu mesmo me encarregarei disso.

Com o aperto de mãos, eu e o pai da minha namorada chegamos a um entendimento e ao sair da casa, levei comigo a satisfação de ter conseguido o queria.

Sinto-me feliz e ansioso pelo dia de amanhã, quando mais uma vez estarei com a minha diabinha entre os meus braços, dando todo o amor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que tenho guardado para ela e o melhor, sem precisar entrar e sair pela porta dos fundos.

PERIGOSAS ACHERON



Suspeitas



— Bom dia, Russo. — Ainda é bem cedo é já estou no portão, ansiosa e aguardando a chegada do meu Bruno. Se é que ele vem mesmo, pois, apesar da ligação do meu pai ontem à noite, ainda não tenho um celular comigo e assim não

posso ter certeza de nada. Então, o que resta é ficar no portão importunando o segurança a cada dois minutos, com perguntas que ele provavelmente não saberá responder. — O Bruno não ligou enquanto eu tomava meu café?

— Não senhorita, o seu namorado não ligou durante os dois minutos em que estive no refeitório tomando café.

Ele está mesmo sendo irônico comigo?

Tudo bem que estou há mais de uma hora enchendo o saco, mas se demorei só dois minutos para tomar o bendito café, é só porque eu literalmente só tomei o café puro. Outra coisa o

PERIGOSAS ACHERON

meu estômago não aceitou e quando penso em gravidez, também me pergunto em que momento ela aconteceu, se é que realmente aconteceu.

Bruno e eu, não sei se pela ansiedade e expectativa da cirurgia, vínhamos numa maratona louca de sexo. Era estarmos no mesmo lugar que as roupas já estavam sendo abaixadas. Passamos juntos pela crise da ansiedade, eu obviamente mais que ele e ao invés de descontar na comida ou na academia, por exemplo, descontamos atracados no outro a cada oportunidade que apareceu.

Como nós nunca fomos adeptos ao uso do preservativo e sim de comprimidos anticoncepcionais, suspeito que eu — sem perceber

— tenha falhado no uso e em meio a uma das relações o nosso bebê provavelmente foi concebido.

A expectativa está me matando e tudo o que eu preciso no momento é da minha amiga por perto. Marina do jeito que é, a essa altura já teria providenciado um desses testes de farmácia e me abrigado a fazê-lo.

— Tudo bem, Russo. — Essa já é a quinta vez que uso a mesma frase. — Se ele chegar promete que vai imediatamente me avisar?

— E por que eu faria isso? Ele ele esteve aqui ontem mesmo e sabe exatamente onde encontrar a senhorita — diz e percebo que estou

PERIGOSAS ACHERON

conseguindo a proeza de deixar o homem armário sem paciência. E olha que essa não é uma coisa fácil de conseguir.

— Você tem razão, mais uma vez — assevero, porque também não é a primeira vez que ele me fala algo parecido.

Andando vagarosamente, os pés descalços sobre a grama bem cuidada e úmida pelo orvalho da noite fria, rumo para o ambiente de lazer, construído logo atrás dos chalés. Apesar de vários outros jogos, como uma mesa de bilhar e mesas onde em cima contém variados tipos de jogos de cartas, o que mais atrai atenção no ambiente aberto e cercado por diversas árvores

frutíferas é o conjunto de redes de tecido que são de todos os tamanhos e estampas.

Para manter a individualidade de cada interno e até mesmo por questões de higiene, elas são numeradas, estando cada uma montada na direção do dono do chalé a quem ela pertence.

Precisando relaxar e aproveitar que o lugar ainda está vazio, deito-me em cima do pedaço de tecido macio e florido, esperando que a brisa fria leve embora a minha ansiedade e relaxe a minha mente.

Com as duas mãos sobre a minha barriga, fecho os olhos e deixo que o leve balanço da rede traga a paz que o momento pede.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acorda, menininha preguiçosa. —

Uma voz ao longe invade o meu sonho bom em que nele Bruno e eu estamos sozinhos e nus em uma ilha deserta.

— Bruno. — Com um sorriso no rosto, vejo meu homem escrever sobre a areia branquinha os nossos nomes e logo depois dele, mais dois nomes.

Caio e Sofia.

— Ele mesmo. Será que terei de acordar a princesinha com um beijo? — A sua voz já não parece tão distante e eu só quero que deixe a areia de lado e faça o que está prometendo. — Abre os olhos, meu amor.

PERIGOSAS ACHERON

Lábios conhecidos tocam os meus, mãos fortes estão sobre a minha que continua protegendo a barriga e quando aos poucos começo a sair do torpor, alegro-me por perceber que não se trata de um sonho. O meu amor enfim chegou e está aqui, de joelhos sobre a grama, beijando-me os lábios e tem a mão sobre a minha, como se ajudasse a proteger a minha barriga.

— Madruguei à sua espera, meu amor.
E como demorou, acabei dormindo aqui na rede.

— Não precisava ficar tão ansiosa, pequeno anjo. Eu disse que viria, não disse?

— Disse e você cumpre com as suas promessas — digo, afagando seu cabelo quando a
PERIGOSAS ACHERON

cabeça repousa sobre o meu peito.

— E você, cumpre com as suas promessas? — insinua e meu rosto queima de vergonha por lembra-me de ontem, quando ele cobrou uma promessa feita no momento de pura explosão sexual.

— Não sei do que você está falando — brinco, pois não só lembro como tenho convicção de que é impossível esquecer. Nos momentos de saudades, eu não só relembrei cada momento que passamos juntos como também fantasiei outros tantos e entre eles, o momento em que ele cobraria o cumprimento da tal promessa.

— Quer que eu te lembre, chatinha?

— provoca, encarando-me de perto e achando graça do meu nervosismo com o tema muito depravado para o horário. — Eu sei que já cumpri com a minha parte do trato e como você pediu, fiz o que devia ser feito e estou aqui, vendo de perto e em todos os detalhes como você é linda quando cora como uma virgem. Nós sabemos que isso não poderia estar mais longe da verdade, não é mesmo? Está até grávida, meu amor. — Quando diz, meu namorado abaixa a cabeça, levanta a blusa estilo bata e deixa um beijo sobre a minha barriga.

— Ainda não sabemos, Bruno — digo, não gostando nada de me ver sendo obrigada a colocar freio tanto na sua quanto na minha

empolgação quando na verdade quero comemorar e fazer planos.

Na verdade eu sinto que estou grávida e acho que saber disso faz parte do pacote "ser mulher", no entanto, o meu medo de decepcioná-lo é grande demais para permitir-me apenas relaxar e curtir.

— Nós temos de dar um jeito nisso, Ângela. Já não aguento mais esperar — ainda de joelhos na grama e o corpo curvado sobre o meu, o ouço reclamar e penso que não posso amá-lo mais do que faço agora.

Um homem como ele, muito lindo e bem sucedido na carreira, literalmente ajoelhado

PERIGOSAS ACHERON

aos meus pés, cheio de ansiedade e almejando pela concretização de algo que colocaria para correr nove entre dez homens que estiveram na mesma situação que ele. Correndo o risco de ter engravidado a namorada que ainda por cima é mais problemática que a maioria das mulheres.

— Hoje é apenas o segundo dia, querido — acaricio seu rosto ao dizer.

— Parece que foi há um ano — reclama. — Não podemos dar um jeito nisso? — indaga quando uma ideia cruza a minha mente.

— Bom, talvez eu tenha um plano — Quando falo, Bruno se levanta da grama e ansioso, estende-me as mãos para ajudar-me a levantar da

PERIGOSAS ACHERON

rede.

Quando estamos os dois em pé e abraçados, ele fala:

— Eu estou dentro. Seja o que for, desde que tire essa dúvida nossa e confirme o que eu já tenho certeza.

Caio e Sofia

Os nomes que apareceram no meu sonho vem a minha mente e como ele, eu também tenho certeza.

— Marina tem permissão para entrar aqui, não é mesmo?

— Tem sim e como você pediu, a

PERIGOSAS NACIONAIS

Maya, o Erick e consequentemente, o nosso pequeno João.

— Estou morrendo de saudades dele, amor — confesso.

— Eu sei que está, linda, ele também deve sentir falta da madrinha coruja.

— Como você sabe que eu pedi para ver Maya? — questiono, lembrando-me da ligação do meu pai que me deixou tão feliz quanto surpresa.

— Eu estive na sua casa. Fui falar com o seu pai e o convenci que o melhor a se fazer é deixar que eu e os seus amigos te visite —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

explica, como se não tivesse feito grande coisa.

— Já disse que te amo hoje? — Na ponta dos pés e com os braços em volta do seu pescoço, beijo por várias vezes a boca viciante.

— Não disse e prefiro que faça enquanto estiver nua, sentando no meu pau — provoca, ao beijar-me o pescoço, sem se importar de estarmos em um local onde qualquer um possa nos ver.

— Podemos providenciar isso agora ou podemos nos ocupar em descobrir se você será pai. A escolha é sua, amor, o que quer fazer nessa fria manhã?

PERIGOSAS ACHERON

— O teste — escolhe e vejo que realmente está focado na eminente gravidez, pois se a situação fosse outra, o sexo dificilmente ficaria em segundo plano.

— Tudo bem, vamos acabar com isso de uma vez. Está com o seu celular aí? — Solto do seu pescoço, desço as mãos por suas costas, até alcançar o bolso traseiro e de lá tirar o Iphone.

— Me lembra de providenciar um celular para você, diabinha.

— Pode deixar — falo, enquanto digito uma mensagem de texto para Marina.

Assim que a mensagem é enviada,

minha amiga logo visualiza e sem fazer qualquer pergunta, responde com um simples "OK".

— Tudo bem? — Querendo dar-me privacidade, Bruno pergunta ao invés de se aproximar e ler o que tanto digito no seu aparelho.

— Falava com a Marina. Ela vai providenciar o teste de farmácia e logo estará aqui.

— Está falando sério?

— Estou sim, amor. Em breve saberemos se as nossas suspeitas irão se confirmar.

Digo e por um tempo, ficamos nos fitando em um misto de ansiedade e expectativa. Nenhum dos dois ousa falar, mas no fundo, ambos

PERIGOSAS NACIONAIS

sabemos que dependendo do resultado do tal teste,
as nossas vidas estão prestes a mudar. Para sempre.

PERIGOSAS ACHERON



Confirmação



Enquanto olho para o relógio redondo na parede, faço o mesmo que ele e não paro de andar. De um lado para o outro, indo e voltando, marchando e gasto o piso de textura amadeirada. Estou nervoso, muito nervoso e se olho fixamente para o

relógio, é apenas para checar se ele está girando tão lentamente como parece.

Do momento em que a minha Ângela falou da ideia dos rápidos, porém eficazes testes de farmácia já, se passaram mais de duas horas.

Sim, eu estou contando.

Primeiramente Marina chegou e além da encomenda vinda diretamente da farmácia, também trouxe consigo o filho e o marido. Ela aparentemente não captou a mensagem, não percebeu o nível da nossa ansiedade e decidiu que hoje seria um bom dia para a almejada visita e também para conversar tudo o que não tinha conversado com a amiga nas últimas semanas.

Para o meu desespero, ver a amiga fez com que a minha garota não só se esquecesse do teste como também de mim. Erick, o outro abandonado, não teve outra saída que não fosse pegar o pequeno Estevan e comigo, o levou para um passeio ao ar livre pelos estábulos da fazenda.

Como o bom casal açúcar que são, sei que eles não têm o hábito de esconder coisas um do outro e Erick obviamente sabe das nossas suspeitas e teve uma estranha reação.

Ele não parabenizou e não deu nenhum conselho, como parece ter pegado o gosto por fazer. Apenas tentou não tocar no assunto, falando apenas de temas leves e que em nada teve

PERIGOSAS NACIONAIS

relação com bebês. Da sua atitude, entendi que provavelmente pela sua cabeça estaria passando o mesmo que pensará qualquer um que não seja Ângela e eu, que não somos exemplos de pessoas normais ou as mais sensatas.

Apesar de ficar o sentimento de alegria que a vinda de um primeiro filho traz consigo, tenho ciência de que nós dois, principalmente ela, está passando por uma fase difícil e que aos olhos das pessoas de fora, esse não seria o melhor momento. Existem muitas coisas para serem acertadas, um tratamento em andamento e eu os entendo, pois se estivesse do outro lado, talvez passasse pela minha cabeça todas essas

PERIGOSAS ACHERON

ponderações.

Para mim, a confirmação da gravidez não é nada menos que uma resposta, o momento é de dificuldade, mas é também de respostas. É a confirmação de que não importa a provação pela qual passamos o universo sempre dará um jeito de mostrar que o nosso amor é real e que mesmo quando circunstâncias internas e que fogem do nosso controle se apresentam, nós temos que permanecer juntos, lutando pelo nosso amor, como temos feito desde o início.

Quando finalmente o casal açúcar e algumas vezes sensato decidiu ir embora, eles o fizeram antes de o teste ser feito, deixando que o

momento seja vivido apenas por nós dois. Marina se foi, mas não sem antes implorar para a amiga ligar assim que sair o resultado.

— Está tudo bem aí, amor? Estou começando a ficar preocupado — pergunto mais uma vez, questionando-me como não perdi todos os cabelos da cabeça de tanto serem puxados.

— Tudo bem — diz saindo do banheiro com cinco tirinhas na mão e chorando copiosamente.

— O que foi, meu amor? — Rapidamente analiso o seu corpo de cima a baixo, procurando indício de algo, sem, contudo ter coragem de aproximar-me e fazê-la chorar mais

PERIGOSAS ACHERON

ainda. — Está tudo bem?

Fazendo um biquinho muito fofo com a boca, do jeito que gosta de fazer quando está carente, ela diz que sim.

— Os testes. — Ela apenas balança a cabeça em confirmação e ao se aproximar de onde estou, entrega cinco tirinhas de cor clara e ao aproximá-las dos meus olhos, todas elas têm duas marquinhas avermelhadas em algum ponto.

— Isso que dizer...

— Nós estamos grávidos, meu amor
— fala entre sorrisos e soluços, demonstrando estar muito feliz com a confirmação de algo que nós dois

estávamos desejando secretamente desde o momento em que a suspeita foi suscitada.

— Eu sabia, anjo, eu sempre soube.

— Sem aviso, lhe tomo nos meus braços, e exultante de felicidade, giro-a no ar, repetindo sem parar o que gostaria de gritar para o mundo saber:

— Eu vou ser pai. Pai, porra! —
Sinto-me poderoso, como se fosse capaz de dominar o mundo e essa é uma sensação para jamais ser esquecida. O dia em que a minha família começa a ser criada. Eu, a minha mulher e o primeiro de tantos filhos quanto ela desejar ter.

A mim não importa se dois ou cinco, vindo dela, sei que será um presente perfeito, pois é
PERIGOSAS ACHERON

isso que Ângela Albuquerque representa para mim, o meu presente perfeito.

— Sim, você vai ser pai, querido e depois de cinco testes, não existe qualquer dúvida.

— Eu nunca duvidei — digo, colocando-a no chão, mas ainda sem conseguir soltá-la. — Eu sabia.

— Como? — indaga já mais calma e dessa vez vê-la chorar não me incomoda, pois sei que são lágrimas de alegria.

— Eu sabia que depois de tudo, nós dois merecíamos essa recompensa. Uma que marcará uma nova fase na nossa vida, onde não

teremos batalhas tão árduas a pelejar, para enfim podermos viver a nossa vida juntos, construindo a nossa família e cuidando do nosso amor.

— É tudo o que desejo, Bruno. Ser a mulher que você merece — declara e sei que no fundo pensa que não é essa pessoa e a mim, cabe convencê-la do contrário.

— Você já é, amor. Sempre foi e desde o início eu amei a garota cheia de vida e hoje, o pouco tempo que parece uma vida inteira, fez-me amar a mulher que vejo você se transformar. O meu pequeno anjo, guerreira e linda como uma miragem.

— Eu estou tão feliz e ao mesmo

tempo sinto tanto medo — confessa e tem razões para se sentir assim.

— Não tenha medo, nós somos um time, lembra? Eu vou cuidar de você e do nosso bebê e assim será a partir de agora. — Pego-a nos braços sem fazer o mínimo esforço e a levo para a cama. Lá, ajeito-a cuidadosamente sentada contra os travesseiros e para deixá-la mais a vontade, por fim tiro dos seus pés as sandálias de dedo. — Confortável?

— Não faz assim que eu vou ficar mal acostumada e insuportavelmente mimada — avisa.

— Pode ficar, diabinha. Farei todas as suas vontades e dele também, para que já nasça
PERIGOSAS ACHERON

amando o pai.

— Bobo. — Ela bate a mão no colchão, chamando-me para o seu lado. Sem que precise de um segundo convite, tiro somente o tênis e aconchego-me ao seu lado.

Ainda bobo como a minha garota acabou de chamar-me, apoio a cabeça em uma das mãos e com a outra, levanto a sua blusa até a altura dos seios, deixando que a barriga ainda plana fique totalmente livre para o meu toque. Carinhosamente, faço movimentos circulares de cima a baixo e assim fico por muito tempo, apenas curtindo o meu presente e velando a sono da Ângela que acabou dormindo com o carinho preguiçoso.

Quando dei conta das horas, levantei e sem o mínimo constrangimento, saí para conhecer melhor o lugar e na volta trazer o almoço da minha dorminhoca preferida.

Como é horário de almoço, pelo pátio e por onde passei, percebi o lugar bem mais movimentado e chamou-me atenção o fato de aqui estarem internadas pessoas de todas as idades, sexos e independente do problema, todos estão aqui com um propósito. Nenhum deles é a passeio, ao contrário do que a bela fazenda faz pensar.

Trata-se de um ambiente onde se respira paz e tranquilidade. Existem árvores frutíferas e bem cuidadas por toda a área, hortas

PERIGOSAS NACIONAIS

que provavelmente produzem ingredientes para as refeições e a área dos animais, onde o estábulo é o que mais enche os olhos. São belos cavalos que não muito longe da área própria para eles, correm livres pela hípica, sendo montados por pessoas que muitas vezes só precisam dar e receber carinho. Para isso, creio que não exista amigo melhor do que os animais.

A minha menina não só uma vez falou-me dos passeios à cavalo e do quanto se sente bem quando está montando, atividade que segundo ela é a melhor de todas as propostas pela equipe da clínica.

No fim, cheguei à conclusão de que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apesar de não concordar em muitas atitudes que os Albuquerque tomam, aqui é o melhor lugar para a minha menina estar quando as crises tornam-se graves demais, como foi o caso da última vez. Ângela tem a tranquilidade, a natureza e principalmente, a ajuda de profissionais competentes. Agora que consegui convencer o seu Tarcísio de que liberar as visitas é o melhor para Ângela, tenho fé de que ela sairá daqui mais rápido do que pensa, já que agora tem a força de pessoas que a amam além dos pais e também carrega no ventre o maior de todos os incentivos. O nosso bebê, o pequeno milagre.

No refeitório, apresento-me para

PERIGOSAS ACHERON

todos, tendo alguns curiosos com a figura diferente e também para os médicos que vão de psicólogos a nutricionistas. Além ficarem sabendo que sou o namorado da Ângela Albuquerque, também estão cientes de que me verão muitas vezes por aqui. Como um pai de primeira viagem, tive vontade de fazer várias perguntas, mas com custo decidi me segurar e não meter os pés pelas mãos, antes de conversar com a Ângela.

Com uma bandeja com comida suficiente para nós dois, volto para o chalé e na mesma posição em que a deixei, Ângela permanece dormindo.

— Amor, você precisa acordar —

digo, depois de ajeitar a nossa refeição sobre a mesa — Já passa da hora do almoço e ainda não vi você comendo hoje. — Beijo-a na boca, a ponta do nariz e as bochechas, até que lentamente ela abre os olhos. — Só mais um pouquinho. Deita aqui comigo e me abraça — pede manhosa e se tivesse puxado o meu braço com mais força eu teria caído com tudo sobre o seu pequeno e frágil corpo que parece ainda mais frágil com o peso perdido nas últimas semanas.

— Depois eu deito, bebê e deixo você dormir por quantas horas quiser, mas agora, você tem de almoçar e alimentar o seu filho — digo e é só o que basta para tê-la desperta e sentada na

PERIGOSAS NACIONAIS

cadeira, apenas esperando que eu termine de encher o seu prato.

— O cheiro está uma maravilha. —
Os olhos azuis chegam a brilhar para o prato recheado de lasanha e para o suco. Enquanto ela devora a massa, aproveito para decidirmos algumas coisas.

— Tem algo marcado para hoje?

— Mais tarde tenho hora com o psicólogo — diz.

— Tudo bem, daqui a pouquinho vou embora, não quero atrapalhar suas atividades e consultas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vai, por favor? — pede, segurando a minha mão em cima da mesa.

— Amor...

— A consulta não demora mais que uma hora e depois estarei completamente livre para você. Não esqueça que nós temos de comemorar — insiste.

— Pensei que já estivéssemos comemorando — provoco-a, sabendo que ela não precisa insistir. Na verdade sou eu quem precisa me segurar para não ficar muito tempo e correr o risco de distrai-la do tratamento e do propósito de estar nesse lugar.

PERIGOSAS ACHERON

— Não o meu tipo de comemoração.

— Você só pensa em sexo, Ângela Albuquerque?

— Desde que conheci o homem mais lindo da cidade, sim — afirma quando por baixo da mesa, passa o pé pelo meu calcanhar e no rosto tem a expressão de garota inocente que ela não é. — Só penso em sexo.

— Não te julgo, pois desde o dia em que fui assediado no banheiro por uma garota chatinha e muito convencida, eu também não penso em outra coisa.

— Vou perguntar para o psicólogo se

PERIGOSAS NACIONAIS

essa doença tem cura — brinca descontraída e aparentemente satisfeita.

— Nós não precisamos de cura, garota gostosa. Você tem cinco segundos para sentar aqui no meu colo ou perderá o direito à recompensa chamada: foda comemorativa pela vinda do nosso bebê.

Mal termino de falar e Ângela já não está mais na sua cadeira. Nas horas seguintes, eu e a minha namorada estivemos no nosso mundo particular, onde permitimo-nos realmente comemorar e nos alegrar com a nova etapa que se inicia nas nossas vidas. Outros assuntos e preocupações ficaram esquecidos e entre conversas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a respeito da gravidez e planos para o nosso futuro como casal, terminamos o dia nos amando com paixão. Quando nos meus braços ela caiu em um exausto e merecido sono, demorei alguns minutos para encontrar o meu próprio descanso, já que a minha mente não cansa de maquinar ideias para tê-la permanente como está agora, dormindo e acordando nos meus braços, todos os dias.

PERIGOSAS ACHERON



Despedidas



Em uma rotina muito bem planejada e sendo acompanhada de perto por Bruno, passaram-se três semanas desde o dia em que tivemos a confirmação da minha gravidez e desde então, estamos curtindo cada segundo dela. Fora Marina e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Erick, ninguém mais sabe da novidade, pois nós dois em comum acordo, decidimos manter o segredo e curtirmos o momento. Por causa de alguns remédios que eu vinha tomando e de algumas atividades que andava fazendo, também informamos para os médicos e eles adequaram o tratamento de uma maneira a não prejudicar a mim e o bebê.

A longo prazo, a liberação das visitas por parte do meu pai mostrou-se eficiente e um ótimo aliado. Com a presença das minhas amigas Marina e Maya a até mesmo do meu pequeno João, estive tão animada e feliz que às vezes até esquecia onde estava. Nas horas programadas, continuei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazendo o que fazia antes, só que com empolgação e vontade de ser liberada para enfim ir para casa. Foram diversas conversas com a psicóloga, onde — como das outras vezes — tive de ser sincera para falar e ouvir o que precisava, com psiquiatras, terapeutas e várias atividades ao ar livre, onde pude exercitar a minha mente. No fim, quando finalmente a equipe entendeu que eu estava apta para novamente voltar para o convívio com a minha família e amigos, eles entenderam que eu estou bem o suficiente para conseguir lidar com os fatos da vida e isso sem sofrer em demasia a cada passo fora da curva. Fui recomendada a sempre conversar e me abrir com as pessoas mais próximas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e nunca esconder quando não estiver bem. Conselho que pretendo seguir a risca, pois sei que ficar calada foi um dos motivos de eu ter ficado mal a ponto de precisar ser internada.

Hoje, depois de ter revelado tudo para o Bruno e para a Marina, as pessoas que mais confio, sei que será mais fácil do que quando só podia contar com meus pais, que apesar de me amarem como pais devem amar os seus filhos, nunca senti segurança em conversar com eles e creio que tem a ver com a culpa que carrego, hoje menos que há mais de um mês atrás.

É sempre assim a cada nova internação, eu entro completamente perdida e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desequilibrada emocionalmente e saio com a sensação de que um peso enorme foi tirado das minhas costas e assim fico até que aos poucos tudo começa a voltar. Dessa vez sei que tenho motivos para lutar, para pedir socorro e mesmo sabendo que é algo que me acompanhará pelo resto da vida, tenho fé que algo dentro de mim mudou, uma boa mudança.

Além de fazer por mim mesma, como foi batido na tecla pela psicóloga, faço também pelas pessoas que amo. Meus pais, Bruno, meus amigos e agora o bebê, tenho vontade de ser melhor e fazer o máximo possível para não me entregar e quando sentir que as crises estão querendo se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apresentar, conversarei com alguém, ao invés de achar que está tudo bem, como aconteceu há algumas semanas.

Agora, enquanto termino de arrumar os meus pertences dentro de uma mala e apesar do significado de estar aqui dentro, no fundo fica um sentimento de nostalgia. As últimas semanas foram na mesma medida desafiadoras e felizes. Bruno veio me ver todos os dias, e em alguns até dormiu comigo. Acompanhou de perto o tratamento e com muita atenção, ouviu como lidar comigo, da mesma forma como foi feito com os meus pais.

Estamos muito felizes com a gravidez ainda imperceptível e o sexo tornou-se ainda mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

recorrente. Não que antes já não o fizéssemos em demasia, o problema é que agora acontece antes de dormirmos, durante a madrugada que é geralmente quando acordo o coitado e também pela manhã. Quando sou chamada de tarada, dou a desculpa de que são os hormônios da gravidez e para falar a verdade nem sei se são realmente os hormônios ou se sou só eu e o meu desejo de aproveitar cada minuto na companhia dele, já que o nosso tempo juntos foi muito regrado.

Se dependesse mim, ele seria só mais um interno, mas, usando de sensatez, meu namorado optou por não passarmos tanto tempo juntos, já que isso de alguma forma poderia

PERIGOSAS ACHERON

interferir no meu reestabelecimento.

— Pode entrar. — Fechando o zíper da última mala, grito para a porta que está sendo esmurrada.

— Você está fazendo uma galera te esperar lá fora. — É Marina quem fala ao se aproximar do sofá encoberto de malas e vários outros pertences meus. — No meu casamento eu cheguei menos atrasada do que você à sua festa de despedida. — Constata um fato. Eu realmente nunca fui conhecida pela minha pontualidade.

— Não dizem que o melhor da festa sempre chega por último? — Dou de ombros e ela não consegue manter-se séria.

— E deixa eu adivinhar, o melhor da festa é você? — Ela ri e até o bebê nos seus braços fica agitado. — Estava com saudade desse seu lado convencida, chatinha — diz e agora sou eu quem estou sorrindo ao lembrar-me dos motivos para o Erick ter colocado o apelido que na época era tudo, menos carinhoso.

— Quem mais seria?

— Tão bom te ver assim, feliz. Só agora percebo o quanto fui cega durante todos esses anos. Você já me perdoou?

— Não tem o que perdoar, só a agradecer e você não faz ideia do que fez por mim, mesmo sem saber.

— Eu não sei exatamente o que fiz querida, mas, farei de novo quantas vezes forem necessárias. Você é a minha irmã do coração, a minha confidente de toda vida e eu faria qualquer coisa para te ver bem.

— Você não pode apelar desse jeito, Marina. Sou uma mulher grávida que ultimamente chora até assistindo desenho animado. — O tom é de brincadeira, mas não deixa de ser verdade.

Aos poucos os sintomas típicos da gravidez começam a se apresentar e não é de se admirar, uma vez que a ultrassom revelou que eu já estava grávida de quatro semanas quando a gestação foi confirmada com os testes de farmácia.

— Ângela Albuquerque grávida do Bruno, às vezes é difícil de acreditar. Nem nos meus melhores sonhos imaginaria que nós duas ficaríamos com amigos de profissão e de escritório.

— Para você ver como temos bom gosto — falo, ao terminar de arrumar todos os meus pertences que estão somente à espera de serem levados para o carro, apesar de eu não fazer ideia de qual será.

Bruno e eu não chegamos a um acordo sobre o assunto em nenhuma das vezes que tentamos falar sobre isso. Tanto eu como ele temos o desejo de irmos direto para o apartamento e se fosse guiar-me única e exclusivamente pelas

PERIGOSAS NACIONAIS

minhas vontades, eu me mudaria hoje mesmo para o apartamento que vejo como a minha própria casa. Lá me sinto bem, tenho liberdade para deixá-lo com quiser e até mesmo para queimar as panelas quando tento cozinhar para o Bruno.

Por outro lado, penso no seu Tarcísio e na Dona Mara. Eles estão há semanas sem a filha por perto e sei que não ficariam felizes por me ver sair direto para a casa do namorado. Tendo de tomar uma decisão, sei qual dos três é o mais compreensível e por mais que não seja a minha vontade, agirei com a razão. Além disso, eles ainda precisam saber que serão avós e para isso, o terreno terá de ser aos poucos preparado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sei que teremos dois tipos de reações.

A do papai que apesar torcer o nariz para o fato de ter engravidado antes de estar casada, ficará feliz por ser avô e a da minha mãe, que se acha nova demais para ser mãe de uma mulher, imagino o que pensará sobre ser avó. Já até consigo visualizar ela muito apegada ao neto e ainda assim o ensinando a chamá-la pelo nome.

— Acho que provavelmente você tenha razão, fismos os melhores partidos da cidade, o desejo de onze entre dez mulheres. — Marina se gaba e com razão, até porque, não somos nós quem afirmamos, são os constantes tabloides de fofoca do estado.

PERIGOSAS ACHERON

— E eles têm sorte de terem nos conquistado.

— Não tenha dúvida disso, gravidinha. Você está pronta? — Seus olhos vão para o pequeno e no momento ele dorme tranquilo, pouco se importando com o papo da mãe e da tia.

— Agora estou — aviso, passando a mão pelo meu vestido solto e depois pelo meu cabelo preso em rabo de cavalo frouxo.

Ao sairmos para o pátio da igreja é impossível não me emocionar com o que vejo. Em fileira, está toda a equipe e responsáveis pela clínica. Pessoas que nesse período e em todos os outros foram as minhas amigas, que não me tratam

PERIGOSAS NACIONAIS

como mais uma paciente e sim como uma pessoa que tem suas particularidades e às vezes só precisava ser vista e ouvida por alguém. Vejo também outros internos, homens e mulheres de todas as idades, pessoas novas e as que sempre estiveram aqui, desde a primeira vez. Muitas delas foram minhas amigas, companhia nos momentos em que me vi sozinha e sem ter com quem conversar.

Meus pais também estão presentes e apesar de se fazer de dura, vejo a minha mãe emocionada e o meu pai não faz questão de esconder orgulho e a emoção. Vê-lo assim faz com que eu mesma não consiga conter a minha emoção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ver meu pai bem e orgulhoso é uma satisfação para mim, um prazer que gosto de sentir, pois com ele, sinto que tenho uma dívida a ser paga. Vê-lo bem é saber que apesar da minha imprudência quando ainda criança, o fato de me sentir amada por ele, apesar das falhas, é a certeza de que de alguma forma alcancei a misericórdia. É a prova de que meu irmão me perdoou e que de onde o pequeno Caio estiver, ele sabe que nós jamais o esqueceremos. Seguimos as nossas vidas, cada um com o seu próprio fardo, mas sempre levando no coração a criança linda que por pouco tempo viveu entre nós e logo tornou-se um anjinho.

No fim, sinto-me feliz pela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

homenagem e ao mesmo tempo frustrada, pois falta algo, ou melhor, alguém. A pessoa mais importante nessa caminhada. Quem mesmo nos meus momentos de maior estresse — principalmente nessa etapa final — não fugiu, esteve ali, me lembrando dos motivos pelos quais não devo jamais desistir de viver, de ser feliz.

O Bruno não veio. Meus olhos já percorreram atentamente em todo o lugar e não o vejo em nenhuma parte. Todos estão aqui, menos ele e perceber isso acaba com toda a minha animação, além de trazer uma enorme preocupação. Sei que ele estaria aqui se pudesse e como não está, só posso supor que algo aconteceu para impedi-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Descobrir o que foi será a minha missão a partir desse momento.

A missão mostrou-se mais difícil do que eu imaginava, pois alheios a minha atual preocupação, todos só queriam confraternizar, me parabenizar e se despedir de mim. Da forma como aprendi a agir sendo filha de quem sou, me vi obrigada a manter a pose e a receber com um sorriso no rosto cada abraço e votos de felicidade.

Mais de uma hora depois, quando todos já estão com suas bebidas e petiscos nas mãos, comendo e tendo conversas descontraídas, aproximo-me de onde estão meus pais e também o casal açúcar. O assunto termina assim que eu chego

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perto. Todos eles estão estranhos nesse momento e eu não titubeio antes de começar o interrogatório.

— Pai. Marina. Onde está o Bruno?

— Os quatro se entreolham e agem como se não soubessem o que falar, o que me deixa ainda mais aflita. — Por favor, se sabem de alguma coisa, falem de uma vez.

PERIGOSAS ACHERON



O pedido



— Vocês estão me assustando. Pai?

— Aproximo-me do meu velho e só então tenho certeza de que algo está acontecendo.

— Quero que você seja muito feliz, minha filha. Já sofreu tanto e por mais tempo do

que deveria. Por muitos anos carregou um peso maior do que poderia suportar e acredito que agora o seu momento chegou. Seja feliz, é só o que eu te peço.

— Eu não entendi, papai — digo, mesmo que as suas palavras tenham tocado-me fundo e tenha em si significados que em outro momento — quando estiver mais calma — poderei compreender. — Aconteceu alguma coisa com o meu namorado? — Olho para a minha mãe ao seu lado e no rosto ela mantém uma expressão indecifrável e não tenho certeza se ela está feliz ou triste. Satisfeita ou frustrada.

— Vem comigo — chama ao segurar

a minha mão e levar-me para a área mais ampla do jardim da fazenda. Alguns metros à frente do pátio existe uma espaçosa área a céu aberto, onde geralmente são feitas algumas comemorações festivas. O lugar é muito bonito, uma paisagem inspiradora e não tenho ideia do por que o seu Tarcísio está levando-me para lá e muito menos os motivos de todos estarem nos seguindo.

— Devo me preocupar? — indago e segurando a minha mão, ele se recusa a responder, apenas abre um sorriso indecifrável.

Com ele do meu lado, sinto-me mais tranquila tendo a certeza de que ele não estaria tão calmo e sorrindo se algo de ruim tivesse

acontecido.

— Alguém tem uma surpresa para você — revela e com a atenção toda nele, pergunto:

— O Bruno?

— Olha para frente e descubra, princesa curiosa. — Ele pede e quando miro para o enorme campo, ele está limpo como sempre e na grama verdinha e bem aparada não tem nada menos que o meu namorado fujão. Bruno tem as mãos escondidas nas costas, vestido com elegância e não posso deixar de admirar a sua beleza quando usa os óculos de grau e a barba bem feita por fazer. Eu disse que tinha gostado e ele acabou mantendo-a.

No rosto, Bruno não esconde o sorriso de satisfação e também um pouco de nervosismo.

— Oi, meu amor. Achou mesmo que eu não estaria aqui em um momento especial como esse? — fala um pouco acima do tom para que assim possa ser ouvido, uma vez que ainda estamos à uma distância considerável do lugar onde ele está.

Estou louca de vontade de correr até lá e enchê-lo de beijo, mas, como sei que ele provavelmente tem um plano e não quero estragá-lo, mantenho-me onde estou apenas esperando o seu sinal.

— Estava estranhando a sua ausência — confesso tão alto quanto ele, deixando de fora o

PERIGOSAS ACHERON

fato que foi bem mais que estranhamento. A realidade é que eu estava ficando desesperada.

— Amor, eu preciso que dê cinco passos para frente — pede e ao olhar para trás, todos estão no mais completo silêncio. Como uma plateia, a galera parece esperar com expectativa o que Bruno está aprontando e eu não tenho noção do que seja.

Quando vou fazer o que instruiu, o faço na intenção de levar o meu pai junto, mas assim que tento dar o primeiro passo o levando junto, meu pai puxa-me de leve para trás e fala:

— Apenas você, querida, é o seu momento — eu apenas concordo com a cabeça e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dou um beijo no seu rosto, antes de fazer como o Bruno instruiu.

Cinco passos depois vejo meu namorado ainda com as duas mãos para trás, quando uma forte ventania e um barulho que antes não existia começa a ser ouvido. Olho para o céu e lá vejo um helicóptero sobrevoando a fazenda e um pouco mais baixo do que é comum. Coloco a mão em cima dos olhos para tapar o sol ainda fraco da manhã e assim ter boa visão de cima.

Vejo o momento em que a porta do helicóptero é aberta e de uma forma que jamais imaginei, vejo o momento em que pétalas de rosas começam a ser jogadas. É a cena mais linda que já

PERIGOSAS ACHERON

presenciei e quando ele se movimenta, para em cima de onde estou e as pétalas de rosas vermelhas e perfumadas caem exclusivamente sobre mim. O gesto é de um romantismo e delicadeza sem igual e saber que o Bruno foi capaz de fazer isso para mim tem o poder de deixar-me com as pernas bambas, as carnes trêmulas e o coração acelerado.

Ao olhar para Bruno, o vejo vindo na minha direção com um sorriso deslumbrante no rosto e quando está a um palmo de distância do meu corpo, diante dos meus olhos ele se posta de joelhos e ao colocar um dos joelhos sobre a grama, estende a mão direita, dentro dela segurando uma pequena caixa quadrada e azul. O coração vem à

boca, lágrimas enchem os meus olhos e tudo o que penso é na emoção antecipada pelo que ele pretende fazer.

Vai fazer e de qualquer forma, sei que estou pronta.

— Bruno, amor...

— Ângela Albuquerque, você é a minha chatinha, o meu pequeno anjo e a minha diabinha. Agora, também é a mãe do meu filho. Sei que posso ter dito um milhão de vezes, mas enquanto eu respirar, jamais me cansarei de repetir, portanto, acostume-se com isso. Eu amo você, a menina mulher que apareceu sem pedir licença. Invadiu o meu coração quando ele estava fechado e

PERIGOSAS ACHERON

nele fez morada permanente. — As lágrimas já rolam e dessa vez nem posso culpar os hormônios da gravidez.

— Por você tornei-me um novo homem e até mesmo voltei a enxergar. Eu nunca fui um homem cético a respeito do amor, também não acreditava na força que atribuem a ele. Com você, entendi que não existe nada mais poderoso que a força de um grande amor. Amar e ser amado é a melhor coisa que um ser humano pode ter e com você eu tenho isso e muito mais. Desejo passar o resto dos meus dias amando e sendo amado por você. Não existe maior verdade do que o fato de nos pertencermos. Sou seu e você é minha, mas

isso já não é o suficiente. Quero muito mais. Dormir e acordar do seu lado todos os dias. Compartilhar as alegrias e as dores e nada me fará mais feliz do que chamá-la de minha esposa. — Emocionado como eu estou, apesar de não chorar como faço, Bruno segura a minha mão direita e continua:

— Ângela Albuquerque, me daria a honra de se tornar a minha esposa? Casa comigo, meu amor.

— Sim, mil vezes, sim — grito em alto e bom tom e quando ele se levanta, coloca a aliança de ouro no meu dedo. Depois ele me abraça com força, girando-me no ar sob o som de fortes

aplausos e das pétalas de rosas que do céu ainda caem sobre nós.

— Meu amor, eu sou o homem mais feliz desse mundo. — Ao colocar-me novamente no chão, o meu agora noivo me beija com ternura e através desse do beijo imprime ao momento o seu toque especial.

Por vários minutos permanecemos em um mundo só nosso, nos beijando e aos sussurros, falando palavras de carinho. O tempo passou, o helicóptero se foi sem que percebêssemos e quando olhei em volta, percebi que só tínhamos sobrado nós dois. Discretos, os nossos amigos e familiares se foram, certamente para dar-nos a privacidade

para curtirmos o nosso momento.

— Espantamos o pessoal, senhor romântico — digo ao terminar o beijo com selinhos, no processo limpando os seus lábios úmidos dos nossos beijos, assim como ele faz comigo.

— Tinha de dar carinho para a minha gravidinha — fala e não sei se na história existiu um homem mais coruja com o filho que nem nasceu do que o Bruno. Ele tem estado super cuidadoso e atencioso a todas as minhas necessidades.

— A sua gravidinha está um pouco cansada e quer ir para casa — revelo, sentindo o

PERIGOSAS ACHERON

agito da confraternização de despedida e toda a surpresa cobrar o seu preço. Sinto-me cansada e sonolenta e o sono eu atribuo ao fato de ter acordado muito cedo para arrumar as minhas coisas dentro das malas.

— Está legal, vamos para casa, as suas coisas o seu pai já levou e depois nós dois conversaremos sobre isso, tudo bem? — indaga e de uma forma que não imagino qual, vejo que meus pais estavam envolvidos em tudo o que aconteceu hoje, tanto a confraternização, o pedido de casamento e a minha ida com o Bruno.

— Me parece um ótimo plano — falo e de mãos dadas, dirigimo-nos para a saída da

PERIGOSAS ACHERON

fazenda. Enquanto caminhamos um filme passa pela minha cabeça e o sentimento de nostalgia invade o meu peito.

Não é a primeira vez que faço o mesmo percurso e nem que eles me dedicam uma festa de despedida, porém, dessa vez eu sinto que tudo está diferente, que os sentimentos são mais intensos de uma forma saudável. Sei que de uma maneira muito estranha, eu vou sentir falta desse lugar que faz parte da minha vida há mais anos do que sou capaz de me recordar, mas sei que vivi as minhas maiores alegrias até momento. Reencontrei o meu amor da melhor maneira possível. Descobri uma gravidez, estive mais próxima aos meus pais,

principalmente do seu Tarcísio, já que Mara tem o jeitão dela e dificilmente irá mudar. E por fim, mas não menos importante, fui pedida em casamento pelo homem que me conhece por completo, o que viu o meu pior lado e ainda assim quis ficar.

Então talvez eu não seja tão maluca em imaginar que sentirei falta de uma clínica psiquiátrica.

— Eu só tenho ótimos planos, meu amor. — Bruno pisca o olho intensamente azul para mim e imagino quanto tempo levará até que eu me acostume com a beleza desse homem.

No caminho, Bruno foi o de sempre e nós obviamente não nos livramos de passar

PERIGOSAS ACHERON

vergonha na frente do motorista que ele ainda chama por não ter coragem de dirigir. Um trauma que ainda não foi curado, mas que se depender de mim, ele em breve vencerá mais essa barreira.

— Foi só um beijo — ele se defende quando saímos do elevador.

— Na parte de cima, mais para baixo as suas mãos teimavam em tocar meus seios.

— Eles estão grandes e irresistíveis — rebate.

— O seu pau também estava duro, grande e irresistível e nem por isso eu o coloquei nas mãos. — Não foi por falta de vontade, pois o

PERIGOSAS NACIONAIS

clima estava quente pelo simples fato de o Bruno beijar como fode. Ou seja, divinamente.

— Não sabe que o perdeu, eu teria deixado se você quisesse — provoca, não levando a sério o meu constrangimento e ele tem razão de não levar, até porque, seu motorista provavelmente estava mais preocupado com o trânsito do que no casal se pegando. O problema é que eu não consigo relaxar e esquecer que poderia a qualquer momento nos ver. Bruno não tem o mesmo problema. É apenas um homem agindo como outro da sua espécie.

— Safado.

— Cadela — devolve.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cadela é a senhora sua... — Dou uma pausa. — Meu Deus, Bruno, você é perfeito.

— Não será safado? — brinca e por trás, enlaça a minha cintura.

— O meu safado. — Olho maravilhada para o caminho de pétalas que nos leva até o nosso apartamento. O chão do corredor parece um tapete perfumado e vermelho.

— Exagerei?

— Não. Está tudo perfeito.

— Ainda bem, senão teria que entregar a Marina. Foi ela quem sugeriu isso tudo.

— Lá dentro?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Teremos a nossa comemoração particular. No melhor estilo Bruno e Ângela de ser.

— Sem avisar, ele pega-me nos seus braços e nos leva até a porta. — Escandalizaremos os vizinhos com os seus gritos de satisfação.

PERIGOSAS ACHERON



Do zero



Eu a tenho nos meus braços e a sensação é de estar segurando com as mãos todo o meu mundo. Nada importa, somente o que eu literalmente carrego comigo.

— Nada de scandalizar os vizinhos,

amor — protesta quando com o pé fecho a porta as nossas costas.

— Quer que eu amordace a sua boca? Pois só assim para conseguir frear o seu entusiasmo — provoco, mas quando a coloco no chão, a minha Ângela já não está mais prestando atenção em nada do que eu estou falando.

— Eu não acredito que você fez isso, Bruno. — Está estática no lugar onde a deixei e os seus olhos não escondem a surpresa e o encanamento pelo que preparei para ela.

— Por você eu faria qualquer coisa, já disse isso mais de uma vez. O que fiz aqui é o mínimo pelo que você merece — digo e me

PERIGOSAS ACHERON

silencio, deixando que ela tenha o seu tempo para curtir e entender o que tudo isso significa, se é que ainda não esteja suficientemente esclarecido.

Quando em uma tarde qualquer fui à clínica visitá-la, como vinha fazendo, mas não tanto quanto gostaria por medo de atrapalhar o seu tratamento, recebi junto com ela — ao presenciar o final da última consulta — notícia de que estava liberada para sair. Eles entenderam que a minha mulher estava bem o suficiente e da minha parte não houve qualquer dúvida, pois, apesar de ter pesquisado muito a respeito do assunto, sei que sou leigo e mesmo assim percebi a sua gradativa melhora. A Ângela que eu vi dia após dia, semana

PERIGOSAS NACIONAIS

após semana não era a mesma que encontrei quando pela primeira vez coloquei os meus pés na fazenda e até mesmo antes de eu descobrir sobre as crises quando ela já tinha algumas atitudes que me chamavam a atenção, mas não o suficiente para fazer-me perceber que ela estava no seu limite.

Vi ela sorrir mais e chorar com menos facilidade e das vezes que o fez, soubemos que foi pela gravidez e não pela fragilidade de um psicológico abalado. Minha namorada deixou que eu a visse por completo e hoje eu finalmente tenho a resposta para um antigo, porém legítimo questionamento.

Anjo ou diabinha?

PERIGOSAS ACHERON

Nem um nem outro. A minha pequena é uma mistura dos dois. Já não consegue mais ser a criança que muitas vezes me confidenciou ter sido e nem a garota retraída que a vida e até mesmo os pais tentaram forjar. É simplesmente Ângela, a garota forte e decidida e também a frágil e doce. Dentro dela as duas se misturam e formam a garota perfeita. A minha garota perfeita.

O meu pequeno anjo, a minha diabinha e agora a minha noiva. Ela pode ser todas ou apenas, Ângela.

O apartamento que agora ela vê completamente livre de móvel ou qualquer outra coisa que não seja um lugarzinho no quarto para

que possamos dormir — já que até a cama foi tirada —, tem todo um significado e eu torço para que ela compreenda.

Livrar-me de tudo foi a primeira coisa que eu fiz quando voltei da casa do pai da minha namorada, pois, mesmo antes de saber da alta dela, o desejo de pedi-la em casamento não saía da minha mente, muito pelo contrário, a cada dia que passava ficava mais forte o desejo de torná-la oficialmente minha. Além da vontade, também contou o medo de vê-la voltar para casa e perto da pessoa que sem sombra de dúvidas foi o fio condutor para os problemas que a filha desenvolveu. Nem precisei ir muito longe para ter

certeza da responsabilidade da Mara Albuquerque, bastou algumas poucas conversas com a Ângela e pronto, eu já tinha uma resposta.

Não sei se é intencional ou só imprudência mesmo, mas uma mãe fazer uma tortura psicológica tão grande com a própria filha me parece grave e desumano demais para qualquer pessoa, imagina se essa pessoa era somente uma criança. O pai, esse que leva consigo a culpa de ter negligenciado a filha e de ter tentado a vida toda usar da fragilidade para o seu bel-prazer e interesses puramente financeiros, pelo menos reconhece os erros e tenta consertá-los pelo bem da filha que nitidamente ama e nutre genuína

preocupação.

Tarcísio Albuquerque não só não impôs obstáculos quando sem aviso, apareci na sua casa e pedi a mão da sua filha em casamento, como também se mostrou ansioso para a realização do mesmo o mais rápido possível. Para mim ficou claro que nutre o mesmo medo que tenho de tê-la novamente em casa e que isso seja o gatilho para novos surtos emocionais a longo prazo.

Ao fim, meu sogro deu os conselhos que todo homem casado e mais experiente daria para o futuro genro, pediu-me para fazer a filha feliz e ameaçou-me, caso eu a faça sofrer. Saí da mansão com o sorriso de orelha a orelha e com a

cabeça cheia de ideias de como faria para surpreendê-la com o pedido.

Felizmente, a minha diabinha tem na Marina uma ótima amiga e foi ela quem deu a melhor ideia e ajudou-me a preparar tudo. Ângela adorou a surpresa e sei disso pelo agradecimento feito através dos muitos beijos dados no caminho até aqui. Sobre ter doado todos os antigos móveis do apartamento, a ideia foi única e exclusivamente minha e ela não precisa abrir a boca para dizer nada, a sua expressão fala por ela e vejo que entendeu perfeitamente a mensagem.

— O começo da nossa vida juntos —
diz, voltando para os meus braços visivelmente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

emocionada e surpreendentemente com os olhos secos, o que me deixa muito contente, pois tudo tem lhe feito chorar depois da gravidez.

— Do zero. Como esse apartamento vazio. — Enlaço a sua cintura e olhando nos olhos bonitos continuo: — Nós iremos transformar esse lugar no nosso lar e do nosso bebê. Com a nossa cara e sem nenhum resquício do passado.

— Você pensou em tudo, não é mesmo? — O sorriso é incontido e se Ângela Albuquerque me pareceu linda a primeira vista, não sei como classificá-la na sua versão grávida, pois, apesar da barriga estar praticamente imperceptível, o brilho no olhar é inconfundível.

PERIGOSAS ACHERON

Se eu pudesse usar uma única palavra, diria que Ângela está brilhando, irradiando felicidade e como sol, transmitindo calor por onde passa.

— Em tudo e somente para agradar a minha mulherzinha gostosa e muito guerreira — elogio, trazendo seu corpo cheiroso para mais próximo, diria que nós dois estamos grudados.

— Vai me agradar muito mais se formos agora mesmo para o nosso quarto. — Os olhos brilham, só que agora um brilho diferente, Ângela rapidamente foi do momento fofo para o da safadeza. Essa é a minha diabinha.

— Eu não acredito que você é tão

PERIGOSAS ACHERON

safada, Ângela — digo para provocá-la, porque se tem uma coisa que me deixa louco é esse fogo que ela tem, ainda mais agora. — Estou aqui tentando ser romântico e você pensando em ir para o quarto e para que? Transar. Tudo o que temos feito é transar nos últimos dias — falo e a minha mão discorda da boca, pois está exatamente sobre a bunda macia, apertando-a por cima da roupa.

— Desculpa, senhor romântico, eu pensei que o momento tinha acabado e nós estivéssemos liberados para a parte suada do plano — afirma e por algum motivo o rosto está rosado em sinais de uma timidez que surge em momentos inimagináveis. — E se for uma reclamação, nós

PERIGOSAS NACIONAIS

podemos diminuir um pouco a quantidade de sexo — sugere e nem ela acredita nisso.

— Você achou certo e eu só queria te ver assim, corando como uma freira quando na verdade é uma safada. Quanto ao sexo, jamais será uma reclamação, porque se eu pudesse, passaria o resto dos meus dias em cima de você, gostosa.

— Belas palavras — fala, aos risos quando pego-a nos meus braços e lhe carrego para o nosso quarto, especialmente preparado para esse momento.

— Está vendo como eu aprecio esse seu lado gata fogosa?

PERIGOSAS ACHERON

Sem a intenção de soltá-la tão cedo, espero até que veja o lugar que assim como os outros cômodos está vazio de móveis e as semelhanças param por aí.

Como o quarto é o lugar mais importante, onde teremos os nossos momentos de maiores intimidades e compartilhamento do nosso amor, decidi dedicar uma atenção especial para ele. No lugar onde ficava a cama, montei no chão mesmo algo para substituí-la e entre o colchão e lençóis de seda, consegui que ficasse o mais confortável possível para uma mulher grávida. Ao lado deixei uma bandeja com algumas frutas frescas e duas taças de cristais para com suco,

PERIGOSAS ACHERON

brindarmos ao nosso noivado e fazermos a nossa comemoração particular, como o prometido. As flores foram deixadas de lado e no lugar foram colocados na parede alguns retratos dos momentos que passamos juntos desde o início do nosso namoro, até a minha última visita a clínica. São molduras de todos os tamanhos e a maior delas é a imagem dela sentada sobre a grama da fazenda e alheia a tudo o que passa ao seu redor. A minha pequena tem a cabeça baixa e as mãos sobre a barriga ainda discreta.

Lembro-me do momento como se tivesse acontecido agora e da emoção que senti. Emoção que me impeliu a pegar o celular e através

de uma foto, eternizar o momento.

— Você não é real, meu amor — diz, e como aconteceu comigo, imagino que na sua cabeça passa um filme do que passamos em nome do amor e da paixão incontrolável que nos uniu quando nenhum dos dois queria ou estava preparado. Ver as imagens emolduradas, as nossas expressões ao nos fitarmos com devoção, os sorrisos, tudo; é como ter a prova concreta do que não se pode tocar, apenas sentir.

— Eu existo, sim. — Beijo o rosto e completo: — Existo e sou cheio de defeitos como qualquer outro ser humano que comete e ainda cometerá vários erros. Mas eu prometo que farei de

tudo para não errar com você, para provar todos os dias o quanto eu amo você.

— Te amo, muito — diz olhando dentro dos meus olhos e agradeço pela benção de poder vê-la, enxergar a beleza física e no rosto os sentimentos que ela transmite.

— Eu amo você mais que a vida. — Com ternura, paixão e todos os sentimentos que vem à tona, beijo os seus lábios. O início é lento, o momento de experimentar e depois, como uma chama que pouco a pouco se ascende, o beijo ganha intensidade e a levo para cima da nossa cama improvisada.

Sem que palavras precisem ser ditas,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

começo a tirar peça por peça da sua roupa, aproveitando-me para no processo beijar cada parte do seu delicioso corpo que a minha boca alcança. Ao tirar as minhas próprias roupas e deitar-me sobre o seu corpo, sinto nela a mesma urgência e expectativa do meu.

Sem nenhuma pressa e sem desviar os nossos olhares por muito tempo, começo dando especial e cuidadosa atenção para a tentação que são os seus seios mais cheios e muito sensíveis ao toque das minhas mãos e boca. Depois, e ao som dos seus gemidos de prazer, desço para a barriga e o toque de erotismo se transforma em um toque de puro carinho e devoção, pois não é só a barriga da

PERIGOSAS ACHERON

minha mulher, é também a morada do meu filho.

Quando minha boca desce mais para baixo e alcança a virilha, meus olhos batem na sua boceta úmida e como mágica, o momento de ternura passa e o que resta é o homem faminto por provar o sabor da sua mulher.

Com as mãos nos deliciosos seios, abocanho o sexo desejoso e com ele brinco, sem, no entanto permitir que ela tenha o alívio pelo qual implora. Ângela geme e se contorce e quando noto que está chegando ao seu limite, arrasto-me novamente para cima do seu corpo e fitando-a nos olhos, levo-me para dentro dela, centímetro a centímetro invadindo o seu calor escaldante e

viciante.

— Você é deliciosa — entro e saio lentamente e as suas pernas agarram o meu quadril, com ganância puxando-me para perto. — O bebê...

— Está tudo bem com ele. Agora eu quero que você me foda — exige.

— Eu vou muito, até apagar esse fogo, minha gravidinha safada.

— Então se prepara porque pode demorar um pouco.

— Temos a vida inteira, futura senhora Pires. — Os movimentos passam para intensos, os gemidos fazem eco pelo apartamento

PERIGOSAS NACIONAIS

vazio e não existe outra preocupação até o dia seguinte.

Como um casal de namorados que acaba de ficar noivos, permanecemos por várias horas namorando e planejando como seguiremos a nossa vida a partir de hoje. Decidimos dedicar o fim de semana para montarmos o nosso apartamento e fazer a sua mudança em definitivo, pois, apesar de não termos definido data para o casamento, entre nós ficou estabelecido que ela virá morar comigo antes de ele acontecer. Os pais tiveram uma vida inteira para cuidar da filha e não fizeram da forma mais correta, então, acho que chegou o momento de eu mesmo cuidar e garantir o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem estar da minha mulher. É um direito e um desejo meu e o farei com o maior prazer do mundo, pois, se tem uma coisa que a vida me ensinou nos últimos 5 anos, é que o sucesso profissional não importa se o cuidado com o pessoa que amamos ficar em segundo plano.

Foi um erro cometido e que dessa vez farei de tudo para não repeti-lo, pois já não posso imaginar viver a vida sem a minha mulher e o nosso bebê.

PERIGOSAS ACHERON



Sobre a mesa



Semanas depois...

— Sinto-me a dona do mundo, vendo
a cidade aqui de cima. — Encantada, observo as

deslumbrantes luzes da grande São Paulo e faço isso do oitavo andar do prédio pertencente a Erick e Marina e em breve também ao Bruno. As várias salas comerciais são ocupadas por advogados de várias áreas de atuação e entre eles estão os associados que juntos a Erick e Bruno, tornam da J&E Advogados e Associados o maior e mais bem-sucedido escritório de advocacia do estado e um dos mais conhecidos em todo o Brasil.

— Realmente, uma bela vista. — O meu noivo levanta da sua cadeira que até o momento estava sentado, resolvendo alguns assuntos burocráticos que não podem esperar até amanhã. — Uma deliciosa vista — reafirma e ao

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar para trás vejo que não olha para outro lugar além da minha bunda.

— Terminou? Estou um pouco cansada — reclamo e não é tão à toa assim.

Passaram-se mais de um mês desde a minha saída da clínica e desde então não paramos de nos mover de lado para o outro.

Depois de um resto de tarde e noite muito quente e prazerosa no nosso apartamento sem móveis, no dia seguinte fomos para a minha casa para fazermos a minha mudança definitiva para o apartamento.

Sim, mesmo com o Bruno falando que

PERIGOSAS ACHERON

era uma loucura e estranhamente sugerindo que eu ficasse na casa do casal açúcar, até que conseguíssemos montar o nosso apartamento, eu terminei me mudando e ele fez o mesmo.

As duas mudanças foram muito difíceis e nos dois casos a despedida terminou com risos e algumas lágrimas de alegria quando revelamos a minha gravidez para Ana, Felipe, seu Tarcísio e até mesmo para a minha mãe que de forma discreta, não conseguiu encobrir por completo a alegria com o primeiro neto. Para mim, a sua reação foi uma completa surpresa e oposta do esperado.

Os pais dele ficaram muito

PERIGOSAS NACIONAIS

emocionados com a chegada do primeiro neto, uma emoção compreensível, levando-se em consideração o que eles passaram quando viram o filho no seu pior estado e depois o vendo totalmente recuperado de um grande trauma e em vias de ser pai.

— Se quiser eu tenho um ótimo remédio para te deixar bem relaxada. — Ele cola o peito nas minhas costas e as mãos vão para a minha barriga que começa a despontar.

— Eu vou ter que aceitar sua massagem, meu homem prestativo.

— As minhas mãos e meu pau são mesmo bem prestativos, se você for considerar.

PERIGOSAS ACHERON

— Para de ser safado, Bruno. Estamos no seu local de trabalho, pelo amor de Deus — peço, mas a minha cabeça já está preguiçosamente apoiada no seu peito forte e coberto pela camisa social branca e terno e calça na cor chumbo. O traje típico do seu trabalho e que o deixa muito lindo, uma visão que apesar de ter tido muita vezes nesse meio tempo, parece que nunca me acostumarei. Pra mim será sempre como a primeira vez. O meu homem sexy de terno e gravata saindo para trabalhar e deixando-me com o seu cheiro e com um delicioso e intenso beijo de despedida.

— Cala a boquinha, meu amor e continua apreciando essa bela vista. Deixa que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

cuido de você — pede, as mãos dele sobem para os meus ombros, a massagem começa e os meus pensamentos voam para as lembranças do que foi a nossa vida desde que tomamos a grande decisão.

A nossa mudança para o apartamento foi rápida e o mesmo não posso dizer quanto ao resto. Juntos e quando ele não estava no escritório, saímos às compras e escolhemos cada detalhe do lugar onde decidimos que pelo menos por enquanto será o nosso lar. Hoje ele está pronto e posso dizer que é a nossa cara. Cada cantinho tem a nossa marca e sem contar o quarto do bebê que aos poucos estamos montando, tudo sem exageros, já que ainda não sabemos sexo.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de nos dedicarmos por dias ao nosso novo lar, existiu uma noite em que percebemos que estava tudo pronto e então caiu a ficha das nossas escolhas. Os primeiros dias foram maravilhosos, como uma lua de mel sem ter tido o casamento. Ele seguiu a vida saindo para o escritório às 08hrs da manhã e voltando às 17hrs da tarde e eu, sentindo-me diferente do que sempre fui, percebi que a cada dia estou mais incomodada de ficar em casa, sem nada para fazer. Mesmo que muitas vezes eu vá à casa da Marina e passe um bom tempo na companhia dela e do bebê, quando volto sinto-me entediada e sem ter o que fazer *numa* casa que está toda montada e nem mesmo o

casamento tenho animo para planejar, considerando que Bruno e eu decidimos nos casar só depois que o nosso filho ou filha nascer.

A insatisfação e o sentir-se inútil não é de agora e para ser sincera comigo mesma, é um sentimento que sempre esteve enraizado dentro de mim. Hoje admito que o fato de os meus pais serem superprotetores de alguma forma colaborou para a morte do meu irmão, considerando o fato de nenhum de nós dois sabermos nadar aos seis anos de idade. Não fomos matriculados em uma escola de natação até ser tarde demais e a mesma coisa aconteceu com os meus estudos. Não que eles tenham sido os únicos culpados, sei que tive minha

colaboração por ter sido passiva e por medo, ter deixado o controle de decisões tão importantes para o meu futuro nas mãos deles.

Terminei o colégio da melhor forma que pude e graças a minha amizade com Marina, foi o período em que levei uma vida quase normal. Fiz amizades, sai com alguns garotos e o pior período veio depois da formatura. Eu já não tinha a Marina como ponto de apoio. Ela se apaixonou muito cedo e teve outras prioridades. Em casa, meus pais jamais tocaram no assunto faculdade ou alguma ocupação que pelo menos os ajudasse nos negócios. Eu, como me sentia insegura para começar algo sozinha, guardei para mim o desejo e

PERIGOSAS NACIONAIS

decidi viver com o que tinha. Sempre acompanhada por seguranças, viajei para alguns lugares que não foram uma clínica psiquiátrica e essas viagens foram fugas de casa e de uma realidade em que nada me satisfazia e o tédio ameaçava levar-me a loucura.

Agora, mais de um mês após ter saído de mais uma internação, de ter a minha própria casa e estar construindo a minha própria família, creio que estou preparada para dar mais um passo. Ocupar a minha mente e o meu tempo com algo que eu gosto, mas nada que atrapalhe o meu lado de futura mãe e esposa.

Ainda não pensei exatamente o que

PERIGOSAS ACHERON

farei e espero contar com o apoio do meu amor, quer dizer, sei que contarei com o apoio do Bruno, ele nunca decepçiona quando o assunto é tentar fazer-me feliz. O homem age como se a qualquer momento eu fosse sumir da sua vida e o que era para ser visto com preocupação por minha parte, só serve para deixar-me mais e mais apaixonada a cada dia passado do lado dele. Bruno não leva consigo características de um passado que o levou a situações dolorosas e dia após dia demonstra valorizar a família acima de qualquer outra coisa.

— Dormiu, chatinha? — sussurrando ao meu ouvido, Bruno situa-me na realidade e como falou, suas mãos fortes no meu ombro

deixou-me a ponto de cochilar em pé. — Está melhor?

— Sim, mas acho que não são só os meus ombros que estão carentes de atenção — provoco, porque mesmo quando não estou realmente excitada como é o caso, ele muda a situação ao seu bel-prazer.

— Já disse que você é safada? — morde a ponta da minha orelha e as mãos descem novamente para minha cintura, apertando-me melhor contra o seu corpo.

— Hoje ainda não.

— Estou dizendo agora — diz. —

Prefere aqui, tendo a vista da cidade aos nossos pés ou na mesa, me recebendo no meio das suas pernas?

— Não, amor — nego, porém, sem firmeza. — Lembra-se da última vez em que nos agarramos em público? Fomos seguidos e o meu pai foi chantageado com a prova da nossa safadeza.

Relembro de como foi a minha reação ao descobrir da tentativa de chantagem. Do alívio pelo meu pai não ter cedido e apesar de sabermos que a ameaça existe e que ainda corremos o risco das fotos caírem nas mãos dos tabloides de fofocas, Bruno, eu e nossas famílias estamos preparados para o escândalo que hoje não teria tanta

PERIGOSAS NACIONAIS

repercussão, considerando o estágio do nosso relacionamento.

Nesse mesmo dia falamos tudo o que eu precisava saber sobre o Mateus. Com o Bruno acompanhando de perto os processos, me falaram que Mateus está preso e assim ficará até o seu julgamento. Responderá por tentativa de estupro e extorsão. Ante tudo o que aconteceu e da ameaça que representa para mim e para toda a minha família, não senti nada além de alívio com a notícia. Espero que Mateus seja uma página encerrada nas nossas vidas, uma ameaça superada de alguém que não merece um único pensamento meu.

PERIGOSAS ACHERON

— Poxa, logo você negando fogo? —

Meu noivo desce a mão até a barra do meu vestido e começa lentamente levantá-la, com a ponta dos dedos tocando minha coxa que começa a ficar arrepiada. — E a nossa foda de comemoração?

— Comemoração? — Faço-me de desentendida, pois sei o tamanho da sua conquista.

— Sim, o seu homem além de ser o seu advogado fodão, é também um dos donos desse império da advocacia.

Quando se viu recuperando coisas que o acidente e a perda da visão haviam lhe roubado, Bruno logo se lembrou saudosista da ambição e dos sonhos do passado. Relembrou-me sobre o

PERIGOSAS ACHERON

escritório que tinha aberto e de como ele começava a ir bem. Quando pediu a minha opinião sobre o que fazer, aconselhei que ele conversasse com Erick sobre o seu desejo de talvez reabrir o próprio escritório e ao fazer isso, Erick mostrou-se chateado por perder o amigo e o advogado que acabou por tornar-se o seu braço direito na J&E Advogados e Associados. Um dia depois de conversarem, Erick chamou Bruno para outra conversa e sugeriu que ao invés de abrir um escritório ele entrasse como sócio dele e da Marina na J&E. Bruno pediu a minha opinião e acabou aceitando a ideia.

A verdade é que Bruno e Erick dão-se

muito bem tanto no lado pessoal quanto no profissional. Seria muito estranho ver os dois que são uma dupla imbatível, atuando separadamente e quem sabe até em lados opostos. Burocracias como mudança de nome estão sendo decididas sem pressa e de qualquer forma, essa parece não ser uma preocupação no momento para eles.

Passada a parte chata, hoje Bruno terminou de fazer a mudança de escritório e do sexto andar veio para o oitavo. Andar dos chefões, em que só existem dois escritórios, o do Erick e o ocupado pelo João Junqueira quando ainda era vivo. Como a noiva babona e apaixonada que sou, passei na casa da Marina e depois de mimar o meu

PERIGOSAS NACIONAIS

pequeno e colocarmos os papos em dia, viemos fazer uma visita. Ela para o marido e eu para meu noivo muito satisfeito com a conquista profissional.

— Realmente, esse poder todo me deixa excitada.

— O quão excitada você está, minha deliciosa? — continua sussurrando e me provocando. — Vou encontrar a sua bocetinha molhada de vontade se tocá-la nesse momento? — Bruno tem as mãos brincando com o elástico da minha calcinha.

— Sim, Bruno. Por favor... — Já estou implorando, como eu sabia que aconteceria quando comecei a provocá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

— Vem comigo, meu amor. — Sem soltar-me, ele nos gira e ruma na direção da mesa ainda vazia, uma vez que os seus objetos pessoais de trabalho ainda estão dentro de uma pequena caixa postada sobre o sofá de couro próximo à mesa.

Ao posicionar-me de costas para o móvel, inclusive, com a bunda encostada nele, Bruno chega bem próximo ao meu rosto. Primeiro mirando meus olhos, depois desce para a boca e de uma maneira muita intensa, afirma:

— Eu vou te comer em cima dessa mesa e todos os dias em que eu estiver aqui sozinho, me lembrarei desse momento e da sorte

que tenho por ter você como a minha mulher e mãe dos meus filhos. — Mal termina de falar e já tem a boca na minha, devorando-a com sofreguidão e desejo. As mãos terminam se subir o meu vestido, deixando-o enrolado na altura dos meus quadris e sem fazer força, coloca-me sobre a mesa, depois se colocando entre as minhas pernas.

— Eu preciso de você, Bruno — revelo já muito acesa, como tem acontecido com maior rapidez ultimamente.

— Eu quero chupar os seus peitos, mas isso vai ter de ficar para outra hora — diz. — No momento eu só preciso te fazer minha. — Com urgência, Bruno começa a abrir primeiro o botão e

depois o zíper da calça social. Em seguida ele puxa a minha calcinha para o lado e o toque de conhecimento faz-me revirar os olhos de prazer — Você é muito linda, sabia? — O elogio inocente é feito enquanto dois dos seus dedos invadem o meu sexo, o encontrando pronto para recebê-lo. — Bendito seja o dia em que tirei a venda dos olhos e pude finalmente vê-la. Não poderia morrer sem ver o seu rosto, os sentimentos que você transmite através do olhar. Linda e minha. Você é só minha.

— Só sua. — Minhas pernas envolvem o seu quadril e ao tirar o pênis para fora da cueca com a mão livre, a outra ele retira de dentro do meu sexo, leva os dois dedos úmidos até

a boca e os chupa sem nunca desviar o olhar do meu rosto.

Acompanhando o seu movimento de sucção, sinto-o pincelar a cabeça robusta do pau no meu centro carente e quando ele começa a penetrar-me pouco a pouco, como cuidadosamente faz em todas as nossas transas, com o intuito de não me machucar, sinto como se fosse derreter a qualquer momento sobre a mesa.

— Você é o meu vício, amor. —
Segura as minhas coxas com firmeza e passa a penetrar-me com mais força. — Simplesmente não resisto a esse corpo delicioso, esse rosto perfeito. A voz doce, o cheiro dos seus cabelos que chega

antes. Não resisto a você.

— Não precisa. Nunca. Eu sempre estive aqui para você, mesmo quando não quis enxergar e sempre estarei — afirmo com dificuldade em falar, segurando o seu rosto enquanto o recebo dentro do meu corpo cada vez mais frenético. Ele é enérgico ao ponto da mesa aparentemente pesada ranger contra o piso.

O momento é de intimidade e não só um encontro de corpo. Assim sempre foi entre nós dois e na medida em que gostamos de transar, também gostamos de reafirmar o nosso amor através de gestos de carinhos e de palavras. Nunca é só sexo, é também o encontro de almas e corações

que se pertencem.

— Puta. que. pariu, Ângela. Que gostoso. — As nossas respirações estão ofegantes, as expressões alteradas pelo almejado alívio que se aproxima. — Eu preciso gozar. — Estando nós dois atracados de uma forma em que não se sabe onde um começa e o outro termina, Bruno coloca a mão entre nós dois e quando com os dedos toca o meu clitóris, precisou mais três estocadas duras e nós dois estamos gozando. Ele soltando diversos palavrões e na minha boca está a sua mão a tapando, evitando que os meus gritos de satisfação nos denuncie para o prédio inteiro.

— Está tudo bem? — Depois de

algum tempo estou deitada de costas sobre a mesa, com o vestido todo embolado e as evidências da nossa arte escorrendo pelas minhas pernas. — Será que está tudo bem com o bebê? — Quem pergunta é o pai do bebê, ainda curvado sobre mim, o pau descansando sobre a minha coxa e faz de tudo para não tocar a minha barriga que já começa a despontar. Ele age como se fosse machucá-la a qualquer momento.

— Não vai acontecer algo com ele só por estarmos transando, amor — explico.

— Não é só transar e você sabe disso. É como nós transamos — rebate.

— Está bem menos intenso do que

PERIGOSAS NACIONAIS

antes e está tudo bem. Você até mesmo me fez passar vergonha na primeira consulta, lembra? —

A expressão relaxa visivelmente e ele emenda:

— Se está tudo bem, vamos fazer outra vez? Ainda não estou satisfeito. — A mudança é brusca, Bruno volta a se agigantar sobre o meu corpo e dessa vez desce as mangas do meu vestido, deixando o sutiã à mostra.

— Não Bruno, vamos fazer isso em casa. — Tento agir com sensatez.

— Só mais uma rapidinha e eu juro que nunca mais insisto para fazermos sexo aqui no escritório — diz e nem por um minuto eu acredito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem rapidinho?

— Sim, gostosa. — Tira minhas costas da mesa, enrola minhas pernas no seu quadril, os braços no pescoço e antes de pegar-me, pergunta:

— Dessa vez no sofá?

— No sofá — confirmo, estando nós dois com sorrisos nos rostos e trocando olhares cúmplices de quem sabe que enfim as coisas estão se ajeitando nos seus devidos lugares e que o nosso final feliz depende apenas de nós.

PERIGOSAS ACHERON



Vocação



— Gêmeos? Você não pode estar falando sério, doutora. — Na sala de exames, olho dela para Bruno e ele está tão surpreso quanto eu

estou.

— Falo muito sério. Estão vendo esses dois pontos aqui? — Vidrados, nós dois olhamos para o monitor e acenamos com a cabeça. — São os dois bebês e prestem atenção nesses sons. São os coraçõezinhos deles.

— Não sei o que dizer. — Bruno agora me olha sem piscar e entendo bem a sua reação, pois a minha é a mesma.

Eu estou com quase quatro meses de gestação e na primeira ultrassom, a presença de um segundo bebê não foi constatada. A Doutora Kelly chegou a ter uma reação muito estranha e quando preocupados a questionamos se estava tudo bem,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela apenas disse que constatou uma alteração que não havia percebido da primeira vez. Quando perguntada sobre, limitou-se a dizer que não havia motivos para nos preocuparmos, que estava suspeitando de algo, mas não poderia nos afirmar nada sem antes realizar uma nova ultrassom. Saímos do consultório felizes por estar tudo bem com o bebê e sem estarmos particularmente preocupados, considerando que a médica afirmou que não existiam motivos para preocupações.

Agora, como de alguma forma não foi possível da primeira vez, está nítida a presença de dois fetos, assim como dois corações batendo a todo vapor.

PERIGOSAS ACHERON

— Tive essa suspeita na última consulta e agora deu para ter cem por cento de certeza. Parabéns, vocês serão pais de gêmeos.

— Obrigado. — É Bruno quem diz, porque na minha cabeça repete-se sem parar uma única frase:

Mãe de gêmeos aos vinte e um anos.

Mãe de gêmeos aos vinte e um anos.

— Querem saber o sexo dos bebês?

— A voz chama a minha atenção, olho para o Bruno em busca de concordância e ele apenas sorrir, deixando a decisão em minhas mãos.

— Queremos — digo e a resposta não

poderia ser outra. Bruno e eu estamos há um tempo ansiosos para sabermos o sexo do nosso bebê, apesar de prevalecer a ideia de que o amaremos independente de qual sexo seja. O que não significa que o pai não prefira um menininho, porque segundo ele, uma menina provavelmente herdaria as minhas características e não quer ficar com os cabelos totalmente brancos antes do tempo.

A minha reação? Apenas sorrir e perguntar-me se Bruno não se enxerga na frente do espelho. Tenho vontade de falar que preocupação maior ele terá se a filha parecer com ele, no entanto, prefiro ficar na minha e deixar que descubra por si mesmo.

— Ambos estão com as perninhas abertas e aqui está: um menino e uma menina.

De imediato lembro-me do sonho que tive enquanto ainda estava na clínica e hoje estou tendo a confirmação dele.

Caio e Sofia.

Os nomes apareceram no meu sonho e hoje nós descobrimos que seremos pais de gêmeos, de um casal. Assim como no meu sonho.

E ainda tem quem diga que destino não existe.

— Vou deixá-los a sós por um momento. — A doutora avisa, dando-nos

privacidade e o tempo para assimilarmos as notícias.

Quando ela saiu, pego um lenço, limpo a minha barriga e quando vou abaixar a camisa, meu noivo toca a minha mão e impede o ato. Ele permanece com os olhos vidrados sobre ela já grandinha e saber que são gêmeos é a resposta para a impressão de que ela estava grande demais para o estágio da gravidez. A barriga que não demorou a despontar e quando aconteceu, parecia que a cada manhã ela estava um pouco maior. Bruno e eu não desconfiamos de nada e nem teria o motivo, considerando que o tamanho da minha barriga poderia muito bem ser atribuído a

PERIGOSAS ACHERON

quantidade de comida que venho comendo. Se no início ainda tentei controlar para não ficar acima do peso, o plano não durou dois dias e então passei a comer sem culpa. Das coisas mais simples até as mais estranhas que por vezes fazem o Bruno olhar-me com desespero. Tornei-me a perfeita grávida de gêmeos comilona.

— Nós vamos ter dois bebês, meu anjo. — A mão que até então segura a minha, desce para a minha barriga, a acariciando com a mesma devoção de sempre.

— Sim, nós vamos e agora eu estou morrendo de medo — confesso e os seus olhos caem sobre os meus. — E se eu... — Não concluo,

pois o pensamento provoca-me arrepios.

— Eu também estou com medo, isso é natural e acredito que isso logo vai passar. Não pense em coisas ruins, você está bem e será a mãe perfeita para os nossos filhos — afirma, fazendo-me mais uma vez perceber que está tudo bem, até o momento as crises não têm dado sinal e prefiro acreditar que eu só precisava de carinho e de exorcizar velhos fantasmas.

— Você me ajuda, se um dia eu fraquejar? — Tenho seus olhos presos aos meus e ao segurar o meu rosto com duas mãos, ele declara:

— Não vai acontecer e independente de onde estivermos, eu sempre estarei do seu lado e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabe por quê? Não existe outro lugar onde eu queira estar que não seja do seu lado.

— Amo você e mais ainda por me aguentar louca nos hormônios da gravidez.

— É por isso que é a minha chatinha.

— Beija meus lábios e agora ajeita a minha batinha, cobrindo a barriga.

— Nunca o apelido dado pelo seu sócio pareceu tão apropriado quanto parece agora que estou grávida e chata.

— Eu deveria saber as razões desse apelido? — Agora estamos conversando e o susto pelas descobertas parece uma lembrança distante.

PERIGOSAS ACHERON

— Por um período curto de tempo eu tornei a relação deles um pouco difícil. Tratei o Erick mal e tive ciúme da Marina. Enchi ela de cobrança sobre estar me deixando de lado por causa de um namorado. Uma completa babaquice.

— Não é babaquice, amor — pondera, ajudando-me a levantar da maca. — Tenho certeza de que hoje Marina te entende.

— Está feliz? — questiono, tendo a necessidade de confirmar.

— É mais que estar feliz, pequena. É um sentimento que não pode ser nomeado, mas é muito bom. Eu sei que é assustador pensar que agora a responsabilidade será dobrada, mas o amor

também será dobrado. Será também uma bagunça e nós dois vamos superar, porque somos Bruno e Ângela, a dupla imbatível.

— Nós somos mesmo e essa dupla imbatível tem que correr para a mansão do casal açúcar.

— Temos? — indaga, confuso.

— Hoje é o *mêsverssario* do João, lembra? — esclareço e ele me olha como se tivesse nascido uma terceira cabeça no meu pescoço.

— De novo, não teve isso no mês passado e nos anteriores?

Homens!

— Sim, querido. Por isso o nome *mêsverssario*. É para ser comemorado todos os meses até que ele complete um ano.

— Está bem, anjo. Vamos para a casa do casal açúcar. Só espero que depois você me recompense por ter de ver a cara feia do Erick até aos finais de semana.

— A grávida sou eu e parece que é você quem está com os hormônios em ebulição. Só pensa em sexo.

— Quer mesmo falar sobre hormônios? Não foi a senhorita quem me acordou no meio da madrugada chupando o meu pau?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me lembro de nada disso —
finjo.

— Mais tarde te foderei com bastante
força, assim tenho certeza de que a sua memória
voltará.

— Cala a boca e vamos sair daqui. —
Puxo a sua mão, pego a minha bolsa e antes de sair,
passamos na sala da doutora Kelly para algumas
recomendações.



PERIGOSAS ACHERON

— Como assim gêmeos? — Marina, discreta como sempre, grita alto o suficiente para ser ouvida por todos os seus convidados.

A galera para de conversar, de comer e qualquer outra atividade que estavam fazendo, somente para prestar atenção na conversa. Pareço uma atração de circo e quando olho para onde está o meu noivo, ele tem no rosto um sorriso orgulhoso e convencido.

— É isso mesmo, pessoal — fala para que todos ouçam, enquanto vem para perto de mim.

— Estamos esperando gêmeos e até nisso eu sai na sua frente, Estevan — provoca o amigo e sócio e

enquanto isso me abraça com um braço na cintura, ao passo que a outra mão descansa orgulhosa sobre a minha barriga.

— E certamente um deles será uma menina para o João namorar — devolve na mesma moeda e é o necessário para deixar um Bruno tenso do meu lado.

— Não, tenho certeza de que o João não faria isso com o tio, não é mesmo, meu garoto?

— Pega o gordinho nos braços e como o bebê carismático que é, abre o sorriso para o padrinho e as mãozinhas vão para os cabelos escuros e fartos do Bruno. — Vai ajudar o tio a cuidar da menininha e não permitirá que nenhum gavião

coloque as garras na nossa princesa.

— O show acabou pessoal. Agora esses dois estão apenas sendo idiotas um com o outro — minha amiga avisa, divertida.

Depois da revelação não planejada, a galera voltou a dispersar no jardim que dessa vez está enfeitado com o tema 'O poderoso chafinhu' e por todo ele, montado um cenário com elementos do desenho e até mesmo o pequeno está vestido a caráter. Da maneira mais fofa possível, o meu João está trajando um terninho preto e os cabelos arrumadinhos como o personagem.

A festa continuou normalmente depois da revelação. O que não permaneceu foi a minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

paz e tranquilidade, considerando que a cada passo alguém me interpelou para dar os parabéns e perguntar algumas coisas sobre o tema. Não que eu tenha algo para dizer. Para falar a verdade, esse foi um dos motivos do meu medo inicial, porque simplesmente não sei nada sobre ser mãe de dois. Já estava tudo esquematizado para ser mãe de um e agora terei de percorrer outro caminho. A parte boa é que não estou sozinha e até para receber os parabéns e as perguntas curiosas ele está do meu lado. Sempre com a mão nas minhas costas e atento a tudo o que outras mães que estão aqui dizem. Inclusive a mãe da Marina que atualmente está passando uma temporada no Brasil, a pedido da

PERIGOSAS ACHERON

filha que é muito ligada aos irmãos e não pode ficar muito tempo sem vê-los.

— Obrigada, Cristina. Com certeza seguirei esse conselho.

— Você vai ver como dormirá bem depois disso. — O conselho é sobre babá eletrônica e eu achei que foi o conselho mais pertinente até o momento. — Agora deixa eu ir ver o que os meus dois estão aprontando.

— Vai lá — despeço-me com um beijo no seu rosto.

— Está tudo bem, minha linda. — Preocupado depois de tanta conversa, Bruno

PERIGOSAS NACIONAIS

indaga, enquanto acaricia a meu rosto. — Vamos para casa e eu faço uma massagem bem relaxante em você. — Bruno não esconde o seu olhar sacana e eu brinco.

— Será que você não tem pena de uma pobre mulher grávida?

— Está bem, minha gordinha. Vou só colocar você para dormir, nada de massagem. — Ao terminar de falar eu fecho a cara e fica claro que ele usou as palavras erradas.

— Está me achando gorda e por isso não quer mais me tocar? — Não posso controlar e os meus olhos já estão cheios de lágrimas.

PERIGOSAS ACHERON

— Ai, meu Deus! Você não está gorda, meu amor. — Me abraça, como quem acalenta uma criança. — Eu quero muito te tocar. Te desejo tanto ou mais do que antes e acabei de deixar isso claro.

— Está bem — digo, envergonhada pela maldita sensibilidade que decide dar as caras nos momentos mais inoportunos.

— Então desfaz esse biquinho ou então eu vou beija-lo até que isso aconteça. — Termina de falar e ataca o meu rosto, distribuindo beijos por todas as partes e também diversos selinhos na minha boca.

— Desculpa interromper. — A voz

feminina chama a nossa atenção e Bruno logo solta a minha boca e tem a sua atenção na ex-namorada.

— Lua, tudo bem? — Bruno cumprimenta, beijando-lhe o rosto e quando ele se afasta, volta para o meu lado e abraça-me novamente pela cintura, o que vejo no seu rosto é impossível de negar. Lua, continua nutrindo sentimentos pelo Bruno, como da última vez que a vi e cheguei a mesma conclusão. Lembro-me da Marina ter dito que ela tem saído com alguém, mas parece que isso ainda não foi o suficiente.

Apesar de tudo e de nunca termos sido próximas, não posso julgá-la por isso, afinal, não se manda no coração e nem se controla os

PERIGOSAS ACHERON

sentimentos.

— Estou bem. E você Ângela, como tem passado? — Olha para a minha barriga e no rosto tem a mesma curiosidade e fascínio das outras pessoas. — Vim parabenizá-los pelos gêmeos.

— Obrigada — agradeço um pouco constrangida pela situação, porque de qualquer maneira, ela é a ex-namorada dele.

Para falar a verdade, Bruno veio com duas *exs* na bagagem e nem sei se posso reclamar, já que duas é um bom número para um homem com mais de trinta anos. E aqui só estou considerando os namoros. Os casos de uma noite prefiro não pensar.

Lua foi uma ex que me incomodou no início pelo simples fato de ter inveja por ela ter tido com Bruno a chance que ele não parecia disposto em dar a mim e apesar de o namoro entre eles não ter sido completamente superado para ela, eu a respeito por jamais ter tentando interferir entre nós.

Carolina Guimarães, essa foi a verdadeira pedra no sapato. Abandonou o Bruno da pior forma e por mais que ele tenha sofrido na época do acidente, não posso ter raiva dela por esse motivo, pois se tivesse ficado, não tenho certeza de que Bruno e eu estaríamos juntos hoje. O que incomoda é o fato de ela ter voltado, ter tentado se aproximar como se nada tivesse acontecido e hoje,

PERIGOSAS NACIONAIS

depois perceber que não existe a menor possibilidade de as coisas entre eles voltarem a ser como eram antes, ela se contenta em usar o nome dele. A mulher que deixou o namorado por ele ter ficado cego agora tem o prazer de usar o nome do Bruno como sendo o seu ex-namorado. Ela não deixa ninguém se esquecer disso, principalmente agora que além de todo o reconhecimento na profissão, tornou-se um dos donos do maior escritório de advocacia do Estado.

— Fico contente em ter ver bem, Bruno. — Agora Lua dirige-se exclusivamente a ele e em troca, meu noivo retribuiu com um sorriso sincero, não demonstrando nem um pouco de abalo

PERIGOSAS ACHERON

por ver uma namorada que assim como foi comigo, o conheceu quando já estava cego. — Encontrou o que estava procurando não é? — diz e eu estranho.

— Espero que seja feliz, Lua e encontre a felicidade assim como eu encontrei a minha.

— Saúde aos bebês. — Sem que eu tenha previsto, Lua se aproxima, beija o rosto do Bruno, em seguida o meu e depois sai sem aviso, da mesma forma que apareceu.

— Ela é uma boa mulher.

— Por que não quis ficar com ela? — Bruno fita-me confuso e emendo com rapidez. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Não que isso seja uma reclamação, mas ela claramente é uma mulher de bom coração e gosta de você.

— Você ouviu o que ela falou? Foi com você que encontrei o que estive procurando, mesmo sem saber. Lua pode ser tudo isso que falou, mas não era a pessoa certa para mim. Nem sabia que isso existia até você aparecer e tomar para si tudo de mim.

— Sem ex-namoradas?

— Nem ex e nem ninguém, minha futura funcionária — provoca, insistindo em uma hipótese que nem temos certeza que se concretizará.

PERIGOSAS ACHERON

— Não vou trabalhar com você e nem serei a sua estagiária — O soco no seu braço aparentemente não surtiu efeito, considerando o sorriso sacana que lhe enfeita o rosto.

— Posso saber por quê? Você certamente aprenderia com o melhor — gaba-se.

— Porque o melhor iria querer comer a estagiária a cada vez que ela entrasse na sala.

— Culpado. Isso não posso negar e ela bem que gostaria, não acha?

— Resistiria bravamente — afirmo só para contrariá-lo e Bruno sabe que não seria assim, até porque, não resisti quando ele descumpriu por

PERIGOSAS NACIONAIS

mais de uma vez a promessa de não fazermos sexo no escritório.

Esse papo nosso vem rolando já tem um tempo, mais especificamente quando falei para ele dos meus desejos de sentir-me mais útil e de arrumar uma ocupação para a mente. Revelei o meu ressentimento de não ter feito um curso superior e de maneira nada surpreendente, Bruno entendeu o meu sentimento e desejo de ir além. Envolveu-se no assunto e quando perguntou o que eu desejo fazer, percebi que realmente não sabia, que nunca tive grande sonho ou talento como aconteceu com a Maya ao se tornar chefe de cozinha e com Marina ao se tornar fotógrafa. Nos primeiros dias senti-me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frustrada quando percebi que não existia nada que eu realmente gostasse e nem alguns testes vocacionais mudou o fato. As coisas mudaram nas noites em que por um período curto, Bruno levava o notebook para cama e estudava os processos do dia seguinte. Do seu lado, simplesmente é impossível não notar a paixão pelo ofício e não sentir curiosidade. Uma curiosidade que se tornou descoberta quando comecei a fazer perguntas e ele pacientemente respondeu. O padrão virou rotina e ao nos perceber conversando sobre processos, Bruno apontou o que eu não tinha me dado conta: eu finalmente havia descoberto algo que desperta paixão.

PERIGOSAS ACHERON

Não pude discordar e de forma conjunta, entendemos que será melhor esperar até os bebês nascerem para assim começar o curso. Nesse meio período e com a sua orientação que é um dos melhores, ocupo o meu tempo estudando para o vestibular e descobrindo mais e mais sobre o ramo jurídico pelo qual sinto-me cada dia mais apaixonada e orgulhosa por entender a grandiosidade que o trabalho do Bruno representa.

— Você é uma provocadora de pau, Ângela Albuquerque, essa é a sua especialidade. E estou contando que venha provocar-me no meu local de trabalho. — Esse é o seu lema, pois não basta ajudar-me, Bruno tem de operar no modo

PERIGOSAS NACIONAIS

safado ao mesmo tempo em que age com seriedade.

— E eu estou contando com uma bela de uma massagem. Os seus filhos estão esgotando a minha energia hoje.

— E eu esgotarei o resto — afirma, sussurrando ao meu ouvido, sabendo que esse é o meu ponto fraco.

— Eu estou contando com isso, inclusive já estou preparada. Se é que você me entende.

Uma única frase e eu tenho Bruno como um doido, ligando para o motorista, despedindo-se dos nossos amigos e dando a festa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por encerrada.

PERIGOSAS ACHERON



Amor compartilhado



O relógio marca 11hrs de uma noite de terça feira e ao invés de estar dormindo, como do meu lado faz a minha gravidinha que tem a barriga tão grande que às vezes me assusta, estou estudando exaustivamente em um processo grande

PERIGOSAS ACHERON

e que levará o nome do escritório para outro patamar. Nele tanto eu quanto o Erick temos mantido dedicação total, mas nada que interfira no nosso convívio com as nossas famílias.

Família.

Às vezes me pego pensando e não acreditando em como a minha vida mudou a partir do momento em que escolhi dar uma oportunidade a mim mesmo e para o amor que tinha de ser vivido. A melhor escolha e que hoje, um período tão curto de tempo deu os meus bens mais preciosos. A minha pequena família.

Quando tudo parecia conspirar contra, escolhemos resistir e agora aqui estamos, mais de
PERIGOSAS ACHERON

um ano de relacionamento. Dentro do nosso apartamento, onde há meses vivemos juntos e da forma mais harmoniosa e prazerosa possível. Estamos esperando os nossos bebês com ansiedade e eu não poderia estar mais feliz. Daquele Bruno pouca coisa restou e de tudo o que conquistei, voltar a enxergar com os olhos físicos foi a menor das conquistas. Antes vem a mais grandiosa que foi reaprender a enxergar com os olhos do coração e isso eu devo à linda mulher que agora dorme do meu lado. O pequeno anjo que sem prometer muito ensinou e fez com que eu a amasse apenas por ser quem é, o melhor ser humano que já conheci.

— Bruno, tem alguma coisa estranha

aqui embaixo. — Com a voz bem baixinha e sonolenta, Ângela avisa e ao sentar-se, acrescenta: — Está frio?

— Não, meu amor, o ar condicionado está na temperatura agradável. Quer que eu modifique? — Enquanto falo, ela começa a puxar o grosso cobertor e assim o faz até tê-lo jogado no chão acarpetado.

— Ângela, você fez *xixi* na cama? — Olho para o colchão molhado e ela faz o mesmo, só que mais apavorada por ter feito *xixi* na cama. — Será que foi o suco?

— Não é *xixi*, amor — fala preocupada. — Acho que a minha bolsa estourou

PERIGOSAS ACHERON

— explica e só então entendo o motivo da preocupação.

— Cedo demais? — Ela balança a cabeça.

— E agora, corremos para o hospital?

— A minha Ângela tem os olhos assustados e não é para menos, pois se sermos pais de primeira viagem já não fosse um motivo, estivemos cientes por todos esses meses de que a gravidez por ser de gêmeos inspira cuidados especiais, da mesma forma que sabemos que ainda não é o dia para eles nascerem.

O parto está marcado para daqui a duas semanas e o rompimento de bolsa não era algo

PERIGOSAS ACHERON

que estávamos contando, pelo menos não tão cedo.

— Sim, eu estou apavorada, Bruno.

Não está na hora, não está — diz e quando tenta levantar-se, joga sobre o criado mudo o computador que eu nem lembrava ter sobre as minhas pernas e corro para o seu lado. — Me leva para o hospital.

— Deixa-me te ajudar a trocar a roupa e depois nós saímos, tudo bem? — Minha mulher confirma com um gesto de cabeça. — A bolsa deles está no quarto, não é?

— Sim — ainda não era para os bebês estarem nascendo, mas preparados nós já estamos há um tempo. — No berço do Caio.

Caio e Sofia.

São os nomes escolhido por ela que depois de um sonho, não pôde escolher outros. Da minha parte não houve objeção, pelo contrário, achei os nomes muito bonitos, além da homenagem para o irmão que tão cedo a deixou.

Depois de rapidamente nos prepararmos, dirigimo-nos para a sala, enquanto eu a todo o momento me asseguro de que ela não está sentindo dor.

— O motorista, preciso ligar para ele
— digo, lembrando-me do que estava esquecendo.

— Não, amor. Precisamos ir agora —

pede e o meu sangue gelado nas veias bate de frente com a certeza de que não posso negar um pedido feito por ela. — Pega a chave do meu carro e nos leve até o hospital.

— E se eu... Jamais iria me perdoar caso... — Sinto-me estarecido com a ideia de estar novamente na direção de um carro. É como entrar no meu pior pesadelo, o medo de falhar e de nem mesmo lembrar-me como se dirige.

— Eu confio em você. Faça isso, por mim e por eles. — O meu anjo pega a minha mão e a leva até a sua barriga estufada, arredondada e linda. Tão linda como sempre foi. — Vamos?

Apenas aceno com a cabeça e

sentindo que as minhas mãos estão muito geladas, pego as chaves que estão sobre a mesinha de centro e a levo para o estacionamento.

Dentro do carro, os meus dedos estão brancos de tanto apertar. A sensação de estar sentado ao volante é de estar sufocando e olhar para a minha mulher e ter os seus olhos sobre mim, é como sentir todo o medo sumir. Nos seus olhos vejo a confiança que ela deposita em mim quando nem eu mesmo a tenho e depois disso eu não preciso de mais nada.

— Eu amo você — aproximo, dou-lhe um beijo leve nos seus lábios e em seguida ligo o carro, deixando para trás a única coisa que me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ligava a um passado de amargura e frustração. E mais uma vez, ela foi a causa, foi e sempre será por ela. Agora será também pelos nossos bebês que estão prestes a nascer.

Porra! Estou a ponto de tornar-me oficialmente pai.



No hospital, logo fomos atendidos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pela equipe que há muito está preparada e felizmente, fomos informados de que não havia nada de errado com os bebês. Eles simplesmente acharam por bem pegar a todos de surpresa e estreiar no mundo antes da data prevista.

O parto, por ter sido cesárea, felizmente não durou muito e estando nós dois muito emocionados, vimos o momento em que o primeiro bebê foi tirado. Um rapazinho saudável e de bons pulmões, considerando o seu choro alto. Um minuto depois veio a minha princesinha e de imediato, não pude deixar de notar a sua cabeleira pretinha. O irmão também nasceu cabeludo, mas certamente menos do que ela.

PERIGOSAS ACHERON

O momento mais bonito e que ficará marcado na minha memória e creio que na dela também, foi quando colocaram os nossos filhos, ainda sujos, um de cada lado do seu pescoço e com as cabecinhas na altura da sua. Foi um momento de ternura e realização. Quando os nossos olhares se encontraram, não foi preciso palavras para entendermos que nos nossos braços tínhamos o nosso maior feito. Os frutos do nosso amor grande o bastante para ser compartilhado com eles que carregarão um pedaço do nosso coração e todo o amor, cuidado e devoção.

— São perfeitos, amor. — Ela está fascinada e tão linda que nem parece que acabou de

dar a luz.

— Obrigado por isso. — Abaixo-me e distribuo três beijos, um na minha mulher, um no meu menininho e por último, na minha princesinha.

— Eu que agradeço por me salvar.

— Faria milhões de vezes mais para te ver sorrindo como está agora — diz e quando termina, certo burburinho se ouve não tão alto, mas o suficiente para ser ouvido.

— Acho que a galera está ansiosa lá fora. — Por galera, Ângela refere-se às nossas famílias e amigos que através de uma única ligação para Felipe, a notícia de que estávamos vindo para

o hospital de alguma forma chegou até os outros e isso sem que eu tenha tido o trabalho de fazer tantas ligações.

— Agora eu tenho que levar eles. —

Uma enfermeira chega e com certa relutância da mamãe coruja, acaba levando os dois para limpar e para que eles tenham o primeiro banho.

— Está tudo bem, logo estarão nos nossos braços — conforto com a verdade, pois antes de começar a fazer o parto, a médica nos assegurou que por terem nascido tão próximos a data marcada para o parto, eles provavelmente não precisarão ficar na incubadora.

— Acho bom que você vá falar com o

PERIGOSAS NACIONAIS

pessoal, antes que eles sejam expulsos daqui — pede.

— Já volto, anjo. Fica bem — despeço-me com um beijo no seu rosto.

Na recepção encontrei todos que imaginei encontrar, todos receberam com alegria a notícia do nascimento dos bebês e de que está tudo bem com eles e a Ângela. Fui bombardeado de perguntas, principalmente das mulheres, pois todos acham que eu e a Ângela fizemos os filhos perfeitos. A conversa delas é confusa, mas entendi que tem a ver com a nossa aparência física.

Apesar da ansiedade, todos foram bastante compreensivos quando informados de que

PERIGOSAS ACHERON

ainda não é o momento para visitas e que nossos filhos precisam de mais um tempinho. No hospital, ficou apenas eu e como Ângela necessita do auxílio de alguém do sexo feminino, logo pensei na Marina que com prazer ajudaria a amiga, mas, na hora que ia pedir, dona Mara comunicou que esse é o papel dela como mãe.

Eu, apesar de não duvidar do amor da mãe para com a filha — apesar da forma estranha de demonstrar —, não nego ter ficado surpreso com o seu gesto e se o fiz, foi somente por não imaginá-la tendo esse tipo de atitude.

Quando restou somente nós dois e fomos para o quarto, fui na torcida para que mãe e

PERIGOSAS NACIONAIS

filha consigam se entender e principalmente, pensando como noivo, rogando para todos os santos para que essa tenha sido uma boa decisão e não prejudique de nenhuma forma a minha menina que há meses não sofre nem mesmo ameaças de crises ou comportamentos que me deixariam preocupado.

Sem querer desmerecer a medicina e um transtorno que acomete muita gente, a cada dia que passa mais certo fico de que uma parcela dos problemas foi por falta de amor e atenção. Talvez os transtornos tivessem se desenvolvido de qualquer maneira, considerando o tamanho da perda e como aconteceu, mas certamente teria tido

PERIGOSAS ACHERON

uma vida melhor, caso as coisas fossem diferentes.

Felizmente, esse é um passado superado e no que depender de mim, para lá Ângela jamais voltará.



— Eles são muito lindos, querida. —
Já estou no quarto de visitas, bem composta e babando nos meus pacotinhos azul e lilás que descansam tranquilos no berço colocado ao lado da minha cama quando a minha mãe entra.

— Oi, mãe, tudo bem? — O

cumprimento é acompanhado de uma pergunta, pois a primeira pessoa que eu imaginei entrando aqui foi Marina, isso sem contar com o Bruno que não quer largar mais dos filhos. Está muito feliz e vê-lo com os gêmeos é a coisa mais linda do mundo.

— Tudo ótimo. Vim ficar um pouco com você e com os meus netos — avisa. — Posso pegar? — Pede autorização e não dá para negar o constrangimento da situação.

— É claro que pode, dona Mara. Eles são os seus netos, lembra? — Com um sorriso amarelo no rosto, tento descontraír, vendo-a se aproximar e sem pensar, pegar o Caio nos braços.

Ela o olha de um jeito que nunca antes presenciei. O fita com carinho e devoção e não acho que seja apenas uma coincidência ela ter pegado primeiro o Caio ao invés da Sofia.

A perda de um filho aos seis anos de idade, acredito que seja a pior coisa que uma mulher poderia passar e ainda mais da forma como aconteceu. Todos sofreram pela perda, mas se for justo apontar quem mais sentiu, essa pessoa certamente é a minha mãe. A vida passou e ela não superou muito bem, fato que refletiu na nossa relação e não a culpo por isso.

— Parece o seu irmão quando nasceu.

— Os olhos dela fitando o neto com adoração,

começam a lacrimejar e isso soa como um soco no meu estômago e sem que possa resistir, me vejo falando:

— Me perdoa mãe. — É a primeira vez que tenho coragem e sinto a abertura para pedir.

— Não, querida. Você não tem de se desculpar por nada, você era apenas uma criança e no fundo eu sempre soube disso, mas a minha tristeza era e ainda é grande demais a ponto de impedir-me de ver e sentir com clareza. Eu não fui a mãe que você precisava.

— Não diz isso, mãe. Foi eu quem...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, minha filha. Eu com as minhas ações fui a grande responsável por tudo de ruim que você passou quando nem bem entendia o que se passava a sua volta. Você não tem culpa pela morte do seu irmão. Entendi isso faz um tempo, mas não tive coragem de sair da minha zona de conforto e de alguma forma tirar o peso que tão cruelmente coloquei sobre os seus ombros. Eu não espero que de uma hora para outra você passe uma borracha em tudo e aja como se o nosso afastamento não tivesse acontecido.

— Eu sinto a sua falta — confesso o que venho guardado por mais tempo do que deveria.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, minha bonequinha. Eu sei e se permitir e ainda não for tarde demais, peço que me deixe ficar mais perto de você e dos bebês, construir a relação próxima que eu nunca permiti que tivéssemos.

— Nunca é tarde demais, dona Mara — recebo o seu abraço emocionado e entre nós, o pequeno olha para algum ponto, sem ter o mínimo entendimento da conversa importante que na sua frente se desenvolve.

— Você tem muito a me ensinar, minha filha — confessa e me surpreende. A verdade é que não sei o que aconteceu para ter operado tamanha mudança nela, mas ainda assim,

creio que dessa conversa algumas coisas podem mudar para ela, a nossa relação e também para mim que com as suas palavras, conseguirei de uma vez por todas exorcizar o fantasma da culpa que durante uma vida tem sido a minha companheira. — Estou orgulhosa da mulher que você se tornou e seu pai não precisa nem falar. Ele nunca esteve tão saudável e bem disposto quanto tem estado agora que você está bem e feliz.

— O seu Tarcísio mostrou-se o melhor dos pais no momento em que eu mais precisei dele. — Relembro que de tudo de ruim que passei com mais uma internação, perceber o amor do meu pai foi como ver retribuído todo o amor,

respeito e a proximidade que sempre imaginei ter com ele.

— Nós falhamos, amor, eu muito mais do que ele, mas ainda assim, somos os seus pais e você é o nosso bem mais precioso. Sei que muitas vezes erramos na tentativa de te proteger do mundo, mas se tem algum consolo nisso é que você certamente não cometerá com os seus filhos os mesmos erros que os seus pais cometeram com você.

— Vamos esquecer o passado e olhar para frente, Dona Mara — falo quando a percebo querendo substituir um sentimento ruim por outro. Do inconformismo pela perda do filho para a culpa

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo afastamento da filha. — O momento é de alegria e de dar toda a nossa atenção para essa coisinha linda aqui. — Pego no berço a minha Sofia que começa a chorar.

Nos três dias que se seguiram, eu e a minha mãe tivemos a chance de passar um bom tempo juntas e apesar de esse tempo não ser suficientemente longo para recuperarmos toda uma vida de distanciamento, eles me permitiram ter esperança de que com o tempo poderemos nos tornar tão próximas quanto mãe e filha devem ser.

Entre visitas dos familiares mais próximos e até os colegas de trabalho do Bruno e do meu pai, conto com o total de cinco dias de

PERIGOSAS ACHERON

molho em um quarto de visitas quando — no meu ponto de vista — há pelos menos dois estou pronta para ir para casa com os meus filhos e o meu noivo que não tem arredado o pé. É uma pena eu não ser médica e, portanto, não poder dar-me alta quando sinto-me entediada e preparada, como é o caso.

— Que carinha é essa? — Assim que entra, os olhos do meu amor vão de mim para os bebês que dormem tranquilamente depois de terem mamado com avidez.

— Estou cansada de ficar nesse quarto e só quero levá-los para casa — reclamo, sem poder resistir. A verdade é que a minha frustração é grande demais para que eu consiga guardar só para

mim.

— Você vai, hoje!

— Está falando sério? — meu corpo logo se empertiga e a frase é recebida como uma injeção de ânimo.

— Seríssimo, a doutora está vindo te liberar para levar esses gordinhos para casa.

— Não está assustado? Agora seremos só nós dois correndo de um lado para o outro, acordando de madrugada com choro ou choros, fraldas sujas e muito mais.

— Na verdade, eu estou apavorado, meu amor. Mas isso não será um grande problema,

não para nós dois, a dupla imbatível. Tiraremos de letra esses primeiros dias e certamente manteremos Caio e Sofia tão bem quanto estão aqui no hospital.

— Você está certo, mais uma vez. —

Beijo os seus lábios, pensando quanto tempo demorará até que a doutora Kelly apareça para nos liberar.



Plenitude



Três meses depois...

Passaram-se três meses desde o
nascimento dos gêmeos e diferente do que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

acreditei, nós não tiramos tão de letra. Mas, pelo menos a parte de mantê-los bem e saudáveis, agradeço por não ter errado.

No início, eu estava otimista de que não precisaríamos de ninguém nos auxiliando e a realidade é que Ângela passou os primeiros dias pendurada ao telefone, pedido ajuda para a mãe e Marina. De tudo já aconteceu e ainda acontece, fomos acordados por choros durante as madrugadas, sofremos com as cólicas que eles algumas vezes sentiram e nada disso diminui a prazerosa experiência que estamos tendo. Ângela e eu aos poucos fomos aprendendo e nos adaptando a nova rotina e agora, tendo eles três meses

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

completos, estamos levando com tranquilidade e até dormindo noites inteiras.

Caio e Sofia são bebês muito tranquilos e se não estiverem com fome, com a fralda molhada ou sentindo cólicas, eles não são do tipo que ficam chorando. Na verdade passam parte dos dias dormindo, isso quando não estão mamando avidamente nos seios da mãe.

A minha rotina também mudou, a carga horária de trabalho foi reduzida e quando fica mais difícil, acabo nem indo ao escritório e esses são dias que trabalho em casa, assim ficando atento aos pedidos de socorro da minha pequena. Além dos bebês, mantenho especial atenção sobre a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ângela, sem jamais esquecer-me que de certa forma, ela não é como as outras mulheres. Enfrentou batalhas que poucas enfrentam e surpreendentemente, tem levado da melhor forma possível as grandes mudanças que aconteceram nas nossas e especialmente na sua vida. Ela continua com as idas aos psicólogos, exercitando tudo o que aprendeu na clínica e para o meu completo orgulho e alívio, até agora não tenho percebido no seu comportamento atitudes e falas que mereçam a minha preocupação. Sei que é um transtorno que a acompanhará por anos e não existem garantias, mas ainda assim, mantenho-me tranquilo quanto ao assunto, pois de qualquer forma, sei que

PERIGOSAS ACHERON

independente do que aconteça no futuro nós estaremos juntos por nós, os nossos filhos e o nosso amor que a cada dia está mais intenso e sólido.

Quanto ao sexo, não sei nem se lembro como se faz. Fora a correria e a cansaça das primeiras semanas em que fazer sexo foi o último dos nossos pensamentos, ela teve o período de recuperação e talvez eu tenha voltado a pensar novamente em sexo. Tem uns dias que estou subindo pelas paredes e se não toco no assunto é mais por respeito e por medo da resposta. Realmente não tenho certeza de que ela esteja liberada e nem que tenha vontade de fazê-lo, considerando a rotina, o fato de não falar sobre e

PERIGOSAS NACIONAIS

muito menos insinuar-se, como costuma fazer quando está a fim.

— Finalmente dormiram, quer dizer, a sua filha dormiu — diz, sentando-se do meu lado no sofá, pois apesar de eu ter me oferecido para ajudá-la na tarefa, a minha garota negou e aproveitei o tempo para trabalhar um pouco.

— Ela é geniosa — digo.

— Já Caio é mais quietinho. — Os gêmeos têm três meses e já deu para perceber que as personalidades são completamente diferentes.

— E você, como está? Cansada? — investigo, meus olhos indo do rosto perfeito para o

PERIGOSAS ACHERON

corpo que depois da gravidez ficou mais gostoso e desejável para mim. Ângela ainda é a mulher vaidosa que sempre foi e tenho muito orgulho e admiração por ver o quão bem ela se vira com as mudanças grandes demais para uma pessoa ainda tão jovem.

Com maestria, consegue ser uma mãe dedicada e atenciosa, tira um tempo para sua vaidade, para dar-me atenção e além de tudo, usa o tempo livre para continuar se dedicando aos estudos para o vestibular que ela pretende prestar. A minha noiva se apaixonou pela minha profissão e da minha parte restou a certeza de que se esse for o seu desejo, ela será uma advogada competente, pois

PERIGOSAS NACIONAIS

se tem uma coisa que Ângela não faz é deixar coisas pela metade. Quando se propõe a fazer algo, faz da melhor forma possível. Por tudo o que viveu, dá valor às pequenas coisas e as pessoas que estão a sua volta.

— Não, hoje os gêmeos dormiram bastante e eu aproveitei para estudar um pouco.

— Você é linda, sabia?

— Você acha mesmo? — questiona e então a minha atenção está sobre ela que não consegue esconder a insegurança — Você ainda me deseja, Bruno? — No rosto tem a expectativa pela resposta, ou melhor, o medo da resposta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que pergunta é essa, amor? É claro que eu te desejo — afirmo.

— Mesmo eu tendo engordado, estar vazando leite pelos seios e tendo herdado uma cicatriz do parto? — Enumera e parece pré-disposta a não acreditar que nada disso tem a menor importância para mim.

— Nada disso importa, entende? — Aproximo-me do seu corpo, toco com carinho a rosto perfeito, prendendo o seu olhar no meu para que neles possa ver a sinceridade do que direi. — Você não engordou mais que cinco quilos e eles te deixaram ainda mais gostosa, pois foram para os lugares certos. Seus seios são a minha tentação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eles estão grandes e apetitosos e espero que os nossos filhos não se importem em dividir o alimento comigo, porque da minha parte, não tenho o menor problema em tocá-los. Na verdade, as minhas mãos estavam coçando para tocá-la e a minha boca salivava de desejo de colocá-los na minha boca. Quanto a cicatriz, essa é uma marca que só me orgulha, ela simboliza a vinda ao mundo dos nossos bebês, o maior presente que você poderia me dar.

— Está distante fisicamente, não tentou nada e isso para você é muita coisa — reclama e eu gosto disso, pois demonstra a confiança que temos e a abertura de conversarmos

PERIGOSAS ACHERON

sobre tudo. Ângela e eu aprendemos que esconder coisas nunca é bom e isso foi uma das coisas que nos trouxe muitos problemas. Um erro que tentamos não repetir.

— Estava somente respeitando o seu tempo e esperando você dizer que a médica liberou o sexo para nós. Não pense que está sendo fácil, principalmente nos últimos dias. Dormir do seu lado tem sido uma tortura.

— Se você quiser, a tortura acabou — avisa toda dengosa, vindo com o seu short curto para cima de mim.

— Você está falando sério? — indago, não acreditando que a minha seca de três

PERIGOSAS ACHERON

meses aparentemente está prestes a chegar ao fim.

— Não brinca com isso, gata. Não com um homem que está subindo pelas paredes.

— Sim, mais cedo eu estava falando com a médica e ela disse que estou liberada. Se você quiser, eu também quero. — Ela de repente parece adoravelmente tímida e a Ângela tímida é o meu ponto fraco.

— Só três meses e você agindo como uma virgem, meu amor? — provoco e sabendo que estamos liberados, aproveito para trazê-la para minhas pernas. — Nem parece que na verdade é uma safada, provocadora de pau.

— Nem sei mais se lembro como

PERIGOSAS ACHERON

seduzir você. Talvez esse apelido aí não seja tão apropriado.

— Está esganada, garota. Veja só. —
Acomodo-a melhor sobre a minha ereção,
mostrando-a literalmente o tamanho do seu engano.
— Como pode achar que não sabe como seduzir se
só o fato de você respirar perto de mim já me põe
jogado aos seus pés?

— Você sabe mesmo como usar as
palavras, não é mesmo? Nem sei como ainda me
surpreendo, meu advogado fodão.

— As palavras, as mãos, a boca e
principalmente, o pau. Resta saber se no momento
a minha gata está interessada nos meus diversos
PERIGOSAS ACHERON

talentos.

— Pensei que você nunca fosse perguntar. — As mãos vão para o meu pescoço e de lá, os dedos habilidosos chegam aos cabelos da minha nuca, o que me deixa muito excitado, pois além do fato de ser muito gostosa e receptiva aos meus toques, qualquer carinho dela é algo que me excita de uma forma inexplicável.

— Você poderia ter pedido, já que está tão carente — assevero, enquanto subo a sua blusa para cima e meus olhos caem nos seios que de médios passaram a ser grandes e muito apetitosos.

— Não podia e você sabe porquê.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não precisaríamos fazer sexo, amor, mas eu certamente te faria se sentir bem. Lembra-se do que acabei de falar. Mãos e boca?

— Você é tão prestativo, não é mesmo? — zomba, divertida.

— Tudo pela minha mulherzinha gostosa e carente do meu pau. — Vou cada vez mais longe, trazendo-a até a borda e relembrando como costumávamos ser antes do período longo de abstinência.

— Faça de uma vez. — O tom de voz é de súplica e eu não poderia estar mais satisfeito com o desfecho desse dia e da noite que imaginei terminar no chuveiro e em busca do meu próprio

PERIGOSAS ACHERON

alívio.

— Era tudo o que eu queria ouvir —
digo e quando com os lábios aprisiono a boca
macia em um beijo que tem sido tudo o que temos
feito desde o nascimento dos gêmeos, as minhas
mãos não se intimidam e vão direto para o fecho do
sutiã que certamente com a intenção de me agradar,
tem o fecho na parte na frente.

Tão cheia de pressa quanto eu, a
minha noiva termina de tirar a blusa branca que até
então estava embolada na altura dos seios e junto
com ela, também tira o sutiã aberto por mim.
Desejando estar o mais próximo possível, faço
como ela e tiro a camisa, ficando somente com a

PERIGOSAS ACHERON

parte de baixo da vestimenta.

— Eu acho melhor... — ela olha para os seios alvos e cheios e quando um pingo do líquido esbranquiçado vaza e cai sobre o jeans escuro da minha calça, vejo o rosto contorce-se de puro constrangimento.

— Não pense nisso — seguro o pulso fino quando faz movimento para tentar pegar o sutiã a pouco jogado no canto do sofá de couro escuro por nós mesmos escolhido. — Eu vou cuidar dessa bagunça. — Quando curvo levemente as suas costas para trás e no processo tenho os olhos azuis e nublados de expectativa me acompanhando, capturo com a língua outra gotícula que está prestes

a cair. — Tudo o que é seu me pertence, até mesmo o leite que é o alimento para os nossos filhos. Tudo sobre você é fascinante, mas os seios são o meu ponto fraco e se no momento eles produzem leite, não será ele a manter-me afastado — declaro e seus olhos veem o momento em que a minha boca ávida se fecha sobre um deles, enquanto a outra brinca com o gêmeo, se revezando entre brincar com o mamilo durinho e amassá-lo entre os dedos.

Com fome, literalmente mamoo no seu seio e a ação que não é menos que muito erótica, é vista por olhos que agora tem uma coloração escura pelo tesão do momento. O leite que jorra para a minha boca é morno e se eu pudesse classificar a

PERIGOSAS NACIONAIS

experiência, poderia dizer que é uma das mais prazerosas da minha vida e sem sombra de dúvida é a mais íntima.

— Bruno... — enquanto troco de seio, dando para o segundo a mesma atenção que dei ao primeiro, a minha diabinha já não está se segurando e as duas mãos estão agarradas com força ao meu cabelo e mais embaixo, esfrega a sexo contra o meu.

— Eu preciso de você, Ângela, agora.
— Com as batidas do coração erráticas, digo muito próximo da sua boca.

— Eu também — devolve.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos para a cama. — Quando nos levanto, nem preciso pedir e ela enrola as pernas em volta da minha cintura e aos beijos, caminho devagar para o nosso quarto que passou por uma reforma e hoje é conjugado com o dos gêmeos.

Mesmo sendo interrompidos duas vezes, sendo uma para ela amamentar Sofia e Caio que tem o dom de acordarem juntos para tudo e a outra para trocar fraldas, a nossa noite foi muito movimentada e a saudade que passou longe de ser saciada foi pelo menos amenizada e certamente relembramos o quão bem nos damos na parte sexual da nossa relação.

Por volta de quatro horas da madrugada, quando ela virou-se para o outro lado e com uma mão por baixo da bochecha caiu em um sono profundo, permaneci por mais um tempo acordado. Apesar do cansaço, o sono não veio e isso aconteceu única exclusivamente pelo fato de eu estar muito feliz.

Tão feliz que como em um filme, a nossa história começou a passar diante dos meus olhos. O encontro no banheiro que culminou na minha rejeição, a minha cegueira que me fez cego de tudo e não só dos olhos. As crises que por um tempo a levaram para longe de mim. A descoberta da gravidez no momento nada propício. Foram

PERIGOSAS NACIONAIS

tantas coisas que nos trouxeram até aqui, ao momento em que temos o nosso lar e a nossa própria família e se eu pudesse voltar atrás, posso afirmar que não mudaria nada, pelo menos nada no que diz respeito ao meu poder de escolha.

A minha vida não foi fácil e a dela menos ainda, mas prefiro pensar que cada uma dessas provações foram responsáveis por colocarmos no caminho um do outro para uma história que precisava ser vivida e futuramente repassada de geração a geração. A história de um amor inabalável que resistiu às maiores provações simplesmente porque precisava ser vivida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Epílogo



Alguns anos depois...

— Parabéns, esposa gostosa. Estou muito orgulhoso de você e mal posso esperar para

PERIGOSAS NACIONAIS

te levar para um lugar mais reservado e descobrir o que usa por baixo de toda essa roupa.

Como existem coisas que nunca mudam, essas foram as palavras faladas por Bruno ao meu ouvido quando das suas mãos pego o canudo que simboliza o fim e o começo de mais um ciclo na minha vida.

No auditório espaçoso da universidade, hoje acontece a cerimônia de colação de grau da minha turma de direito, aqui estão todas as pessoas que me são preciosas e como não poderia deixar de ser, Bruno Pires, o meu marido e pai dos meus filhos foi o profissional escolhido para ser homenageado da noite e também para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entregar nas mãos dos formandos os seus respectivos canudos. Da primeira fileira onde eu estava, vestindo o traje típico para o evento, vi o Bruno apenas entregar o papel enrolando e preso com uma fita azul na mão de cada aluno que fora anunciado.

Na minha vez e tendo a atenção de todos os presentes e que obviamente sabem que somos casados e pais de duas crianças, o meu marido não fez questão de agir com descrição e ao puxar-me pela cintura e por alguns segundos falar sacanagens sussurradas no meu ouvido, tivemos como trilha sonora o burburinho da plateia às nossas costas. E eles sabem exatamente que um

PERIGOSAS ACHERON

simples parabéns para a esposa passa longe das coisas que Bruno falou.

— Tenho certeza que o Doutor meu marido vai apreciar e aproveitar muito o que tenho aqui por baixo — devolvo, antes de seguir o meu caminho e cumprimentar o resto dos professores.

Quando a fila termina e desço do palco, tento me ater em apenas caminhar para onde está sentada as nossas famílias que nos últimos anos tornaram-se bem próximos e meu casal de amigos, Erick e Marina. Eles não poderiam faltar, considerando que estiveram presentes e de alguma forma fazem parte de tudo o que acontece na minha vida e na do Bruno. Ao lado deles três crianças

brincam entre si, alheias ao que acontece no mundo dos adultos. Um pouco mais, velho João Guilherme é um rapazinho de quase sete anos e pouco a pouco, torna-se mais parecido fisicamente com o pai e a personalidade não tem como negar que seja parecida com a da mãe. Ele é amoroso e muito cuidadoso, o que suscita nele um cuidado muito grande para com os gêmeos um pouco mais novos que ele.

Caio e Sofia são muito parecidos na aparência, os dois têm pele clarinha, olhos azuis e os cabelos bem escuros como os meus, mas, fora as partes físicas, os dois não poderiam ser mais diferentes, pois, enquanto Sofia é muito agitada e

extrovertida, Caio é tímido e conseqüentemente mais calmo. Eles com suas diferenças se completam e apesar delas, são crianças muito unidas entre si, um sempre protegendo o outro e sobre a ligação entre gêmeos que gostam de falar, eles certamente têm essa ligação.

Enquanto discretamente tento caminhar para o meu lugar, sinto que estou sendo tudo, menos discreta. Imagino que se eu estivesse conseguindo ser discreta, as pessoas estariam prestando atenção na cerimônia e não em mim. Sei que isso está acontecendo única e exclusivamente por minha culpa. Não só minha, mas do Bruno também que é um safado que não pode se conter ou

me conter.

Se antes o êxito profissional do meu marido e o fato de eu ser uma jovem herdeira era interessante para a mídia, depois de assumirmos o nosso relacionamento, especular sobre a nossa vida passou a ser mais interessante ainda, principalmente depois das fotos.

Sim, as benditas fotos do Mateus, que depois de mais de um ano vieram à tona. Elas vieram a público depois que o responsável por elas foi condenado por tentativa de estupro e extorsão. Da cadeia e sem que tenhamos conseguido descobrir quem vazou as fotos, o maldito ainda conseguiu nos atingir. As imagens que eu não tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

tido coragem de ver antes pareciam pior do que realmente eram e quem as viu ficou com a nítida impressão de que estávamos fazendo sexo em público.

Foi o período mais difícil e que se prolongou por muito tempo. Passamos a ser algum tipo de celebridade e tudo o que fazemos passou a ser interessante de se acompanhar. Tive que aprender a lidar com a falta de privacidade e o medo de novamente surtar. Bruno me conhecendo como ninguém, esteve atento às pequenas mudanças e pelo seu amor e dos nossos filhos, a ameaça não passou disso. Quando a vontade de me entregar veio à tona, tive alguém para segurar a

PERIGOSAS ACHERON

minha mão e manter-me de pé. Tive o amor da minha pequena família e a compreensão de um homem que me conhece como ninguém foi capaz de conhecer e hoje é o meu alicerce.

Tantos anos se passaram e ainda tenho de lidar com algumas questões, mas em detrimento disso, sei que sou completa e plenamente feliz. Pedras no caminho sempre aparecerão, mas sei que elas existem para serem tiradas. A vida me ensinou e hoje me sinto forte como nunca antes, pois se o contrário fosse não estaria aqui, na minha colação de grau, depois de cinco anos e tendo sido umas das melhores alunas da turma. Foram anos de pura correria, mas também maravilhosos. Bruno e eu

PERIGOSAS NACIONAIS

optamos por não ter uma babá e se durante o dia eu me virava para tomar conta de dois bebês, de noite ele assumia e eu saía para a faculdade. As nossas rotinas se encaixaram perfeitamente e apesar da correria do dia a dia, a nossa relação como homem e mulher não esfriou jamais.

Tanto quanto no início do namoro, continuamos apaixonados e hoje, como está estampado nos rostos dessas pessoas, a nossa família ainda é o alvo. Temos a nossa rotina exposta com mais frequência do desejamos, a diferença é que o passar dos anos serviu para deixar-nos mais preparados e as notas a nosso respeito passaram a não ser mais tão ofensivas.

PERIGOSAS ACHERON

Acontece mais quando não tem nada importante para publicar e eles noticiam até uma ida nossa a praia.

— Você esteve perfeita, meu amor. —
É meu pai quem elogia quando me sento do seu lado. — Estou muito orgulhoso da mulher que você se tornou.

— O mesmo aqui. — Dona Mara assevera.

A minha relação com os dois mudou bastante e se antes pareceu que eles não souberam lidar com os meus problemas, o tempo me faz compreendê-los melhor. Sei que os erros existiram e que eles não podem ser apagados da nossa
PERIGOSAS ACHERON

história, mas depois de ser mãe e lutar para todos os dias dar o melhor para os pequenos, vejo que eles fizeram o melhor que puderam ante a situação que nós encontrávamos. Foi preciso que eu saísse de casa e esse afastamento foi essencial para nos conhecermos melhor e construirmos uma verdadeira relação entre pais e filha. Hoje em dia eles são essenciais na minha vida e também na dos gêmeos que são muito apegados aos avós. Eles amam passar um tempo na mansão e são esses os dias em que o Bruno e eu aproveitamos para namorar sem preocupação.

Ao lado dos meus pais e amigos, vi a cerimônia de colação de grau com mais

PERIGOSAS NACIONAIS

tranquilidade e quando ela terminou todos se dirigiram para o baile de formatura organizado no salão do principal hotel entre todos os que a família Albuquerque possui. Meu pai ficou tão orgulhoso pela minha conquista que como demonstração, decidiu ceder o salão para o baile e certamente poupou a comissão organizadora de trabalho de ter que encontrar um local.



PERIGOSAS ACHERON

— Está feliz? — Ao volante, meu marido desvia por um segundo a atenção da estrada só para fazer a pergunta que não é estranha por vir dele, que sempre está atento em mim.

— Feliz e realizada — afirmo. — Não imaginei que seria tão difícil e mesmo assim, se cheguei até aqui, foi graças ao seu apoio e amor incondicional.

— Sempre. — Continua dirigindo com apenas uma mão, a outra pega a minha e na palma deixa um beijo.

Sempre.

Essa foi a última palavra dita por ele

PERIGOSAS NACIONAIS

no seu voto de casamento, um dia mágico e inesquecível.

Diferente do combinado, o nosso casamento aconteceu mais de um ano após o nascimento do Caio e da Sofia. Aconteceu de uma forma totalmente diferente do imaginado e ao invés de centenas de convidados, como a imprensa esperava, a cerimônia foi íntima e não contou com mais de cem convidados. Foi uma luta convencer minha mãe e até mesmo Marina que algo mais íntimo era o que nós queríamos, mas no fim, a cerimônia aconteceu em uma tarde de terça feira, na praia e tendo o por do sol como pano de fundo. Nós dois entramos descalços, com os pés na areia e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a sua calça e blusa social branca combinou perfeitamente com a meu vestido branco, todo bordado a mão. Ele foi justo até a cintura e abria-se a partir das coxas. Nas manchetes e nas revistas, o casamento foi considerado o perfeito casamento praiano e até hoje serve como inspiração para as noivas da cidade.

A lua de mel não aconteceu de imediato pelo simples fato não conseguirmos viajar sem Caio e Sofia, não queríamos ficar tantos dias longe deles que na época tinham pouco mais de um ano de idade. Na noite de núpcias fomos para um quarto de hotel, os bebês foram dormir na casa dos avós e enquanto nós amávamos madrugada adentro,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brindando a nossa união, ficou claro que não importa o lugar, o que vale é estarmos juntos.

A viagem aconteceu quando os nossos filhos já tinham quase 2 anos e já não mamavam mais. Eles passaram duas semanas na casa dos meus pais, enquanto nós dois optamos por conhecer algumas belezas do nosso próprio país. De norte ao nordeste, tiramos dias só para nós e como no início do namoro, a nossa única preocupação foi curtir os pontos turísticos e fazer sexo. Uma quantidade obscena, nada diferente do que costumamos fazer até hoje, depois de mais de sete anos de relacionamento. Um relacionamento que foi amadurecendo com o tempo e ele foi o responsável

PERIGOSAS ACHERON

por solidificar o que já parecia perfeito desde o começo.

— Está com o pensamento longe, diabinha? — Bruno fala, fazendo-me perceber só agora que não estamos mais na estrada. Passa das 11hrs da noite, Caio e Sofia foram passar a noite na casa dos tios Ana e Felipe, um programa que eles amam fazer, já que aos 5 anos pensam que podem cuidar do primo que não tem nem dois anos.

— Pensando na nossa vida, as partes boas, eu garanto. — Levo a mão até a sua nuca e afago os cabelos escuros que começam a apresentar alguns charmosos fios brancos. Os anos só fizeram bem para o Bruno e a cada amanhecer ao seu lado,

PERIGOSAS NACIONAIS

tenho a impressão de que ele está mais lindo do que no dia anterior. — Estamos parados no meio da estrada? — indago.

— Estamos, amor. Presta atenção onde estamos — pede e quando meus olhos observam melhor, percebo que estamos na praia. O som inconfundível das ondas traz uma boa sensação e a brisa fresca diz que não poderíamos terminar a noite de uma melhor forma.

— O que pretende? — Estou curiosa e não posso esconder.

— Pensei que poderíamos dar uma volta com os pés na areia, assim como foi no dia do nosso casamento.

PERIGOSAS ACHERON

— Excelente ideia — aviso, já destravando a porta do carro.

Quando alcançamos a areia branca, paramos para tirar os nossos sapatos e os deixando sobre a areia. Iniciamos a nossa caminhada pelo lugar que tão tarde da noite está vazio e além de nós, ouve-se apenas o som das águas calmas e o vento fresco contra os nossos rostos, espalhando meus cabelos e esvoaçando o meu longo vestido preto, que no momento não me importo de a barra estar arrastando na areia.

Para mim o momento é mágico e nada me preocupa. Quero apenas sentir, relembrar e agradecer ao lado do meu marido que eu diria ter

PERIGOSAS ACHERON

sido o maior responsável por tudo o que conquistei até aqui. Bruno nem gosta muito que eu fale assim, pois para ele foi justamente o contrário.

— Algum motivo especial para estarmos aqui? — questiono quando ele entrelaça os nossos dedos.

— O motivo é que eu passei a amar esse lugar desde o dia em que você disse sim. O sim mais importante de todos os que você disse para mim. E foram muitos, meu pequeno anjo.

— Muitos?

— Parece que terei de lembrá-la — diz ao interromper o nosso caminhar quando já

estamos bem próximos ao mar e nos posicionar frente a frente. — O seu primeiro sim foi no momento em que dentro do banheiro dos nossos amigos, você me atacou e enfeitiçou com o seu cheiro e a voz inesquecível que me perseguiu por anos, fazendo com que eu não conseguisse te esquecer, mesmo que eu quisesse.

— Ali você disse não. — Relembro o que na época foi o fim do mundo para uma jovem acostumada a ter o sim de todos, até mesmo os que não queria.

— Eu disse e no fundo queria ter dito sim, só não estava preparado.

— Eu te esperaria — confesso, porque

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

foi exatamente o que fiz, ainda que inconscientemente.

— Dois anos depois você disse sim, mais uma vez. Me aceitou como o seu namorado, dando-me a chance que eu não merecia e a partir daí tudo mudou. Tornei-me um novo homem e depois de você, recuperei a autoestima e a fé.

— Amor... — Falho na tentativa de falar. O meu coração bate acelerado e no estômago, a sensação é de milhares de borboletas batendo asas.

Sete anos de relacionamento e os sentimentos e sensações são os mesmos do início do namoro.

PERIGOSAS ACHERON

— Aceitar ser a minha mulher, dar-me os nossos filhos, a sua recuperação, a minha cirurgia; foram tantas coisas e tantas conquistas. Muitos anos se passaram e o meu amor por você só cresce. Sou apaixonado por você como fui desde o dia em que você se preocupou comigo e levou-me até em casa, mesmo nós dois estando afastados, lembra?

— É claro que lembro. Eu menti que estava com alguém por ter ficado com ciúme depois de te ver com a Lua — revelo e involuntariamente os nossos sorrisos se abrem, relembrando o tumultuado início.

— Naquele dia comecei a entender

que não poderia mais resistir a você.

— Eu sou irresistível — digo e no momento ele me agarra e morde-me no pescoço.

— É convencida também e eu amo você por isso — declara e ao tomar minha boca, o beijo inicialmente calmo torna-se intenso e logo se transforma em um momento íntimo demais para um lugar público, ainda que esteja vazio pelo horário.

Quando aos poucos as nossas roupas começaram a sumir, Bruno nós deita sobre a areia fofa e encarando-me com os seus olhos escuros como o céu em dia de tempestade, ele me ama com carinho. Sussurra palavras de carinho, toca-me com devoção e fora os nossos sussurros e gemidos, o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

barulhinho das ondas é o único som a ser ouvido no lugar silencioso.

— Até o meu último suspiro —
declara quando o alívio toma os nossos corpos e a
respiração normalizou-se o suficiente para que
possamos falar. — Para sempre vou te amar, minha
mulher, mãe dos meus filhos. O meu pequeno anjo
salvador. Vou te amar nessa vida e em todas as
outras que vierem depois dessa.

— Até o meu último suspiro, meu
amor — devolvo, olhando nos seus olhos azuis,
sendo retribuída em igual intensidade.

Sentido o peso do seu corpo sobre o
meu e o coração ainda batendo acelerado contra o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu peito, vejo refletido no seu rosto o que provavelmente está no meu.

São sentimentos intensos demais e que foram e ainda são capazes de nos impulsionar a coisas grandiosas e que foram capazes de nos fazer chegar até aqui em uma realidade completamente diferente.

Encontramo-nos como duas pessoas quebradas e hoje, mais de sete anos depois, celebramos mais uma conquista pessoal que eu considero como nossa e o simples, porém grandioso fato de estarmos juntos. Bruno e eu somos a prova viva de que não se pode fugir do destino e do amor que precisa se vivido, de que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando é para acontecer, não existem dificuldades capazes de impedir. Elas servem apenas para fortalecer e reafirmar.

A vida é uma eternidade de aprendizado e de tudo o que vivi com o meu marido e os meus filhos nos últimos anos, hoje entendo que todo o sofrimento de antes foi necessário, um aprendizado que me fez enxergar o amor quando ele bateu à porta e a valorizar as pequenas coisas. Se tivesse oportunidade de voltar no tempo, acredito que não mudaria nada na minha história, pois foi ela quem me trouxe até aqui, aos braços do meu amor, vivendo a felicidade plena de saber que tenho uma profissão, amigos, família e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

filhos. Coisas essenciais, conquistadas a partir de um amor que parece ter vindo de outras vidas.

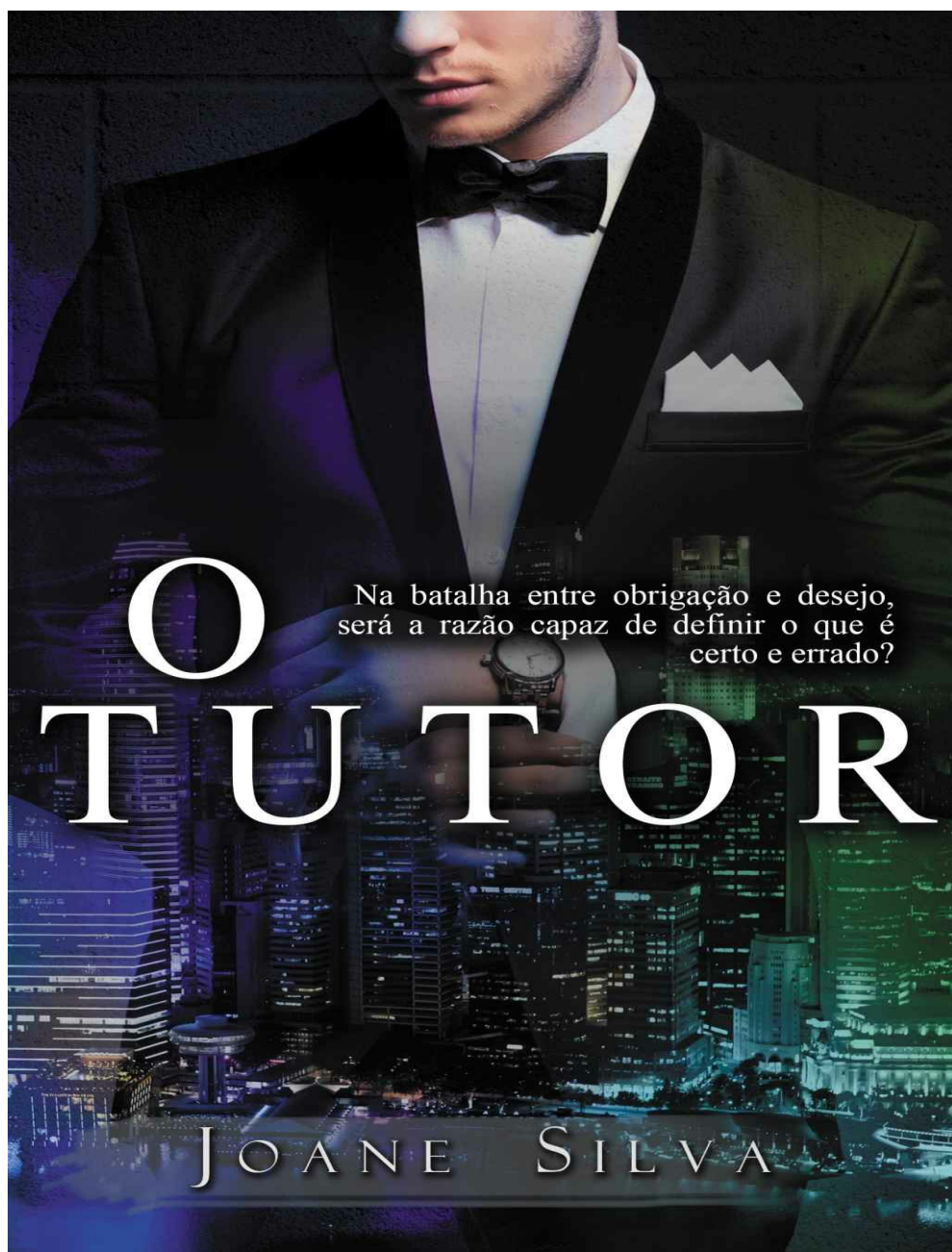
FIM

PERIGOSAS ACHERON



Leia também:

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Marina sempre viveu uma vida perfeita, cercada de luxos e mimos. Até que, aos seus 17 anos, uma tragédia muda o rumo de sua vida: a perda de seu pai, único parente vivo e pessoa que ela mais ama, deixando-a desamparada e sozinha no mundo. E, para completar o pesadelo em que passa a viver, a garota se vê obrigada a viver sob a tutela de Erick Estevan, melhor amigo de seu pai, de quem guarda antigas e profundas mágoas.

Erick vê seu mundo inteiro virar do avesso com a chegada da filha de seu falecido melhor amigo aos seus cuidados. Tendo sua vida inteira planejada, a adição inesperada não seria um problema, se não fosse o doentio desejo que sente pela garota que viu crescer.

Marina é agora uma linda e proibida mulher, que assombra seus pensamentos e desperta sentimentos que o homem tanto luta para suprimir.

Na batalha entre obrigação e desejo, será a razão capaz de definir o que é certo e errado?

Prólogo

— Era isso que você queria, não era?
— digo, ao prensá-la contra a porta da nossa casa. —
Você vai me pagar muito caro por ter deixado
aquele merdinha te tocar, porra... — falo, cada vez
mais irritado e excitado ao sentir o calor de sua
boceta pressionando meu pau dolorido de tesão.

— Era isso sim, tio — sussurra no meu
ouvido, aproveitando para chupar o lóbulo da
minha orelha. — Queria te ver provando do mesmo
veneno que eu. Eu nunca suportei te ver rodeado de

putas. A vontade que eu tenho é de arrancar os cabelos delas com minhas próprias mãos, para que saibam que você é meu, só meu – assevera, com convicção, enquanto eu chupo seu pescoço avidamente. Meu Deus, o que essa menina tem para me tirar tanto dos eixos? Perto dela, me sinto como um garoto de vinte anos e não como um de homem de *quase* quarenta.

— Quero deixar uma coisa bem clara aqui, menina: nunca mais, tá entendendo? Nunca mais repita coisas como essa. Se eu sonhar que deixou algum desses moleques te tocar, eu acabo com ele e com você também – digo, ao dar um tapa na banda esquerda de sua bunda, fazendo com que

ela dê um gritinho de susto. — Você é minha e só eu posso beijar essa boquinha safada. Só eu posso comer essa bocetinha quente — encerro, completamente dominado pelo tesão.

— Sim, sim — grita, ao me sentir bombear o pau no seu sexo, que de tão molhado, melou meu jeans escuro.

— O que quer que eu faça primeiro, *hum?* — pergunto, ao levar minha mão para baixo do seu vestido e afastar sua pequena calcinha para o lado, dando-me acesso à sua intimidade pulsante.

— Me diz o que você prefere, meu amor. Quer meu pau aqui — coloco apenas a ponta do meu dedo indicador dentro da sua bocetinha. — Ou você

PERIGOSAS NACIONAIS

prefere começar por aqui? – levo minha mão à sua bunda, acariciando de maneira cadenciada seu buraquinho apertado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Cedo demais, Clara vê seu mundo destruído. Após a morte trágica dos seus pais, a garota descobre que a família estava completamente falida e que tinha somente alguns dias para deixar a casa em que vivia e foi vendida sem que ela soubesse.

Desesperada e sem rumo, a jovem mergulha no desconhecido mundo de acompanhantes de luxo, mesmo ainda sendo virgem. Sem imaginar que mais surpresas a

PERIGOSAS NACIONAIS

esperam pelo caminho, a garota conhece Henry, o mais bem pago garoto de programa da cidade.

No auge de seus 34 anos, Henry tem o que pode ser considerada uma vida tranquila. No entanto, vê seu mundinho sair fora dos eixos ao conhecer a espevitada Clara.

Ela quer aprender. Ele está disposto a ensinar.

Em meio à paixão que surge sem que ninguém pleneje, ele está prestes a descobrir que a menina mulher veio para incendiar tanto o seu corpo quanto o seu coração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Clara

— Dá para fechar os olhos, por favor?

— irrita-se Henry. — Não sei nem o que estou fazendo aqui. Como é que uma menina da sua idade, linda desse jeito, não sabe nem mesmo beijar na boca? Você vivia onde? *Num* um convento? — pergunta, cada vez mais irritado. No entanto, minha atenção firma-se somente até a parte em que fui elogiada. Até porque não é todo dia que um cara como esse me dirige a palavra, ainda mais para

PERIGOSAS NACIONAIS

chamar de linda.

— Menina, eu estou falando com você! — Assusto-me com o aumento no tom da sua VOZ.

— Desculpa, estava distraída — justifico-me, sem jeito. — E para de me ofender. Óbvio que já fui beijada. — Esse é o termo correto. Os poucos e desastrosos beijos foram mais para tentativas dos garotos de literalmente me engolir do que propriamente um beijo.

Então, não é uma mentira completa. Aos dezessete anos não beijei, mas fui beijada, ou pelo menos algo parecido com isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E só para você saber, posso até ser virgem, mas ganhei o título de maior beijoqueira do colégio, dá para contar nos dedos as bocas que eu não tenha beijado — minto.

Deus! Título de maior beijoqueira?

Será que eu não poderia ter inventado uma mentira menos idiota?

Mas pensando bem, melhor isso a ter de confessar que nunca experimentei um beijo de verdade. Não quero correr o risco de ele desistir de mim, quer dizer, da minha vagina.

— Está certo, então vamos a lição número 1. — Aproxima-se subitamente. — Vamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ver se sabe mesmo como usar a língua. Vem, mostre-me o que sabe fazer com essa boquinha atrevida já que tem tanta experiência com beijos. — A voz falada bem próxima ao meu ouvido, arrepiando-me até a alma.

—Tudo bem — falo com a propriedade de uma pessoa que sabe o que está fazendo, mas que na verdade está se borrando de medo. E se eu morder a língua dele? — tardiamente questiono-me ao sentir o corpo masculino colado no meu.

— Feche os olhos, minha gata — pede com a voz macia. — Isso, agora abra essa boquinha rosada que a nossa aula vai começar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Próximos Lançamentos

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Não diferente das outras garotas da sua idade, Amanda Amorim leva uma vida comum e tem no seu íntimo a ilusão de um dia encontrar o amor que durante toda uma vida presenciou entre os seus pais, porém, numa noite qualquer, ela se depara com Saulo Moraes, o homem que a levou do céu ao inferno em uma única noite, roubando-lhe a inocência e trazendo ao seu coração a amargura que os dias não são capazes de apagar.

Ele quer o seu perdão. Ela quer voltar

PERIGOSAS NACIONAIS

a acreditar.

Tão quente quanto complicados, eles
provarão que entre o amor e o ódio existe uma
linha tênue.

PERIGOSAS ACHERON



Contatos da autora

Wattpad: @JoaneSilvaS

Facebook: @anne.autora

Instagram: @joane-

_silva_autora

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON